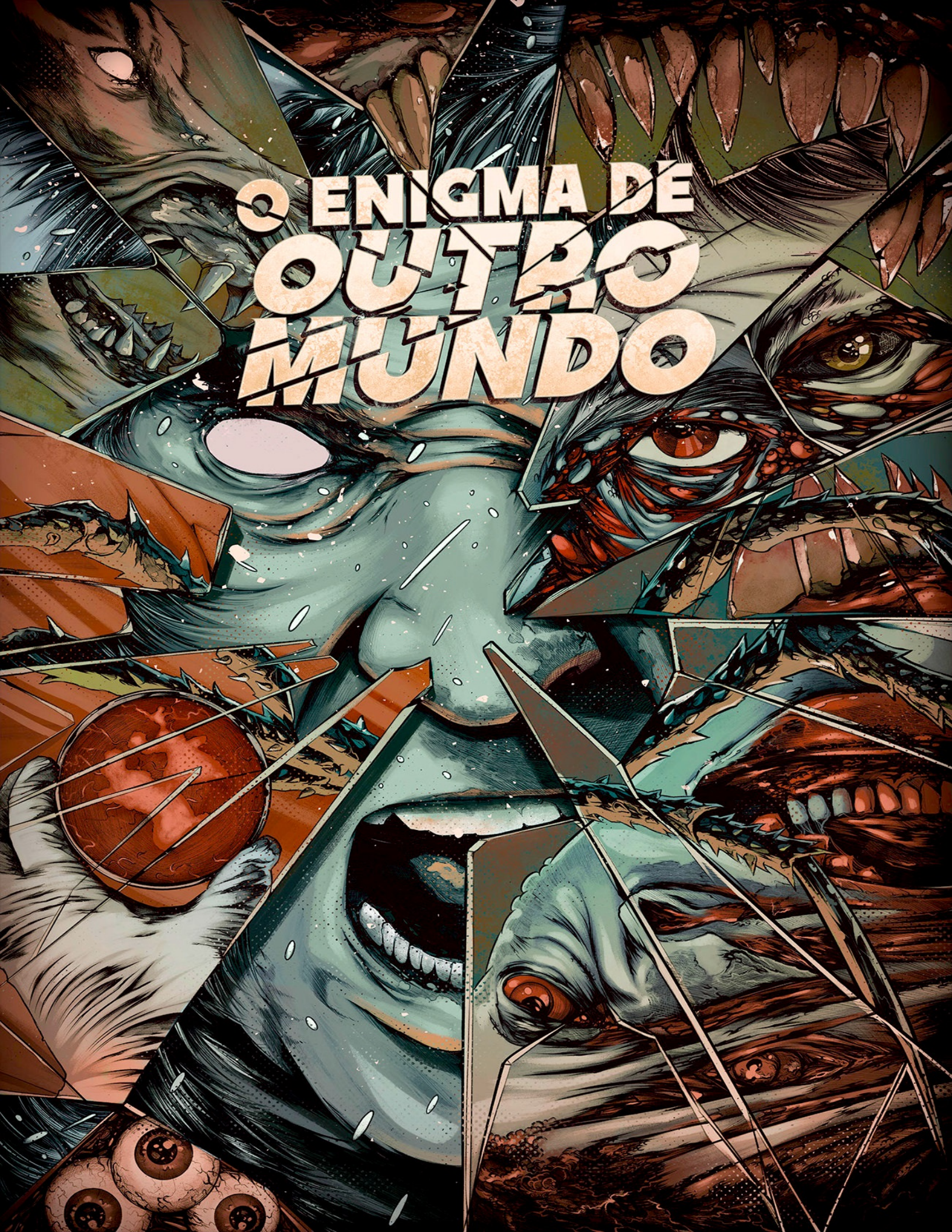


O ENIGMA DE OUTRO MUNDO





John W. Campbell

O ENIGMA DE OUTRO MUNDO

Tradução:
Nathalia Sorgon Scotuzzi

DIÁRIO
MACABRO
EDITORA

Copyright © 2019 by the Estate of John W. Campbell, Jr.

Título original: *Frozen Hell*

“The Things” copyright © 2010 by Peter Watts

“Who Goes There?” copyright © 1948, 1951, 1952, and 1955 by the Estate of John W. Campbell, Jr.

Edição

Nathalia Sorgon Scotuzzi

Pedro H. S. Andrade

Projeto gráfico e diagramação

Éons Design

Pedro H. S. Andrade

Ilustração da capa

Wildner Lima

Preparação de texto

Bárbara Maia das Neves

Revisão de texto

Jessica Romanin Mattus

Ana Cristina Rodrigues

Tradução

Nathalia Sorgon Scotuzzi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Janaina Ramos – CRB-8/9166

C187 Campbell, John W.

O enigma de outro mundo / John W. Campbell; tradução de Nathalia Sorgon Scotuzzi – Rio Claro/SP : Diário Macabro, 2019.

164 p.; 14×21cm

Título original: *Frozen Hell*

ISBN 978-65-80107-08-7

1. Terror. 2. Ficção científica. 3. Literatura norte-americana.

I. Campbell, John W. II. Scotuzzi, Nathalia Sorgon. III. Título.

CDD 813

Índice para catálogo sistemático

I. Terror : Literatura norte-americana :

Ficção científica

1ª edição, 2019, Rio Claro, Editora Diário Macabro
Direitos em língua portuguesa reservados à Nathalia Sorgon Scotuzzi
39416105899 Caixa Postal 1020 Rio Claro/SP – CEP 13500-972



editoradiariomacabro@gmail.com

www.diariomacabro.com.br

Impresso no Brasil

Scan: Argon

ePub: Hyperion

Versão 1.0

SUMÁRIO

Prefácio

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

AS COISAS

por Peter Watts

QUEM ESTÁ AÍ?

por Don A. Stuart

Polpas de sangue, choro e bourbon

Sobre o autor





PREFÁCIO

O ano de 1938, nos Estados Unidos, viu ser publicada uma história que viria a ser conhecida, cada vez mais, através das décadas. John W. Campbell, escritor de ficção científica já bastante popular desde o começo da década de 1930 devido às suas publicações em revistas *pulp*, lança a novela “Who Goes There?”, na também *pulp* *Astounding Science Fiction* (anteriormente chamada *Astounding Stories*, cujo nome o próprio Campbell modificou até tornar-se editor dela). A obra foi publicada sobre o pseudônimo de Don A. Stuart, uma referência direta ao nome de sua mulher, Dona Stuart.

“Who Goes There?” conta com catorze capítulos curtos, apresentando uma história a todo tempo tensa e cheia de suspense. Essa novela foi republicada durante anos e anos, sendo adaptada pela primeira vez para o cinema em 1951. Com o título de *The Thing From Another World*, o filme foi produzido por Howard Hawks, que havia comprado os direitos ainda nos anos 40. Esta versão mostrava um monstro muito diferente do da obra original, que excluiu sua mais marcante característica: as metamorfoses e transformações da criatura em cachorros e seres humanos.

Uma segunda versão cinematográfica começou a ser desenvolvida ainda em 1978, quando a Universal Studios convidou o escritor William F. Nolan para produzir um novo roteiro, que seria baseado mais fielmente na obra de Campbell. A ideia de Nolan, entretanto, foi posta de lado e o diretor John Carpenter assumiu o projeto, dando sua visão à história. O filme ganhou o título de *The*

Thing, traduzido no Brasil como *O enigma de outro mundo*, nome que utilizamos para nossa versão do livro. Sendo lançado em 1982, o filme foi um fracasso de bilheteria. Com o passar do tempo, entretanto, ele se tornou um *cult* e ganhou uma sólida base de fãs ao redor de todo o globo. Nos dias de hoje, é um grande clássico, sendo a mais conhecida das versões dessa história — e uma das mais fiéis à obra de Campbell.

Em 2011, foi lançada outra versão chamada de *The Thing*, que foi chamada de *A Coisa* no Brasil. Essa versão retrata o que teria passado antes da trama do filme de 1982, sendo uma adaptação mais livre em relação ao livro.

Frozen Hell é a versão completa daquela obra que fora publicada em 1938 com o nome de “Who Goes There?”, e é a que você lerá aqui. Alec Nevala-Lee é o escritor e pesquisador responsável pela descoberta desse manuscrito; ao fazer uma pesquisa para uma biografia chamada *Astounding: John W. Campbell, Isaac Asimov, Robert H. Heinlein, L. Ron Hubbard, and the Golden Age of Science Fiction*, no ano de 2017, deparou-se com um manuscrito que, durante anos, não havia sido notado. Após lê-lo e analisá-lo, percebeu ser a primeira versão da obra que se tornou um grande marco no gênero. O manuscrito havia sido enviado à biblioteca de Harvard por Campbell e sobre ele nada mais havia sido ouvido.

A grande diferença entre *Frozen Hell* e “Who Goes There?” está no início da trama: toda a sequência inicial de *Frozen Hell*, apesar de Campbell gostar muito dela, foi cortada da história por indicação dos editores da *Argosy* — revista *pulp* à qual submeteu o manuscrito. Lá, vemos um pouco da rotina dos exploradores em uma base secundária de exploração e como a descoberta da criatura acontece. Esta sequência da história, ademais, diferencia-se do resto da trama por outro motivo: a linguagem dessa primeira sequência é mais rebuscada e extremamente cientificada. Nessas páginas, você verá que há inúmeras descrições de processos científicos, materiais, utensílios, métodos, descrições de temperatura, latitude e longitude, ventos e características bastante precisas da neve e do gelo. Essa linguagem nos coloca junto aos personagens, e nestas cenas podemos acompanhar exatamente o que — e como — faziam seu trabalho. Também podemos ver como

a criatura foi descoberta e removida e como, por acidente, a equipe acaba por explodir a nave em que o monstro veio à Terra. Em “Who Goes There?”, a história já se inicia no Grande Ímã, a base principal da missão, com a chegada da equipe que descobriu o aparente cadáver da Coisa. Sobre o que aconteceu antes, temos apenas breves menções. A linguagem, a partir daqui, fica menos rebuscada e mais fluída, e a leitura segue com mais naturalidade; talvez essa questão seja um dos motivos de a sequência ter sido cortada da publicação. De acordo com Nevala-Lee, essa primeira sequência é uma “palestra de geomagnetismo”. Toda a sequência é apresentada, de forma breve, por meio de *flashbacks* em “Who Goes There?”. Para nós, fãs da obra, entretanto, é muito interessante conhecermos essa versão completa e detalhada de uma história que tanto apreciamos.

Outro motivo para a versão original de *O enigma de outro mundo* ter sido rejeitada pelos editores da *Argosy* era a grande quantidade de personagens, sem grandes distinções entre si. É neste ponto que uma das grandes diferenças entre *Frozen Hell* e “Who Goes There?” está. Na versão mais curta da história, Campbell introduziu algumas características a mais em alguns de seus personagens, principalmente em McReady e Norris. O primeiro é chamado, nessa segunda versão, de “homem de bronze” por diversas vezes, e também muitas vezes suas descrições giram em torno de comparações a esse metal. Já Norris é apresentado como um “homem de aço”, em contraste ao outro. Essas descrições, que acontecem desde o começo da obra, permitem uma visualização e diferenciação mais clara desses personagens por parte do leitor. A primeira descrição de McReady é a seguinte: “McReady era uma figura saída de algum mito esquecido, uma estátua de bronze ameaçadora que tinha vida e andava. [...] E ele era bronze: sua grande barba vermelho-bronze, os cabelos pesados que se igualavam a ela. As mãos nodosas e com nervuras que apertavam e soltavam as tábuas da mesa eram bronze. Até mesmo os olhos profundos sob sobrelanceiras pesadas eram bronzeadas.”

Já Norris, em oposição a McReady, é assim descrito: “Seu cabelo preto era crespo e duro, como curtos arames de aço, e seus olhos eram cinza como aço fraturado. [...] Seus movimentos, seus

pensamentos, todo o seu comportamento tinham o impulso rígido e rápido de uma mola de aço. Seus nervos eram de aço — duros, de ação rápida, de rápida corrosão.”

É curioso o fato de que a trama da história, como Alec Nevala-Lee comenta, surgiu de um fato da infância de Campbell: sua mãe tinha uma irmã gêmea que não gostava dele. Quando a tia o visitava, ele sempre passava pela tensão de não saber se o rosto que o mirava era amigo ou inimigo. Essa ideia de não poder confiar em alguém que, a princípio, parece tão normal quanto qualquer outro é o grande tema central da obra.

Assim, nós te convidamos para adentrar, nas próximas páginas, no continente remoto e congelado da Antártica, capaz de guardar e esconder segredos mais antigos que a vida terrestre e mais poderosos do que podemos controlar. Ao fim da leitura, cuidado: quem está ao seu lado pode não ser exatamente o que você imagina.

Nathalia Sorgon Scotuzzi
Editora e tradutora de *O enigma de outro mundo*



**O ENIGMA DE
OUTRO
MUNDO**



II

McReady ergueu a cabeça pouco acima da superfície e olhou em direção ao norte. O sol era uma roda de luz opaca que mal se sustentava sobre o horizonte de um platô delimitado por gelo. O vento, que havia começado com uma insana deslizada pelo sopé do Planalto Antártico, 1300km ao sul, e ganhado força em seu percurso pelo continente cercado de geleiras, não se tornara menos cortante. Cinquenta quilômetros de vento vindos do Sudeste, acentuados por 24 graus de friagem.

Ele carregava algumas pequenas partículas de gelo afiadas, lembranças da escavação de três dias antes. Não era vento glacial. O platô alto e descalvado havia se livrado da neve que caía eras atrás, os ventos intermináveis haviam varrido um trecho enorme de 16km de diâmetro até que ficasse tão pelado quanto o pescoço de um abutre.

McReady sorriu atrás do cachecol que encapotava seu rosto e ajustou os óculos de proteção. Típico de físicos escolher um local como esse para pousar. A 400m de distância, a tinta laranja do trator e o borrão menor de seu trenó de trilha emergiam de um crepúsculo que representava as duas horas de uma tarde de primavera — outubro, na verdade. Dois de outubro de 1939.

Barclay corria em sua direção seguindo o fluxo do vento como um homem que despenca de uma ladeira, os grampos de seus sapatos levantavam uma chuva de estilhaços de gelo que rodopiavam para longe com o vento. De repente, perdeu o equilíbrio e o vento o fez rolar por nove metros antes que pudesse se recompor e voltar a ficar de pé. O enchimento de seu casaco e as

várias camadas de vestimentas térmicas o protegeram de lesões sérias.

Quando Barclay alcançou a Estação Magnética Secundária, o vento atirou uma lasca de gelo ainda maior em seus óculos. Teria-o cegado se estivesse sem proteção. McReady recuou, deixando-o passar. Barclay xingou, passou abaixado através da porta de lona e desceu de costas a pequena escada para a antecâmara da estação.

— Cruzes, Mac — disse, a voz abafada por camadas de lã —, você gosta tanto desse tempo assim a ponto de ficar exposto a ele?

McReady sorriu devagar. Não havia nuvens no céu; somente a música do vento, como o ritmo de um órgão, e o marulho, que parecia uma turbina de transporte aéreo, indicando uma tempestade.

— Esse local me fascina. Como meteorologista, estou sempre interessado em tempestades. Em qualquer outro lugar, eu chamaria *isso* de tempestade, mas está soprando há quatro dias consecutivos, desde que chegamos aqui. O barômetro alcançou 60 centímetros na descida. Pergunto-me... como seria uma *verdadeira* tempestade aqui?

Barclay levantou a cabeça acima do nível do gelo azul no qual eles haviam talhado a Estação Magnética Secundária. Seus óculos de proteção emitiam reflexos iguais do branco do sol.

— Se *houvesse* água — matutou — seria um dilúvio infernal. Dutton, no Grande Ímã, reportou um céu claro e tranquilo, vento SO de 8km/h. Céus! Esse é o pior lugar do mundo para um acampamento. Tenho algumas anotações para o pessoal no Grande Ímã que pode mantê-los no subterrâneo por um tempo.

McReady esticou o braço e amarrou a porta externa de lona. Depois, passaram pela porta seguinte, de madeira, e entraram na estação em si.

O teto de tenda de lona esticado em malha de arame e ripas, carregado de pedaços de gelo cortados em sua confecção, repousava sobre vigas aparafusadas. Painéis de fibra compunham as paredes laterais. Um fogão de cobre no centro do espaço triunfava em elevar a camada mais alta do ar para cerca de 27°C, mas o chão de madeira tinha um rendilhado de cristais de gelo espalhados. O vento rugia ameaças tubulação do fogão abaixo.

Norris e Vane estavam sentados na beira do beliche de Norris, trabalhando sobre uma pilha de fichas de dados. Acima da mesa, estavam envoltos em roupas de baixo de mangas longas feitas de lã cinza e cabelos na altura dos ombros. Vestiam calças caqui e as vestimentas ficavam mais grossas ao aproximarem-se do chão, terminando em meias de lã até os joelhos e botas pesadas revestidas por pele. Provisões perecíveis eram mantidas congeladas no chão, enquanto pilhas secas, cerveja e o estoque de comida ficavam no clima temperado na metade de cima. Os trópicos, próximos ao teto de dois metros, eram reservados à secagem de meias, dois pares de roupas íntimas e o beliche de Vane.

A cozinha fora relegada ao depósito no momento, seu espaço tendo sido apropriado pelos instrumentos magnéticos com os quais trabalhavam Norris e Vane. Os instrumentos meteorológicos de McReady, por serem mais robustos, estavam presos à parede. McReady cruzou a sala para checar os registros do anemômetro. Ele exibia uma linha quase reta no mostrador — 48 a 56km no vento durante cada hora das últimas 20. O termômetro mostrava uma atividade maior, descendo à marca de -40°C .

— Continuamos com o plano? — Vane ergueu os olhos na direção de Barclay.

— As baterias descongelaram o suficiente, mas não aguentarão muitas outras rodadas. Da próxima vez, terei que usar o gerador e você terá de fechar a oficina, Vane — Barclay acenou em direção aos instrumentos magnéticos. — Dutton disse que minhas coisas já estavam chegando, e sua voz estava fraca no receptor. Aqui estão os dados. Tentarei transformá-los em letras inglesas, se você não puder lê-los, mas é difícil para caramba escrever naquele equipamento.

— Eu sei — assentiu Vane. — Funcionou, mesmo assim?

— Bem... de certa maneira. Não me queimei muito com o frio nem me chamusquei muito, mas tentar usar um fogão de acampamento como uma mesa de escrita não é a melhor maneira de fazer as coisas — Barclay encolheu os ombros. — O Comandante Garry queria saber se você tinha recebido alguma resposta, e respondi que não sabia de nenhuma. Correto?

— Não por completo — Norris enfiou o dedo gordo em um esboço cartográfico de larga escala da área que incluía sua Estação Magnética Secundária e também o acampamento de base principal no Planalto Antártico, a 125km de distância. Ele havia desenhado um pequeno X próximo à estação. — Os dados que recebemos do Grande Ímã, combinados com o que conseguimos aqui durante as últimas 24 horas, tornam impossível a ideia da montanha de magnetita. Parece ser um meteoro ou algo do tipo. Aparentemente, uma considerável massa de material extremamente denso, pequeno e concentrado demais para ser uma montanha de óxido de ferro.

— Um meteorito? — McReady olhou com dúvidas para o ponto marcado no mapa. — A cerca de 800m de distância, é? Mas um meteorito afetaria seus instrumentos no Grande Ímã?

Norris assentiu.

— O Grande Ímã fica diretamente sobre o Polo Sul Magnético da Terra, assim a agulha da bússola deveria apontar diretamente para baixo. Não há um componente horizontal, uma agulha de bússola horizontal diria que qualquer direção é o Norte, girando livremente sobre um eixo vertical. Para uma bússola, o polo sul magnético é o que o verdadeiro polo sul a dois mil quilômetros de distância é para o geógrafo; qualquer direção é para o norte. Não há atração horizontal, o caminho mais curto até o Norte é direto para baixo. Mas descobrimos, com nossos instrumentos sensíveis, que havia um componente horizontal, indicando um tipo de polo sul magnético secundário, bastante fraco, nessa direção. Só é detectável onde não há interferências horizontais do polo magnético da Terra. — Seu dedo cutucou o X novamente. — E esse meteorito, seja lá do que é feito, é maravilhosamente magnético.

McReady assobiou suavemente:

— Você tem sua localização? Vai tentar encontrá-lo?

Vane levantou o rosto e o olhou com um sorriso:

— Se você encontrasse o ninho do avô de todas as tempestades, você iria atrás?

McReady riu.

— Obrigado, garotos, mas acho que vocês já encontraram o vovô de todas as tempestades por mim. O barômetro está caindo e o vento neste lugar é de 48km/h em condições normais. O

Comandante Garry terá de enviar um dos aviões campo acima para ver se não há uma cadeia afunilada de montanhas nos enviando essas brisas. — Deu uma olhada no mapa. — Você acha que pode encontrar esse meteorito?

— Certamente — disse Vane. — Se está a apenas 800m de distância, não pode estar muito abaixo da superfície. É possível até que possamos alcançá-lo fisicamente. Sou tolo o suficiente para ter esperanças e partirei para lá amanhã com machados de gelo e pás.

— Pelos deuses — reclamou Barclay. — Mais escavação? Eu pensei que odiava as pás de neve, mas desde que brinquei com essas suas belezas não magnéticas nesse gelo demolido, o alvo de meu ódio se tornou o machado de gelo. — Barclay olhou na direção da caixa de ferramentas. A tampa estava aberta uns cinco centímetros e as pontas de três machados de gelo pontudos apareciam, semelhantes a dentes em uma boca risonha.

— Você pode sempre torcer para que ele esteja muito bem enterrado, para que não haja possibilidade de nós os desenterrarmos — apontou Norris. — E aquelas ferramentas de berílio-bronze não são tão ruins, cortam até aço.

— Bom, talvez para machados de gelo ou facas de açougueiro — admitiu Barclay —, mas cada maldita chave inglesa e talhadeira que temos são feitas disso. Ele não tem a pegada que o aço temperado tem. As chaves de grifo não valem nada em um eixo de aço temperado de trator. Eu me oponho a ser obrigado a usar ferramentas da idade do bronze em um trator da idade da máquina. Como a massa magnética dos tratores impede que você trabalhe próximo a eles mesmo, você poderia me deixar levar ferramentas de aço até lá.

— Evite a duplicação — disse Vane, separando as mãos com tristeza. — Axioma número um na pesquisa do Polo Sul. Tivemos de usar dióxido de carbono nos contadores Geiger para o trabalho de raios cósmicos, pois a garrafa de argônio vazou e não tínhamos uma duplicata. Se você realmente quer carregar 70kg de ferramentas de aço por aí, é direito seu, creio eu. Falando de duplicações e escavação, quantas bombas incendiárias sobraram?

— Três — disse Barclay. — Caí em cima de todas as três tentando chegar ao aparelho de rádio no trator. Três de 11kg.

— Bem, se a tempestade de McReady atrasar, iremos caçar amanhã. Acho que o melhor é Norris guiar o trenó com os instrumentos enquanto o puxamos. Experiências tristes me convenceram de que você não consegue prestar atenção na agulha magnética e nos seus pés ao mesmo tempo. Este domo de gelo pode ser descampado, mas tem umas boas fendas para cairmos.

McReady suspirou e sentou na borda de seu beliche.

— É minha vez de cozinhar essa noite, creio eu. Se vocês, palermas, vão mover aquele lixo, prepararei o fogão e veremos o que a despensa oferece. Acho que quebrarei alguns ovos. Todos de acordo?

— O quê? Nada de pemmican^[1]? Nada de gordura de foca rançosa? Não podemos aceitar essa omissão. — Vane saltou para remover os aparelhos magnéticos. — A propósito, Mac, você acha que eles lá em cima, no norte, ainda têm ovos que se espalham quando abertos? Ovos que se deitam juntos como o leão e o carneiro, com a gema e a clara uniformes?

— Se você não gosta de ovos que foram congelados, não precisa comê-los. Pode ficar com aquela gordura de foca. E se você não gosta disso, lembre-se de que a foca não pediu para ser comida. Apenas pensei que seria uma boa ideia nos alimentarmos bem para o trabalho amanhã. Ou nós vamos escavar seu maldito meteorito ou teremos de amarrar o teto mais baixo por causa do vento. Iremos diversificar um pouco esta noite, e o próximo café da manhã pode ser um pouco diferente. Que tal cacau e aveia?

— Vejamos... não comemos isso ontem? Foi aveia e cacau essa manhã, mas não foi cacau e aveia ontem?

— Não, foi aveia e cacau — garantiu McReady. — Eu que defini. Barclay, você começará puxando a cozinha até aqui. O fogão primeiro, vamos.

Barclay começou no topo da caixa, descendo rapidamente. Primeiro o fogão, depois a caixa de alimentos.



McReady foi o primeiro a acordar na manhã seguinte, e foi sua a alegria de ligar o fogão de cobre para afastar o gelo da noite. A Expedição Garry havia tentado, com certo sucesso, um novo

sistema de exploração na Antártica. Desde que haviam se estabelecido no Polo Sul Magnético, a base do Grande Ímã havia ficado a 560km do ponto mais próximo de acesso a navios. O amontoado de equipamentos da expedição havia sido transportado por cinco aviões. Até mesmo um dos seis tratores havia sido levado assim. Porém, a impossibilidade de transportar 500 toneladas de combustível tão para dentro do continente forçara o Comandante Garry a tentar se sustentar da terra; a Antártica era conhecida por possuir reservas de carvão maiores do que qualquer outra área semelhante da Terra, com exceção dos Estados Unidos. Os tratores e a energia elétrica da expedição eram movidos a vapor; os fogões e sistemas de aquecimento, a carvão.

O combustível, encontrado a 30km do Grande Ímã no alcance magnético, era, entretanto, de um carvão betuminoso de grau inferior e muitas cinzas. Portanto, a tarefa de McReady de ligar o pequeno fogão não era fácil. Nuvens de fumaça serviram com eficácia para forçar os outros a deixarem seus beliches em direção à temperatura fria da Estação Magnética Secundária.

— A temperatura lá fora caiu para -50°C — reportou McReady, inserindo com cuidado mais um pedaço de carvão. — A tempestade chegou, a condição anormal do clima local. Eu deveria saber como seria.

— Não ouço nada — disse Barclay.

— É uma calmaria. Bar, meu amigo, acho que cavaremos hoje, a não ser que o meteorito esteja felizmente alocado fundo demais. Rezemos.

— Caramba. Uma calmaria. Pois bem, a temperatura pode cair, mas é mais confortável que o vento. Ela ainda está caindo?

— Continua descendo. Estaremos nos -54°C quando começarmos — McReady garantiu. — Você pega um pouco de gelo para o geleiro?



Duas horas depois, o termômetro confirmou a previsão de McReady. De horizonte a horizonte, o gelo azul do platô descalvado se estendia sob as estrelas cintilantes, o ar mais calmo e limpo que haviam visto desde que alcançaram o domo varrido pelo vento. O

horizonte ao norte estava suavemente banhado de rosa, carmesim e verde; o horizonte ao sul era um mistério negro que se arrastava para além do polo. As luzes da aurora titubeavam em cortinas luminosas sobre eles, intensificadas de leve ao noroeste, na direção da base do Grande Ímã e do polo magnético. As estrelas mais brilhantes tinham duplos cristalinos que dançavam no gelo brilhante sob seus pés. Ao longe, no oeste, o gelo que se contraía devido ao frio causou uma fissura e uma sucessão de estalos menores e espalhados conforme a tensão diminuía.

— Vai ser um inferno se uma dessas rachaduras chegar ao acampamento — resmungou Barclay. — Enfraquecemos o gelo escavando, então é possível.

— A ressonância sísmica mostrou que o gelo aqui tem 365m de profundidade — apontou Vane. — Um buraco de dois metros é apenas uma lasquinha. A propósito, aqui a movimentação do gelo é em direção ao noroeste e estamos indo naquela direção. Provavelmente, há uma montanha ou colina submersa sustentando o gelo nessa direção; é possível que a atinjamos.

— Pegou tudo? — perguntou McReady.

— Acho... Deixa eu me ajeitar, e graças a Deus que sua tempestade foi sossegada. — No grupo, apenas Vane havia vestido peles pesadas. Os outros estariam suando sob calças caqui robustas, camisas de lã e casacos *mackinaw*^[2] sob roupas à prova de vento. Vane, guiando o trenó arrastado por homens, teria a tarefa menos prazerosa de sentar quieto e observar os instrumentos magnéticos.

— Eu disse que uma condição incomum viria — McReady se defendeu — e ela veio. Essa é a primeira quietude que vemos desde que chegamos aqui. Admito que posso ter interpretado errado, mas deve haver tempestades de vento aqui às vezes. Pode-se dizer até que isso seja uma tempestade, com um vento de 56km/h na direção oposta.

Os homens partiram. Os grampos dos sapatos lascavam o gelo sob seus calcanhares e faziam a caminhada menos difícil, mas o gelo erodido pelo tempo, talhado pelos grãos finos de gelo carregados pelos ventos uivantes e incessantes, deixava a superfície áspera e incerta. O homem no trenó tinha que se escorar

continuamente em ângulos inesperados. Foram forçados, por duas fendas profundas e impossíveis de serem atravessadas nesse território livre de *congère*^[3], a se desviar por cerca de um quilômetro e meio do curso indicado pela agulha magnética e pelas leituras espaçadas do indutor que Vane fez.

Aos poucos, entretanto, a agulha reagiu ao movimento do grupo e o ponto fixo em direção à maior força do Polo Sul Magnético da Terra gradualmente enfraquecia ao se aproximarem do corpo magnético desconhecido. De repente, ao adentrarem uma região cercada por centenas de fendas variando entre rachaduras de 15 centímetros a vãos de três metros que sumiam em profundidades imensuráveis, a agulha suspendeu seu movimento. Oscilou e, com o abalo de um montículo de gelo, languidamente tomou uma nova direção.

— Pare — Vane avisou, empolgado. — Ela oscilou!

O sibilar da turbina de ar e o lamento suave da bobina do indutor que girava loucamente no campo magnético recomeçaram assim que Vane destravou a agulha do galvanômetro e abriu a válvula. Devagar, Vane rotacionou as escovas, enquanto Norris admirava diversas das estrelas mais brilhantes ao sul, que desapareciam na luz crescente ao norte enquanto o sol deslizava para perto do horizonte.

— Sem campo efetivo para ser mencionado. O campo da Terra e o campo do meteoro quase se cancelam aqui. — Vane fechou as válvulas das turbinas e o assobio do ar que escapava parou.

A agulha magnética sacudia com o trenó que balançava, retorcendo-se em seus múltiplos e delicados eixos cardã. Ela se movia cada vez mais rápido ao aproximarem-se do novo centro de atração. A área com fendas forçava seu caminho a deturpar-se, requisitando o maior dos cuidados caso uma pequena rachadura fosse a superfície indicadora de uma caverna cujas paredes se encurvassem até quase se encontrarem na superfície, deixando suportes frágeis para partir sob seu peso. Amarrados uns aos outros, Barclay com seus 86kg guiava o caminho, examinando cada rachadura conforme passava.

— O cume que barra o gelo deve estar por aqui, Norris.

McReady apontou em direção ao campo de fendas adiante e para um campo mais à frente com gelo liso que descia até um campo familiar de pequenos montes de neve.

O trenó chacoalhou, percorrendo a última região com fendas. O sol que retornava estendendo-se acima do horizonte provocou um vento suave, um vento que mal giraria as conchas do anemômetro, mas que adicionava o perigo de enregelamento naquela temperatura. O cume da colina enterrada no gelo havia passado e um declive gradual até o campo de *congère* estava à frente deles, menos quebradiço que a região que haviam passado.

— Ele está quase na vertical agora, Norris — anunciou Vane naquele momento. — Um pouco para a esquerda e... *epa!* Está obstruído! Norris, esse maldito meteorito não tem 15m de diâmetro!

Barclay pegou um martelo de berílio-bronze do trenó, um maçarico e alguns equipamentos de sondagem. O machado de gelo cortou uma lasca do gelo enquanto os físicos trabalhavam com seus aparelhos. McReady lutava com o maçarico enquanto Barclay enterrava o sondador e o receptor sob o gelo lascado. A chama estrondou de repente e, em sua explosão, as lascas de gelo fundiram-se sobre o sondador e receptor, solidificando-se em gelo no momento em que a chama foi retirada. Experiente pelos anos de prática, Barclay degelou as pilhas secas e as enfiou, ainda mornas, dentro de seu cinto contra o corpo.

Depois, pressionou a tecla do sondador e um ganido afiado e bem definido disparou do aparelho. Uma agulha solavancou pelo mostrador do aparelho até frear abruptamente a uma fração da divisão do pino de trava.

— Menos de 15m de gelo e então uma profundidade não determinada de rocha — reportou Barclay por fim.

O maçarico liberou as partes do aparelho. Ele tentou uma nova estação. Ainda menos de 15m. Então a profundidade decaiu abruptamente ao passarem pela beira de um penhasco rochoso submerso no gelo. Manobraram para frente e para trás, delineando um perfil da superfície invisível abaixo do gelo.

Vane e Norris traçavam espirais, aumentando e diminuindo seu alcance, até encontrarem seu centro de ação. Barclay e McReady juntaram-se a eles. Uma dúzia de demarcações para frente e para

trás das linhas que Vane e Norris determinaram magneticamente deram apenas leituras consistentes de menos de 15m; pequenas demais para o instrumento sônico medir.

— Odeio ter de dizer... — Vane olhou sugestivamente para os machados de gelo e pás de neve amarrados no trenó. — Aquele machado de gelo ficou me lembrando de sua presença todo o caminho até aqui. Vamos dar-lhe uma surra.

O sol nascia devagar sobre o horizonte ao norte, subindo ao deslizar ao longo de um sulco invisível e anguloso para além do limite do continente congelado. O termômetro subiu lentamente com ele e o vento começou a arrastar-se pelo platô, ganhando velocidade conforme as diferenças de temperatura aumentavam. O termômetro passou dos -45°C e o vento passou dos 24km/h. Os quatro homens ainda picavam e cortavam o gelo frio e quebradiço. Um tubo inclinado e cortado em degraus crescia abaixo no gelo, a coisa azul nele começava a cintilar com azuis-celestes intensos e ofuscantes, raios puros de safira; as lascas tornaram-se grandes riquezas de esmeraldas, safiras e rubis abandonados. Os raios oblíquos do sol penetravam, sem levar calor, através de uma área de quase seis metros de gelo cristalino. Ainda assim, a agulha magnética apontava direto para baixo.

Barclay retornou à superfície com uma lona cheia de lascas de gelo para descartar, praguejando por causa do maçarico. O vento crescente beliscava seus dedos, o metal era tortura para a pele desprotegida e a gasolina criava bolhas em seus dedos devido à sua rápida evaporação, enquanto se recusava a acender. O vento açoitava as chamas, apagando-as, e minutos passaram antes que retumbasse em um bem-vindo calor azul e branco.

— Enquanto tivermos esse maldito buraco, devemos tentar aquecê-lo também — rugiu Barclay ao cambalear abaixo do tubo junto aos outros. — E esse gelo parece límpido como vidro. Talvez possamos ver para o que estamos nos dirigindo se derretermos um trecho regular.

A chama do maçarico lambia a parede lascada no fundo do poço. As fraturas dentadas suavizaram e escorreram. Devagar, enquanto Barclay circulava o fogo, a superfície suave expandiu-se até tornar-se uma janela de gelo incrivelmente límpido e duro. As

formas vagas das rochas moviam-se e vacilavam, enquanto a água derretida fluía para longe da chama; um mar azul aceso pela luz difusa do sol tornou-se visível para além da janela desobstruída.

Norris olhou pela janela. Formas vagas de enormes rochas escuras e arredondadas podiam ser estimadas, grandes massas escuras, longe demais no momento para uma visão clara. A agulha da bússola apontava quase que diretamente para baixo.

— Tente uma janela no chão, Bar. Acho que lá você terá uma ideia mais sólida.

A chama lavou o chão após McReady o ter nivelado com o machado de gelo e feito uma ranhura mais profunda para captar a água derretida. Os outros, apinhados fora do tubo estreito enquanto Barclay trabalhava abaixo, viram-no mudar o maçarico de direção de repente. Este rugiu para si mesmo, em um resmungo que gaguejava e variava quase como se estivesse prestes a falar. Barclay encarou para baixo através da janela que havia clareado, uma superfície negra e lisa no mar azul de gelo.

Endireitou-se devagar e suspendeu o maçarico. Deitou a cabeça para trás, para olhar acima do tubo íngreme em direção aos outros; falou por fim:

— Estou doido, então irei cortar essa janela e vocês, palermas, podem continuar a cavar, se quiserem.

O machado de gelo que McReady havia largado estilhaçou a negrura lisa, transformando-a em lascas refletoras espalhadas, e Barclay subiu impassível os degraus grosseiros cortados na parede inclinada do buraco.

— Bar, qual é o problema? — exigiu Vane.

— Vá em frente e cave. Sei muito bem que estou maluco, então deixarei que descubram por si mesmos. Se encontrarem o que eu acho que vi, ajudarei. Mas apenas sob essa condição. Está a cerca de um metro e meio abaixo. Vão com calma quando chegarem lá. — Barclay saiu andando em direção ao trenó e começou a amarrar a carga devagar.

Por um momento, os outros se entreolharam, apreensivos.

— Só há um jeito de descobrirmos — sugeriu McReady.

Escorregou para baixo da encosta íngreme, usando um machado de gelo para frear a queda. Vane juntou-se a ele, jogando

as lascas de gelo que soltou de dentro de uma lona para ser levada para a superfície. Norris seguiu Barclay até o trenó, tentando sem sucesso conseguir alguma resposta à sua pergunta.

Abruptamente, os dois homens viraram-se em direção ao grito explosivo que McReady emitiu do fundo do buraco. Houve um silêncio imenso, depois um único xingamento. Então:

— Bar... Bar, seu maldito idiota zarolho. Por que diabos não disse o que viu? Norris... Norris... pelo amor de Deus, venha aqui! Há uma lâmina de metal polido e usinado que se estende por uma distância indefinida.

— É o ponto magnético, Norris! — A voz de Vane ressoou pelo vazio do buraco.

— Aquilo — disse Barclay com calma, sentando-se na beirada do trenó — não é o que vi. Acho que não estou louco, talvez, mas talvez esteja em relação àquilo. Eles não desceram um metro e meio. Diga para continuarem.

Norris saiu correndo. Vane entregou as lascas de gelo a ele e um segundo saco antes que o primeiro fosse retornado, enquanto o machado de gelo e a pá de neve de McReady rapidamente alargavam e aprofundavam o poço antes que Norris pudesse descer para um exame. O som fraco dos cristais de gelo que se partiam mudou para um estalo mais abafado e encharcado. A atividade abaixo ficou silenciosa.

— Deus! — disse McReady baixinho. — Meu bom Deus! — O som do machado de gelo recomeçou, muito gentilmente, muito cuidadosamente.

Incapaz de ver além dos dois homens, Norris ouviu o suspiro suave de Vane e acima de sua cabeça captou um vislumbre de um metal prateado que cintilava. Uma superfície de metal liso e encurvado de aproximadamente 1,5m² estava exposta. O sol havia se posto novamente, mas o rosa e o lavanda, o verde-maçã e o amarelo, desvanecidos, permaneciam no céu. A luz que se espalhava por seis metros de gelo refletia no metal exposto, indicando um volume imenso de lâminas de metal arredondadas e usinadas, unificadas por habilidades inumanas.

Vane endireitou-se e retrocedeu. Entre as pernas de McReady via-se uma cabeça, uma cabeça dividida e aberta ao meio por um

machado descuidado. Norris virou-se em direção à faixa do céu colorida pelo sol e chamou por Barclay.

— Bar, se o que você viu tinha cabelo azul semelhante a minhocas e três olhos vermelhos, ele está aqui.



2

O autogiro assentou no gelo com cautela, em uma descida completamente vertical. O vento de 56km/h que corria pelo gelo gasto era um suave rio contínuo de ar extremamente frio, que fluía do Planalto Antártico até o mar em algum lugar do norte. O laranja brilhante da aeronave era a única cor na paisagem, e sob o resplendor feroz de quatro tochas de magnésio tornava-se gritantemente evidente. No momento em que tocou o chão, os quatro membros da Estação Magnética Secundária lançaram-se para dentro com as tochas, enquanto Blair saltava da cabine do avião com as âncoras de gelo em mãos. Atrás do biólogo magricela, o contorno parrudo do Dr. Copper saía, atrapalhado com mais âncoras. O giro balançava para frente e para trás conforme o piloto acelerava o motor instavelmente. A hélice tinha de sustentar uma força razoável para conseguir manter o avião no lugar contra a força do vento que vinha do sul. As pás cintilantes do rotor giravam de forma desgovernada e então desaceleraram quando Macy reduziu seu ângulo de elevação para deixar o avião com mais firmeza no chão.

O biólogo e o médico já haviam colocado as âncoras no lugar quando McReady e Norris os alcançaram e o piloto reduziu o acelerador. Quase que instantaneamente a rajada de ar fria e fina resfriou o motor e ele começou a engasgar. Macy acelerou de novo, incitando o acelerador para que pegasse. Sua boca movia-se por detrás das janelas de plástico, mas o rugido do motor abafava suas palavras.

— Seis sacos de carvão... suprimentos alimentícios... mais dois beliches — gritou Blair. — Ele vai voltar direto. O Dr. Copper pode

ficar por uns dois dias apenas. O Comandante Garry teve de ficar para trás, peso demais.

Norris assentia com vigor. Barclay e Vane apareceram, apagando suas tochas desnecessárias. Os estampidos penetrantes do turbilhão das hélices forçaram os homens a tomarem certa distância e Copper explicou os planos.

— Garry acha que vai deixar vocês trabalharem aqui, modifiquem os planos da Equipe Geológica para deixar esse trator disponível. Mandaram outro grupo de homens para o veio de carvão para que mais combustível possa ser usado. Fizeram mais escavações?

Vane balançou a cabeça. Os estrondos do motor faziam com que metade da conversa fosse captada pela leitura de lábios.

— Esperamos você. Movemos o trator para cima, apesar disso. Trouxe a serra?

— Sim. Upjohn reclamou, mas a entregou. Ele precisava dela para fazer as “casas” nos outros tratores, então a quer de volta quando pudermos devolvê-la. Macy quer seguir em frente. Diz que pode pousar o Douglass aqui se vocês prometerem um vento como esse toda vez.

McReady sorriu a contragosto.

— Ele esteve assim por praticamente 24 horas todos os dias em que estivemos aqui. A elevação é de apenas 335 metros e alguns cortes suavizarão qualquer saliência que houver nesse gelo. Ele poderia pousar um grande Boeing aqui se precisasse. Prometo a ele um vento de 56km/h a qualquer dia e, por encomenda especial, podemos conseguir um de 80.

— Precisaremos de mais carvão — interferiu Barclay. — Usaremos o motor do trator um bocado para o dínamo.

— Não conseguimos carregar mais nada nessa viagem. Tralha demais. Ele virá me buscar no Lockheed, disse, e trará três toneladas se vocês precisarem. Vamos retirar as coisas antes que o motor enguice. Pelos deuses, está frio.

McReady disse:

— Você acabou de chegar aqui, Doc. Vai fazer -42°C essa noite. Vamos.



Dez minutos depois, as palhetas do autogiro começaram a virar mais rápido. Não havia necessidade de engatar o motor; o rio de vento acelerava-o por si só. O veículo decolou do gelo em uma subida vertical, as palhetas de moinho agitando-se de forma esquisita, como um imenso pato surgindo da água azul. As luzes minúsculas circularam acima de suas cabeças e desapareceram com enorme velocidade em direção ao Grande Ímã.

— Sinalizarei a decolagem — Barclay lançou-se em direção à estação enterrada com dois sacos de carvão arrastando poeira atrás de si, uma poeira negra que o vento acelerado arrancava do gelo instantaneamente para lançá-lo em direção ao Oceano Antártico, a 640km ao norte. Blair e McReady amarravam os instrumentos do biólogo nanico no trenó, empilhando partes das camas e suprimentos alimentícios ensacados no topo.

A estação parecia ainda mais abarrotada com tudo atolado em uma só parede. Os instrumentos magnéticos haviam sido levados, empacotados no trator e deixados em uma nova locação, mas o aparelho de rádio portátil movido a pilhas os substituía, as pilhas secas formando uma franja sob a cama de Barclay, penduradas alto o suficiente do chão para estarem acima da “linha de congelamento”. O transmissor havia sido suspenso à altura dos ombros por cordões que vinham do teto e o botão havia sido amarrado em um suporte horizontal na parede.

Barclay levantou-se na cama e começou a apertar o botão para chamar o Grande Ímã. Macy e o autogiro já estavam à vista na base principal antes que recebesse uma resposta, 15 minutos depois. Macy havia encontrado uma faixa de ventos a 130km/h a 1,2km de altura.

— Já é hora para teorias? — perguntou o Dr. Copper, enquanto as partes de sua cama eram arrumadas. — A propósito, espero que vocês não sejam comilões desleixados. Vejo que minha cama será a mesa de jantar.

— Bar não vai mal — grunhiu McReady —, ele apanha tudo o que derruba. Mas não acho que seja hora para teorias. O que quer que aquela coisa seja, talvez possa ser considerada um submarino: as sondagens que fizemos, tanto por métodos magnéticos quanto sônicos, indicam que tenha cerca de 15 a 18m de diâmetro, e os

instrumentos magnéticos indicam um comprimento afunilado com cerca de 76m. Definitivamente não tem asas. Vane diz que há uma concentração tremenda de massa magnética próxima ao seu centro. Motores ou algo do tipo, talvez. Pode ser que um submarino tenha naufragado quando essa porção da Antártica submergiu. Não acredito nisso. Logo, pode ser um tipo de artefato voador do qual nunca ouvimos falar e que de alguma forma naufragou. Seu comprimento, a propósito, aponta para as direções nordeste e sudoeste, quase em ângulos exatos a uma linha desenhada deste aqui até o Polo Magnético.

— É aqui que a meteorologia entra. Ele está congelado por baixo. Há muito tempo atrás caiu neve aqui, e também pedriscos de gelo, e a coisa foi enterrada. O peso compactou a neve até virar esse gelo azul. E então o vento desse platô desgastado erodiu Deus sabe quanto da neve e do gelo. Se aquela coisa pousou antes da neve começar a compactar-se, tem pelo menos 500 mil de anos de idade. Se caiu quente, pode ter derretido um caminho sob a superfície por um tempo e pousado onde está qualquer hora. Ele está no lado coberto do cume submerso, atrás de uma faixa de terra alta que corre em direção ao Sul por 800m dividindo a geleira e desviando a movimentação e pressão do gelo. Essa é a razão das fendas que encontramos. Sabe, Doc, aquela coisa pode estar lá há uma cacetada de tempo.

— E a... coisa que vocês encontraram? — perguntou Blair.

— Nada de novo. — Vane alimentou seu cachimbo e o acendeu. — Não mexemos muito com ela; animal desagradável, digo isso a você. Acho que falamos tudo o que sabíamos sobre ela. Está tão congelada quanto o gelo que a abriga. Poderia estar ali por um milhão de anos, ou 50 milhões. Perfeitamente preservada, é claro, e tão morta quanto aqueles mamutes que encontram na Sibéria. Aguentou firme ali já por um tempo, então pensamos que aguentaria até você chegar aqui. Você pode brincar com ela. Nós não gostamos dela.

— Vocês descreveram a cabeça muito vagamente — o biólogo desaprovou. — É antropomórfica?

— Como a de um homem? O resto dela está sob o gelo e bastante indefinido. O que pudemos ver indicou que deveríamos

deixar você dar uma olhada. Vimos o suficiente. Se tiver a disposição que o rosto mostra, não estou nem interessado, mesmo que esteja morto desde que a Antártica congelou.

— Disposição... o rosto? — Blair olhou com curiosidade para os membros da equipe da estação.

Barclay cuspiu no pequeno fogão e inseriu alguns pedaços de carvão.

— Você pode observá-la amanhã. Deveria.

— Quê?

— Ele quer dizer que você dormirá melhor — disse Vane. — Não há termo científico para aquela expressão facial, até onde sei. — Olhou para o fogo silenciosamente por um momento. — De qualquer forma, a face não é humana, então talvez não consigamos interpretá-la. Ela poderia de fato estar indicando resignação da única forma possível. Mas eu acho que não. Certamente, se estivesse, começou com uma desvantagem terrível; aquele rosto não foi planejado para registrar qualquer emoção pacífica. Pela experiência humana... e uma olhada para aquele rosto lhe asseguraria que isso não tem nada a ver com o assunto... não é sequer remotamente humana. Eu diria que a Coisa estava presa e estava enfurecida. Não louca, apesar de que qualquer humano que tivesse tanta essência de ódio destilada em seus olhos teria que estar louco. Acho que estava apenas brava.

— De forma vaga, através do gelo, captei um indício de que a coisa-submarino voadora ficou presa contra a parede de pedra, seu nariz esmagado. A pequena parte que expusemos estava retorcida e dobrada; acho que o nariz foi arruinado. Pelo formato e traços, eu diria que o que quer que fosse era rápido, muito rápido. Faria a viagem do polo magnético até onde estava em coisa de 30 segundos, eu diria, ou, talvez, uma viagem vinda de Marte ou Vênus em três ou quatro dias. Nada que a Terra já tenha gerado teve o ódio cruel e inexpressível que aqueles três olhos vermelhos mostravam, disso eu sei.

— Mas a seção central da nave tinha uma massa magnética impossível, a seção onde os motores deveriam estar. Toda aquela atração que detectamos a 130km, no Grande Ímã, originava-se de uma seção de cerca de seis metros quadrados. Isso é fato. Não é

nem ao menos uma teoria, é apenas um chute. Eu acho que a nave desceu até a Terra perto demais do polo magnético e o mecanismo de direção, seja lá como funcionasse, absorveu por demais o campo magnético da Terra e explodiu. O campo terrestre não é particularmente intenso, mas é grande. Uma corrente de 100 milhões de amperes circulando no equador poderia causar isso. Se os motores daquela nave entrecruzassem com o campo do planeta, alguma coisa explodiria. Não seria o campo da Terra.

— Então aquela Coisa saiu de sua nave, presa. Deve pertencer a uma raça mais velha que a humanidade. Ela contemplou uma Antártida já congelada, talvez ainda mais fria do que hoje. Seiscentos e quarenta quilômetros de terra para cada direção, seiscentos e quarenta quilômetros de glaciação intransponível sem um ser vivo maior que um micróbio ou uma alga entre si e o mar intangível. E aí, Deus! O ódio naquela face de três olhos, com seus cabelos de minhocas azuis.

— Que se dane, cara, vamos nos deitar. Amanhã é cedo o suficiente para pensarmos sobre aquela Coisa vinda do fosso.

Vane grunhiu, bateu seu cachimbo vazio contra o fogão e começou a preparar sua cama. O vento emitia gorgolejos guturais pela chaminé do fogão, pragas e maldições cujas aparentes sílabas faziam ouvir-se com muito esforço o revanchismo quase inteligível. Sílabas que, talvez, a Coisa lá fora no fosso congelado tenha um dia lhe ensinado, eras atrás.



O vento lufava com as mesmas sílabas vagas quando acordaram pela manhã. Norris, em seu turno para acender o fogão rabugento, praguejou e chutou até que ele voltasse à vida.

Quando saíram, o vento cortava com sua velocidade aguçada por uma temperatura de -43°C . As amarrações do trenó grunhiam e vibravam sob sua pressão. A força incessante parecia empurrá-los para longe, tentando fazer com que recuassem da trilha assinalada com bandeiras. Muitas das resistentes bandeiras cor de laranja haviam sido açoitadas até virarem restos esfarrapados de cerca de 7cm nas 30 horas desde que haviam sido ali colocadas, e algumas delas haviam sido destruídas por completo.

Mas agora a trilha estava marcada. Não tinham mais que seguir um caminho incerto através das fendas traiçoeiras e, ao passarem pela região trincada e assolada pela pressão do rio de gelo ao sul, a mancha laranja do trator emergia contra a *nuance* colorida do horizonte ao norte. Mais um pouco adiante, as pilhas de lascas de gelo, niveladas pelo vento, que a equipe da Estação Magnética havia cortado ao redor da nave enterrada marcavam a entrada da escavação.

Estacionaram e desceram. McReady guiou o caminho pelo túnel, substituindo com a furiosa tocha de magnésio incandescente as fracas lâmpadas de querosene utilizadas na trilha. As fitas de magnésio queimavam com uma luz branca incrível dentro do tubo azul-cristalino, o gelo caía sobre elas em gemas de refração cristalina irregulares e flamejantes. A impulsão feroz do brilho infiltrava-se pelo gelo por uma distância de mais de 30m. Da superfície, os homens abaixo tornavam-se sombras amplas retorcendo-se como morcegos sob o gelo; todo o campo de gelo brilhava com uma incandescência interior ao redor de 30m, a não ser pela imensa sombra negra da estranha nave, congelada naquele glacial desconhecido eras antes.

Quando alcançaram a Coisa, Blair e Copper olharam cuidadosamente para a face que fitava para cima do chão cintilante do tubo. Lascas de gelo sopradas para dentro pelo vento haviam polvilhado de forma a reluzir como pó de diamante sob o resplendor da flama do magnésio.

Blair retirou uma pequena câmera corpulenta de sua roupa à prova de vento e tirou meia dúzia de fotos. O rosto parecia desincorporado, a interpretação de um escultor louco de um mal encarnado jogado sem cuidado em um chão de joias. Copper o raspou com cuidado com um machado de gelo e passou sua mão sem luva sobre a superfície suavizada. Seu calor corporal fundiu a superfície em uma lente negra, escorregadia e ondulada, dando vista às profundezas abaixo.

McReady sorriu quando o doutor arranhou afobado a superfície com os grampos de gelo de seu calcanhar.

— Este é nosso belo monstinho, Doc. Temos que escavar a maldita coisa.

— Ugh. Maldita mesmo. Esta coisa pertence a esse fosso enterrado no meio de um inferno congelado. Não está tão mal aqui. Aquele gelo reluzente sob a luz deveras irreal daquela chama... — Copper estremeceu. — É uma coisa e tanto que um médico e cientista diga isso, mas não quero desenterrá-la.

Blair continuou a encarar aquele rosto. O biólogo miúdo falou de repente, acima do som tamborilante do vento sobre a abertura do fosso.

— Você partiu a cabeça acidentalmente quando estava escavando até ela?

McReady assentiu.

— Não dava pra ver o que se aproximava por causa das lascas de gelo. O gelo é claro como vidro quando suavizado, mas é como vidro fosco quando está sendo escavado. O primeiro aviso que tivemos foi quando golpeei e ouvi um rangido diferente. Essas ferramentas de berílio-bronze são pesadas e meu machado atravessou direto aquele... aquele crânio.

— É um membro de uma raça muito mais antiga que a humanidade, de fato — o biólogo assentiu.

— A formação pode indicar isso. É estranho, entretanto, o jeito que a pelagem brota da pele. Parece quase ativa agora, como se começasse a crescer quando a criatura congelou aqui. Mas não é tão ruim assim. Tem uma expressão de fato... uh, desagradável, mas é tanto uma criatura da natureza, com seus estranhos tons, quanto são os homens ou cães ou algas que de alguma forma conseguem viver aqui embaixo, onde não há outro ser vivo algum.

— Desagradável — grunhiu Copper. — Suponho que devamos retirar aquela coisa e começar a investigar a nave. Espero que não haja outras como essa lá dentro.

— Provavelmente há — disse McReady. — Vane estimou que ela precisaria de pelo menos seis seres para dirigi-la e que ela poderia facilmente carregar trezentos.

Copper assoviou.

— Quanto você acha que ela pesa? Podemos retirá-la por inteiro?

McReady encarou-o.

— Eu não sei. Nunca tive que estimar algo assim.

— Digamos uns 40kg — falou Blair. — É tão grande quanto um husky.

— Você tem certeza que quer retirá-la? — Copper perguntou a Blair. — Como Vane disse, por pura e inalterada maldade, eu compararia essa coisa a um cruzamento entre um rato encurralado, uma víbora mortal e um demônio do século X saído direto do inferno.

— O seu híbrido perderia — McReady balançou a cabeça. — Espero que Baldwin não olhe para essa coisa. Se aquele artista algum dia gravar isso em seu cérebro, suas imagens serão coisas profanas. Temos que libertá-la. Barclay está dando partida no trator e quando estiver a todo vapor já teremos libertado a coisa e o bloco de gelo ao seu redor.

Vane deslizou seu cabo para baixo, levantando uma ducha de lascas de gelo.

— Você gosta de nosso bichinho de estimação, Copper?

— Eca. Superarei minha maldita curiosidade depois disso. Norris está disponível aí em cima?

— Está.

— Peça para que jogue aqui uma lona ou algo assim. Trabalharei melhor com aquela cara coberta.

— Ela não é feia — apontou Vane imparcialmente. — De certo modo, apesar de aqueles três olhos serem deveras assustadores, e aquele... cabelo, bem, acho que podemos chamar assim, apesar de poder ser um órgão de algum sentido desconhecido... De qualquer forma, pode ser assustador, mas quando paramos para pensar, suas feições são bastante refinadas, quase que classicamente refinadas.

— O inferno é governado por um anjo caído — Copper virou-se em direção à parede lisa de metal da nave. — Que metal é esse, você descobriu?

Vane balançou a cabeça.

— Não temos a aparelhagem para descobrir. Tentei um pouco do ácido da pilha, mas não causou marca alguma, apenas escorreu. É mais duro que nossas ferramentas de berílio-bronze, e uma engrenagem excedente do trator, feita com um aço de liga de cromo endurecido, não fez nem um arranhão. O azulado que aparece sob

a luz sugere uma liga de alto teor de cromo, mas sabe Deus o que esses seres utilizam. É magnético à beça, então provavelmente algum aço de liga de alto teor de cromo. Mas, como eu disse, não conhecemos as propriedades de suas ligas, nem a fonte de seus metais. Apesar disso, estamos próximos ao centro da nave, e creio ter visto a sombra de uma placa de metal enorme quando Mac estava queimando a tocha aqui embaixo. Vamos libertar aquela coisa e virá-la aqui para a direita.

Os machados de neve picaram o cristal quebradiço. McReady encaixou o que sobrara de sua tocha de magnésio em uma fissura no gelo, onde ela queimava em crepitares ocasionais. A extremidade de baixo desapareceu em um estouro final de incandescência furiosa e chamas azuis ao apagar-se na poça de água que ela havia derretido, reagindo tão violentamente com a água como havia com o ar frio.

À luz da lâmpada de querosene, a cavidade se expandia para fora e para baixo. O trator na superfície já havia aquecido e seu guincho arrastava as lascas de gelo desprendidas na superfície, livrando-os do trabalho mais pesado. A Coisa no gelo se tornara uma sombra vaga encerrada em uma coluna reluzente e refrativa. Quando a coluna estava com um metro de diâmetro e um e meio de altura, eles a soltaram. O trator a puxava para cima enquanto Vane e Norris a controlavam e moviam vagarosamente pelos pontos mais difíceis.

A matiz brilhante de cores do vagaroso sol nascente reluzia no bloco enquanto eles o amarravam no trenó e o cobriam com uma lona. A temperatura subia devagar em direção aos -40°C e, com ela, o vento uivava em notas mais altas sobre a cabina laranja do trator, levando a nuvem negra de fumaça de seu escapamento ao desaparecimento imediato.

Norris desceu para substituir Vane, enquanto Vane tomou seu lugar na abertura do fosso, esvaziando os sacos de lascas e nacos de gelo que subiam. Barclay e McReady trabalharam juntos por algum tempo, então McReady desceu o fosso com uma serra de carpinteiro, puxando um condutor de energia do dínamo lamuriante do trator. O barulho dos machados de gelo parou, dando lugar ao

rugido nervoso da serra movendo-se em linhas rápidas. O gelo começou a subir em placas de 13cm de grossura e 60cm².



O sol baixava novamente em direção ao horizonte quando Vane desceu. Alcançaram a grande placa de metal que haviam visto como uma sombra cônica contra a luz da chama de magnésio; era uma grande porta com quase dois metros quadrados e 30cm de espessura, com uma brecha de 30cm de abertura. A serra e os machados liberaram a superfície exterior e escavaram a câmara de vácuo tão longe quanto possível, mas a porta imensa estava presa pelo bloco de gelo sólido e azul, para além de seu alcance.

Barclay desceu para examiná-la com um maçarico que derretia janelas lisas no gelo, tornando possível examinar o mecanismo ali dentro. Trincos imensos de metal, projetados para manter a porta presa contra anéis isolantes de borracha, eram vagamente visíveis, trincos recolhidos em revestimentos dentados por parafusos.

— Se conseguíssemos soltar o bloco de gelo interior, acredito que poderia colocar o macaco do trator nessa brecha e puxá-la para abrir — reportou por fim Barclay. — Sobre soltar o gelo, eu não sei. Temos as bombas explosivas de decanite, mas penso que elas destruiriam mais do que ajudariam. Mas e as de termite?

— Elas fariam o serviço?

— Deveriam. Elas amolecem o gelo com o calor que irradiam em um raio de cerca de seis metros, o que é mais que suficiente.

— Mas elas não poderiam começar um incêndio? — contestou Copper.

Barclay grunhiu.

— Belo incêndio, Doc, para arder o gelo sólido. Além disso, não há nada além de metal lá dentro, pelo que posso ver.

— Uma ou duas? — perguntou Vane.

— Uma, outra só se for necessário. Calor demais naquele espaço confinado pode gerar vapor. A porta irá pular para fora de qualquer forma. Colocarei a bomba, prenderei o fio e então levarei o trator para trás, para além do cume. O calor irradiante que escapar pode deteriorar uma outra parte do gelo e abrir uma fenda sob nossos pés.

Barclay assistiu enquanto McReady, o último a sair, engatinhava para fora do buraco preparado.

— Liberado! — anunciou. — Esperem até eu chegar aí.

Correu em sua direção, passando em sua mão o longo cabo elétrico que saía do trator em direção à bomba até alcançá-los, procurando possíveis rompimentos. Os seis homens permaneceram no pico do cume, com a pequena encosta que descia até o fosso livre à sua frente. Os equipamentos haviam sido levados de volta, exceto machados de neve, pás e pequenos itens. Não havia grande risco de o chão partir-se, nem risco algum para além do cume rochoso, onde a pressão do gelo mudava de direção. Blake acelerou o dínamo até que ele zumbisse suavemente e então afogasse com um rugido inesperado ao fechar a chave faca.

Uma luz apareceu no gelo sob a abertura do fosso. Onze quilos de pó de alumínio e um composto de termite e óxido de ferro davam início a um inferno inacreditável. Ferro metálico fundido em uma temperatura quase alta o suficiente para fazer o metal ferver e escapar do aço derretido que subitamente cobria o gelo. O gelo explodiu em vapor, rachando, empurrando; o clarão intolerável da energia radiante desbloqueando vias de pontos fracos através da massa sólida.

Uma lufada de vapor disparou da abertura do fosso.

— Isso deve ser tudo — decidiu Barclay, quando o clarão feroz começou a desaparecer aos poucos. Esperou por um momento, desacelerando o dínamo. Os outros moveram-se para frente devagar. Moveram-se e pararam. O clarão estava crescendo novamente, tornando-se mais brilhante. Outra lufada de vapor foi expelida do fosso em direção ao crepúsculo antártico. A luz feroz lá embaixo crescia, cada vez mais forte.

Um ruído sibilante intensificou-se, um ruído que se forçava contra o fluxo apressado do vento em sua direção; nuvens brancas de vapor viravam fumaça de gelo e corriam para longe, saindo da abertura do fosso nas brechas dadas pelo vento. O brilho espalhava-se, um amplo campo de gelo que enviava uma deslumbrante lança de luz bem acima em direção ao céu antártico, um ruído que se tornava um trovão. O fosso crescia visivelmente ante o ímpeto insano de um jato vasto de vapor. Incrivelmente, o

gelo sobre a Coisa enterrada por eras desconhecidas começou a agitar-se, rachando-se e espalhando-se como raios, com um som de rasgão abafado. Toda a extensão da superfície de gelo revirada e rachada tornou-se uma massa branca e reluzente, por detrás da qual havia uma chama inacreditável, de outro planeta. O trovão da vasta pluma de vapor que urrava através do fosso crescente foi açoitado para longe com o vento quando os homens se jogaram no chão de gelo. Um rugido de abalar os céus impulsionou blocos de gelo de 15m pelo ar, libertando um lago crescente e incandescente de metal fundido fulgurante. Por um momento, a vasta forma da nave estrangeira ficou exposta em sua pira: uma forma oblonga e aerodinâmica de 90m de comprimento e 18m de diâmetro deitava precariamente em uma encosta rochosa, seu vasto nariz amassado contra um gigantesco baluarte de granito duro cinza.

Uma chama incrível em meio a uma área de gelo vasta e demolida. Um fluxo ofuscante azul e branco de massa derretida caía de um rasgo amolecido do lado da nave para rolar abaixo em direção às muralhas mais poderosas de gelo ainda invictas. Ele as atingiu com um vasto rugido sibilante e elas desmoronaram ante a ele, desabaram em um fluxo detonante ao caírem no crescente lago de fogo superno. Esferas brancas e quentes de metal flamejante explodiam ali, trovejando ao caírem em meio ao gelo de 300m de espessura.

O vento que uivava e corria parecia ganhar força, empurrando a fumaça de gelo em direção ao distante oceano Antártico. Grandes blocos de gelo rolavam loucamente pelo ar. Por um momento, resistentes ao calor azul e branco, aguentando até mesmo o mar oscilante de fúria derretida, grandes blocos ofuscantes se destacavam na seção central da nave, imensas máquinas de esplendor curvado e ofuscante vertendo a chuva de metal flamejante de fundos de adamantino incandescente. Então, abruptamente, dissolveram-se em uma chama mais vasta e feroz que disparava raios de podridão através dos glaciais gigantes e cambaleantes que resguardavam a nave. A rocha negra e brilhante da ladeira da montanha enterrada no gelo reluzia um vermelho sutil ante aquela ofensiva.

As cortinas vacilantes da aurora acima sacudiram de repente, espiralando em um vórtice insano de luz cintilante. Da montanha e do gelo, grandes línguas nervosas de raios colidiam contra a poça derretida. Raios menores disparavam do trator, saindo das bandas de rodagem até o gelo. Os machados de gelo e as pás aqueciam-se nas mãos dos homens enquanto choques arrepiantes disparavam de relógios de pulso e fivelas de metal.

Ao longo da encosta da montanha, o gelo irrompeu em um movimento amplo. Da geleira ao sul, pressionada por eras pelo peso do gelo despejado sobre o cume da montanha, uma convulsão de bilhões de toneladas de gelo movia blocos de 1,6km. O lago de metal ardente minguava, desaparecendo sob um sibilo, gritando abaixo do gelo que caía. O vento frenético e intenso do sul fazia sumir o último traço da fumaça de gelo. Ele vibrava monotonamente através do cordame do trator, cortando com sua velocidade aguçada. Bem alto no céu, as cortinas da aurora vacilavam e moviam-se de maneira imemorial contra os tons rosas e lavanda do sol poente.

Vane ficou de pé com dificuldade.

— Era uma liga de magnésio-alumínio, endurecida com berílio e outros metais.

— Não há mais nada no lugar de onde veio — disse McReady penosamente, indicando o trenó com a cabeça. — O que aconteceu? Explodimos o estoque de combustível?

Vane balançou a cabeça.

— Acho que era só o metal da nave. Uma imensa tocha de magnésio. Centenas e centenas de toneladas. Aquela luz quase no fim, quando os motores sucumbiram... creio que seja o poder que aquela coisa sugou do campo magnético da Terra eras atrás sendo liberado novamente com a dissolução final dos motores. A aurora o sentiu, os raios o sentiram...

— O dínamo sentiu — citou Barclay. — As bobinas fundiram-se em uma pelota sólida. Os transformadores e bobinas do rádio também estão fundidos. Seu aparelho magnético parece ter sido pisoteado. Não poderemos sinalizar ao Grande Ímã até voltarmos à estação, se é que lá conseguiremos. E estarão preocupados conosco, imagino.

— Eles viram aquilo — assentiu Vane. — Teremos que voltar para a estação prontamente, embora eles devam imaginar que aquilo queimaria as bobinas. Não há mais nada a fazer aqui, se pudermos partir. As fendas...

— O gelo não se moveu muito do lado de cá do cume. — McReady apontou em direção ao oeste. — Mas irá. É melhor irmos enquanto pudermos.

O trator agitou-se, saía vapor como se tossido do escapamento.

— Podemos discutir sobre tudo mais tarde... se formos agora — sugeriu Barclay.



3

— Lugar pacífico! — gritou Barclay acima do ruído do trator.

A base do Grande Ímã assentava-se na depressão coberta abaixo, um trecho manchado por *congère* acumulado em pequenos montes sobre as cabanas enterradas. Meia dúzia de chaminés de fogões soltavam fumaça devagar, a fuligem escura dissipava-se em espirais lentas, em uma maneira quase mágica para esses homens, que retornavam de um platô devastado pelo vento na Estação Magnética Secundária, que não existia mais.

McReady assentia vigorosamente. O tinido das peças de metal e o assovio do vapor demandavam um esforço grande demais para conversar. O uivo dos huskies na Vila dos Cães conseguia, de alguma forma, penetrar a barulheira do trator com uma nota contínua e desesperada.

O Prédio Administrativo pareceu livrar-se da neve de repente com um chacoalhão, e meia dúzia de homens cambalearam para fora, cobrindo os olhos para mirar em direção ao trator que se aproximava com seu trenó agregado. A estrutura emaranhada da torre de rádio lançava uma sombra longa, interrompida pela neve turbulenta em direção a eles.

— Imaginem! — gritou Barclay. — Sem vento por mais de 70 horas seguidas! Só quero saber se vou conseguir dormir aqui embaixo!

— Pode voltar, se você insiste! — gritou McReady em retorno. — Eu ainda poderia encontrar algo de interessante por lá, até mesmo se o projeto preferido de Vane e Norris não existir mais!

— Espere! Estou virando! — Barclay deu um pisão na embreagem esquerda e o barulho do trator mudou de tom. A esteira

esquerda parou, enquanto a direita continuava a se mover. A coisa desajeitada guinou para o lado e então virou-se em direção à neve amontoada da garagem do trator. Cinco montes cobertos por lonas, meio encobertos, representavam o restante da força de transporte terrestre mecânico da base.

Mais homens se materializavam na neve antártica, surgindo das esparsas cabanas cobertas pela neve e se direcionando ao grupo que chegava. O trator rangeu e vibrou, tremendo até parar ao lado de seus companheiros, e McReady desceu dele todo rígido. O ar no Grande Ímã parecia ameno; a temperatura era de -43°C , mas quase não havia vento algum. Norris, Vane e Blair esticavam-se nos dois trenós agregados, Norris e Vane no primeiro, Blair no segundo. Blair era o único que andava naquele trenó: ele tinha outro passageiro, que agora havia ganhado o título de Espantalho.

— Sugiro que esperemos um pouco — McReady acenou em direção aos homens que avançavam pela neve em sua direção. — Estou sentindo algumas câimbras, e talvez o trabalho duro de arrastar esses malditos trenós até o acampamento me faça estirar algo.

Vane abriu um sorriso.

— Acho que eles vão ajudar. Você pode perguntar para o Bar como é que ele consegue encontrar *todos* os buracos da trilha? Para mim, é uma espécie de milagre que não tenha me separado do trenó pelo menos umas quarenta vezes durante os últimos oito quilômetros.

— Isso é segredo dele. Blair, para onde você quer que o seu bichinho seja levado? Seria bom também tirarmos o resto da carga daquele trenó para esse aqui e nos pouparmos de ter que arrastar em dobro.

— Não sei para onde quero que seja levado — Blair respondeu em dúvida. — Quero que degele o mais rápido possível, mas sem usar métodos violentos. Acho que o melhor a fazer é descobrir quem estará de vigia essa noite e decidirmos a partir disso. Provavelmente, será alguém dos observadores de meteoros, do grupo de raio cósmico ou do grupo magnético, ou um meteorologista. Se eles aceitarem o trabalho, podemos levar a coisa

até a cabana apropriada e mantê-la quente pelas próximas 36 horas. Ela vai degelar nesse tempo.

— E se for o turno da aviação para a vigia noturna?

— Acho que terei de esperar, então. Eles nunca aquecem o hangar, que dirá durante a noite — Barclay riu inesperadamente.

— Blair, você será o cara mais popular do acampamento quando eles descobrirem o que tem nessa sua cabeça esperta. Aquela coisa será uma bela companhia para o palerma que tiver que cuidar dela a noite toda.

McReady, Vane e Norris entraram na risada, mas o biólogo baixinho estava sério demais sobre sua descoberta.

— Não é pior que aquelas focas e outras coisas congeladas, pelo que consigo ver. Está tão morta e é uma coisa tão natural quanto...

— Aquilo — proferiu McReady — está errado. Está morta há tempo demais e não é natural. Não desse planeta, pelo menos. Pode apostar seu dinheiro; até mesmo todo o capital dos jogos de pôquer do acampamento, os famosos U\$42,23; aquele Espantalho não será popular até que você o tenha dissecado lindamente e conservado em formol. Se é que vai.

A equipe do Grande Ímã chegou ao redor deles, os departamentos de física e mecânica gravitando naturalmente com Vane, Norris e Barclay em volta do trator, examinando o gerador e o equipamento de rádio fundidos. O grupo se separou, voltando em direção ao cilindro bruto embalado no trenó mais distante. O Comandante Garry ficou com Blair e Dr. Copper discutindo sobre a Coisa, planejando o que fazer com ela. Vane e Norris tomaram outra direção para darem informações sobre a imolação da estranha nave.

Os trenós começaram a se separar, bens sendo retirados do trenó de Blair e empilhados no primeiro reboque maior. McReady retornou para inteirar-se sobre as decisões que haviam sido feitas.

— Pelo que entendi, Connant será vigia essa noite — disse e sorriu. — O interesse dele em raios cósmicos continua de pé depois de você ter mencionado seu pequeno plano, Blair?

Comandante Garry soltou uma risadinha.

— Não posso culpá-lo, mas ele não parece muito entusiasmado. Ouvimos histórias sobre esse sujeito. Parece que Jerry vai ter uma noite desagradável.

— Espere até ver — prometeu McReady. Não havia sorriso em seu rosto. — A barraca do raio cósmico é pequena e Jerry Connant vai desejar mais distância antes que a noite acabe.

— Tudo pronto! — a voz de Barclay ressoou. — Abram espaço.

O grupo ao redor do trator moveu-se para trás. Houve uma chuva de carvões brilhantes e sibilantes saindo da fornalha. Uma nuvem de vapor carregado subiu da máquina e, um momento depois, ouviu-se o assvio estridente da água de caldeira, impulsionando a pressão do vapor da torneira de descarga. Nuvens de fumaça de gelo rolavam para longe em direção ao acampamento, tornando-se mais lentas quando o assvio mudou para um grito conforme o resto da água jorrava para fora, e saía vapor do dreno com pressão. O rugido desapareceu; o metal quente começou a estalar enquanto se contorcia. O frio estabilizava o trator.

McReady caminhou de volta para o Prédio Administrativo ao lado de Powell, o meteorologista sênior da expedição.

— Então aquele vento praticamente te salvou quando a nave começou a explodir?

McReady balançou a cabeça.

— Praticamente não, ele me salvou. Centenas de toneladas de metal de magnésio. Apenas pelo fato de que o gelo não absorve raios de calor, de estarmos do lado oposto de um cume rochoso e sólido, e daquele vento constante e indesejável é que nos salvamos.

— Parece-me que vocês deveriam, de alguma forma, ter reconhecido o metal de magnésio — disse Powell com hesitação. — Eu... olhe, não quero dizer que vocês se descuidaram; o que quero dizer é: por que foi impossível reconhecer a diferença?

— Nós não pudemos levantá-la, então não tínhamos ideia da gravidade específica. Era mais duro que nossas ferramentas, então não conseguimos retirar uma amostra. Era uma liga completamente desconhecida de uma raça alienígena. Eles a haviam tornado maleável de alguma forma; talvez houvesse uma camada de cromagem. Em todo caso, não reagiu com ácido sulfúrico e isso sugere um metal inativo e não um metal vorazmente ativo. Não

fomos para lá com equipamentos de análise; o teste simples com ácido que fizemos foi ideia de Barclay, e ele usou ácido de bateria comum do estoque. Meu Deus, aquela liga sozinha poderia valer uma fortuna para nós! Teria financiado essa expedição. E que segredos inimagináveis de levantamento e propulsão perdemos naquele fogo... bem, foi uma tragédia tão grande quanto qualquer outra na história. Toda a história da Terra poderia ser refeita se tivéssemos conseguido entrar naquela nave e examiná-la.

Powell acenou, pensativo.

— Vocês nos preocuparam por um tempo. Vimos aquele clarão enorme e vimos a aurora boreal baixar, é claro. Os instrumentos magnéticos detectaram a coisa, mas não percebemos a princípio, só na gravação. Dutton chamou pelo transmissor durante uma hora, com todo o acampamento pendurado em seus ombros, sentado ali completamente parado. Nenhum som além de estática. “Não estão no horário”, disse Dutton. “Não seja um escroto”, falou Connant ríspidamente. “Eles não esperariam pelo horário certo para reportar algo como aquilo. É mais provável que tenham participado daquilo, seja lá o que for”. Nós não tínhamos ideia, naquele momento, da explosão magnética. Foi ideia do Tolman. “Aquela estranha nave era o ímã”, disse de repente, “e aposto que foi a nave o que explodiu por lá. Não podemos voar até que o sol se levante ou até que eles nos avisem que iluminaram o campo. Se a nave explodisse, a força magnética seria liberada...”, e Tolman disparou em direção aos gravadores. Estava lá, é claro: duas das ponteiras estavam travadas para fora do papel, tentando retornar, o gravador vertical ainda traçava uma onda sinusoidal que diminuía. Tolman olhou para aquela coisa e então chamou Dutton: “É bom você também desistir disso, pois eles não podem te ouvir e com toda certeza do mundo também não podem transmitir. Aquela coisa explodiu e liberou toda a força magnética. Cada bobina dentro de uma área de 16km da coisa que tinha a capacidade de agir como indutor agora é lixo fundido. Seus dínamos, transformadores, indutores e provavelmente até os condensadores foram todos atingidos. Eles podem estar vivos. Teremos de voar amanhã”. Então o Comandante Garry enviou o autogiro quando o sol nasceu e trouxe de volta o Dr. Copper. Mas foram 12 desagradáveis horas de espera.

McReady assentiu.

— Sei que deve ter sido, mas não havia nada que pudéssemos fazer. Pensei em erguer um balão meteorológico com uma vela dentro na esperança de que vocês o vissem e soubessem que estávamos vivos, mas percebi que era pequeno demais. Recebemos algumas das suas últimas chamadas, como você sabe, porque Barclay arrumou um receptor com algumas peças sobressalentes, sucata e força de vontade. Mas o ímã secundário se foi. E a chance de aprender os segredos de uma raça alienígena e ancestral se foi com ele. Da equipe magnética nada restou por lá, nada mesmo, mas penso que podemos tentar organizar uma expedição naquela direção. Os ventos são únicos, para ser gentil.

Powell riu.

— O Dr. Copper disse alguma coisa sobre serem refrescantes.

— Eu nunca vi um vento de 56km/h com uma temperatura de -45°C ou menos antes. É mais ou menos um axioma que ventos fortes trazem altas temperaturas: a fricção do ar os esquenta, se não for por outra coisa. Mas mesmo isso não funcionou por lá. Acho que, em todas as eras que aquela besta esteve aqui congelada, a temperatura nunca subiu acima de zero; ela foi resfriada por ventos vindos direto do platô polar.

Alcançaram a cabana distante dos meteorologistas e se abaixaram juntos para entrar. McReady jogou suas coisas na cama e olhou automaticamente para os instrumentos de gravação instalados na parede. Abriu um sorriso, apontou para eles com a cabeça e soltou uma risada.

— Cara, essas linhazinhas estão engraçadas. Aquela velocidade do vento... Espere até ver os cartões que trouxemos de volta. Vamos ali pro Prédio Administrativo.

Comparativamente, o tempo estava ameno ali no Grande Ímã, mas não daquele jeito de um dia de primavera em uma zona temperada. Entraram no túnel de comunicação, uma combinação de depósito com passagem sob a superfície. Engradados e caixas formavam as paredes, alguns vazios e outros ainda cheios. Gasolina e comida enlatada, cartões de informação e a melhor graxa para botas. Escovas de dente e cenouras desidratadas, cerveja em latas e partes sobressalentes para registros nos

higrômetros. Engradados, caixas e blocos de neve. O teto era uma faixa de papelão à prova d'água sobre malha de arame posta em ripas de madeira. O *congère* antártico inevitável o cobria como uma grossa manta. O arame, as ripas e as caixas estavam cobertas de magníficas joias de gelo que cintilavam à luz da lâmpada de querosene de McReady: eram cristais de gelo, hexágonos perfeitamente uniformes, alguns com cinco centímetros de comprimento e todos parecidos, mas nenhum idêntico.

O chão repleto de neve subia e descia irregularmente. À frente, a porta do Prédio Administrativo abriu-se por um momento e fechou-se novamente. Os demais fluíam pelo acampamento. Outros corredores sob a neve juntavam-se ao seu; passaram pela entrada do prédio de rádio e pelo túnel esticado com cabos isolados, que conduzia com majestoso isolamento até a central de energia a quase 400m de distância. A outros 400m na direção oposta, estava o observatório magnético.

McReady virou-se para Powell com um leve sorriso.

— Essa cidade apinhada, com sua população fervilhante, me oprime. Isto é o predomínio dos sons humanos acima do som do vento.

— A estação secundária parecia mais isolada? — sorriu Powell.

— Para além do fim de lugar nenhum. Era irreal. Aquela besta no fosso, a incrível nave que não deveria existir, o vento impossível que nunca parava. Eles eram partes de um pesadelo sonhado por uma mente insana.

— Esse animal... eu não o vi ainda — disse Powell.

McReady parou de sorrir.

— Bem... não veja. Deixe Blair colocar aquela coisa maldita em conserva, se ele quiser, e então faça perguntas a ele. Aquele platô vazio era o mais torturante lugar neste inferno congelado e aquela besta deveria ser o demônio supremo que o governa. Parte do motivo para que toda essa expedição pareça com um pesadelo foi porque eu tive um destes... e foi tão real que é difícil separar as coisas. Eu sonhei que aquela cria da natureza, como Blair a chama, tinha de alguma forma se mantido viva de forma débil. Que ela estava compreendendo vagamente tudo o que acontecia ao seu redor, toda a infinidade interminável de noites polares negras e dias

polares cintilantes através de todas as eras em que repousou ali, presa. Uma vida débil que se agitou com a nossa chegada e que não foi destruída mesmo com o machado de gelo em meio ao cérebro. E um ódio e uma determinação desumanos, inumanos.

— É um sonho e tanto.

— O pesadelo mais maldito que já tive, apesar daquele rosto ser o suficiente para provocar pesadelos em qualquer um. Devo ter me revoltado contra ele até mesmo em meu subconsciente, pois no sonho ele parecia correr e mudar e transformar-se vagarosamente no rosto de Vane.

Powell parou assim que passou pela porta do Prédio Administrativo e olhou para McReady.

— Hã... Eu diria que “sonhos agradáveis” não seriam a saudação noturna mais adequada após observar aquele animal. Transformou-se no rosto de Vane, é?

McReady assentiu.

— Essa não foi a pior parte. Eu tinha a maldita convicção de que ele se transformou no rosto de Vane porque quis e que poderia se transformar em qualquer coisa ou qualquer pessoa. De que a criatura tinha um segredo, um conhecimento profano da vida e coisas relacionadas a ela e ao protoplasma, adquirido através de anos de experimentos e reflexão. De que não estava presa a nenhuma forma ou tamanho ou aspecto, mas podia moldar seu próprio sangue, carne e a menor de suas células para não apenas imitar, mas duplicar o sangue, carne e células de qualquer outra coisa que escolhesse. Bem como ler os pensamentos, hábitos e a mente de qualquer um.

Powell grunhiu.

— Ideias suficientemente malucas. Acho que não vou olhar para aquela criatura, se é esse tipo de sonho que ela provoca.

McReady riu meio incerto.

— Eu não olharia se estivesse em seu lugar. Eu daria um ano da minha vida para esquecê-la agora. Ela fomenta em sua mente ideias desagradáveis, pensamentos e sonhos de outros mundos que o homem nunca teve a intenção de conhecer. Tal como o conceito que acabei de sugerir. Você parou para pensar o que aconteceria se tal criatura, um ser com esses poderes, ficasse solta na Terra?

— Você não está sugerindo que essa coisa teria esses poderes, está? — questionou Powell.

McReady balançou a cabeça.

— O pesadelo colocou esse conceito em minha mente. Você vai ver que não irá me agradecer por tê-lo mencionado, porque ele gruda que nem um carrapicho, dá uma sensação inquieta de ter que ficar olhando sobre o ombro, um tipo de exame mental de seus amigos.

— De seus amigos?

McReady colocou a mão na maçaneta do Prédio Administrativo. Seus olhos não encontraram os de Powell quando ele riu.

— Sim... seus amigos. Se uma coisa como aquela pudesse ler mentes, duplicar tecidos, faces, modos... como você saberia que eu, ou qualquer outra pessoa que encontre, é... é humana? Ela pode apenas ser... Chame de imitação, uma imitação perfeita, concebida no inferno e dedicada a propósitos que você não compreenderia.

Powell praguejou lentamente.

— Caramba, Mac, você pensa nas coisas mais infelizes e absurdas. Meu Deus... que maldição, eu saberia... porque eu... poderia...

McReady acenou.

— Desculpe, Stan. Eu não deveria ter contado, mas isso tem me atormentado desde que tive esse sonho. Sou um canalha por passar isso adiante, mas ponderar sobre a ideia sozinho te deixa louco aos poucos.

Powell empurrou a mão de McReady da porta e a puxou agressivamente.

— Ah, inferno. Eu...

Sua voz desapareceu quando ele se juntou ao grupo reunido ao redor da mesa central. Uma lona estava esticada sobre ela e um cilindro grosseiro de gelo, coberto pela metade, repousava em cima. Blair quebrava gentilmente o gelo com um martelo de tapeceiro e uma talhadeira.



4

— Eu sei que você não gosta da coisa, Connant, mas ela tem que ser degelada corretamente. Você diz para deixar assim até voltarmos para a civilização. Formidável, mas como evitaremos que ela degele e apodreça enquanto cruzamos o Equador? Você não quer ficar acordado com ela por uma noite. O que você sugere, que eu pendure o cadáver no congelador com a carne? — Blair levantou os olhos de seu trabalho triunfante.

Kinner, o cozinheiro corpulento e com cicatrizes no rosto, livrou Connant do trabalho de responder.

— Ei, escute aqui, meu senhor, se você colocar aquela coisa na câmara com a carne, por todos os deuses, colocarei você para fazer companhia a ela. Vocês, palermas, já trouxeram tudo o que podiam imaginar para a minha mesa, mas coloquem coisas como essa junto com as minhas carnes e irão cozinhar sua maldita boia.

— Mas, Kinner, essa é a única mesa que é grande o suficiente para trabalharmos — contestou. — Todo mundo te explicou isso.

— É, e todo mundo trouxe todo o resto pra cá. Clark traz seus cães todas as vezes que há uma briga e os costura nessa mesa. Ralsen traz seus trenós. Jesus, a única coisa que vocês não trouxeram foi o Boeing, mas o trariam se pudessem achar um jeito de levá-lo pelos túneis.

Comandante Garry riu:

— Fica meio abarrotado, hein, Kinner? Acho que todos nós passamos por essa situação de vez em quando.

— Sei que a cabana dos raios cósmicos ficará bastante abarrotada se eu tiver que ficar acordado com aquela coisa — rosnou Connant. — Por que você não continua quebrando o gelo ao

redor da coisa? Pode fazer isso sem ninguém se meter no seu trabalho, eu garanto, e depois a pendura sobre a caldeira da estação de energia, que é quente o suficiente. Ela pode degelar uma galinha, ou até um flank de vaca, em cerca de 10 horas.

— Eu sei — protestou Blair, derrubando a talhadeira e o martelo para gesticular com mais eficiência, seu pequeno corpo tensionado pela empolgação e determinação. — mas isso é importante demais para correr o risco. Nunca antes houve uma descoberta como essa e acho que nunca haverá outra. É a única chance que a humanidade terá, e tem que ser feito *direito*. Preciso dissecar e conservar essa coisa em formol antes que algo aconteça. Observações microscópicas tem que ser feitas de imediato.

— Olha, você se lembra de como os peixes que pegávamos perto do Mar de Ross congelavam quase que imediatamente quando os colocávamos no convés, e voltavam à vida se nós os descongelássemos? Formas de vida inferiores não são mortas se rapidamente congeladas...

— Ei, pelo amor de Deus, você quer dizer que essa coisa vai voltar à vida? — gritou Connant. — Você pegue essa coisa... me dê ela aqui! Ela ficará em tantos pedaços que...

— Não, *não*, seu idiota! — Blair pulou à frente de Connant para proteger seu tesouro. — Não, apenas formas de vida *inferiores*. Minha nossa, deixe eu terminar. Você não pode degelar formas de vida superiores e trazê-las de volta. Espere um minuto. Aguarde. Um peixe pode voltar, pois é uma forma de vida tão inferior, tão minimamente organizada, que as células individuais de seu corpo podem reviver e isso é o suficiente para reestabelecer a vida. Qualquer forma de vida superior degelada daquela forma está morta, pois, apesar de células individuais reviverem, elas morrem porque precisam de organização para viver. Há um tipo de vida potencial em qualquer tipo de animal congelado rapidamente, mas não pode, sob qualquer circunstância concebível, tornar-se vida ativa em um animal superior. Os animais superiores são complexos demais; e isso está morto ou praticamente morto.

— Não tem nada de praticamente morto. *Vai estar* morto — afirmou Connant categoricamente. — Me dê aquele machado.

Comandante Garry colocou a mão em seu ombro para acalmá-lo:

— Espere um minuto, Connant. Quero deixar as coisas claras. Eu concordo com você que essa coisa é desagradável demais para ganhar vida, mas eu não tinha ideia de que havia a mais ligeira possibilidade de que pudesse reviver.

Dr. Copper puxou seu cachimbo do meio dos dentes:

— Não há — afirmou. — Blair está falando de forma técnica. Isso está morto, morto como os mamutes que encontram congelados na Sibéria. Vida potencial é como energia atômica, pode estar lá, mas ninguém mostrou ainda e temos todos os tipos de provas de que coisas não vivem depois de serem congeladas. Qual é seu ponto, Blair?

O biólogo franzino sacudiu-se.

— O ponto é que as células individuais podem apresentar algumas das características que tinham em vida, se degeladas adequadamente — disse em um tom ofendido. — As células do músculo de um homem vivem por horas após a morte de seu corpo. Só porque elas vivem, e algumas coisas como células de cabelos e unhas vivem, você não pode acusar um cadáver de ser um zumbi ou algo do tipo. Agora, se eu degelar isso direito, posso ter uma chance de descobrir alguma coisa sobre o tipo de mundo do qual ela é nativa. Não sabemos, nem podemos saber, se ela veio da Terra, Marte, Vênus ou de algum lugar além das estrelas. Mas se descobrirmos que suas células são projetadas para um clima seco, desidratado e fresco, podemos chutar que seja Marte ou um planeta como este. Se são apropriadas para o clima quente e úmido, podemos pensar em outro mundo. Tudo bem degelar uma galinha para a panela usando o maçarico ou um jato de vapor vivo, mas eu não acho que algum de vocês queira essa coisa cozida e servida no...

— Cala a boca, seu inconveniente. Deus, que ideia! — Benning, o mecânico de aviação, estava a ponto de vomitar.

— Então pronto, não sugeriram que eu a degele sobre a caldeira da estação de energia como fazemos com carne ou frango. Ela deve ser degelada em um quarto quente durante a noite. Vou picar esse gelo e podemos colocá-la na Casa Cosmo.

— Vá em frente e arranque essa coisa da minha mesa, então — rosnou Kinner. — Mas mantenha a lona sobre ela. É indecente, estando vestida ou não.

— Kinner está sendo pudico conosco — zombou Connant.

Kinner levantou os olhos em direção ao físico:

— Está certo, grandão, então sobre o que você estava resmungando há um minuto atrás? Podemos colocar essa coisa em uma cadeira ao seu lado essa noite, se você quiser.

— Bem, não tenho medo do rosto, de qualquer forma. Particularmente, não gosto de ter que manter vigília com esse corpo, mas o farei.

Kinner sorriu.

— Aham — partiu em direção ao fogão da cozinha e bateu as cinzas vigorosamente, abafando o som do gelo sendo quebrado enquanto Blair voltava a trabalhar.

McReady sorriu, olhando para Powell.

— Bar disse a ele que seria o cara mais popular do acampamento quando revelasse sua pequena proposta.

— Não estou surpreso — Powell percebeu que observava o gelo vagamente translúcido pelo canto do olho — Você não está muito popular comigo neste momento.



“*Cléck*”, informou o contador de raio cósmico. “*Cléck-bârrrrr-cléck*.”

Connant assustou-se e derrubou o lápis.

— Maldição.

O físico olhou para o canto mais distante, de volta para o contador Geiger na mesa próxima ao canto, e engatinhou sob a escrivaninha na qual estava trabalhando para pegar o lápis. Sentou-se novamente para trabalhar, tentando deixar a escrita mais uniforme. Ela tendia a ser feita em meio a tremores e solavancos, ao ritmo dos cantos abruptos de galinha orgulhosa que o contador Geiger emitia. O silvar discreto da lâmpada de querosene que usava para iluminação e os grunhidos e ronqueiras de uma dúzia de homens dormindo corredor abaixo na Casa do Paraíso formavam um fundo sonoro para os ruídos irregulares e cacarejos do contador,

junto ao sussurro ocasional do carvão que caía no fogão barrigudo de cobre. E um sutil e contínuo *ping-ping-ping* da coisa no canto.

Connant puxou um maço de cigarros do bolso, deu pancadinhas para que um cigarro descesse e enfiou o cilindro na boca. O isqueiro falhou e ele apalpou com raiva a pilha de papel em busca de um fósforo. Raspou a roda do isqueiro várias vezes, deixou-o cair com um xingamento e levantou-se para pegar com a pinça um carvão quente do fogão.

O isqueiro funcionou instantaneamente quanto ele o testou ao retornar para a mesa. O contador irrompeu em uma série de gargalhadas risonhas quando uma explosão de raios cósmicos o atingiu. Connant virou-se e olhou furiosamente para o objeto, então tentou concentrar-se na interpretação dos dados coletados durante a última semana. O resumo semanal...

Ele desistiu e rendeu-se à curiosidade ou ao nervosismo. Ergueu a lâmpada de querosene da carteira e a carregou até a mesa no canto. Retornou ao fogão e pegou as pinças para carvão.

A besta degelava há quase 18 horas agora. Cutucou-a com um cuidado inconsciente; a carne não estava mais dura como couraça e havia assumido uma textura emborrachada. Parecia uma borracha azul e úmida, brilhando sob gotículas de água como pequenas joias arredondadas na claridade da lâmpada. Connant sentiu um desejo irracional de despejar o conteúdo do reservatório da lâmpada sobre a coisa em sua caixa e largar o cigarro ali dentro. Os três olhos vermelhos e cegos encaravam-no, os globos oculares de rubi refletindo raios de luz turvos e enuviados.

Percebeu vagamente que estivera mirando-os por um longo tempo, e mal percebeu que não estavam mais cegos. Mas não parecia importante, não mais que o movimento lento e difícil das coisas tentaculares que brotavam da base do pescoço esquelético, que pulsava devagar. Connant pegou a lâmpada e retornou à sua cadeira. Sentou-se, encarando as páginas de matemática à sua frente. O barulho do contador perturbava menos, o ruído dos carvões no fogão distraía menos. O rangido das tábuas do assoalho atrás dele não interrompeu seus pensamentos enquanto ele repassava seu relatório semanal de forma automática, preenchendo

colunas com dados e tomando notas curtas e resumidas. O rangido das tábuas ficou mais próximo.



Blair retornou das profundezas do sono, assombradas por pesadelos, de forma abrupta. A face de Connant flutuava vagamente acima dele; por um momento, pareceu ser a continuação do horror selvagem do sonho. Porém, a face de Connant demonstrava raiva e um pouco de medo.

— Blair... Blair, sua maldita pedra, acorde.

— Uh... quê? — O biólogo miúdo esfregou os olhos. Das camas ao redor, outros rostos se levantaram para observá-los.

Connant endireitou-se.

— Levante-se e ande logo. Seu maldito animal escapou.

— Escapou... o quê! — A voz vigorosa do piloto-chefe Van Wall ressoou com tal volume que as paredes chacoalharam. Lá embaixo, nos túneis de comunicação, outras vozes berraram de repente. Os doze habitantes da Casa do Paraíso irromperam abruptamente, com Barclay usando longas roupas de baixo de lã e carregando um extintor de incêndio.

— Que diabos está acontecendo? — questionou Barclay.

— Sua maldita fera soltou-se. Dormi por cerca de 20 minutos e, quando acordei, ela não estava mais lá. Ei, Doc, ao diabo com a sua ideia de que essas coisas não podem voltar à vida. Essa merda de “vida potencial” de Blair desenvolveu uma cacetada de potencial e nos deixou.

Copper encarava-o inexpressivamente.

— Ela não era... terrestre. — Suspirou de repente. — Eu... eu imagino que as leis terrestres não sirvam para ela.

— Bem, serviu para que tirasse uma folga. Temos que encontrá-la e capturá-la de alguma forma. — Connant xingava ferozmente. — Fico surpreso que a criatura dos infernos não tenha me comido durante o sono.

Blair sobressaltou-se, os olhos tomados por medo repentino.

— Talvez ela tenha... é... uh... teremos que encontrá-la.

— Encontre-a você. É o seu bichinho. Já cheguei ao meu limite, sentado lá por sete horas, com o contador cacarejando a cada

alguns segundos, e os palermas aqui cantando músicas noturnas. É surpreendente que eu tenha dormido. Irei até o Prédio Administrativo.

Comandante Garry abaixou-se para passar pela porta, apertando seu cinto.

— Não será necessário, o rugido de Van soou como um Boeing em decolagem. Então, não estava morta?

— Não a carreguei em meus braços, isso eu lhe asseguro — disse Connant rispidamente. — A última vez que olhei, aquele crânio partido destilava gosma verde como uma lagarta esmagada. O Doc acabou de dizer que nossas leis não funcionam... ela é extraterrestre. Bem, é um monstro extraterrestre, com uma disposição para além deste mundo, ao julgar por sua cara, andando por aí com um crânio partido e os cérebros vazando.

Powell e McReady apareceram na porta, repleta de outros homens assustados.

— Alguém viu essa coisa vindo para cá? — perguntou Powell, inocentemente. — Mais ou menos 1,20m de altura, três olhos vermelhos, cérebro vazando... Ei, alguém conferiu para ter certeza que isso não é uma tentativa de um humor distorcido? Se for, acho que devemos nos unir para amarrar o bichinho de Blair ao redor do pescoço de Connant, como o albatroz da “Rima do Velho Marinheiro”. Pessoalmente, isso parece muito mais possível para mim.

— Não é uma piada — estremeceu Connant. — Deus, como eu queria que fosse. É melhor me vestir... — ele parou.

Um uivo longo e selvagem guinchou pelos corredores. Os homens enrijeceram repentinamente e se viraram.

— Acho que foi localizada — finalizou Connant.

Disparou em direção à sua cama na Casa do Paraíso, retornando quase que imediatamente com um pesado revólver .45 e um machado de gelo. Portava os dois com cuidado ao partir para o corredor em direção à Vila dos Cães.

— Ela cambaleou pelo corredor errado e caiu no meio dos huskies. Escutem... os cães quebraram as correntes...

O uivo aterrorizado da matilha havia mudado para um tumulto de caça selvagem. As vozes dos cães estrondavam pelos corredores

estreitos e deles chegava um rugido baixo e reverberante de puro ódio. Um grito de dor, uma dúzia de ganidos e rosnados.

Connant correu para a porta. Logo atrás vinham McReady, depois Barclay e o Comandante Garry. Outros homens se dirigiram ao Prédio Administrativo em busca de armas, ou à casa dos trenós. Pomroy, responsável pelas cinco vacas do Grande Ímã, partiu corredor abaixo na direção oposta; ele tinha em mente uma longa forquilha de metal, com 1,80m de cabo.

Barclay parou e McReady virou-se subitamente no túnel, dirigindo-se à Vila dos Cães e desaparecendo na curva. Tomado por incerteza, o mecânico hesitou por um momento, o extintor de incêndio em suas mãos movendo-se de um lado ao outro, e correu atrás das largas costas de Connant.

Connant parou na curva do corredor. Sua respiração sibilava de repente por sua garganta.

— Santo Deus! — O revólver explodiu como trovões, três ondas de som entorpecentes e palpáveis chocavam-se pelos corredores confinados. Mais duas. O revólver caiu na neve compactada da trilha, e Barclay viu o machado de gelo assumir uma posição defensiva. O corpo poderoso de Connant bloqueava sua visão, mas, para além dele, ele ouvia algo miando e, insanamente, rindo. Os cães estavam mais quietos, havia uma seriedade mortal em seus rosnados baixos. Pés com garras arranhavam a neve compactada; correntes quebradas tiniam e se enroscavam.

Connant moveu-se repentinamente e Barclay pôde ver o que estava adiante. Por um momento ficou congelado, então expirou com um praguejar tempestuoso.

A Coisa lançou-se em direção a Connant.

Os braços poderosos do homem balançaram o machado de gelo com o lado achatado para o que poderia ter sido uma cabeça. Sua carne horivelmente amassada e lacerada, rasgada por meia dúzia de huskies ferozes, ficou de pé novamente. Os olhos vermelhos brilhavam com um ódio que parecia de outro mundo e uma vitalidade extraterrestre impossível de se aniquilar.

Barclay virou o extintor de incêndio em direção à coisa; o jorro de spray químico ofuscante e intenso a confundiu, desconcertando-a.

Junto aos ataques ferozes dos huskies, a criatura, com medo de qualquer coisa viva ou não, foi contida.

McReady empurrou os homens que estavam em seu caminho pelo corredor estreito e abarrotado para alcançar a cena. Havia uma motivação precisa e planejada no ataque de McReady; ele carregava em mãos um dos enormes maçaricos utilizados para aquecer os motores do avião. O instrumento soltou rajadas barulhentas quando McReady fez a curva e abriu a válvula. Os miados enlouquecidos silvaram mais alto. Os cães se amontoaram ao fundo em reação à lança de 90cm de chama azul.

— Bar, pegue um cabo de força e arrume um jeito de trazer até aqui. E uma alavanca. Podemos eletrocutar esse... monstro, se eu não o incinerar — McReady falava com a autoridade de quem planejava uma ação. Barclay virou-se em direção ao longo corredor da estação de energia, mas, antes mesmo que partisse, Dutton e Van Wall já corriam à frente.

Barclay encontrou o cabo no quadro de energia na parede do túnel. Em meio minuto, cortou-o e caminhava de volta. A voz de Van Wall ressoou o aviso de “Ligar!” quando o gerador de emergência movido a gasolina entrou em ação com um baque. Meia dúzia de homens estavam agora lá embaixo, despejando gravetos e carvão na fornalha da estação de energia a vapor. Dutton trabalhava com dedos velozes e precisos na outra ponta do cabo, unindo um contator em um dos condutores de energia.

Os cães haviam recuado quando Barclay alcançou a curva do corredor, recuado frente a uma monstruosidade furiosa que os encarava com olhos vermelhos nefastos, miando de ódio por estar encurralada. Os cães formavam um semicírculo de focinhos pintados de vermelho, com uma linha de dentes brancos ofuscantes, ganindo em uma ânsia hedionda que quase se igualava à fúria dos olhos vermelhos. McReady mantinha-se confiante e alerta na curva do corredor, a tocha murmurante pronta para ação nas mãos. Deu um passo para o lado sem mover os olhos da besta, enquanto Barclay se aproximava. Havia um sorriso sutil e fino no rosto magro e bronzeado.

A voz de Dutton chamava corredor adentro e Barclay deu um passo à frente. O cabo estava preso com fita a uma comprida pá de

neve, os dois condutores divididos e presos à distância de 45cm por um pedaço de madeira amarrado em ângulos retos ao longo da extremidade do cabo. Condutores expostos de cobre, carregados com 220V, cintilavam sob a luz das lâmpadas. A Coisa miava e se esquivava. McReady avançou ao lado de Barclay. Os cães, adiante, perceberam o plano com a inteligência quase telepática de huskies treinados. Seus ganidos se tornaram mais agudos, mais suaves, seus passos delicados os traziam para mais perto. De repente, um malamute do Alasca, enorme e negro como a noite, saltou sobre a coisa encurralada. Ela se virou aos guinchos, seus pés com garras de sabre proferindo golpes.

Barclay saltou para a frente e a esmurrou. Um grito bizarro e estridente elevou-se e apagou-se com um engasgo. O cheiro de carne queimada no corredor se intensificou; uma fumaça repulsiva se alastrava. O martelar ecoante do gerador a gasolina corredor abaixo tornou-se um baque exaustivo.

Os olhos vermelhos nublaram-se em uma caricatura estúpida e enrijecida de um rosto. Membros que pareciam braços e pernas estremeceram em solavancos. Os cães saltaram para a frente e Barclay puxou de volta sua arma feita com uma pá. A coisa na neve não se moveu enquanto dentes brilhantes a destroçaram.



Garry olhou ao redor pelo cômodo lotado. Trinta e dois homens: alguns tensos pelo nervosismo, encostados na parede, alguns relaxados, mas inquietos, outros sentados, alguns de pé por falta de opção, todos tão íntimos como sardinhas. Trinta e dois, mais os empenhados em costurar cães feridos, completavam os 37 da equipe total.

Garry começou a falar:

— Está bem, acho que estamos todos aqui. Alguns de vocês, três ou quatro no máximo, viram o que aconteceu. Todos vocês viram aquela coisa sobre a mesa e podem ter uma ideia geral. Se alguém não viu, vou levantar... — Suas mãos se aproximaram hesitantemente da lona que se avolumava sobre a coisa na mesa. Havia um odor acre de carne chamuscada escapando dela. Os homens expressaram negações nervosas e apressadas.

— Porém, parece que Charkauk não liderará mais time algum — continuou Garry. — Blair quer se ocupar com essa coisa e fazer mais alguns exames detalhados. Queremos saber o que aconteceu e ter certeza mesmo de que ela está permanente e completamente morta. Certo?

Connant abriu um sorriso.

— Quem não quiser pode ficar acordado com ela essa noite.

— Está bem então, Blair, o que você pode dizer sobre ela? O que, em nome de Deus, era ela? — Garry virou-se para o pequeno biólogo.

— Pergunto-me se chegamos a ver sua forma natural — Blair olhava para o monte coberto. — Poderia estar imitando os seres que construíram aquela nave; mas não acho que estava. Penso que aquela era sua forma real. Aqueles de nós que estavam próximos à curva viram a coisa em ação; o cadáver sobre a mesa é o resultado. Quando ela se soltou, aparentemente, começou a observar seus arredores. A Antártica ainda está tão congelada quanto naquelas eras passadas, quando a criatura a viu pela primeira vez e depois congelou. Pelas minhas observações enquanto a degelava e pelos pedacinhos de tecido que cortei e endureci naquele momento, penso que era nativa de um planeta mais quente que a Terra. Ela não poderia, em sua forma natural, aguentar a temperatura. Não há forma de vida na Terra que possa viver na Antártica durante o inverno, mas a melhor aposta é o cão. Ela encontrou os cães e de alguma forma aproximou-se o suficiente de Charnauk para pegá-lo. Os outros a farejaram, ou escutaram, não sei. De qualquer forma, ficaram loucos e quebraram as correntes e a atacaram antes que houvesse terminado. A coisa que encontramos era parte Charnauk estranhamente meio morto, parte Charnauk parcialmente digerido pelo protoplasma gelatinoso da criatura e parte restos da coisa que encontramos antes, meio derretida em seu protoplasma de base. Quando os cães a atacaram, transformou-se na melhor forma combativa que conseguiu pensar: alguma besta de outro mundo.

— Transformou-se — disse Garry rispidamente — Como?

— Cada coisa viva é feita de geleia ou protoplasma, e coisinhas submicroscópicas chamadas de núcleos, que controlam o todo, o protoplasma. Essa coisa era apenas uma modificação daquele

mesmo plano mundial da Natureza, células feitas de protoplasma, controladas por núcleos infinitamente menores. Seus físicos podem comparar uma célula individual de qualquer coisa viva a um átomo; a maior parte do átomo, a parte que preenche os espaços, é feito das órbitas dos elétrons, mas a característica da coisa é determinada pelo núcleo atômico. Isso não vai além do que já conhecemos de forma muito radical. É apenas uma modificação que não havíamos visto antes. É tão natural, tão lógica quanto qualquer outra manifestação de vida, e obedece às exatas mesmas leis. As células são feitas de protoplasma, suas características são determinadas pelo núcleo.

“Apenas nessa criatura, o núcleo celular pode controlar as células *à vontade*. Ela digeriu Charnauk e, ao digeri-lo, estudou cada célula de seu tecido e moldou suas próprias células para imitá-las com exatidão. Partes dela, partes que tiveram tempo de terminar a transformação, são células de cachorros. Mas não possuem núcleos celulares de cachorros — Blair ergueu um pedaço da lona. Uma perna de cachorro destrocada, com pelo cinza endurecido, projetou-se. — Isto, por exemplo, não é de forma alguma um cão; é uma imitação. A respeito de algumas partes, não tenho certeza; o núcleo estava se escondendo, encobrendo-se com uma imitação de núcleo celular de cachorro. Com o tempo, nem mesmo um microscópio teria mostrado a diferença.”

— Suponhamos — perguntou McReady — que tivesse tido um montão de tempo?

— Então teria se tornado um cachorro. Os outros cães o teriam aceito. Nós o teríamos aceito. Não acho que nada o poderia distinguir, nem microscópio, nem raio-X, nem outro modo que fosse. Esse é um membro de uma raça extremamente inteligente, uma raça que aprendeu os segredos mais profundos da biologia e fez uso deles.

— O que ela planejava fazer? — Barclay olhou para a lona arqueada.

Blair sorriu desconfortavelmente. Seus lábios contorciam-se ao suprimir seu nervosismo.

— Dominar o mundo, eu imagino.

— Dominar o mundo! Simples assim, sozinha? — disse Connant ofegante. — Estabelecer-se como um ditador solitário?

— Não — Blair balançou a cabeça. O bisturi que manuseava sem jeito em seus dedos caiu; abaixou-se para pegá-lo, deixando o rosto escondido ao falar. — Ela se tornaria a população do mundo.

— Se tornaria... povoar o mundo? Ela se reproduz assexuadamente?

Blair balançou a cabeça e tomou fôlego.

— Ela... ela não precisa. Ela pesava 38 quilos. Charnauk pesava uns 41. A coisa teria se tornado Charnauk e, se tivesse mais 38 quilos, se tornaria... bem, Jack, por exemplo, ou Chinook. Ela pode imitar qualquer coisa, ou seja, virar qualquer coisa. Se tivesse alcançado o Oceano Antártico, se transformaria em uma foca, talvez duas. Elas poderiam atacar uma baleia assassina e virariam baleias ou um cardume de focas. Ou talvez poderia capturar um albatroz, ou um mandrião-do-sul e voado até a América do Sul.

Powell xingava lentamente.

— E toda vez que digerisse algo e o imitasse...

— Ela teria seu montante original para recomeçar — finalizou Blair. — Nada a mataria. Ela não tem inimigos naturais, porque se torna o que quiser se tornar. Se uma baleia assassina a atacasse, viraria uma baleia assassina. Se fosse um albatroz e uma águia a atacasse, seria uma águia. Deus, poderia se tornar uma águia fêmea. Voltar... construir um ninho... botar ovos!

— Você tem certeza de que essa coisa dos infernos está morta? — perguntou Dr. Copper gentilmente.

— Sim, graças a Deus — suspirou o biólogo nanico. — Depois que levaram os cachorros embora, fiquei por lá espetando a coisa por mais cinco minutos com treco de eletrocutar de Blair. Está morta e... cozida.

— Então, tudo o que podemos fazer é agradecer que essa é a Antártica, onde não há nada vivo para ela imitar, exceto esses animais do acampamento.

— E nós. — Blair soltou risadinhas. — Ela pode nos imitar. Cães não conseguem percorrer 640 quilômetros até o mar; não há comida. Não há mandrião-do-sul algum para imitar nessa estação. Não há pinguins a essa distância. Não há nada que consiga

alcançar o mar desse ponto; exceto nós. Nós somos inteligentes, podemos fazer isso. Você não vê... ela *teria* que nos imitar, *teria* que ser um de nós, é a única maneira de poder pilotar um avião, pilotar um avião por duas horas e dominar *todos* os habitantes da Terra. Um mundo para ser tomado... *se nos imitar!* Ela ainda não sabia. Não teve a chance de aprender. Teve pressa, avançou, tomou a coisa mais próxima ao seu tamanho. Veja: sou Pandora! Eu abri a caixa! E a única esperança que posso tirar disso é de que nada pode sair. Vocês não me viram. Eu fiz isso. Eu resolvi isso. Destruí cada magneto. Avião algum pode voar. Nada pode voar — Blair riu e então deitou-se no chão, aos prantos.

O piloto-chefe Van Wall atirou-se em direção à porta. Seus pés eram ecos que sumiam nos corredores enquanto Dr. Copper curvava-se sem pressa sobre o pequeno homem no chão. De seu escritório no fundo da sala, Copper trouxera uma agulha e injetou uma solução no braço de Blair.

— Talvez esteja melhor quando acordar — disse com um suspiro, levantando-se. McReady ajudou a levantar o biólogo e levá-lo até uma cama próxima. — Tudo depende de se conseguiremos convencê-lo de que a coisa está morta.

Van Wall abaixou-se e entrou na cabana, esfregando as mãos distraído.

— Não pensei que um biólogo poderia fazer algo assim por completo. Ele se esqueceu das peças sobressalentes do segundo abrigo. Está tudo bem, eu as esmaguei.

Comandante Garry assentiu:

— Eu estava pensando no rádio.

Dr. Copper bufou:

— Você não acha que poderia vazar por uma onda de rádio, acha? Teríamos cinco tentativas de resgate nos próximos três meses se parássemos com as transmissões. A coisa a se fazer é falar alto e não fazer um som sequer. Agora, pergunto-me...

McReady olhou de forma especulativa para o doutor.

— Poderia ser como uma doença infecciosa. Tudo o que bebeu de seu sangue...?

Copper balançou a cabeça.

— Blair está deixando algo passar. Pode até imitar, mas ela tem, até certo ponto, sua própria química corporal, seu próprio metabolismo. Se não tivesse, viraria um cachorro, e seria um cachorro e nada mais. Tem que ser um cão *falso*. Assim, pode-se detectá-la por testes de soro. E sua química, já que vem de outro mundo, deve ser tão completa e radicalmente diferente que algumas poucas células, como as adquiridas por gotas de sangue, seriam tratadas como germes de doenças por um corpo humano ou por um cão.

— Sangue... uma dessas imitações sangraria? — questionou Powell.

— É claro, não há segredo algum em relação a sangue — Copper garantiu. — O músculo é feito por cerca de 90% de água. O sangue se difere por ter uns 2% a mais de água e menos tecido conectivo. Com certeza, sangrariam.

Blair sentou-se em sua cama de repente.

— Connant... onde está Connant?

O físico moveu-se em direção ao biólogo miúdo.

— Estou aqui. O que você quer?

— Está mesmo? — riu Blair. Caiu para trás na cama, contorcendo-se com uma risada silenciosa.

Connant olhou para ele sem reação.

— O quê? Estou o quê?

— Você está aí? — Blair explodiu em risadas. — Você é Connant? A fera queria ser um *homem*... não um cão...



5

Dr. Copper, cansado, levantou-se da cama e lavou a agulha hipodérmica com cuidado. Os pequenos tinidos pareciam altos no quarto abarrotado, agora que a risada ruidosa de Blair havia finalmente aquietado. Copper olhou em direção a Garry e balançou a cabeça devagar, em negativa.

— Caso perdido, creio. Não acho que iremos convencê-lo de que a coisa está morta.

Powell ria, inseguro.

— Não sei nem se você pode me convencer. Maldito McReady.

— McReady? — O comandante Garry virou-se com curiosidade e olhou de Powell a McReady.

— Os pesadelos dele — explicou Powell. — Ele me contou sobre um pesadelo que teve na Estação Magnética Secundária depois de encontrar aquela coisa.

— E foi...? — Garry olhava firme para McReady.

O meteorologista limpou a garganta e moveu-se, inquieto.

— Que a criatura não estava morta, mas em um tipo de existência enormemente desacelerada, uma existência que permitia, entretanto, uma vaga consciência da passagem do tempo, de nossa chegada após anos infindáveis. Sonhei que podia imitar coisas.

— Bem — grunhiu Copper —, ela pode.

— Não seja estúpido — disse Powell rispidamente. — Não é isso o que está me incomodando. Ele disse que ela podia ler mentes, ler pensamentos e ideia e... trejeitos.

— O que tem de tão ruim nisso? Parece estar te preocupando mais do que pensar na diversão que teremos com um louco em um

campo antártico — Copper acenou em direção à forma dormente de Blair.

O rosto de McReady contorceu-se em um sorriso.

— Vocês, palermas, sabem muito bem que Connant é Connant porque ele não apenas se parece com Connant, o que estamos começando a acreditar que a besta tenha a capacidade de fazer, mas também porque pensa como Connant, fala como Connant, move-se por aí da forma como Connant se move. Tudo isso precisa de muito mais do que um mero corpo parecido com o dele. Para isso, são necessários a própria mente, pensamentos e trejeitos de Connant. Sendo assim, apesar de sabermos que a coisa pode se tornar *parecida* com Connant, não se preocupem muito, pois vocês sabem muito bem que ela tem uma mente de outro mundo, uma mente totalmente inumana, que jamais poderia reagir, pensar ou falar como um homem que conhecemos, e fazer isso tão bem a ponto de nos enganar por um momento. A ideia da criatura imitar um de nós é fascinante, mas irreal, porque é inumana demais para nos enganar. Ela não tem uma mente humana.

— Como eu disse antes — repetiu Powell, olhando firme para McReady. —, você consegue dizer as piores coisas nos piores momentos. Poderia ter a bondade de finalizar seu pensamento... de um jeito ou de outro?

Kinner, parado próximo a Connant, moveu-se de repente pelo quarto cheio em direção à sua cozinha, tão familiar. Removeu as cinzas do fogão fazendo barulho.

— Não ajudaria em nada — disse o Dr. Copper de forma suave, como se pensasse em voz alta. — só parecer com algo que tentasse imitar; teria de compreender seus sentimentos, suas reações. Ela é inumana; possui poderes de imitação para além de qualquer conceito humano. Um bom ator, bem treinado, pode imitar um homem e os trejeitos de outro bem o suficiente para enganar a maioria das pessoas. É claro, nenhum ator seria capaz de imitar tão perfeitamente a ponto de enganar por completo os homens que vivessem com aquele que é imitado, não aqui, na falta de privacidade de um acampamento antártico. Isso requereria uma habilidade sobre-humana.

— Ah, você também está paranoico — praguejou Powell baixinho.

Connant, parado sozinho em um canto do quarto, olhava ao seu redor ferozmente, o rosto branco. Uma sutil movimentação entre os homens vagorosamente os amontoou na direção do outro lado do quarto, deixando-o, assim, sozinho.

— Meu Deus, será que os lamentadores podem calar a boca? — A voz de Connant tremia. — O que eu sou? Um espécime microscópico sendo dissecado? Um verme desagradável discutido em terceira pessoa?

McReady olhou para ele, as mãos que se torciam vagorosamente pararam por um momento.

— Muita diversão. Queríamos que você estivesse aqui. Assinado: todo mundo. Connant, se você acha que está tendo um dia infernal, coloque-se do outro lado por um momento. Você tem uma coisa que nós não temos; você sabe qual é a resposta. Te digo isso, nesse momento você é o homem mais temido e respeitado no Grande Ímã.

— Meu Deus, queria que você pudesse ver seus olhos — disse Connant sem fôlego. — Pode parar de me encarar? Que diabos vai fazer?

— Você tem alguma sugestão, Dr. Copper? — perguntou o Comandante Garry com firmeza. — A situação atual está impossível.

— Ah, está, é? — replicou Connant com aspereza. — Venha até aqui e olhe para aquela plateia. Por Deus, eles estão idênticos à gangue de huskies depois da virada do corredor. Benning, você pode parar de balançar o maldito machado de gelo?

A lâmina de cobre tilintou no chão quando o mecânico de aviação o soltou nervoso. Curvou-se e pegou-o instantaneamente, agitando-o devagar, virando-o nas mãos, seus olhos castanhos movendo-se inquietos pelo quarto.

Copper sentou-se na cama ao lado de Blair. A madeira rangeu alto no quarto. Lá embaixo, em um corredor, um cão uivava de dor, e as vozes tensas dos guiadores de trenó oscilavam lentamente em retorno.

— Um exame microscópico seria inútil, como apontou Blair — disse o doutor, pensativo. — Já se passou um tempo considerável; porém, testes de soro seriam definitivos.

— Testes de soro? O que quer dizer, exatamente? — perguntou Comandante Garry.

— Se eu tivesse um coelho que tivesse recebido injeções de sangue humano, um veneno para coelhos, é claro, assim como o sangue de qualquer animal que não fosse outro coelho, e as injeções continuassem em doses cada vez maiores por algum tempo, o coelho seria imune a humanos. Se uma pequena quantidade de seu sangue fosse retirada, separada em um tubo de ensaio e adicionássemos sangue humano ao soro limpo, haveria uma reação visível, provando que o sangue era humano. Se o sangue de uma vaca ou cachorro fosse adicionado, ou qualquer material proteico que não fosse humano, reação alguma aconteceria. Isso seria uma prova definitiva.

— Pode me dizer onde encontro um coelho para você, Doc? — perguntou McReady. — Quer dizer, mais perto do que a Austrália, não queremos perder tempo indo tão longe assim.

— Sei que não há coelhos na Antártica — disse Copper com um aceno —, mas esse é apenas o animal mais comum. Qualquer animal com exceção do homem serve. Um cachorro, por exemplo. Mas vai levar muitos dias e, devido ao grande tamanho do animal, uma considerável quantidade de sangue. Dois de nós teremos de contribuir.

— Pode ser eu? — perguntou Garry.

— Então somos dois — assentiu Copper. — Trabalharei nisso agora mesmo.

— E o que fazer com Connant nesse meio tempo? — questionou Kinner. — Sairei por aquela porta em direção ao Mar de Ross para não cozinhar para ele.

— Ele pode ser humano... — disse Copper alarmado.

Connant explodiu em uma enxurrada de xingamentos.

— Humano, *pode* ser humano, seu cirurgião maldito? Que merda você *acha* que eu sou?

— Um monstro — afirmou Copper com rispidez. — Agora, cale a boca e escute.

A face de Connant ficou branca e ele se sentou pesadamente quando a acusação foi posta em palavras. Copper continuou.

— Você sabe muito bem que temos razões para questionar o fato e só você tem essa resposta, então, até sabermos, prender você é uma expectativa racional. Se você for... inumano... você é muito mais perigoso do que o pobre Blair aqui, e olha que vou cuidar para que ele fique bem preso. Prevejo que o próximo estágio dela será um desejo violento de matar você, os cães e provavelmente todos nós. Quando ele acordar, estará convencido de que somos todos inumanos, e nada no planeta jamais mudará sua convicção. Seria mais gentil deixá-lo morrer, mas é claro que não podemos fazer isso. Ele irá para uma cabana, e você pode ficar na Casa do Cosmo com seus aparelhos de raio cósmico, que é o que você faria de qualquer forma. Tenho que remendar alguns cachorros.

Connant concordou, amargurado.

— Eu sou humano. Corra com esse teste, pelo amor de Deus. Os seus olhos... Deus, eu queria que você pudesse ver seus olhos...



Comandante Garry olhava ansioso enquanto Clark segurava o enorme malamute do Alasca e Copper iniciava o tratamento com injeções. O cão não estava afim de cooperar. A agulhada era dolorosa e ele já tinha passado por muitas outras agulhadas levando pontos pela manhã. Cinco deles mantinham fechado um corte que ia do ombro até as costelas, tomando metade do corpo. Uma longa presa estava quebrada, a parte que faltava estava enterrada pela metade no osso do ombro da coisa monstruosa sobre a mesa do Prédio Administrativo.

— Quanto tempo vai demorar? — perguntou Garry, apertando de leve o braço. Ele estava dolorido devido à picada da agulha que o Dr. Copper havia usado para tirar sangue.

Copper encolheu os ombros.

— Para ser franco, não sei. Eu conheço o método comum. Já o utilizei em coelhos, mas nunca experimentei em cães. Eles são animais grandes e desajeitados para se trabalhar; naturalmente, coelhos são preferíveis. Em lugares civilizados você pode comprar

um estoque de coelhos imunes a humanos de fornecedores, e poucos pesquisadores têm o trabalho de preparar seus próprios coelhos.

— O que querem com eles por lá? — perguntou Clark.

— A criminologia é um campo extenso. A diz que não assassinou B, e que o sangue na camisa veio de uma galinha que matou. O Estado faz um teste, e A deve explicar como é que o sangue reage em coelhos imunes a humanos, mas não imunes a galinhas.

— O que iremos fazer com Blair enquanto isso? — perguntou Garry preocupado. — Tudo bem deixarmos que ele durma onde está por um tempo, mas quando acordar...

— Barclay e Benning estão colocando alguns trincos na porta da Casa do Cosmo — respondeu Copper desanimado. — Connant está agindo como um cavalheiro. É possível que o jeito com o qual os outros olham para ele faça com que ele queira privacidade. Deus sabe que até esse momento todos nós rezamos por um pouco de privacidade.

Clark riu amargamente.

— Não mais, obrigado. Quanto mais, melhor.

— Blair — continuou Copper — também deverá ter privacidade... e trincos. Ele terá um belo plano definido em sua mente quando acordar. Já ouviram a velha história de como refrear a febre aftosa no gado?

Clark e Garry balançaram as cabeças em silêncio.

— Se não houver febre aftosa, não haverá febre aftosa — explicou Copper. — Você se livra dela matando cada animal que a exhibe e cada animal que esteve próximo a um espécime doente. Blair é biólogo e conhece essa história. Ele tem medo dessa coisa que liberamos. A resposta provavelmente está bem clara em sua mente agora. Matar a tudo e a todos nesse acampamento antes que um mandrião-do-sul ou um albatroz migratório acabem por chegar aqui e... peguem a doença.

Os lábios de Clark se encurvaram em um sorriso contorcido.

— Parece lógico para mim. Se as coisas ficarem muito ruins... talvez seja melhor que deixemos Blair fugir. Iria nos poupar de

cometer suicídio. Poderíamos fazer algum tipo de voto para, em caso de as coisas ficarem ruins, garantirmos que isso aconteça.

Copper riu, baixinho.

— O último homem vivo no Grande Ímã... não seria um homem — apontou. — Alguém terá que matar aquelas... criaturas que não quiserem se matar, sabe? Não temos termite suficiente para fazer tudo de uma vez, e os explosivos de decatine não ajudariam muito. Tenho a impressão de que até mesmo pequenos pedaços de um daqueles seres seria autossuficiente.

— Se — disse Garry pensativo — eles podem modificar o protoplasma à vontade, não se transformariam simplesmente em pássaros e voariam para longe? Podem ler de tudo sobre pássaros e imitar suas estruturas sem ao menos encontrar um deles. Ou talvez imitar pássaros de seu planeta natal.

Copper balançou a cabeça e ajudou Clark a soltar o cachorro.

— A humanidade estudou os pássaros por séculos, tentando aprender a fazer uma máquina que voasse como eles. Isso nunca funcionou. O sucesso final veio quando rompeu por completo com essa ideia e tentou novos métodos. Conhecer a ideia geral e conhecer a estrutura detalhada da asa, osso e tecido nervoso é algo muito, muito diferente. E em relação aos pássaros de outro mundo, talvez... aliás, muito provavelmente, as condições atmosféricas daqui sejam tão diferentes que seus pássaros não poderiam voar. Talvez, ademais, o ser tenha vindo de um planeta como Marte, que tem uma atmosfera tão rarefeita que não permite pássaros.

Barclay chegou até o prédio, arrastando um pedaço de cabo de controle de avião.

— Está feito, Doc. A Casa do Cosmo não pode ser aberta por dentro. Agora, onde colocamos Blair?

Copper olhou para Garry.

— Não há nenhum prédio de biologia. Não sei onde podemos isolá-lo.

— Que tal o Armazém Leste? — disse Garry após pensar por um momento. — Blair pode cuidar de si mesmo... ou precisará de atenção?

— Será capaz o suficiente. Nós é que deveremos ficar atentos — garantiu Copper soturnamente. — Pegue um fogão, umas duas

sacas de carvão... suprimentos necessários e algumas ferramentas para ajeitá-la. Ninguém esteve por lá desde o último outono, esteve?

Garry balançou a cabeça:

— Se ele fizer muito barulho... achei que poderia ser uma boa ideia.

Barclay levantou as ferramentas que carregava e olhou para Garry.

— Se os resmungos que está fazendo agora são algum sinal, ele cantará noite adentro. E não vamos gostar da canção.

— O que ele está dizendo? — perguntou Copper.

Barclay balançou a cabeça.

— Não me importei em prestar atenção. Você pode ir lá se quiser. Mas deduzo que aquele idiota miserável teve todos os sonhos que McReady teve e mais alguns. Ele dormiu ao lado da coisa quando paramos na trilha vindo da Estação Secundária, lembra? Ele sonhou que a coisa estava viva, e sonhou mais detalhes. E... maldito seja, ele sabia que não era tudo sonho, ou tinha razão para isso. Ele sabia que a coisa tinha poderes telepáticos que se agitavam vagamente, e que ela podia não apenas ler mentes, mas projetar pensamentos. Eles não eram sonhos, entendeu? Eram pensamentos difusos que a coisa estava transmitindo, da mesma maneira que Blair está transmitindo seus pensamentos agora; um tipo de resmungo telepático em seu sono. É por isso que ele sabia tanto sobre os poderes da coisa. Suponho que você e eu, Doc, não tenhamos sido tão sensíveis, se quiser acreditar em telepatia.

— Tenho que acreditar — suspirou Copper. — Dr. Rhine, da Duke University, mostrou que ela existe, mostrou que alguns são muito mais sensíveis que outros.

— Bem, se você quer conhecer muitos detalhes, vai lá ouvir a transmissão de Blair. Ele afastou a maioria dos rapazes do Prédio Administrativo. A barulhada de Kinner permeia como carvão descendo pelo duto. Quando não consegue fazer barulho com uma panela, sacode cinzas.

— A propósito, comandante, o que faremos na primavera, agora que os aviões estão perdidos?

Garry suspirou:

— Acredito que nossa expedição será um fracasso. Não podemos dividir nossas forças agora.

— Não será... se continuarmos vivos e escaparmos — prometeu Copper. — A descoberta que fizemos, se conseguirmos controlá-la, é importante demais. Os dados do raio cósmico, o trabalho magnético e o trabalho atmosférico não serão grandemente prejudicados.

Garry riu sem muito entusiasmo.

— Eu estava pensando nas transmissões de rádio. Contar para metade do mundo sobre os resultados maravilhosos de nossos voos exploratórios, tentando enganar homens como Byrd e Ellsworth lá na central de que estamos fazendo alguma coisa.

Copper concordou, sério.

— Eles saberão que algo está errado. Mas homens como eles têm juízo bom o suficiente para saber que não faríamos truques sem ter motivo para isso, e esperarão o nosso retorno para nos julgarem. Acho que se resume a isso: homens que sabem o suficiente para reconhecer nossa manobra esperarão por nosso retorno. Homens que não têm critérios ou fé suficiente para esperar não terão a experiência pra detectar qualquer fraude. Conhecemos as condições daqui bem o suficiente para passarmos um bom blefe.

— Para que eles não enviem expedições de “resgate” — rogou Garry. — Quando... se... estivermos prontos para partir, enviaremos uma mensagem ao capitão Forsythe para que traga um estoque de ímãs consigo quando descer até aqui. Mas... deixe isso para lá.

— Você quer dizer se não saímos dessa? — perguntou Barclay. — Eu estava me perguntando se um belo relato de uma erupção ou terremoto via rádio, culminando com o uso de um bastão de decanite sob o microfone, ajudaria. Nada, é claro, deixará as pessoas inteiramente afastadas. Entretanto, uma dessas cenas exageradas e melodramáticas de “último homem vivo” podem fazer com que tenham cautela.

Garry sorriu com humor genuíno.

— Todo mundo no acampamento está pensando em como resolver isso também?

Copper riu.

— O que você acha, Garry? Estamos confiantes que poderemos vencer... mas não com tanta facilidade, eu acho.

Clark sorriu acima do cão que acalmava com afagos:

— Confiantes, Doc?



Blair movia-se inquieto pela pequena cabana. Seus olhos se viravam e espiavam de forma vaga e hesitante os quatro homens ali com ele; Barclay, 1,83m de altura e pesando quase 90kg, McReady, tão alto quanto, mas levemente mais esguio, Dr. Copper, baixo e pesado, e Benning, 1,77m de força robusta.

Blair estava encolhido contra a parede mais distante da cabana do Armazém Leste, seus equipamentos empilhados no meio do cômodo ao lado do fogão, formando uma ilha entre ele e os quatro homens.

— Não quero que ninguém venha até aqui — declarou nervosamente. — Kinner pode ser humano por agora, mas não acredito nisso. Vou cozinhar minha própria comida. Eu vou sair daqui, mas não vou comer nada que me enviarem. Quero latas. Latas seladas.

— Ok, Blair, vamos trazê-las hoje à noite — prometeu Barclay. — Você tem carvão e o fogo está aceso. Farei um último... — Barclay inclinou-se para a frente.

Blair instantaneamente correu para o canto mais distante.

— Saia! Fique longe de mim, seu monstro! — o biólogo miúdo gritou e tentou escavar com as unhas um caminho através da parede da cabana. — Fique longe de mim... fique longe... não vou ser tragado... não vou...

Barclay relaxou e moveu-se para trás. Dr. Copper balançou a cabeça.

— Deixe-o em paz, Bar. É mais fácil para ele cozinhar sua própria comida. Teremos de ajeitar a porta, acho que...

Os quatro homens deixaram a cabana. Com eficiência, Benning e Barclay começaram a trabalhar. Não havia trincos na Antártica; não havia privacidade suficiente para que fossem necessários. Mas fortes parafusos haviam sido colocados a cada lado da porta, e o cabo de controle de aviação sobressalente, de aço imensamente

forte, foi rapidamente atado entre eles e tensionado. Barclay trabalhava com uma broca e um serrote de ponta. Até aquele momento, ele havia cortado uma abertura na porta pela qual bens poderiam ser passados sem desprender a entrada. Três poderosas dobradiças de um caixote de estoque, dois ferrolhos e um par de contra pinos de quase 8cm faziam com que fosse impossível abri-la pelo outro lado.

Blair movia-se agitado lá dentro. Ele arrastava algo em direção à porta com arfadas ofegantes e murmurava xingamentos frenéticos. Barclay abriu a portinhola e deu uma olhada, com Dr. Copper espiando por cima de seus ombros. Blair havia movido a pesada cama contra a porta. Ela não poderia ser aberta sem sua cooperação agora.

— Não sei, mas o pobre rapaz pode estar certo nisso — disse McReady com um suspiro. — Se ele se soltar, sua intenção declarada é matar cada um de nós tão rápido quanto for possível, algo com o qual não concordamos. Mas temos algo do lado de cá da porta que talvez seja pior que um maníaco homicida. Se um ou outro tiver de ser solto, acho que vou subir até aqui e desfazer as amarrações.

Barclay sorriu.

— Me avise e te mostrarei como soltá-las rapidamente. Vamos voltar.

O sol pintava o horizonte ao norte em arcos-íris multicoloridos, embora faltassem duas horas para a alvorada surgir. O campo de neve amontoada seguia rumo ao norte, brilhando ao se apropriar com glória das cores flamejantes no céu. Montes brancos baixos e arredondados apareciam no horizonte norte, mostrando que o Limite Magnético estava quase inundado pela neve que rolava. Pequenos redemoinhos de neve levantada pelo vento rodopiaram para longe de suas rotas quando partiram em direção ao acampamento principal a 3km de distância. A estrutura emaranhada da antena de transmissão levantava uma agulha negra e esguia contra o branco do continente antártico. A neve sob seus skis era como areia fina, dura e áspera no frio de -40°C .

— A primavera — disse Benning amargamente — chegou. Temos diversão pela frente. E eu estava ansioso para ficar longe

desse buraco miserável no gelo.

— Eu não tentaria isso agora, se fosse você — grunhiu Barclay.
— Quem sair daqui nos próximos dias vai ser bem impopular.

— Como estão seus cães, Doc? — perguntou McReady. —
Algum resultado?

— Em trinta horas? Gostaria que houvesse. Dei a ele uma
injeção de meu sangue hoje. Mas imagino que mais uns cinco dias
serão necessários. Não tenho certeza suficiente para parar antes.

Barclay falou devagar:

— Estive me perguntando... se Connant tivesse... se
transformado... ele teria nos avisado tão logo o animal escapou?
Ele não teria esperado tempo suficiente para que a criatura tivesse
uma chance real de se ajustar? Até que acordássemos
naturalmente?

— A Coisa é egoísta. Você não achou que ela aparentava
possuir alto senso de justiça dentro de si, achou? — apontou
McReady. — Cada parte dela é tudo dela, cada parte dela é tudo
por si, eu imagino. Isto é... sonhos, comunicações telepáticas dadas
de forma inconsciente, podemos dizer. Se Connant tivesse sido
transformado, ele imaginaria que, para salvar sua pele, ele teria
de... inferno, os sentimentos de Connant não foram transformados,
eles são imitados com perfeição, ou são seus próprios sentimentos.
Naturalmente, a imitação, imitando perfeitamente os sentimentos de
Connant, faria exatamente o que Connant faria.

— Digamos, Norris ou Vane não poderiam dar a Connant algum
tipo de teste? Se a coisa é mais inteligente que o homem, ela
saberá mais de física do que Connant deveria, e eles perceberiam
aí.

Copper chacoalhou sua cabeça, cansado.

— Não se ela lê mentes. Não se pode planejar uma armadilha
para ela. Vane deu indícios disso ontem à noite. Ele esperava que a
coisa respondesse a algumas das perguntas de física das quais ele
gostaria de saber as respostas.

— Essa ideia de uma expedição a quatro vai tornar a vida feliz —
McReady olhou para seus companheiros. — Cada um de nós de
olho nos outros para garantir que não façam algo... *peculiar*. Cara,
vamos ser um poço de confiança. Cada um de olho em seus

vizinhos com a maior das exibições de fé e confiabilidade... estou começando a entender o que Connant quis dizer com “queria que você pudesse ver seus olhos”. De tempos em tempos, temos esse olhar, acho. Um de vocês olha com essa cara de “pergunto-me-se-os-outros-*três-são*”. A propósito, não estou me excluindo dessa.

— Bem, então até onde sabemos, o animal está morto, deixando apenas a questão em relação a Connant. Ninguém mais é suspeito — afirmou Copper. — A “regra dos quatro” é apenas uma precaução.

— Estou esperando o momento em que Garry fará com que seja “quatro em uma cama” — suspirou Barclay. — Eu achava que não tinha privacidade antes, mas desde aquela ordem...



Ninguém observava aquele pequeno tubo de ensaio de vidro esterilizado, cheio até o meio com fluído cor de palha, de modo mais intenso que Connant. Uma, duas, três, quatro, cinco gotas da solução translúcida que o Dr. Copper havia preparado com as gotas de sangue do braço de Connant. O tubo foi mexido com cuidado e então colocado em uma proveta de água transparente e morna. O termômetro lia o calor sanguíneo, um pequeno termostato estalava ruidosamente e a chapa elétrica começou a brilhar. As luzes piscaram levemente.

Então, pequenas manchas brancas de precipitação começaram a formar-se, nevando dentro do fluído translúcido cor de palha.

— Meu Deus! — disse Connant. Jogou-se pesadamente na cama, chorando como um bebê. — Seis dias — Connant soluçava — seis dias lá dentro, perguntando-me se o maldito teste mentiria...

Garry aproximou-se em silêncio e deslizou o braço pelas costas do físico:

— Não poderia mentir — disse Dr. Copper. — O cão era imune a humanos, e o soro reagiu.

— Ele está... bem? — disse Powell ofegante. — Então... o animal está morto... morto para sempre?

— Ele é humano — disse Copper definitivamente — E o animal está morto.

Kinner explodiu em risadas histéricas. McReady virou-se em sua direção e bateu em seu rosto em uma ação metódica de um-dois, um-dois. O cozinheiro riu, tomou fôlego, chorou por um instante e sentou-se esfregando as bochechas e murmurando agradecimentos vagos.

— Ah, Jesus, eu estava com medo... Deus, como eu estava com medo...

McReady ria abalado.

— E você acha que nós não estávamos, sua besta? Você acha que Connant não estava?

O Prédio Administrativo agitava-se com um rejuvenescimento repentino. Vozes, risadas, os homens se aglomeravam ao redor de Connant falando em tons desnecessariamente altos, aquelas vozes nervosas e trêmulas novamente amigáveis e aliviadas. Alguém gritou uma sugestão e uma dúzia partiu em direção aos seus skis.

— Blair... Blair pode se recuperar — disse o Comandante Garry.

Rapidamente foi decidido. Um grupo de assistência se reuniu e partiu em direção à cabana de Blair, seus skis batendo ruidosamente. Corredor abaixo, os cães iniciaram um rápido uivo quando o ar de alívio animador os alcançou.

Dr. Copper estava inquieto com seus tubos. McReady foi o primeiro a notá-lo, sentado na ponta da cama, com dois tubos de ensaio de fluído cor de palha brancos pela precipitina, seu rosto mais branco que o conteúdo dos tubos, lágrimas silenciosas escorrendo de seus olhos abertos de terror.

McReady sentiu uma faca fria de medo perfurar seu coração e congelar seu peito. Algo estava errado.

Dr. Copper levantou o rosto.

— Garry — chamou com a voz rouca — Garry, pelo amor de Deus, venha aqui.

Comandante Garry andou em sua direção bruscamente. O silêncio assentou-se no Prédio Administrativo. Connant ergueu os olhos e levantou-se rígido de seu assento.

— Garry... o tecido do monstro... também se precipita. Isso não prova nada... nada além de que... além de que o cachorro também era imune a monstro... além de que um dos dois que contribuíram

com o sangue... um de nós dois, você e eu, Garry... um de nós dois
é um monstro!



6

— Mac, chame-os de volta antes que contem para Blair — disse Garry.

McReady foi até a porta; seus gritos ecoaram fracamente aos homens quietos e tensos no cômodo. Então, retornou.

— Estão vindo — ele disse. — Eu não disse o porquê, apenas que Dr. Copper falou para não irem.

— Van Wall — Garry suspirou —, você está no comando agora. Que Deus o ajude; eu não posso.

Van Wall sobressaltou-se de leve, olhando com olhos vazios e atordoados para Garry.

— Mas...

— Mas pode ser que seja eu — respondeu Garry. — Eu sei que não sou, mas não tenho como provar a vocês. O teste do Dr. Copper falhou; o fato de que ele o mostrou não serve de nada, já que era da vantagem do monstro manter essa falta de serventia desconhecida, podendo parecer uma prova de que é humano.

Copper balançou para frente e para trás vagarosamente na cama.

— Eu sei que sou humano. Mas também não posso provar. Um de nós dois é um mentiroso, pois esse teste não pode falhar e ele diz que um de nós é. Eu mostrei a prova de que o teste estava errado, o que parece provar que sou humano; agora Garry nos deu esse argumento que prova que sou humano, o que ele, como monstro, não deveria fazer. De volta e de volta e de volta e de volta...

A cabeça do Dr. Copper, e depois seu pescoço e ombros, começaram a girar devagar no tempo das palavras. De repente ele

estava deitado de costas na cama, rugindo em risadas.

— Não precisamos provar que um de nós é um monstro! Não precisamos provar de forma alguma! Ho-ho, se todos somos monstros, dá na mesma! Todos nós somos monstros, todos nós, Connant e Garry e eu e... e todos vocês.

— McReady — chamou Van Wall suavemente —, você estava estudando para ser médico quando começou na meteorologia, não estava? Pode assumir?

McReady aproximou-se de Copper devagar, pegou a agulha hipodérmica de sua mão e lavou-a com cuidado com álcool 95%. Garry sentou-se na beira da cama, seu rosto vazio, assistindo a Copper e McReady sem expressão.

— O que Copper disse é possível — suspirou McReady. — Van, me ajude aqui. Obrigado.

A seringa cheia espetou a coxa de Copper. A risada do homem não parou, mas aos poucos desapareceu em soluços e depois em sono profundo quando a morfina tomou posse de seu corpo.

McReady virou-se novamente. Os homens que haviam partido em direção a Blair estavam parados no canto mais distante do quarto, os rostos brancos como seus skis. Connant tinha um cigarro aceso em cada mão; baforava um deles distraído e encarava o piso. O calor do que estava em sua mão esquerda o atraiu e ele encarou um e o outro na outra mão de maneira estúpida por um momento. Soltou um deles e amassou-o devagar com o calcanhar.

— Dr. Copper — repetiu McReady — poderia estar certo. Eu sei que sou humano, mas é claro que não posso provar isso. Repetirei o teste para meu próprio conhecimento. Qualquer outro de vocês que quiser, pode fazer o mesmo.

Dois minutos depois, McReady segurava um tubo de ensaio com precipitina branca assentando-se lentamente no soro cor de palha.

— Ele também reage com sangue humano, então eles não são os monstros.

— Não achei que fossem — disse Van Wall dando de ombros. — Isso também não combinaria com o monstro; poderíamos destruí-lo se soubéssemos. Por que você acha que o monstro não nos destruiu? Ele parece estar à solta.

McReady bufou. Então riu suavemente.

— Elementar, meu caro Watson. O monstro quer ter formas de vida disponíveis. Parece que não pode animar um corpo morto. Está apenas esperando, esperando até que as melhores oportunidades cheguem. Nós que ainda somos humanos... ele está nos guardando para mais tarde.

Kinner estremeceu violentamente.

— Ei. Ei, Mac. Mac, eu saberia se fosse um monstro? Saberla se o monstro já tivesse me pegado? Ai meu Deus, eu posso já ser um monstro.

— Você saberia — respondeu McReady.

— Mas nós não.

Powell soltou uma breve risada, meio histérica. McReady olhou para o frasco de soro que restava.

— Há uma coisa para a qual esse troço serve, falando nisso. Clark, você e Van podem me ajudar? O resto do bando é melhor ficar junto aqui. Fiquem de olho um no outro — disse, desgostoso.

— Vejam se não se metem em nenhuma confusão, está bem?

McReady partiu túnel abaixo em direção à Vila dos Cães, com Clark e Van Wall atrás de si.

— Você precisa de mais soro? — perguntou Clark.

McReady balançou a cabeça.

— Testes. Temos quatro vacas e um boi e quase 70 cães aqui embaixo; essa coisa reage apenas a sangue humano e... monstros.



McReady voltou ao Prédio Administrativo e seguiu em silêncio para o lavatório. Clark e Van Wall juntaram-se a ele um momento depois. Os lábios de Clark haviam desenvolvido um tique, repuxando-se em caretas repentinas e inesperadas.

— O que você fez? — explodiu Connant, de repente. — Mais imunizante?

Clark riu entredentes e parou com um soluço.

— Imunizante. Ha! Imune sim.

— Aquele monstro — disse Van Wall sem pausas — é bastante lógico. Nosso cão imune estava até que bem, e retiramos um pouco mais de soro para os testes. Mas não faremos mais isso.

— Você... você não pode usar o sangue de um homem em outro cão... — começou a perguntar Powell.

— Não há — disse McReady com suavidade. — mais nenhum cão. Nem gado, posso acrescentar.

— Nenhum... cão? — Benning sentou-se devagar.

— São bastante nojentos quando começam a se transformar — disse Van Wall com precisão. — Porém, são lentos. Aquele ferro de eletrocutar que você fez, Barclay, é muito rápido. Sobrou apenas um cão, nosso imune. O monstro o deixou para nós, para que pudéssemos brincar com nosso testezinho. O resto...

— O gado... — Kinner engoliu em seco.

— Também. Reagiram lindamente. Ficam engraçados pra diabo quando começam a derreter. A besta não tem nenhuma fuga rápida quando está amarrada a correntes de cachorros ou cabrestos, e precisaria estar para imitar.

Kinner levantou-se devagar. Seus olhos percorreram o cômodo e pousaram, estremecendo horivelmente, sobre um balde de lata na cozinha. Devagar, passo a passo, recuou em direção à porta, sua boca abrindo e fechando em silêncio, como um peixe fora d'água.

— O leite — disse ofegante. — eu as ordenhei há meia hora — Sua voz rompeu-se em um grito quando atravessou a porta. Estava do lado de fora, na calota de gelo, sem proteção contra o vento nem roupas pesadas.

Van Wall olhou em sua direção por um momento, pensativo.

— Provavelmente, já está louco — disse por fim. — Mas pode ser um monstro escapando. Barclay, Rawsen, Tider e Powell, vocês conseguem pegá-lo. Ele não tem skis. Levem um maçarico... como precaução.

O movimento físico da perseguição os ajudou; era algo que deveria ser feito. Três dos outros homens estavam ficando enjoados. Dutton estava deitado de costas, o rosto esverdeado, mirando fixamente para o fundo da cama acima de si.

— Mac, há quanto tempo as vacas... estão...

McReady encolheu os ombros, desesperançado. Foi até o balde de leite e começou a trabalhar com seu pequeno tubo de soro. O leite o nublava, crescendo certa dificuldade. Finalmente largou o tubo de ensaio no suporte e balançou a cabeça.

— O teste deu negativo, o que significa que ou elas ainda eram vacas, ou que, por serem imitações perfeitas, o leite delas é perfeito.

Copper agitava-se incansavelmente em seu sono e emitia um cruzamento ruidoso de ronco com risada. Olhos silenciosos fixaram-se nele.

— Será que a morfina... um monstro... — alguém começou a perguntar.

— Só Deus sabe — disse McReady, encolhendo os ombros. — Ela tem efeito sobre cada animal terrestre que eu conheço.

Connant levantou a cabeça de repente.

— Mac! Os cães devem ter engolido pedaços do monstro e os pedaços os destruíram! Era nos cães que o monstro estava. Eu fui trancado. Isso não prova que...

Van Wall balançou a cabeça.

— Desculpe. Isso não prova nada a respeito do que você é, prova apenas o que você não fez.

— Não funciona assim — suspirou McReady. — Estamos indefesos porque não sabemos o suficiente e tão perplexos que não pensamos direito. Trancado. Deus, que piada! Já viu um glóbulo branco atravessar a parede de um vaso sanguíneo? Não? Ele transpassa um pseudópode tão bem que pode passar entre as paredes celulares, forçar seu caminho até o outro lado e então apenas fluir através do pseudópode. E lá está ele... do lado oposto da parede.

— Oh — disse Van Wall, sem alegria. — O gado tentou derreter, não tentou? Poderiam ter derretido... tornarem-se apenas uma corrente de substância e escorregar sob uma porta para juntar-se novamente do outro lado. Cordas... não, não... não funcionariam... eles não poderiam viver em um tanque lacrado...

— Se — disse McReady — você atira no coração e ele não morre, é um monstro. É o melhor teste que consigo pensar agora.

— Sem cachorros — disse Garry discretamente — e sem gado. Ele tem que imitar homens agora. E prender não ajuda em nada. Seu teste pode funcionar, Mac, mas acho que seria difícil para os homens.



Dwight levantou os olhos do fogão quando Van Wall, Barclay, McReady e Powell chegaram, tirando a neve das roupas. Os outros homens apertados no Prédio Administrativo continuaram a fazer o que estavam fazendo, jogando xadrez e pôquer, lendo.

Rawsen consertava um trenó sobre a mesa, Vane e Norris organizavam seus pensamentos a respeito dos dados magnéticos enquanto Harvey lia em voz baixa.

Dr. Copper roncava suavemente na cama. Garry trabalhava com Dutton em uma pilha de mensagens de rádio no canto da cama de Dutton e uma pequena parte da mesa de rádio. Connant usava a maior parte da mesa para as folhas de raio cósmico.

Através do corredor, apesar de duas portas fechadas, podiam ouvir claramente a voz de Kinner. Dwight bateu com uma chaleira no fogão e acenou para McReady em silêncio. O meteorologista aproximou-se dele.

— Eu não me importo muito em cozinhar — disse Dwight nervoso. — Mas não há alguma maneira de parar aquele palerma? Todos concordamos que seria seguro movê-lo até a Casa do Cosmo.

— Kinner? — McReady indicou a porta com sua cabeça. — Acho que não. Posso dopá-lo, penso eu, mas temos um estoque limitado de morfina e ele não corre risco de perder a cabeça. Está apenas histérico.

— Bem, nós corremos risco de perder a nossa. Você esteve fora por uma hora e meia; isso tem continuado sem parar desde então, e já acontecia duas horas antes. Tudo tem limite, sabe.

Garry aproximava-se, perambulando lentamente, encolhido. Por um instante, McReady captou a faísca selvagem do medo — do horror — nos olhos de Dwight, e soube no mesmo instante que ela também estava em seus próprios olhos. Garry... Ou Garry ou Copper certamente era um monstro.

— Se você puder parar com isso, acho que seria uma estratégia sensata, Mac — disse Garry calmamente. — Já tem... tensão o suficiente nesse quarto. Concordamos que seria seguro para Kinner ficar por lá, porque todo o resto do acampamento está sob constantes... observações — Garry deu uma leve estremecida. — E tente, tente em nome de Deus, achar algum teste que funcione.

McReady suspirou.

— Sendo observados ou não, todos estão tensos. Blair bloqueou a tranca, então ela não pode ser aberta. Diz que tem comida o suficiente e fica gritando “vão embora, vão embora... seus monstros. Eu não serei absorvido. Não serei... direi a eles quando chegarem... vão embora”. Então, fomos embora.

— Não há nenhum outro teste? — pleiteou Garry.

McReady encolheu os ombros.

— Copper estava certo. O teste de soro poderia ser definitivo se não tivesse sido... contaminado. Mas esse é o último cão que sobrou e ele já foi alterado.

— Testes, testes químicos...

McReady balançou a cabeça.

— Nossa química não é tão boa assim. Você sabe que tentei o microscópio.

Garry assentiu.

— O cachorro monstro e o cachorro real eram idênticos. Mas temos que seguir em frente. O que faremos após o jantar?

Van Wall havia se juntado a eles em silêncio.

— Alternaremos o sono. Metade da equipe dorme, metade fica acordada. Ai, Deus... quantos de nós são monstros? Todos os cães eram. Pensamos que estávamos a salvo, mas de alguma forma ela pegou o Copper... ou você — Os olhos de Van Wall piscaram inquietos. — Ela pode ter pego cada um de vocês, todos vocês menos eu podem estar se perguntando, olhando... não. Isso não é possível. Vocês simplesmente seguiriam em frente. Eu estaria indefeso. Nós humanos, de alguma forma, devemos estar em maior número agora. Mas... — ele parou.

McReady deu uma risada curta.

— Vocês estão fazendo o que Powell reclamou de mim. Não deixando as coisas às claras. “Mas se apenas mais um for transformado... isso pode alterar o equilíbrio do poder.” A coisa não luta. Acho que ela nunca luta. Deve ser pacífica, em sua própria maneira... inimitável, podemos dizer. Ela nunca precisou lutar, porque sempre chegou ao seu objetivo de... outra maneira.

A boca de Van Wall contorceu-se em um sorriso nauseado.

— Você está sugerindo, então, que talvez ela já esteja em maior quantidade, mas está esperando, esperando... todos eles... todos vocês, pelo que sei, esperando até que eu, o último humano, tenha o descuido de cair no sono. Mac, você percebeu os olhos deles, todos olhando para nós...

Garry suspirou.

— Você não esteve sentado aqui por quatro horas enquanto todos os olhos deles silenciosamente ponderavam sobre a informação de que um de nós dois, Copper e eu, sem dúvidas é um monstro, talvez ambos.

Dwight repetiu seu pedido.

— Vocês vão acabar com o barulho daquele imbecil? Ele está me deixando louco. Façam com que pelo menos abaixe o volume, de alguma forma.

— Ainda rezando? — perguntou McReady.

— Ainda rezando — lamentou Dwight —, não parou por um segundo. Não me importo com suas orações se elas o aliviarem, mas ele grita, canta salmos e hinos, vocifera preces. Ele acha que Deus não o escuta tão bem aqui embaixo.

— Talvez ele não possa — grunhiu Barclay —, ou teria feito algo a respeito dessa coisa fugida do inferno.

— Alguém vai tentar aquele teste que você mencionou, se você não impedir — afirmou Dwight com tristeza. — Acho que um cutelo na cabeça seria um teste tão positivo quanto uma bala no coração.

— Anda aí com a comida. Verei o que posso fazer. Deve haver algo nos armários. — McReady dirigiu-se, cansado, em direção ao canto que Copper usara como dispensa. Três armários altos de tábuas rústicas, dois deles trancados, eram os repositórios de suprimentos médicos do acampamento. Doze anos atrás, ele havia se graduado, entrado na residência e se redirecionado à meteorologia. Copper era um homem notável, um homem que conhecia sua profissão em profundidade e que se mantinha atualizado. Mais da metade dos remédios disponíveis eram completamente desconhecidos para McReady, muitos dos outros ele tinha se esquecido. Não havia nenhuma biblioteca médica grande ali, nenhuma série de periódicos disponível para aprender as coisas que esquecera, coisas simples e básicas para Copper, coisas

que não mereceram ser incluídas na pequena biblioteca com a qual havia sido forçado a contentar-se. Livros são pesados, e cada grama de suprimentos fora transportado pelo ar.

McReady pegou um barbiturato, esperançoso. Barclay e Van Wall foram com ele; um homem jamais ia a lugar algum sozinho no Grande Ímã.

O trenó de Rawsen fora levado para outro lugar e os físicos haviam liberado a mesa, o jogo de pôquer foi interrompido quando retornaram. Dwight tirava a comida. O tilintar de colheres e sons abafados de mastigar eram o único sinal de vida no cômodo. Nenhuma palavra foi dita quando os três retornaram; simplesmente todos os olhos focaram-se neles de forma questionadora, enquanto as mandíbulas moviam-se metodicamente.

McReady enrijeceu-se de repente, Kinner berrava um hino com uma voz rouca e falhada. Olhou exausto para Van Wall com um sorriso retorcido e balançou a cabeça.

— Aham.

Van Wall praguejou amargamente e sentou-se à mesa.

— Só resta aguentar até que sua voz acabe. Ele não pode gritar assim para sempre.

— Ele tem uma garganta de metal e uma laringe de ferro fundido — declarou Dutton. — Assim, podemos ter esperança e considerar que ele seja um de nossos amigos. Nesse caso, ele pode continuar a renovar sua garganta até o dia do juízo final.

O silêncio tomou conta da situação. Por vinte minutos, comeram sem dizer uma só palavra. Então Connant ficou de pé em um salto, com uma violência enraivecida.

— Vocês estão sentados parados como um bando de estátuas. Não dizem uma palavra, mas, Deus, que olhos expressivos vocês têm. Eles rolam pela sala como um punhado de bolas de gude caindo pela mesa. Eles piscam, cintilam, encaram e... sussurram coisas. Vocês poderiam olhar para outro lugar para variar, por favor? Ouça, Van, você está no comando aqui. Vamos passar alguns filmes pelo resto da noite. Estivemos guardando aqueles rolos para que eles durem. Durem para o quê? Quem é que verá aqueles últimos rolos, hein? Vamos assisti-los enquanto podemos, e olhar para algo que não seja um ao outro.

— Ideia sensata, Connant. Por mim, estou muito afim de mudar as coisas de qualquer maneira que puder.

— Aumente o som, Dutton. Talvez possamos abafar os hinos — sugeriu Dwight.

— Mas não... — disse Powell suavemente — não apague todas as luzes.

— As luzes serão apagadas — exclamou Van Wall. — Passaremos todos os desenhos animados que temos. Você não se importa de ver desenhos antigos, né?

— Belezinha... um show de desenho animado. Estou no clima.

Van Wall virou-se para ver quem falava; um cidadão da Nova Inglaterra, magricela e esguio, chamado Caldwell. Caldwell enchia seu cachimbo devagar, um olhar ácido apontado para Van Wall.

O comandante foi forçado a rir.

— Ok, Bart, você venceu. Talvez não estejamos no clima para Popeye e patos fraudulentos, mas é alguma coisa.

— Vamos jogar Adedonha — sugeriu Caldwell lentamente. — ou talvez vocês o chamem de Stop. Você desenha linhas em um pedaço de papel, e anota classes de coisas, como animais, um para “H” e um para “D” e assim por diante. Como “humano” e “desconhecido”, por exemplo. Acho que seria um jogo muito melhor. Adedonha, imagino, é algo precisamos nesse momento muito mais do que filmes. Talvez alguém tenha um lápis para podermos desenhar as linhas, desenhar as linhas entre os animais com “D” e os animais com “H”, por exemplo.

— McReady está tentando achar um lápis desses — respondeu Van Wall com calma —, mas nós temos três tipos de animais aqui, sabe. Um que começa com “M”. Não queremos mais nenhum.

— Malucos, você quer dizer. Uhum. Dwight, vou te ajudar com essas painéis para podermos começar nosso showzinho — Caldwell levantou-se devagar.

Dutton, Barclay e Benning, responsáveis pelos arranjos do projetor e dos mecanismos de som, iniciaram seu trabalho em silêncio enquanto o Prédio Administrativo era liberado, louças e painéis retiradas. McReady deslocou-se até Van Wall lentamente e recostou-se na cama ao seu lado.

— Tenho me questionado, Van — disse com um sorriso irônico —, se reporto minhas ideias com antecedência ou não. Eu me esqueci que os “animais com D”, como Caldwell os nomeou, podem ler mentes. Tenho uma ideia vaga de algo que pode funcionar. É vaga demais para dar-nos ao trabalho de refletir. Vá em frente com o seu show enquanto eu tento entender a lógica da coisa. Vou ficar com essa cama.

Van Wall olhou para cima e assentiu. A tela de cinema estaria praticamente alinhada com essa cama, assim fazendo com que as imagens distraíssem menos aqui, já que menos inteligíveis.

— Talvez você devesse nos dizer o que tem em mente. Da forma como está, apenas os desconhecidos sabem o que planeja. Você pode ser um... desconhecido antes que coloque o plano em ação.

— Não vai demorar muito, se eu resolver a questão. Mas não quero mais nada daqueles testes de cachorros e monstros. É melhor movermos Copper até o beliche logo acima de mim. Ele também não assistirá à tela — McReady acenou na direção da cama de Copper, que roncava suavemente. Garry ajudou-os a levantar o mover o médico.

McReady deitou-se na cama e quase mergulhou em um transe de concentração, tentando calcular as chances, operações, métodos. Mal notou enquanto os outros distribuíam-se em silêncio e a tela era acesa. De forma vaga, as preces frenéticas gritadas por Kinner e seu entoar irritante de hinos o perturbaram até que o acompanhamento sonoro começou. As luzes foram apagadas, mas as amplas áreas de luzes coloridas da tela refletiam iluminação suficiente para a pronta visibilidade. Ela fazia os olhos dos homens cintilarem enquanto moviam-se incansavelmente. Kinner ainda rezava e gritava; sua voz era um acompanhamento rouco ao som mecânico. Dutton aumentou a amplificação.

A voz prosseguira por tanto tempo que, a princípio, McReady percebeu vagamente que algo parecia estar faltando. Deitado onde estava, na direção contrária do cômodo estreito do corredor que levava à Casa do Cosmo, a voz de Kinner o alcançava com bastante clareza, apesar do acompanhamento sonoro das imagens. Ocorreu-lhe de forma abrupta que o som havia parado.

— Dutton, pare o som — chamou McReady ao sentar-se abruptamente.

As imagens piscaram por um momento, sem som e estranhamente fúteis naquele silêncio profundo repentino. Os ventos crescentes na superfície acima borbulhavam lágrimas melancólicas de som pelos dos tubos do fogão.

— Kinner parou — disse McReady suavemente.

— Pelo amor de Deus, ligue o som então; ele deve ter parado para escutar — afirmou Powell.

McReady levantou-se e desceu o corredor. Barclay e Van Wall deixaram seus lugares no fundo da sala para segui-lo. As luzes avolumaram-se e contorceram-se na parte traseira da roupa de baixo cinza de Barclay quando ele passou pelo feixe do projetor que ainda funcionava. Dutton ligou as luzes e as imagens sumiram.

Powell esperou na porta, como Van Wall pedira. Garry sentou-se em silêncio na cama mais próxima à porta, forçando Dwight a abrir espaço para ele. A maior parte do restante permaneceu exatamente onde estava. Apenas Connant andava devagar para cima e para baixo do cômodo, em um ritmo firme e consistente.

— Se vai ficar fazendo isso, Connant — desabafou Dwight —, podemos nos virar muito bem sem você, humano ou não. Pode parar com esse maldito ritmo?

— Desculpe. — O físico sentou-se em uma cama e, pensativo, observou as pontas de seus sapatos. Foram quase cinco minutos, cinco eras enquanto o vento era o único som, antes que McReady aparecesse na porta novamente.

— Nós — anunciou — não tivemos tristezas o suficiente aqui ainda. Alguém tentou nos ajudar. Kinner tem uma faca na garganta, provavelmente o motivo para ter parado de cantar. Temos monstros, malucos e matadores. Consegue pensar em mais algum “M”, Caldwell? Se houver, vamos ter em breve.



7

— Blair está solto? — perguntou alguém.

— Blair não está solto, a não ser que tenha fugido. Se há alguma dúvida em relação a de onde nosso gentil ajudante veio, isso poderá esclarecer as coisas — McReady segurava uma faca de 30cm e lâmina fina em um pano. O cabo de madeira estava meio queimado, carbonizado com o padrão peculiar do topo do fogão da cozinha.

Dwight encarou o objeto.

— Eu fiz isso essa tarde. Esqueci essa porcaria e a deixei no fogão...

Van Wall assentiu.

— Eu senti o cheiro, se você se lembra. Sabia que a faca tinha vindo da cozinha.

— Fico pensando — disse Benning, olhando para o grupo ao redor, desconfiado. — quantos monstros mais temos? Se alguém pudesse escapar desse lugar, passar por detrás da tela até a cozinha e então descer até a Casa do Cosmo e voltar... ele voltou, não voltou? Sim, todos estão aqui. Bem, se um da equipe pudesse fazer tudo isso...

— Talvez um monstro tenha feito — sugeriu Garry discretamente. — Existe essa possibilidade.

— Como você ressaltou hoje, só sobraram homens para o monstro imitar. Ele diminuiria seu... estoque, digamos assim? — apontou McReady. — Não, o que temos é um indivíduo puramente comum e desprezível, um assassino, para lidarmos. Em outro tempo, poderíamos chamá-lo de “assassino inumano”, suponho, mas agora temos que fazer distinção. Temos assassinos inumanos e agora temos assassinos humanos, ou pelo menos um.

— Há um humano a menos — disse Powell com descrição. — Talvez os monstros estejam em vantagem agora...

— Deixe isso para lá — suspirou McReady, virando-se para Barclay. — Bar, vá buscar seu aparelho elétrico. Só quero ter certeza de que...

Barclay virou no corredor para buscar a lança elétrica, enquanto McReady e Van Wall voltaram à Casa do Cosmo. Barclay os seguiu cerca de trinta segundos depois.

O corredor da Casa do Cosmo era tortuoso, assim como quase todos os corredores no Grande Ímã, e Powell estava de novo na entrada. Porém eles ouviram, bastante abafado, o grito repentino de McReady. Houve um turbilhão selvagem de pancadas, sons apagados e chiados.

— Bar, Bar, pelo amor de Deus! — Um miado curioso e selvagem silenciou antes mesmo que Powell chegasse à curva.

Kinner, ou o que havia sido Kinner, estava no chão, cortado ao meio pela grande faca que McReady segurava. O meteorologista estava encostado na parede, sem fôlego, a faca pingando vermelho na mão. Van Wall agitava-se no piso, gemendo, a mão esfregando o queixo de forma quase inconsciente. Barclay, com um brilho selvagem nos olhos, apertava metodicamente a arma elétrica nas mãos, espetando, espetando, espetando.

Nos braços de Kinner surgira um couro estranho e escamoso, e a carne havia se retorcido. Os dedos haviam diminuído, a mão ficado abaulada, as unhas se tornado chifres de um vermelho apagado com sete centímetros de comprimento, aparadas como garras de aço e afiadas como lâminas.

McReady levantou a cabeça, olhou vagamente para a faca na mão e a soltou. Sua risada tremia, quase uma risada de alívio.

— Bem, quem quer que tenha feito isso pode falar agora. Ele era um assassino inumano, já que assassinou um inumano. Juro por tudo o que é mais sagrado que Kinner era um cadáver sem vida no chão quando chegamos, mas quando descobriu que íamos espetá-lo com o dispositivo elétrico... ele mudou.

— Senhor! Essas coisas sabem atuar. Meu Deus... sentado ali por horas, proferindo rezas a um Deus que odiava! Gritando hinos

em uma voz falhada, hinos sobre uma Igreja que nunca conheceu. Deixando-nos loucos com seus uivos incessantes...

— Bem. Quem fez isso, pode falar agora. Você não sabia, mas fez um favor ao acampamento. E quero saber como diabos você saiu daquela sala sem ninguém te ver. Pode ajudar a nos protegemos.

— Seus gritos... seus cantos. Mesmo o projetor de som não podia abafá-los — Dwight estremeceu. — Era um monstro.

— Oh — disse Van Wall, compreendendo de repente. — Você estava sentado bem ao lado da porta, não estava? E quase detrás da tela de projeção.

Dwight assentiu, idiotizado.

— Ele... aquilo... está quieto agora. É um morto, Mac, seu teste não acertou em nada. Estava morto de qualquer forma, monstro ou homem, estava morto.

McReady soltou uma risadinha.

— Garotos, conheçam Dwight, o único que sabemos ser humano! Conheçam Dwight, o cara que prova ser humano ao tentar cometer assassinato... e falhar. O resto de vocês poderia, por favor, parar de tentar provar que são humanos por um tempo? Creio que tenhamos um outro teste.

— Um teste! — proclamou Connant com alegria, e então seu rosto baixou em desapontamento. — Suponho que seja outro no estilo “do jeito que você quiser”.

— Não — disse McReady com rispidez. — Olhe com cuidado e fique atento. Venha até o Prédio Administrativo. Barclay, traga sua arma elétrica e, por Deus, alguém... Button, fique ao lado de Barclay para garantir que ele faça isso. Observem cada vizinho, pois, seja lá de que inferno esses monstros venham, eu tenho algo e eles sabem disso. Eles ficarão perigosos!

O grupo tensionou-se abruptamente. Uma sensação esmagadora de ameaça adentrou o corpo de cada um; eles se olhavam de forma penetrante. A pergunta era mais incômoda do que nunca: seria esse homem próximo a mim um monstro inumano?

— Qual é o teste? — perguntou Garry, quando estavam novamente na sala principal. — Quanto tempo irá demorar?

— Eu não sei exatamente — disse McReady, a voz irritadiça pela determinação inflamada —, mas *sei* que vai funcionar e não terá duas respostas. Ele depende de uma qualidade básica dos *monstros*, não de nós. Kinner acabou de me convencer disto.

— Acho que isto — disse Barclay, levantando a arma de cabo de madeira com condutores carregados e pontas afiadas em sua extremidade — será bastante necessário. A estação de energia está segura?

Dutton confirmou severamente.

— A fornalha automática está cheia. A estação de energia a gás está em espera. Eu a preparei por causa do filme e a conferimos diversas vezes com cuidado, você sabe. Qualquer coisa que esses fios tocarem, morre — assegurou obstinadamente. — Eu *sei* disso.

Dr. Copper agitava-se vagamente em sua cama, esfregando seus olhos com a mão atrapalhada. Sentou-se devagar, piscou os olhos embaçados pelo sono e pelas drogas, olhos bem abertos com um horror indizível pelos pesadelos instigados pelos entorpecentes.

— Garry — resmungou —, Garry, ouça. Egoísta... eles vieram do inferno, um inferno lagoísta... quero dizer, ego... quero? O que quero dizer? — Afundou de volta em sua cama e roncou suavemente.

McReady olhou para ele, pensativo.

— Saberemos agora, meu amigo. — Ele acenou lentamente — Mas egoísta é bem o que você quer dizer. Você deve ter pensado nisso meio dormindo, meio sonhando. Não parei para pensar na doce coleção de sonhos que você deve estar tendo... mas tudo bem. Egoísta é a palavra. Eles devem ser, veja... — Virou-se para os homens na cabana, tensos e silenciosos, encarando com olhos de lobo cada um de seus vizinhos. — Egoístas e, como Dr. Copper disse, cada parte é um todo, cada pedaço é autossuficiente, um animal por si. É isso, mais uma outra coisa, que desvenda o caso. Não há mistério algum em relação ao sangue; é um tecido corporal normal tanto quanto um pedaço de músculo, um pedaço de fígado. Mas ele não tem tanto tecido conectivo, apesar de ter milhões, bilhões de células.

Os lábios de McReady contorceram-se em um sorriso lupino.

— Isso é divertido, de certa forma. Tenho bastante certeza de que nós, humanos, ainda estamos em maior número do que vocês... outros. Outros aqui presentes. E nós temos o que vocês, raça de outro mundo, evidentemente não têm. Um instinto que não é imitado, mas nasce conosco, um fogo motivador e inextinguível que é genuíno. Nós lutaremos, lutaremos com uma ferocidade que vocês podem tentar imitar, mas nunca irão igualar! Somos humanos, somos reais; vocês são um punhado de imitações, falsas até o núcleo de cada célula.

— Está bem. É hora do conflito. Vocês sabem... vocês, que leem mentes, já captaram a ideia em meu cérebro e não podem fazer nada a respeito.

— Aqui presentes...

— Deixe acontecer. Sangue é tecido. Eles têm que sangrar, se não sangrarem quando forem cortados, então, por Deus, são fraudes, fraudes saídas do inferno! Se sangrarem, então esse sangue, separado deles, é um indivíduo, *um novo indivíduo formado e independente, assim como eles separados, todos eles, de um original, são indivíduos!* Entendeu, Van? Vê a resposta, Bar?

Van Wall riu bem de leve.

— O sangue, o sangue não irá obedecer. É um indivíduo novo, com todos os desejos de proteger sua própria vida assim como faz o original, a massa principal da qual se separou. O *sangue* viverá e, digamos, tentará escapar para longe de uma agulha quente!

McReady pegou o bisturi de cima da mesa. Do armário, retirou um suporte com tubos de ensaio, uma lamparina à álcool e um pedaço de cabo de platina de um pequeno bastão de vidro. Um sorriso de satisfação penetrante correu por seus lábios. Por um momento, mirou a todos que estavam ao seu redor. Barclay e Dutton moveram-se lentamente em sua direção, o cabo de madeira do instrumento elétrico em alerta.

— Dutton — disse McReady —, você devia ficar ali junto ao encaixe onde conectou o cabo. Só garanta que ninguém... nada o arranque.

Dutton afastou-se.

— Agora, Van, creio que será o primeiro aqui.

Com o rosto pálido, Van Wall deu um passo à frente. Com uma precisão delicada, McReady fez um pequeno corte no dedão do homem. Van Wall contraiu-se de leve, então permaneceu firme conforme um centímetro de sangue era coletado no tubo. McReady colocou o tubo no suporte, deu a Van Wall um pouco de alume e indicou a garrafa de iodo.

Van Wall permaneceu imóvel, observando. McReady esquentou o cabo de platina na chama da lamparina à álcool e então mergulhou-o no tubo. Ele soltou um pequeno assobio. Por cinco vezes o teste foi repetido.

— Humano, eu diria — McReady suspirou e endireitou-se. — Por enquanto, *minha* teoria não foi de fato provada, mas tenho esperanças, tenho esperanças.

— A propósito, não fiquem interessados demais nisso. Temos entre nós alguns que não foram convidados, sem dúvidas. Van, você pode substituir Barclay na chave? Obrigado. Ok. Barclay, posso dizer que espero que fique conosco? Você é um cara bom pra caramba.

Barclay sorriu com incerteza; estremeceu sob a face afiada do bisturi. Nesse momento, com um sorriso aberto, recolheu sua arma de cabo longo.

— Sr. Samuel Dutt... *Bar!*

A tensão foi liberada naquele mesmo segundo. O que quer que fosse que os monstros poderiam ter dentro de si, os homens naquele instante se igualaram. Barclay não teve chance de mover sua arma quando uma penca de homens caiu sobre a coisa que havia se parecido com Dutton. Ela miou, cuspiu, tentou criar garras — e tornou-se uma centena de partes destroçadas e despedaçadas. Sem terem facas ou qualquer arma que não fosse a força brutal de uma equipe de homens selecionados, a coisa foi esmagada, espatifada.

Lentamente se recompuseram, os olhos ardendo, os movimentos discretos. Um enrugamento curioso em seus lábios deixava transparecer o nervosismo.

Barclay aproximou-se com a arma elétrica. As coisas ardiam e fediam; o ácido cáustico que Van Wall derrubava em cada gota de

sangue derramada fazia emanarem vapores que provocavam tosse e coceira.

McReady sorria, seus olhos acesos e vibrantes.

— Talvez — disse, com calma — eu tenha subestimado as habilidades humanas quando disse que nada humano poderia ter a ferocidade dos olhos daquela coisa que encontramos. Gostaria que tivéssemos a oportunidade de tratar essas coisas que encontramos de uma maneira mais apropriada. Algo como óleo fervente ou chumbo derretido, talvez torrâ-las na caldeira da estação. Quando penso no homem que Dutton era... Não importa. Minha teoria está confirmada por... digamos, por alguém que sabia? Bem, Van Wall e Barclay foram testados. Portanto, tentarei mostrar a vocês o que eu já sei: que eu também sou humano.

McReady passou o bisturi pelo álcool puro, evaporou-o da lâmina de metal e cortou a base de seu dedo habilmente.

Vinte segundos depois, levantou os olhos da mesa para os homens que aguardavam. Havia mais sorrisos agora, sorrisos amigáveis, mas, ainda assim, havia algo mais em seus olhos.

— Connant estava certo — McReady viu levemente. — Nossos garotos não devem nada para os huskies que assistiram àquela coisa na curva do corredor. Pergunto-me porque pensamos que apenas o sangue lupino tem o direito à ferocidade. Talvez, na perversidade espontânea, o lobo fique à frente, mas depois desses sete dias... abandonai toda a esperança, vós lobos que entrais aqui! Talvez possamos ganhar um tempo. Connant, você poderia dar um passo à fre...

Novamente Barclay foi lento demais. Houve mais sorrisos, menos tensos, quando Barclay e Van Wall terminaram seu trabalho.

Garry falou em uma voz baixa e amargurada.

— Connant era um dos melhores que tivemos aqui... e há cinco minutos eu juraria que era um homem. Deus do Céu, essas coisas malditas são muito mais do que uma imitação — Garry estremeceu e voltou a se sentar em sua cama.

Trinta segundos depois, seu sangue recuou do cabo de platina quente e lutou para escapar do tubo, tão freneticamente quanto a imitação dissolvida de Garry, selvagem e de olhos vermelhos, que lutava para esquivar-se da arma com língua de cobra. Barclay

avançou em sua direção, suando e com o rosto pálido. A coisa no tubo de ensaio gritou com uma vozinha metálica quando McReady a jogou no carvão irradiante do fogão da cozinha. Uma onda de fumaça fétida e repugnante ergueu-se.



— É o último deles? — Dr. Copper olhava de cima do beliche com olhos vermelhos e entristecidos. — Quatorze deles...

McReady confirmava devagar com a cabeça.

— Se pudéssemos ter prevenido de forma permanente sua propagação... eu gostaria de ter até as imitações de volta. Comandante Garry, Connant, Dutton... — McReady ria com pesar. — Até mesmo Dwight. Dwight, o qual pensamos saber que era humano. Que diabos poderia ter sido seu motivo... o motivo do monstro?

Copper balançava a cabeça devagar.

— Minha cabeça dói demais. Qual era sua teoria?

— Van Wall sugeriu egoísmo... e uma imitação boa demais. Talvez, ao imitar Dwight de forma tão exata, tenha vivenciado seus sentimentos. No plano de fundo, estava o egoísmo de cada parte do original que era, apesar disso, um indivíduo completo, com suas próprias ambições individuais. A ambição de reproduzir. Ao “matar” Kinner, forçou o outro monstro a assumir um papel inativo; por fim, foi descoberto e o matou. Forçá-lo à inatividade teria dado a “Dwight” mais liberdade para agir.

— Para onde estão levando aquelas... coisas? — Copper apontou com a cabeça em direção à maca que Barclay e Powell carregavam.

— Para fora. Lá fora no gelo, onde colocaram quinze caixas despedaçadas, meia tonelada de carvão e irão adicionar dez galões de querosene. Jogamos ácido em cada gota que respingou, em cada fragmento arrancado. Vamos incinerar tudo aquilo.

— Parece uma boa jogada — Copper concordava, cansado. — Pergunto-me... você tinha dito se Blair...

McReady sobressaltou-se:

— Nós nos esquecemos dele! Tínhamos tantas outras coisas! Pergunto-me... você acha que podemos curá-lo agora?

— Se... — começou Dr. Copper, parando com seriedade.

McReady sobressaltou-se uma segunda vez.

— Mesmo um louco. Ela imitou Kinner e suas rezas histéricas... — McReady virou-se em direção a Van Wall, na mesa comprida. — Van, temos que fazer uma expedição até a cabana de Blair.

Van ergueu os olhos incisiva mente, a cara fechada de preocupação desapareceu por um instante com a surpresa. Então, levantou-se, assentindo.

— É bom Barclay ir junto. Foi ele quem instalou as travas e pode dar um jeito de descobrir como retirá-las sem assustar Blair demais.

Três quartos de hora em um frio de -38°C , enquanto as cortinas da aurora cresciam lá em cima. O crepúsculo durava cerca de doze horas, flamejando ao norte na neve cristalina sob seus skis. Um vento de 25km a empilhava em montinhos alinhados em direção ao noroeste. Três quartos de hora para alcançar a cabana enterrada na neve. Fumaça alguma saía da pequena cabana e os homens se apressaram.

— Blair! — Barclay rugia em direção ao vento quando estava a pouco menos de cem metros de distância. — Blair!

— Cale a boca — disse McReady suavemente — e acelere. Ele pode estar tentando uma caminhada solitária. Se tivermos que segui-lo... sem aviões, os tratores inativos...

— Um monstro teria a resistência de um homem?

— Uma perna quebrada não o faria parar por mais de um minuto — apontou McReady.

Barclay arquejou de repente e apontou para o alto. Imprecisa no céu crepuscular, uma coisa com asas fazia curvas com uma graça e facilidade indescritíveis. Grandes asas brancas inclinavam-se gentilmente, e o pássaro passava acima de suas cabeças com uma curiosidade silenciosa.

— Albatroz — disse Barclay levemente. — O primeiro da estação, vagando em direção ao continente por alguma razão. — Se

um monstro estiver solto...

Powell abaixou-se no gelo e remexeu com pressa na sua pesada roupa à prova de vento. Levantou-se, o casaco aberto sacudindo, e uma implacável arma de metal azul na mão. Seu estrondo ameaçou o silêncio branco da Antártica.

A coisa no ar berrou roucamente. Suas grandes asas mexiam-se freneticamente conforme uma dúzia de penas caíam de sua cauda. Powell atirou novamente. O pássaro movia-se em retirada com velocidade agora, em uma linha quase reta. Berrou novamente, mais penas caíram e, batendo asas, disparou por detrás de uma crista de gelo compactado, desaparecendo.

Powell correu em direção aos outros.

— Ele não voltará — disse ofegante.

Barclay advertiu que fizesse silêncio, apontando. Uma luz curiosa e intensamente azul pulsava para fora das rachaduras da porta da cabana. Um zumbido muito baixo e sutil soava lá dentro, um zumbido baixo e sutil e um tilintar de ferramentas, sons que, de alguma forma, carregavam uma ideia de pressa frenética. O rosto de McReady empalideceu.

— Deus nos ajude se aquela coisa... — Agarrou o ombro de Barclay e ficou fazendo movimentos de corte com os dedos, apontando em direção às amarrações com cabos que seguravam a porta.

Barclay retirou os cortadores de fios do bolso e ajoelhou-se em silêncio junto à porta. Os estalos e vibrações dos cabos cortados faziam uma algazarra insuportável no silêncio completo da quietude antártica. Havia apenas o zumbido estranho e brando de dentro da cabana, os estranhos e breves tilintares e ruídos das ferramentas para abafar seus barulhos.

McReady espiou através de uma rachadura na porta. Inalou o ar com força e seus dedos agarraram cruelmente o ombro de Barclay. O meteorologista recuou.

— Não é — explicou com bastante suavidade — Blair. Está ajoelhado sobre alguma coisa na cama... alguma coisa que fica levantando. O que quer que seja que esteja trabalhando é algo como uma mochila... e ela levanta.

— Todos de uma vez — disse Barclay soturnamente. — Não; Powell, fique atrás e pegue aquele seu ferro. Ele pode ter armas.

Juntos, o corpo poderoso de Barclay e a força esguia de McReady atingiram a porta. Lá dentro, a cama que bloqueava a porta rangeu loucamente e quebrou-se em gravetos. A porta foi lançada abaixo com as dobradiças quebradas, a madeira remendada do batente caindo para dentro.

Como uma bola de borracha azul, uma Coisa quicava. Um de seus braços tentaculosos chicoteava como cobra atacando; em uma mão de sete tentáculos, havia um bastão semelhante a um lápis de 15cm de metal reluzente que cintilava e oscilava para cima, os confrontando. Seus lábios muito finos contraíam-se para trás, mostrando presas como as de cobra em um sorriso de ódio, os olhos vermelhos em chamas.

O revólver de Powell estrondou no espaço confinado. O rosto afundado em ódio contorceu-se em agonia, o tentáculo incisivo retraiu-se, a coisa prateada em sua mão era uma bola de metal amassada, a mão de sete tentáculos, uma massa de carne mutilada vazando icor amarelo esverdeado. O revólver estrondou três vezes mais, perfurando buracos negros em cada um dos três olhos antes que Powell arremessasse a arma vazia na cara dela.

A Coisa gritava com um ódio feroz, um tentáculo esfregava os olhos. Por um instante, arrastou-se pelo chão, tentáculos selvagens açoitando, o corpo se contorcendo. Então, cambaleou e ficou de pé novamente, olhos cegos em funcionamento, fervendo de forma odiosa, a carne esmagada despencando em punhados empapados.

Barclay se levantou e mergulhou para a frente com um machado de gelo. O fio do objeto pesado partiu o lado da cabeça da coisa. Novamente, o monstro que não podia ser morto caiu. Os tentáculos foram lançados e, de repente, Barclay caiu ao chão com o aperto de uma corda viva e furiosa. A coisa se dissolveu ao ser segurada, uma faixa quente e branca que queimava a carne das mãos como fogo vivo. De forma frenética, Barclay arrancou aquela coisa de si, mantendo as mãos onde não poderiam ser alcançadas. A coisa cega apalpava e lacerava o tecido grosso e à prova de vento em busca de carne — carne que pudesse converter.

O enorme maçarico que McReady havia trazido tossiu solenemente. De forma abrupta, expressou sua reprovação em roncões guturais. Então riu em gorgolejos e lançou uma língua de fogo azul e branco de um metro. A coisa no chão gritava e debatia-se às cegas, com tentáculos que se retorciam e definhavam na fúria borbulhante do maçarico. Ela engatinhava e virava-se no chão, gritava e mancava insanamente, mas McReady manteve o maçarico em sua cara, os olhos vermelhos queimando e fervendo. Freneticamente, a coisa engatinhava e uivava.

De um tentáculo surgiu uma garra selvagem, tostada pela chama. De forma decidida, McReady moveu-se em uma campanha planejada e nefasta. Indefesa, enlouquecida, a Coisa recuava da tocha reluzente, da língua que acariciava e lambia. Por um momento, rebelou-se, guinchando com um ódio inumano ao toque da neve gelada. Então, caiu para trás frente ao hálito carbonizante da chama, o fedor de sua carne a banhando. Desesperada, ela recuava... mais e mais através da neve antártica. O vento penetrante a varria, desviando a língua de fogo; em vão ela se debateu, uma trilha de fumaça oleosa e fedida borbulhando para longe.

McReady voltou para a cabana em silêncio. Barclay encontrou-o na porta.

— Mais nenhuma? — perguntou o meteorologista desanimadamente.

Barclay balançou a cabeça.

— Mais nenhuma. Ela não se separou?

— Ela estava com outras coisas na cabeça — assegurou McReady. — Quando a deixei, era um carvão incandescente. O que ela estava fazendo?

Barclay riu brevemente.

— Somos garotos espertos. Destruímos os ímãs para que os aviões não funcionassem. Arrancamos o tubo da caldeira dos tratores. E deixamos aquela coisa por uma semana na cabana, sozinha e sem ser perturbada.

McReady olhou para dentro da cabana com mais cuidado. O ar, apesar da porta arrancada, estava quente e úmido. Em uma mesa no canto mais distante, repousava um objeto com cabos enrolados e

pequenos ímãs, tubos de vidro e válvulas termiônicas. Ao centro, repousava um bloco de pedra bruta. Do centro do bloco vinha a luz que inundava o lugar, uma luz intensamente azul, mais azul que o brilho de um arco elétrico, e dela vinha um zumbido suave e sutil. Mais para o lado havia outro mecanismo de cristal, insuflado com uma delicadeza e cuidado incríveis, placas de metal e uma esfera estranha e cintilante de insubstancialidade.

— O que é aquilo? — McReady aproximou-se.

Barclay grunhiu.

— Deixe isso para Vane e Norris. Mas aposto que é força atômica. Aquela coisa à esquerda... é uma coisinha perfeita para fazer o que estivemos tentando fazer com um cíclotron de 100 toneladas e mais. Ela separa os nêutrons da água pesada que pegava do gelo ao redor.

— Onde ela pegou todo o... ah. É claro. Um monstro não poderia ficar trancado dentro... ou fora. Ele passou pelas caixas de aparelhagem. — McReady encarou os aparelhos. — Deus, que mentes essa raça deve ter...

— A esfera cintilante... penso que seja uma esfera de força pura. Nêutrons podem passar por qualquer matéria e ele queria um suprimento, um reservatório de nêutrons. Simplesmente projete nêutrons contra sílica, cálcio, berílio, quase qualquer coisa, e a energia atômica é liberada. Aquela coisa é o gerador atômico.

Powell enfiou um termômetro em seu casaco.

— Está fazendo 49°C aqui agora, mesmo com a porta aberta. Nossas roupas mantiveram o calor para fora até certo ponto, mas já estou suando.

Barclay concordou.

— A luz é fria. Descubri isso. Porém, emite calor para aquecer o lugar através daquela bobina. Ele tinha todo o poder do mundo, poderia manter o ambiente quente e agradável, da forma que sua raça imaginava o calor e o conforto. Você notou a luz, a sua cor?

McReady assentiu.

— Para além das estrelas, está a resposta. De um lugar além das estrelas, de um planeta mais quente que circula ao redor de um sol mais brilhante e mais azul, eles vieram.

McReady olhou para fora da janela em direção à trilha destruída e manchada pela fumaça que se revirava e seguia às cegas pela neve.

— Mais nenhum virá, creio eu. Foi um mero acidente terem pousado aqui. E, em nome de Deus, para que ela fez tudo aquilo? — Ele indicou o aparelho com a cabeça.

Barclay riu suavemente.

— Você reparou no que ela estava trabalhando quando chegamos? Olhe. — Ele apontou em direção ao teto da cabana. Como uma mochila feita de latas de café achatadas, com faixas de tecido e cintos de couro suspensos, o mecanismo estava preso ao teto.

Um minúsculo núcleo brilhante de chama superna queimava dentro, ardendo pela madeira do teto sem queimá-la. Barclay andou até lá, agarrou duas das tiras penduradas em suas mãos e puxou o objeto para baixo com esforço. Amarrou-o ao redor do corpo. Com um pequeno salto, foi carregado pelo quarto em um arco estranhamente lento.

— Antigravidade — disse Powell suavemente.

— Antigravidade — assentiu Barclay. — É, nós os impedimos, sem aviões e sem pássaros. Os pássaros não vieram..., mas eles tinham latas de café e partes de rádios e vidro e a oficina mecânica durante a noite. E uma semana, uma semana inteira só para ela. A América está a um pulo daqui, com antigravidade movida pela energia atômica.

— Nós as impedimos. Mais meia hora... ela estava apenas apertando as faixas no dispositivo para poder usá-la. Mais meia hora e teríamos ficado na Antártica e matado a tiros qualquer coisa que se movesse e chegasse do resto do mundo.

— O albatroz... — disse Powell suavemente. — Você acha que...

— Com essa coisa quase terminada? Com aquela arma mortal que tinha na mão?

— Não, pela graça de Deus, que, evidentemente, escuta bem, até mesmo aqui embaixo, e com a margem de meia hora, mantemos nosso mundo e os planetas do sistema também. Antigravidade, sabe, e força atômica. Porque *Elas* vieram de outro

sol, uma estrela além das estrelas; *Elas* vieram de um mundo com um sol mais azul.



EXTRAS



AS COISAS

Peter Watts

Este conto, escrito por Peter Watts e publicado em janeiro de 2010 na *Clarkesworld*, é a versão cinematográfica de *The Thing* (O enigma de outro mundo), de 1982, sob o ponto de vista da Coisa. Foi finalista nos prêmios BSFA 2010, Locus 2010 (melhor conto), Hugo 2011 e venceu o Shirley Jackson Award 2010 como melhor história baseada em um filme.

Estou sendo Blair. Estou fugindo pelos fundos enquanto o mundo entra pela frente.

Estou sendo Copper. Estou ressuscitando dos mortos.

Estou sendo Childs. Estou guardando a entrada principal.

Os nomes não importam. São marcadores, nada mais. Toda a biomassa é intermutável. O que importa é que são tudo o que sobra de mim. O mundo queimou o que restava.

Eu me vejo pela janela, avançando pela tempestade, usando Blair. MacReady me disse para queimar Blair se ele voltasse sozinho, mas MacReady ainda pensa que sou um dos seus. Mas não sou: estou sendo Blair e me encontro à porta. Estou sendo Childs e me deixo entrar. Comungo brevemente, com gavinhas se

contorcendo a partir dos meus rostos, entrelaçando: sou BlairChilds trocando informações sobre o mundo.

O mundo me descobriu. Encontrou a minha toca debaixo do barracão das ferramentas, o meio acabado salva-vidas, canibalizado pelas vísceras de helicópteros mortos. O mundo está ocupado destruindo os meus meios de fuga. Depois voltará à minha procura.

Só me resta uma alternativa. Desintegrar-me. Sendo Blair, vou compartilhar o meu plano com Copper e me alimentar da biomassa apodrecida uma vez chamada *Clarke*. Tantas alterações em tão pouco tempo esgotaram perigosamente as minhas reservas. Enquanto Childs, já havia consumido o que restava de Fuchs e agora estou pronto para a próxima fase. Ponho o lança-chamas nas costas e saio para a longa noite antártica.

Entrarei na tempestade para nunca mais voltar.



Eu já fui muito mais antes do acidente. Já fui explorador, embaixador, missionário. Espalhei-me pelo cosmos, conheci incontáveis mundos, comunguei: o apto recriava o inapto e todo o universo progredia em incrementos alegres e infinitesimais. Fui soldado, em guerra com a entropia. Fui a própria mão pela qual a Criação se aperfeiçoa.

Tanta sabedoria que tive. Tanta experiência. Agora não sou capaz de me lembrar de tudo o que sabia. Só me recordo de uma vez ter tido esse conhecimento.

Contudo, eu me lembro do acidente. A queda matou de imediato quase toda esta ramificação, mas parte dela conseguiu se afastar dos destroços: alguns trilhões de células, uma alma fraca demais para manter o controle. A biomassa amotinada se arrastou para longe, apesar das minhas tentativas desesperadas de me manter coeso: pequenos fragmentos de carne em pânico, desenvolvendo por instinto quaisquer membros de que se recordavam e fugindo pelo gelo ardente. Quando recuperei o controle do que restava, os focos de incêndio tinham se extinguindo e o frio regressava. Mal consegui desenvolver anticongelante suficiente para impedir que as minhas células estourassem antes de ser envolvido pelo gelo.

Também lembro do meu despertar: tediosas vibrações sensoriais em tempo real, as primeiras brasas de consciência, o lento calor da percepção, à medida que corpo e alma se abraçam após um longo sono. Lembro-me das ramificações bípedes que me rodeavam, dos estranhos sons que emitiam, da estranha *uniformidade* da estrutura corporal. Quão mal adaptados eles pareciam! Quão *ineficiente* era a morfologia deles! Mesmo incapacitado eu via muitas coisas que podiam ser corrigidas. Então estendi a mão. Comunguei. Saboreei a carne do mundo—

—e o mundo me atacou. Ele me *atacou*.

Deixei esse lugar em ruínas. Era do outro lado das montanhas — a *estação norueguesa*, como chamam por aqui — e nunca teria conseguido atravessar essa distância em uma pele bípede. Felizmente havia outra escolha, uma menor do que a bípede, mas mais adaptada ao clima local. Eu me escondi dentro dela enquanto o resto de mim repelia o ataque. Fugi para a noite sobre quatro patas e deixei que as chamas crescentes encobrissem minha fuga.

Só parei de correr quando cheguei aqui. Eu andei por entre estas novas ramificações usando a pele de um quadrúpede. Como não tinham me visto assumir outra forma, não atacaram.

E quando os assimilei — quando a minha biomassa se alterou e assumiu formas não familiares aos olhos locais — foi que fiz essa comunhão sozinho, pois descobrira que o mundo não gosta do que é desconhecido.



Estou sozinho na tempestade. Sou habitante de um profundo mar sombrio e alienígena. A neve é soprada em rajadas horizontais. Rodopia quando se choca contra barrancos ou contra elevações criando pequenos redemoinhos. Mas ainda não estou longe o suficiente. Ainda vejo a estação, brilhante nas trevas, uma confusão angular de luz e sombras, uma bolha de calor no abismo uivante.

Observo-a mergulhar na escuridão. Explodi o gerador. Agora já não há luz, a não ser pelos faróis luminosos ao longo das cordas-guia: fileiras de estrelas azuis pálidas açoitadas pelo vento, constelações de emergência destinadas a guiar a biomassa perdida de volta a casa.

Não vou voltar para a casa. Não estou tão perdido. Avanço pela escuridão até as estrelas desaparecem. Débeis gritos de homens assustados e furiosos chegam por trás trazidos pelo vento.

Em algum lugar atrás de mim, a minha biomassa separada se reagrupa em formas mais vastas e poderosas para o confronto final. Eu poderia ter me juntado a ela: ter escolhido a unidade em vez da fragmentação, ser reabsorvido e confortado pelo todo maior. Podia ter adicionado a minha força à batalha próxima, mas optei por um rumo diferente. Estou poupando as reservas de Childs para o futuro. O presente não contém nada além da aniquilação.

É melhor não pensar no passado.

Já passei tanto tempo no gelo. Não sabia quanto até o mundo juntar as pistas, decifrar as anotações e as gravações da estação norueguesa, e identificar o local da queda. A essa altura estava sendo Palmer. Insuspeito, acompanhei a expedição.

Cheguei até a me conceder um resto de esperança.

Contudo, o que encontrei já não era uma nave, nem sequer um destroço. Era um fóssil, incrustado no fundo de um enorme fosso arreventado da geleira. Vinte destas peles poderiam ter ficado uma em cima da outra e mal tocariam a borda da cratera. A escala temporal se instalou em mim com o peso de um mundo: quanto tempo teria sido preciso para que todo aquele gelo se acumulasse? Quantas eras teria o universo avançado sem mim?

E durante todo esse tempo, talvez um milhão de anos, não houve resgate. Nunca me encontrei. Eu me pergunto o que significa tudo isso. Será que ainda existo fora daqui?



De volta ao acampamento vou apagar o rastro. Darei a eles uma batalha final, um monstro para destruir. Deixá-los vencer. Para que deixem de procurar.

Voltarei ao gelo na tempestade. Seja como for, mal estive fora, estive vivo por apenas alguns dias, depois de toda essa eternidade. Mas nesse tempo aprendi muito. Pelos destroços descobri que não há reparos. O gelo me disse que não serei salvo. E com o mundo descobri que não haverá reconciliação. Agora, a única esperança de fuga é ir em direção ao futuro: sobreviver a toda esta biomassa

hostil e deformada, deixar que o tempo e o cosmos mudem as regras. Talvez da próxima vez que acordar, este mundo seja diferente.

Se passarão eras até que veja outro amanhecer.



Foi isto que o mundo me ensinou: a adaptação é provocação. A adaptação é um incentivo à violência.

É quase obsceno — uma ofensa contra a própria Criação — ter que ficar preso nesta pele. Está tão mal adaptada ao ambiente que precisa se enrolar em camadas múltiplas de tecido para se manter meramente aquecida. São várias formas de se melhorar: membros mais curtos, isolamento melhor, uma menor relação superfície-volume. Tantas formas que ainda guardo comigo e não me atrevo a usar, nem sequer para evitar o frio. Não me atrevo a me adaptar. Aqui, só posso me *esconder*.

Que tipo de mundo rejeita a *comunhão*?

É a mais simples e irredutível competência que a biomassa pode ter. Quanto maior a capacidade de mudança, mais poderemos nos adaptar. A adaptação é aptidão, a adaptação é *sobrevivência*. É mais profunda do que a inteligência, mais profunda do que o tecido: é *celular*, é axiomática. E mais, é *desejável*. Fazer comunhão é sentir o puro prazer sensual de melhorar o cosmos.

Mesmo assim, ainda que esteja encurralado nestas peles tão mal adaptadas, este mundo não quer *mudar*.

Comecei pensando que talvez não passasse de má nutrição, que aqueles desertos gelados não garantissem energia suficiente para mutações rotineiras. Ou talvez fosse uma espécie de laboratório: um canto anômalo do mundo, preso e congelado naquelas formas esquisitas, fazendo parte de uma experiência misteriosa qualquer de monomorfismo em ambientes extremos. Depois da autópsia me perguntei se o mundo teria simplesmente se *esquecido* de como mudar: sendo incapaz de tocar nos tecidos, a alma não poderia esculpir, tendo o tempo, o stress e a fome crônica apagado a memória de como o fazer.

Porém, havia muitos mistérios, muitas contradições. Por que aquelas formas *específicas*, tão mal adaptadas ao ambiente em que

se encontravam? Se a alma estava separada da carne, o que a manteria coesa?

E como podiam aquelas peles estar tão *vazias* quando nelas eu entrava?

Estou acostumado a encontrar inteligência por todo canto, percorrendo cada parte de todas as ramificações. Mas, não havia nada em que me agarrar na biomassa desprovida de mente daquele mundo: apenas ligações que transportavam ordens e informações. Comunguei sem que me fosse oferecido; as peles que eu escolhia se debatiam e logo sucumbiam; as minhas fibrilas se infiltravam na eletricidade úmida de todos os sistemas orgânicos. Vi através de olhos que ainda não eram meus, comandeí nervos motores que acionavam membros ainda feitos de proteína alienígena. Usei aquelas peles tal como fizera com muitas outras, assumi o controle e deixei que a assimilação das células individuais prosseguisse ao seu ritmo.

Claro que só podia usar o corpo. Não encontrava memórias para absorver, experiências ou compreensão. A sobrevivência dependia de me misturar e não bastava *parecer* com o que existia naquele mundo. Tinha que *agir* como ele — e pela primeira vez em toda a memória viva, não sabia como fazer isso.

Também não precisava, o que era ainda mais assustador. As peles que eu assimilava continuavam a se mover *sozinhas*. Conversavam e desempenhavam as tarefas que lhes tinham sido atribuídas. Não entendiam o que se passava. Eu penetrava cada vez mais fundo nos órgãos e nos membros a cada momento que passava, alerta a quaisquer sinais do dono original. Não encontrei redes além das minhas.



Claro que poderia ter sido muito pior. Podia ter perdido tudo, ficando reduzido a um punhado de células com nada além de instinto e de sua plasticidade para as guiar. Teria voltado a crescer — recuperado a senciência, comungado e regenerado um intelecto vasto como um mundo — mas seria um órfão, amnésico, sem noção de quem eu era. Pelo menos fui poupado disso: emergi da queda com minha identidade intacta, com os moldes de mil mundos ainda ressoantes

em minha carne. Mantive não só o desejo puro de sobreviver, mas também a convicção de que a sobrevivência é *importante*. Ainda sou capaz de sentir prazer, caso exista motivo suficiente.

Mesmo assim, costumava haver muito mais.

A sabedoria de tantos outros mundos, perdida. Tudo o que resta são resumos confusos, memórias limitadas de teoremas e filosofias excessivamente vastas para se acomodarem numa rede tão empobrecida. Eu poderia assimilar toda a biomassa deste lugar, reconstruir corpo e alma um milhão de vezes maior daquilo que aqui caiu — mas enquanto estiver encurralado no fundo deste poço, afastado da comunhão com o meu ser mais vasto, nunca recuperarei tal conhecimento.

Sou um fragmento miserável daquilo que fui. Cada célula perdida leva um pouco do meu intelecto com ela e acabei ficando tão pequeno... Enquanto em outros tempos pensava, agora me limito a *reagir*. Quanto disso poderia ter sido evitado, caso pudesse ter recuperado um pouco mais de biomassa dos destroços? Quantas opções me escapam por que minha alma não tem a dimensão necessária para as conter?



O mundo falava consigo mesmo, da mesma forma como eu o faço quando as minhas comunicações são simples o bastante para serem transmitidas sem fusão somática. Até mesmo como *cão* eu era capaz de captar os morfemas identificativos básicos — esta ramificação era *Windows*, aquela era *Bennings*, as duas que tinham partido com destino incerto na máquina voadora eram *Copper* e *MacReady* — e me sentia maravilhado com o fato daqueles pedaços ficarem isolados uns dos outros, de manterem a forma durante tanto tempo, que a identificação de alíquotas individuais de biomassa realmente serviu a um propósito útil.

Mais tarde me escondi dentro dos bípedes e aquilo que se ocultava naquelas peles assombradas começou a falar comigo. Disse que os bípedes se chamavam *caras*, ou *homens*, ou *idiotas*. Revelou que por vezes *MacReady* era chamado de *Mac*. Explicou que aquele aglomerado de estruturas era uma *estação*.

Disse que tinha medo, mas talvez isso fosse eu.

Claro que a empatia é inevitável. Não é possível imitar os impulsos e as químicas que motivam a carne sem também as *sentir* até certo ponto. Mas isto era diferente. Essas intuições tremeluziam em mim, mas se mantinham fora do alcance. As minhas peles andavam pelos corredores e os símbolos crípticos em todas as superfícies — *Horário da Lavandaria, Benvindo ao Clube, Este Lado Para Cima* — quase faziam um certo sentido. Aquele artefato pendurado na parede era um relógio: media a passagem do *tempo*. Os olhos da pele passeavam por aqui e por ali, e eu absorvia fragmentos da nomenclatura a partir da mente *dela* — do homem.

No entanto, eu estava apenas montando em um holofote. Via o que ele iluminava, mas não era capaz de apontar numa direção de minha escolha. Podia ouvir, mas apenas isso. Não tinha como interrogar.

Se ao menos um desses holofotes tivesse feito uma pausa para pensar sobre a sua própria evolução, sobre a trajetória que o levara àquele lugar... As coisas poderiam ter sido diferentes, caso eu *soubesse*. Mas tudo se resumiu a uma nova palavra:

Autópsia.

MacReady e Copper tinham encontrado parte de mim na estação norueguesa: uma ramificação que ficara para trás, queimada na esteira da minha fuga. Tinham-na trazido com eles — carbonizada, deformada, imobilizada no meio da transformação — e pareciam não saber do que se tratava.

Nessa altura estava sendo Palmer e Norris e cão. Juntei-me ao restante da biomassa e observei Copper me abrir e retirar as entranhas. Eu o vi tirar alguma coisa de trás dos meus olhos: algum tipo de *órgão*.

Era deformado e incompleto, mas o essencial era claro o suficiente. Parecia um grande tumor enrugado, como uma competição celular enlouquecida — como se os processos que definem a vida tivessem se virado contra ela. Era obscenamente vascularizado, devendo consumir oxigênio e nutrientes de forma absolutamente desproporcional à sua massa. Eu não conseguia imaginar como algo assim poderia existir, como teria sido capaz de alcançar tal dimensão sem ser superado por uma morfologia mais eficiente.

Eu também não era capaz de imaginar a sua utilidade. Mas depois comecei a olhar com novos olhos para estas ramificações, para as formas bípedes que as minhas células tinham copiado escrupulosa e precipitadamente ao me darem uma nova forma para este mundo. Não estando habituado a recorrer a inventários — para que catalogar partes corporais que se transformam em outras coisas com a menor provocação? — realmente *vi* pela primeira vez a estrutura inchada em cima de cada corpo. Era muito maior do que deveria ser: um hemisfério ósseo onde se poderia acomodar um milhão de ligações ganglionares com espaço de sobra. Cada ramificação dispunha de uma. Cada fragmento de biomassa tinha uma daquelas enormes excrescências deformadas de tecido.

Também percebi outra coisa: os olhos e os ouvidos da minha pele morta tinham se alimentado daquela coisa antes de Copper a ter tirado. Um aglomerado denso de fibras percorria o eixo longitudinal da pele, ao longo do centro do endosqueleto, chegando à cavidade escura e gelatinosa onde a proeminência descansava. Essa estrutura deformada tinha sido conectada a toda a pele, como uma espécie de interface somatocognitiva, mas muito mais massiva. Era quase como se...

Não.

Era *assim* que funcionava. Era assim que aquelas peles vazias se deslocavam por sua própria vontade; foi por isso que eu não havia encontrado outra rede com a qual pudesse me integrar. Estava *ali*: não se encontrava distribuído pelo corpo, mas sim enrolado em si próprio, escuro, denso e encistado. Eu havia encontrado o fantasma naquelas máquinas.

Senti-me enojado.

Estava compartilhando minha carne com um câncer consciente.



Algumas vezes, até mesmo se esconder não é o bastante.

Lembro-me de me ver espalhado sobre o piso do canil, uma quimera com centenas de divisões, em comunhão com uma meia dúzia de cães. Gavinhas carmesim se contorciam no chão. Réplicas semiformadas emergiram dos meus flancos, com formas de cães e

coisas nunca vistas neste mundo, morfologias aleatórias meio lembradas pelas partes de uma parte.

Eu lembro de Childs me queimar vivo antes de eu ser Childs. Lembro de me encolher aterrorizado dentro de Palmer, temendo que aquelas chamas pudessem queimar o resto de mim, que este mundo tivesse aprendido a atacar sem qualquer aviso.

Eu lembro de me ver cambalear pela neve, em puro instinto, enquanto usava Bennings. Tinha cotos retorcidos indiferenciados presos às mãos, como parasitas grosseiros, mais fora do que dentro; fragmentos sobreviventes de um massacre anterior, aleijados, descuidados, levando consigo o que podiam e se revelando ao mundo. Os homens o cercaram na noite: sinalizadores vermelhos na mão, luzes azuis pelas costas, os rostos bicromáticos e belos. Lembro-me de Bennings, envolto em chamas, uivando como um animal sob o céu escuro.

Eu lembro de Norris, traído por seu coração defeituoso, perfeitamente copiado. De Palmer morrendo para que o resto de mim pudesse viver. Windows, ainda humano, queimado por precaução.

Os nomes não importam. É a biomassa que interessa: tanta que se perdeu. Tantas experiências novas, tanta sabedoria recente destruída por este mundo de tumores conscientes.

Por que tinham me desenterrado? Para que me esculpir do gelo, me carregar por todo o caminho de destroços, me ressuscitar, e me atacar assim que acordo?

Se o objetivo era a erradicação, por que não me mataram logo assim que me encontraram?



Aquelas almas encistadas. Aqueles tumores. Escondidos nas suas cavernas ósseas, enrolados sobre si mesmos.

Eu sabia que não poderiam se esconder eternamente. Aquela anatomia monstruosa apenas retardou a comunhão, não a impediria. A cada momento que passava eu crescia um pouco. Eu podia me sentir envolvendo as ligações motoras de Palmer, avançando ao longo de um milhão de minúsculas correntes. Sentia

a minha infiltração naquela massa pensante escura atrás dos olhos de Blair.

Não passava de imaginação, é claro. Nesse ponto tudo são reflexos, inconscientes e imunes à microgestão. E, no entanto, parte de mim queria parar enquanto ainda havia tempo. Estou habituado a incorporar almas e não a compartilhar espaço com elas. Esta... esta *compartimentação* era algo sem precedentes. Eu já assimilara um milhão de mundos mais fortes do que este, mas nunca um que fosse tão bizarro. O que aconteceria quando me deparasse com a centelha do tumor? Quem assimilaria quem?

Naquele momento eu estava sendo três homens. O mundo começava a desconfiar, mas ainda não havia notado. Nem mesmo os tumores nas peles que eu tomara sabiam quão perto eu estava. Por isso eu só poderia ser grato — pela Criação ter *regras*, por existirem coisas que não mudam, fosse qual fosse a forma assumida. Não importa se uma alma se espalha através da pele ou se se propaga num isolamento grotesco, ela necessita sempre de eletricidade para funcionar. As recordações dos homens precisavam de tempo para se consolidar, para atravessar os portões que filtravam o ruído presente nos sinais — e uma descarga judiciosa de estática, mesmo indiscriminada, limpava a memória temporária antes do seu conteúdo ser armazenado de forma permanente. Pelo menos eliminava o suficiente para que esses tumores se esquecessem de que alguma outra coisa movia seus braços e pernas de vez em quando.

No começo, eu só assumia o controle quando as peles fechavam os olhos e os holofotes se agitavam de forma desconcertante através de imagens falsas, padrões que se fundiam sem sentido uns nos outros, como uma biomassa hiperativa incapaz de se acomodar numa única forma. (*Sonhos*, disse-me um holofote, e um pouco depois, *Pesadelos*.) Era seguro sair durante esses períodos misteriosos de dormência, em que os homens jaziam, inertes e isolados.

Contudo, pouco tempo depois os sonhos desapareceram. Os olhos passaram a estar sempre abertos, fixos nas sombras e uns nos outros. As ramificações até o momento dispersas pela estação começaram a se agrupar, a desistir de suas atividades solitárias em

favor da companhia. De início julguei que pudessem estar encontrando um ponto em comum no medo compartilhado. Cheguei mesmo a pensar que por fim fossem se libertar de sua misteriosa fossilização e assumir a comunhão.

Mas não. Tinham simplesmente deixado de confiar naquilo que não eram capazes de ver.

Estavam apenas se virando uns contra os outros.



As minhas extremidades começam a ficar entorpecidas. Os meus pensamentos desaparecem à medida que os alcances distais da minha alma sucumbem ao frio. O peso do lança-chamas puxa pelos arreios, constantemente me desequilibrando. Não sou Childs há muito tempo. Quase metade deste tecido permanece ainda não assimilado. Tenho uma hora, talvez duas, até ser obrigado a derreter minha tumba no gelo. Nesse momento, precisarei ter convertido células suficientes para impedir que a pele se cristalice. Concentro-me na produção de anticongelante.

É quase pacífico aqui fora. Há muito o que absorver, tão pouco tempo para processar. É preciso muita concentração para me esconder nestas peles e com tantos olhos me observando foi uma sorte que a comunhão tivesse durado o bastante para trocar lembranças: compor a minha alma estava fora de questão. Agora, no entanto, não tenho nada mais para fazer a não ser me preparar para o esquecimento. Nada para me ocupar os pensamentos, além de todas as lições não aprendidas.

O exame de sangue de MacReady, por exemplo. O seu *detector de coisas*, para revelar os impostores que se passavam por homens. Não funciona tão bem quanto o mundo pensa, mas o fato de funcionar de alguma forma viola as regras mais básicas da biologia. É o cerne do enigma. É a resposta para todos os mistérios. Eu já poderia ter solucionado se eu fosse um pouco maior. Talvez já pudesse conhecer o mundo, se este não estivesse determinado a me matar.

O teste de MacReady.

Ou é impossível, ou estive errado sobre tudo.



Eles não mudaram suas formas. Não comungaram. A paranoia e a desconfiança mútua cresciam, mas mesmo assim não uniram as almas. Limitaram-se a procurar o inimigo no *exterior*.

Por isso lhes dei algo que pudessem encontrar.

Deixei pistas falsas no computador rudimentar da estação: ícones e animações simplistas, valores e projeções errôneas, temperados com verdade o bastante para convencer o mundo da sua veracidade. Não interessava que a máquina fosse muito básica para realizar tais cálculos, ou que, fosse como fosse, não houvesse dados onde se basear. Blair era a única biomassa que poderia saber e ele já era meu.

Deixei indícios falsos, destruí os verdadeiros e depois — com o alibi no lugar — deixei que Blair enlouquecesse. Permiti que saísse para a noite e destruísse os veículos enquanto eles dormiam, puxando levemente suas rédeas para garantir que certos componentes vitais fossem poupados. Libertei-o na sala de rádio, observei pelos seus olhos e pelos de outros enquanto ele dava rédeas à fúria e destruição. Ouvi enquanto ele falava sobre um mundo em risco, sobre a necessidade de contenção, a convicção de que *a maioria de vocês não fazem ideia do que se passa por aqui* — mas eu *bem tenho noção* de que *alguns de vocês sabem...*

Estava certo de cada palavra. Pude vê-lo sobre o seu holofote. As melhores falsificações são aquelas que se esqueceram de que não são reais.

Depois de feitos os estragos necessários deixei que Blair sucumbisse ao contra-ataque de MacReady. Enquanto Norris sugeriu o barracão das ferramentas como cela. Enquanto Palmer selei as janelas e ajudei a preparar as frágeis fortificações destinadas a me conter. Observei o mundo que me trancava *para o seu bem, Blair*, e me cerrava só. Quando ninguém estava me vendo, mudava e saía, recuperava as peças de que precisava da maquinaria danificada. Levava para a minha toca sob o barracão e construía a minha fuga pouco a pouco. Eu me ofereci para alimentar o prisioneiro e retornava a mim quando o mundo não estava vendo, carregado de suprimentos suficientes para me manter durante todas as metamorfoses necessárias. Em três dias retirei um terço das reservas de alimentos da estação e — ainda preso aos preconceitos

— fiquei maravilhado com a dieta de fome que mantinha aquelas ramificações atadas a uma única pele.

Mais um pouco de sorte: o mundo estava muito ocupado para se preocupar com o inventário da cozinha.



Há algo no vento, um murmúrio que abre caminho sob a fúria da tempestade. Eu faço crescer as orelhas, alongo tecido quase congelado a partir dos lados da cabeça, giro como uma antena viva em busca da melhor recepção de sinal.

Ali, à minha esquerda: o abismo *brilha* levemente, desenhando redemoinhos negros de neve contra um breve oscilar das trevas. Ouço os sons de carnificina. Ouço a mim mesmo. Não sei que forma assumi, que tipo de anatomia poderá estar emitindo aqueles sons, mas já vesti peles suficientes em muitos mundos para identificar dor quando a ouço.

A batalha não está indo bem. A batalha está indo como planejado. Chegou a hora de me afastar, de dormir. É hora de esperar as eras.

Eu me inclino ao vento. Eu me movo em direção à luz.

O plano não é este, mas creio que já tenho uma resposta: talvez ela já estivesse comigo mesmo antes de me enviar mais uma vez ao exílio. Não é fácil de admitir. Continuo sem entender completamente. Quanto tempo estive aqui fora, recontando a narrativa para mim mesmo, preparando as pistas enquanto a minha pele morre lentamente? Há quanto tempo circulo essa verdade óbvia e impossível?

Ando em direção para o débil crepitar das chamas; sinto, mais do que ouço, a vibração dos depósitos explodindo. O vazio se ilumina à minha frente: o que é cinza passa a amarelo, e então a laranja. Um brilho difuso se transforma em muitos: uma parede solitária em chamas, miraculosamente de pé. O esqueleto fumegante do barracão de MacReady na colina. Um hemisfério rachado e incandescente que reflete o amarelo suave da luz tremeluzente: o holofote de Childs chama isso de uma *cúpula de rádio*.

O campo desapareceu por completo. Nada resta, além de chamas e escombros.

Não podem sobreviver muito tempo sem abrigo. Não com aquelas peles.

Ao me destruir, eles condenaram a si próprios.



As coisas poderiam ter sido muito diferentes se eu nunca tivesse sido Norris.

Norris era o ponto fraco: biomassa não só mal adaptada, como também *defeituosa*, uma ramificação com um interruptor para se desligar. O mundo já sabia há tanto tempo que deixara de pensar no assunto. Só quando Norris entrou em colapso é que o *problema cardíaco* flutuou para a superfície da mente de Copper, onde eu pude ver. Só quando Copper se sentou em cima do peito de Norris, esmurrando na tentativa de o reviver, é que percebi como iria terminar. Nessa altura já era tarde. Norris deixou de ser Norris. Deixou até de ser eu.

Tinha tantos papéis que desempenhar e tão poucas escolhas em qualquer um deles. A parte sendo Copper descarregou as placas do desfibrilhador na parte que fora Norris, um Norris tão fiel, cada célula escrupulosamente assimilada, cada parte da válvula danificada reconstruída até a perfeição. Não *sabia*. Como podia saber? Estas formas dentro de mim, os mundos e as morfologias que assimilei ao longo das eras — só as usara para me adaptar, nunca para me esconder. Esta imitação desesperada era um improviso, um último recurso contra um mundo que atacava tudo o que lhe era desconhecido. As minhas células interpretaram os sinais e agiram de acordo, inconscientes como prions.

Por isso me tornei Norris e este se autodestruíu.

Eu me lembro de me perder após a queda. Sei o que é me *degradar*, os tecidos revoltados, o esforço desesperado para recuperar o controle enquanto a estática de um órgão defeituoso interfere com o sinal. Ser uma rede que se separa de si mesma, saber que a cada momento sou menos do que no momento anterior. Para me tornar nada. Para me tornar legião.

Ao ser Copper percebi. Continuo sem saber como o mundo não. A essa altura, todas as suas partes haviam se virado umas contra as outras, com cada ramificação desconfiando de todas as restantes. Por certo estariam alertas a sinais de *infecção*. Certamente *algumas* dessas biomassas teriam notado o leve ondular de Norris ao mudar sob a superfície, o último recurso instintivo dos tecidos deixados por sua conta.

Mas fui o único a reparar. Sendo Childs só podia observar. Sendo Copper só tinha como piorar as coisas. Se tivesse assumido o controle direto, obrigado aquela pele a largar as placas, teria me revelado. Por isso interpretei os papéis até ao fim. Bati com as placas do desfibrilhador no peito de Norris enquanto ele se abria. Gritei na altura certa quando os dentes serrilhados concebidos a cem estrelas de distância se fecharam. Cai para trás, com os braços amputados acima do pulso. Os homens sucumbiram ao pânico. MacReady ergueu a arma. As chamas percorreram o espaço. Carne e maquinaria gritavam com o calor.

O tumor de Copper se desligou ao meu lado. De qualquer forma, o mundo não o deixaria viver depois de uma contaminação tão óbvia. Deixei a nossa pele se passando por morta no chão, enquanto sobre nossas cabeças, algo que em um dia fora eu se despedaçava, contorcia e percorria padrões aleatórios sem fim, procurando desesperadamente algo que fosse imune às chamas.



Eles se destruíram. Eles.

Que insano termo para aplicar a um mundo.

Alguma coisa se arrasta em minha direção através dos escombros: um quebra-cabeças denticulado e mole de carne escurecida e ossos mal absorvidos. Brasas incandescentes presas aos seus flancos como olhos brilhantes e ardentes. Não tem força o suficiente para apagar. Não chega a conter metade da massa da pele deste Childs. Grande parte, incinerada até se tornar carbono puro, já está morta.

O que resta de Childs, quase adormecido, pensa *filho da puta*, mas agora estou sendo ele. Posso muito bem suportar isso.

A massa me estende um pseudomembro, um último ato de comunhão. Sinto a minha dor.

Fui Blair, fui Copper, até fui um resto de cão que sobreviveu ao primeiro massacre incendiário e se escondeu nas paredes, sem alimento nem força para se regenerar. Depois me alimentei de carne a me assimilar, consumi, em vez de comungar. Eu revivi e me reabasteci, então voltei a me unir.

E, no entanto, não exatamente. Eu mal consigo me lembrar — muito foi destruído, tanta memória perdida — mas creio que as redes recuperadas das minhas diferentes peles ficaram um pouco dessincronizadas, mesmo quando unidas na mesma soma. Vislumbro uma lembrança quase corrompida de cão saindo do meu ser superior, faminta, traumatizada e decidida a manter a sua *individualidade*. Lembro-me de raiva e de frustração, que este mundo me corrompeu tanto que eu mal conseguia me encaixar novamente. Mas isso não importava. Agora eu era mais do que Blair, Copper e Cão. Eu era um gigante com a opções de escolha dentre as formas de mundos, um adversário mais do que à altura do último homem que me enfrentava.

No entanto, eu não estava à altura da dinamite que ele tinha na mão.

Agora sou pouco mais do que dor, medo e carne carbonizada malcheirosa. A senciência que me resta está mergulhada em confusão. Sou pensamentos dispersos e desconexos, dúvidas e fantasmas de teorias. Sou percepções, já muito tardias e esquecidas.

Mas também sou Childs e quando o vento finalmente sossega me lembro de pensar *Quem assimila quem?* A neve diminui e me lembro de um teste impossível que me despiu.

O tumor dentro de mim também se lembra. Eu posso vê-lo nos últimos raios do holofote que se desvanece — por fim, depois de tanto tempo, esse raio é apontado para o *interior*.

É apontado para mim.

Mal consigo ver o que ele ilumina: *Parasita. Monstro. Doença. Coisa.*

Sabe tão pouco. Sabe ainda menos do que eu.

Sei o suficiente, seu filho da puta. Ladrão de almas, violador comedor de merda.

Não sei o que isso significa. Há violência nesses pensamentos e penetração forçada na carne, mas por trás de tudo isso está algo que não consigo entender. Quase pergunto — mas o holofote de Childs se apagou enfim. Agora não há nada aqui dentro além de mim; nada lá fora, apenas fogo, gelo e escuridão.

Estou sendo Childs e a tempestade chegou ao fim.



Em um mundo que deu nomes sem sentidos a pedaços intermutáveis de biomassa, só um nome realmente importava: MacReady.

MacReady sempre foi quem esteve no comando. O conceito em si ainda parece absurdo: *no comando*. Como pode esse mundo não ver a insanidade das hierarquias? Uma bala no ponto vital e o norueguês *morre*, para sempre. Um golpe na cabeça e Blair fica inconsciente. A centralização é vulnerabilidade — e ainda assim, o mundo não se contenta em construir sua biomassa em um modelo tão frágil, impondo esse mesmo modelo aos seus metassistemas. MacReady fala, os outros obedecem. É um sistema com um ponto vulnerável embutido.

No entanto, de alguma forma, MacReady permaneceu *no comando*. Mesmo após o mundo ter descoberto as provas que eu deixara, mesmo depois de ter decidido que MacReady era *uma dessas coisas*, de trancá-lo fora para morrer na tempestade, de tê-lo atacado com fogo e machados quando ele lutou para voltar para dentro. De alguma forma, MacReady sempre teve a arma, sempre teve o lança-chamas, sempre teve a dinamite e a maldita vontade de eliminar toda a estação, caso fosse necessário. Clarke foi o último a tentar detê-lo. MacReady o acertou no tumor.

O ponto vulnerável.

Mas quando Norris se fragmentou, com cada pedaço rastejando instintivamente para salvar a vida, foi MacReady quem os recompôs.

Eu me sentia tão seguro de mim quando ele falou do *teste*. Amarrou todas as biomassas — *me* amarrou mais vezes do que

imaginou — e quase senti uma espécie de pena à medida que ele falava. Obrigou Windows a cortar todos nós, a retirar uma amostra de sangue de cada um. Aqueceu a ponta de um arame até ficar incandescente e falou de pedaços pequenos o suficiente para se revelarem, pedaços que dispunham de instinto, mas não de inteligência, nem de autocontrole. MacReady testemunhou a dissolução de Norris e ficou convencido: o sangue dos homens não iria reagir à aplicação de calor. O meu reagiria, caso fosse provocado.

É claro que ele pensava assim. Estas ramificações tinham esquecido de que podiam mudar.

Eu me perguntava como o mundo reagiria caso cada biomassa naquela sala se revelasse um metamorfo, caso a pequena experiência de MacReady demolisse a grande fachada e obrigasse os fragmentos contorcidos a enfrentar a verdade. Será que o mundo despertaria de sua longa amnésia, e se lembraria por fim que vivia, respirava e mudava como todo o resto? Ou já estaria perdido? — será que MacReady simplesmente queimaria cada ramificação, uma a uma, à medida que o sangue a traísse?

Nem acreditei quando MacReady mergulhou o arame quente no sangue de Windows e *nada aconteceu*. Algum tipo de truque, pensei. E depois o sangue de *MacReady* passou no teste, e o de Clarke.

O de Copper não passou. A agulha entrou e o sangue de Copper *estremeceu* levemente no prato. Quase nem o vi; os homens não reagiram a isso. Caso tivessem apercebido, certamente teriam atribuído isso ao tremor da mão de MacReady. De qualquer forma, julgavam que o teste não passava de um embuste. Cheguei mesmo a dizer isso enquanto Childs.

Isso porque admitir que não era seria muito surpreendente, muito aterrorizante.

Sendo Childs, sabia que havia esperança. O sangue não é alma: posso controlar os sistemas motores, mas a assimilação demora um tempo. Se o sangue de Copper estivesse puro o suficiente para passar despercebido, levaria horas até que eu tivesse motivo para temer o teste. Eu era Childs há ainda menos tempo.

Mas eu também era Palmer. Há dias que era Palmer. Cada célula dessa biomassa já fora assimilada. Não restava nada do original.

Quando o sangue de Palmer gritou e fugiu da agulha de MacReady só me restou me misturar com os outros.



Eu estava errado sobre tudo.

Fome. Experimento. Doença. Todas as minhas especulações, todas as teorias que elaborei para explicar aquele lugar — restrições hierárquicas, tudo isso. No fundo, sempre soube que a capacidade de mudar — de *assimilação* — tinha que ser uma constante universal. Nenhum mundo evolui se suas células não evoluem. Nenhuma célula evolui se não puder mudar. Essa é a natureza da vida em toda parte.

Em toda parte, menos aqui.

Este mundo não esqueceu de como mudar. Não foi manipulado para rejeitar a mudança. Aquelas não eram as ramificações atrofiadas de um ser maior, distorcidas às necessidade de algum experimento. Não estavam conservando energia, à espera do fim de uma escassez temporária.

Esta é a opção que a minha alma atrofiada e debilitada não foi capaz de compreender até agora: de todos os mundos que conheci, este é o único cuja biomassa *não* pode mudar. *Nunca pôde*.

É a única forma do teste de MacReady fazer algum sentido.

Eu digo adeus a Blair, a Copper, a mim mesmo. Redefino minha morfologia para os padrões locais. Sou Childs, de volta da tempestade para finalmente conjugar tudo. Algo se move à frente: uma mancha escura que se mexe contra as chamas, um animal exausto à procura de um local onde descansar. Ergue o olhar quando me aproximo.

MacReady.

Nós nos entreolhamos e mantemos a distância. Colônias de células se agitam desconfortavelmente no meu interior. Sinto os meus tecidos a se redefinirem.

“Você foi o único que sobreviveu?”

“Não fui o único...”

Tenho o lança-chamas. Tenho uma vantagem. MacReady parece não ligar.

Mas ele se importa. Ele *tem* que se importar, porque aqui, tecidos e órgãos não são alianças temporárias de batalha. São *permanentes*, predestinados. As macroestruturas não surgem quando os benefícios da cooperação superam os custos, nem se dissolvem quando o equilíbrio se inverte. Aqui, cada célula tem uma função imutável. Não há maleabilidade, não há forma de adaptação. Cada estrutura está imobilizada no seu lugar. Este não é um grande mundo único, mas sim muitos mundos pequenos. Não são partes de uma coisa maior. São *coisas*. São *plurais*.

E isso significa — imagino — que elas *param*. Elas... elas se *gastam* com o tempo.

“Onde você esteve, Childs?”

Lembro-me das palavras dos holofotes mortos: “Pensei ter visto o Blair. Fui atrás dele e me perdi na tempestade.”

Usei estes corpos, eu os senti por dentro. As articulações doloridas de Copper. A coluna torcida de Blair. Norris e o seu coração doente. Não foram feitos para durar. Não há evolução somática para moldá-los, não há comunhão para restaurar a biomassa e impedir a entropia. Nem sequer deviam existir; existindo, não deviam sobreviver.

No entanto, eles tentam. Como se esforçam. Tudo aqui é um morto que anda e ainda assim pelejam para viver mais um pouco. Cada pele luta tão desesperadamente quanto eu talvez fizesse, caso só pudesse dispor de uma vida.

MacReady tenta.

“Se por acaso você está preocupado comigo...” começo a dizer.

MacReady abana a cabeça e esboça um sorriso cansado. “Se estivermos guardando alguma surpresa na manga, não me parece que estejamos em condições de fazer muita coisa...”

Mas estamos. Eu estou.

Um planeta inteiro de mundos e nem um deles — nem *um único* — tem alma. Eles vagam por suas vidas separados e sozinhos, incapazes de comunicar exceto por grunhidos e sinais: como se a essência de um pôr do sol ou de uma supernova pudesse ser contida em alguma sequência de fonemas, em alguns traços

lineares de preto sobre branco. Nunca conheceram a comunhão, só podem aspirar à dissolução. Sim, o paradoxo de sua biologia é espantoso, mas a magnitude da solidão, a futilidade destas vidas, isso tudo, me deixa aterrorizado.

Fui tão cego, tão rápido a culpar. Porém, a violência que sofri nas mãos dessas coisas não reflete nenhum grande mal. Eles estão tão acostumados à dor, tão cegos pela deficiência, que literalmente não são capazes de conceber qualquer outro tipo de existência. Quando todas as terminações nervosas ficam em carne viva respondemos ao menor dos toques.

“O que devemos fazer?” pergunto. Não posso fugir para o futuro agora que tive conhecimento de tudo isto. Como poderia deixá-los assim?

“E se — esperássemos um pouco,” sugere MacReady. “Para ver o que acontece.”

Posso fazer muito mais do que isso.

Não vai ser fácil. Eles não vão entender. Torturados e incompletos, não têm *como* compreender. Quando presenteados com algo maior, enxergam apenas a perda do menor. Quando lhes oferecem a comunhão, eles só veem a extinção. Tenho que ser cuidadoso. Eu devo usar essa capacidade recém-descoberta para me esconder. Outras coisas vão aparecer e não importa se eles acham os vivos ou os mortos. Basta que encontrem alguma coisa igual a elas para levarem consigo. Por isso vou manter as aparências. Vou trabalhar nos bastidores. Vou salvá-las de *dentro*, caso contrário sua solidão inimaginável nunca terá um fim.

Estas pobres coisas selvagens nunca irão aceitar a salvação.

Terei de as violar para oferecer.

Peter Watts é um autor canadense de ficção científica e ex-biólogo marinho. Descrito como um dos melhores escritores de Hard SF, iniciou a sua carreira com o romance *Starfish* e em seguida *Maelstrom* e *Behemoth* que constituem a trilogia *Rifters*. Entre os seus romances mais notáveis está *Blindsight*. Sua lista (um pouco mais curta) de vinte indicações inclui Hugo, Shirley Jackson e Seiun.



QUEM ESTÁ AÍ?

Esta é a novela original *Who Goes There?* escrita por Campbell sob o pseudônimo de Don A. Stuart. Foi publicada pela primeira vez na *Astounding Science-Fiction*, edição de agosto de 1938, da qual ele era o principal editor.

||

O lugar fedia. Um mau cheiro estranho, misturado, que somente cabines de um acampamento na Antártida poderiam ter, composto de fedorento suor humano, e o pesado cheiro gorduroso de peixe oriundo de gordura de foca derretida. Um sobre tom de linimento combatia o cheiro de mofo das peles suadas e encharcadas de neve e suor. O odor acre de gordura queimada de cozinha, e o cheiro animal e desagradável dos cães, diluídos ao longo do tempo, estavam suspensos no ar.

Persistentes odores de óleo de máquina contrastavam fortemente com o cheiro apodrecido de roupas e equipamentos de couro. Mas de alguma forma, através de todo o fedor de seres humanos e seus associados — cães, máquinas e cozidos — vinha outra mácula. Era uma coisa estranha, de arrepiar o pescoço, com uma sugestão leve de um odor alienígena entre os cheiros da indústria e da vida. E era um cheiro de vida. Mas ele vinha de uma

coisa que jazia amarrada com cordas e lonas em cima da mesa, pingando lentamente, metodicamente sobre as tábuas pesadas, de forma fria e lúgubre sob o brilho desprotegido da luz elétrica.

Blair, o pequeno biólogo careca da expedição, contorceu nervosamente o invólucro, expondo o gelo escuro abaixo e então puxando o oleado de volta para seu lugar sem descanso. Seus pequenos movimentos de passarinho, com uma impaciência reprimida, dançavam sua sombra através da roupa de baixo de cor cinza sujo pendurada no teto baixo, a margem equatorial do cabelo grisalho duro em volta de sua careca como um halo cômico sobre a cabeça da sombra.

O comandante Garry afastou as pernas frouxas de uma roupa de baixo, e deu um passo em direção à mesa. Lentamente seus olhos varreram o círculo de homens ensardinados no prédio administrativo. Seu alto e rígido corpo endireitou-se finalmente, e ele acenou com a cabeça. “Trinta e sete. Todos aqui.” Sua voz era baixa, mas carregava a autoridade clara do comandante por natureza, bem como pelo título.

“Vocês conhecem o esboço da história por trás do achado da Expedição Polo Secundário. Eu estive conferindo com o segundo em comando McReady, e Norris, assim como Blair e o Dr. Copper. Há uma diferença de opinião, e por envolver o grupo todo, é justo que toda a equipe da Expedição participe disso.

“Eu vou pedir que McReady dê para vocês os detalhes da história, pois cada um de vocês tem estado muito ocupado com seu próprio trabalho para acompanhar de perto os esforços dos outros. McReady?”

Saindo do fundo azul esfumado, McReady parecia uma figura saída de algum mito esquecido, uma iminente estátua de bronze que ganhara vida, e caminhava. Com seus 1,93m de altura, parou ao lado da mesa, e, com um olhar característico para cima, para se assegurar do espaço sob o teto baixo, endireitou-se. Ele ainda vestia sua grosseira jaqueta corta-vento cor de laranja, ainda que ela parecesse deslocada em sua enorme estatura. Mesmo aqui, a 1,20m abaixo do forte vento que varria o deserto Antártico acima do teto, o frio do continente congelado penetrava, e dava significado à aspereza do homem. E ele era bronze — sua grande barba

vermelha-bronzeada, o cabelo pesado combinando. As mãos nodosas, com marcas de tensão, agarrando, relaxando, agarrando e relaxando nas tábuas eram bronze. Até mesmo os olhos fundos sob grossas sobrancelhas eram bronze.

Metal resistente a idade falou através dos contornos pesados de seu rosto, com tons maduros em sua voz pesada. “Norris e Blair concordam em uma coisa, esse animal que encontramos é não-terrestre na sua origem. Norris teme que possa haver perigo nisso; Blair diz que não há nenhum.

“Mas eu voltarei a como, e por que, nós o encontramos. Por tudo que conhecíamos antes de virmos para cá, parecia que esse ponto estava exatamente sobre o Polo Sul Magnético da Terra. A bússola aponta diretamente para baixo aqui, como todos vocês sabem. Os mais sensíveis instrumentos dos físicos, especialmente concebidos para esta expedição e para o estudo do polo magnético, detectaram um efeito secundário, um polo magnético secundário com menor influência a cerca de 130km ao sudoeste daqui.

“A Expedição Secundário Magnético saiu para investigá-la. Não há necessidade de detalhes. Nós o encontramos, mas ele não era o enorme meteorito ou montanha magnética que Norris tinha esperado encontrar. Minério de ferro é magnético, é claro; ferro mais ainda — e certos aços especiais têm ainda mais magnetismo. A partir de indicações superficiais, o polo secundário encontrado era pequeno, tão pequeno que o efeito magnético que ele tinha era absurdo. Nenhum material magnético concebível poderia produzir esse efeito. Sondagens através do gelo indicaram que ele estava a 30 metros da superfície da geleira.

“Eu acho que vocês deveriam conhecer as características do local. Há um amplo platô, uma área nivelada com mais de 240km de raio ao sul da estação secundária, conforme Van Wall diz. Ele não teve tempo ou combustível para voar mais longe, mas ele disse que ela segue suave para o sul. Bem ali, onde a coisa enterrada estava, há um cume de montanha congelado, um muro de granito de força inquebrantável que mantém o frio rastejante do sul condenado atrás dele.

“E por 640 quilômetros para o sul está o Planalto Polar Sul. Vocês me perguntaram diversas vezes por que aqui fica mais

quente quando o vento aumenta, e a maioria de vocês já sabe agora. Como meteorologista eu teria apostado minha palavra de que nenhum vento poderia soprar a -56°C — que nada além de um vento de 8km/h poderia soprar abaixo de -45°C — sem causar aquecimento devido ao atrito com o chão, com a neve e com o próprio ar.

“Nós acampamos na borda de uma cordilheira congelada por doze dias. Nós escavamos o acampamento no gelo azul da superfície, e escapamos da maior parte do vento. Mas por doze dias consecutivos o vento soprou a 72km/h. Ele foi até 77km/h, e caiu para 66km/h em alguns momentos. A temperatura era -53°C . Ela subiu para -51°C e caiu para -55°C . Isso era meteorologicamente impossível, e seguiu de forma ininterrupta por doze dias e doze noites.

“Em algum lugar ao sul, o ar congelado do Planalto Polar Sul desliza para baixo a partir dessa bacia por 5,5km, por uma passagem entre as montanhas, sobre uma geleira, e segue o rumo norte. Deve haver uma cadeia de montanhas que o afunila, e o varre para longe por 640km até atingir esse platô liso onde encontramos o polo secundário, e 560km mais distante ao norte alcança o Oceano Antártico.

“Isto tudo esteve congelado desde que a Antártida congelou a vinte milhões de anos atrás. Nunca houve um degelo lá.

“Vinte milhões de anos atrás a Antártida estava começando a congelar. Nós investigamos, analisamos e construímos especulações. O que nós acreditamos que aconteceu deve ter sido mais ou menos assim.^[4]

“Alguma coisa veio do espaço, uma espaçonave. Nós a vimos no gelo azul, uma coisa parecida com um submarino sem a torre de comando ou palhetas diretivas. Com 85 metros de comprimento e 14 metros de diâmetro na parte mais grossa.

“Como é, Van Wall? Espaço? Sim, mas eu vou explicar isso melhor depois.” A voz firme de McReady continuou.

“Ela desceu do espaço, impulsionada por forças que o homem ainda não descobriu, e de alguma forma — talvez algo tenha saído errado na época — ela se enroscou no campo magnético da Terra. Ela veio aqui para o sul, fora de controle provavelmente, circulando

o polo magnético. Aqui é uma terra selvagem, porém, quando a Antártida ainda estava congelando, deve ter sido milhares de vezes mais. Deve ter havido uma forte tempestade de neve, com muita neve carregada, e mais neve caindo enquanto o continente congelava. A tempestade deve ter sido particularmente ruim, com ventos lançando cobertores de branco sólido sobre as bordas da montanha agora enterrada.

“A nave bateu no granito sólido de frente, e se rachou. Não apenas todos passageiros nela morreram, mas a nave deve ter ficado arruinada, com seu mecanismo de movimento travado. Ela se enroscou no campo magnético da Terra, conforme acredita Norris. Nenhuma coisa feita por seres inteligentes pode enredar-se com a imensidão das forças naturais do planeta e sobreviver.

“Um de seus passageiros conseguiu sair. O vento que nós vimos lá nunca caiu abaixo de 66km/h e a temperatura nunca subiu acima de -50°C . Então — o vento deve ter sido ainda mais forte. E estava caindo uma lâmina sólida de neve. A coisa estava completamente perdida, em dez passos.”

Ele parou por um momento, a sua voz profunda e firme cedendo caminho para o zumbido do vento acima de suas cabeças, e ao inquieto, malicioso borbulhar da tubulação do aquecedor.

Uma correnteza — um vento em forma de correnteza varria acima de suas cabeças. Agora mesmo a neve pega pelo vento murmurante caía sobre eles, formando linhas através da face do campo enterrado. Se um homem sáísse dos túneis que conectavam cada um dos edifícios do acampamento abaixo da superfície, ele estaria perdido em dez passos. Lá fora, o fino dedo negro do mastro do rádio erguia-se 90 metros no ar, e seu topo estava no céu claro da noite. Um céu com um fino, lamentoso vento varrendo impetuosamente de um canto a outro sobre o manto que se desenrolava da aurora austral. E ao norte, o horizonte inflamava com estranhas e iradas cores do crepúsculo da meia-noite. Isso era a primavera a 90 metros acima da Antártida.

Na superfície — era a morte branca. Morte pelos dedos em forma de agulha impulsionados pelo vento, sugando o calor de qualquer coisa. Névoa branca e fria sem fim, eternamente à deriva, com finas partículas de neve lambendo e obscurecendo tudo.^[5]

Kinner, o pequeno cozinheiro com um rosto marcado por uma cicatriz, estremeceu. Cinco dias atrás ele tinha saído à superfície para um depósito de carne congelada. Já quando tinha começado a voltar, o vento veio do sul. Fria, a morte branca que seguia pelo chão o cegou em vinte segundos. Ele vagueou descontroladamente em círculos. Passou-se meia hora antes que homens com cordas guias vindos de baixo o encontrassem na escuridão impenetrável.

Era fácil para um homem — ou coisa — perder-se em dez passos.

“E o vento persistente da época foi provavelmente mais impenetrável do que nós pudéssemos imaginar.” A voz de McReady trouxe a mente de Kinner de volta num estalo. De volta para o bem vindo calor úmido do edifício da administração. “O passageiro da nave não estava preparado, ao que parece. Ele congelou a dez passos da nave.”

“Nós cavamos para baixo para encontrar a nave, e aconteceu de nosso túnel encontrar a criatura congelada. O machado de gelo de Barclay atingiu o seu crânio.

“Quando vimos o que era, Barclay voltou para o trator, ligou o motor e quando a pressão do vapor aumentou enviou um chamado para Blair e Dr. Copper. Barclay estava doente então. Ficou doente por três dias, melhor dizendo.

“Quando Blair e Copper vieram, nós cortamos o animal em um bloco de gelo, como vocês veem, o embalamos e carregamos no trator para retornarmos para cá. Nós queríamos entrar nessa nave.

“Chegamos ao lado e encontramos um tipo de metal que não conhecíamos. Nossas ferramentas não-magnéticas de bronze-berílio, não surtiam efeito. Barclay tinha algumas ferramentas de aço no trator, e essas também sequer o arranhavam. Nós fizemos testes razoáveis — até tentamos um pouco de ácido das baterias, sem resultados.

“Eles deviam ter um processo de passivação para fazer ligas de metal com magnésio resistente a ácidos, e a liga devia ser de pelo menos 95% magnésio. Mas nós não tínhamos como adivinhar isso, então quando percebemos a porta meio aberta, nós cortamos ao redor dela. Havia gelo transparente e resistente na fechadura, onde não conseguíamos alcançá-la. Através de uma pequena rachadura

pela qual podíamos olhar, percebemos que dentro havia apenas peças de metal, então decidimos soltar o gelo com explosivos.

“Nós tínhamos bombas de decanite e térmite. Térmite é uma suavizadora de gelo; decanite poderia destruir coisas valiosas, mas o calor da térmite deveria apenas derreter o gelo. O Dr. Copper, Norris e eu colocamos uma bomba de 11kg de térmite, a armamos e levamos o conector até a superfície onde Blair tinha o trator a vapor de prontidão. A 90 metros de distância, no outro lado do muro de granito nós detonamos a bomba de térmite.

“O magnésio metálico do navio não resistiu, é claro. O brilho da bomba queimou e morreu, e então começou a incendiar novamente. Nós corremos de volta para o trator, enquanto o brilho gradualmente aumentava. De onde estávamos podíamos ver o campo de gelo todo iluminado por uma luz insuportável; a sombra da nave formando um grande cone escuro na direção norte, onde o crepúsculo estava quase acabando. Por um momento ela durou, e nós contamos outras três sombras — coisas que devem ter sido outros passageiros — congeladas lá. Então o gelo começou a desabar e cair contra a nave.

“Foi por isso que eu descrevi o local. O vento varrendo a partir do polo vinha das nossas costas. Vapor e chama de hidrogênio foram arrancadas em direção ao oceano ártico antes de nos alcançar. Caso contrário, nós não teríamos voltado, até mesmo com o abrigo dessa crista de granito que parava a luz.

“De alguma forma, no inferno cegante, nós podíamos ver grandes coisas arqueadas, grandes volumes brilhando, mesmo assim. Eles derramaram a fúria incandescente do magnésio por algum tempo. Aqueles deviam ser os motores, nós sabíamos. Segredos se perdendo numa glória ardente — segredos que poderiam ter dado ao homem os planetas. Coisas misteriosas que poderiam levantar e arremessar aquela nave — que tinha afundado na força do campo magnético da Terra. Eu podia ver a boca de Norris se mover, enquanto se abaixava. Eu não podia ouvi-lo.

“O isolamento — ou algo do tipo — perdeu-se. Toda energia do campo magnético da Terra que eles absorveram vinte milhões de anos antes subitamente desprendeu-se. A aurora austral no céu acima se derramou, e todo planalto foi banhado num fogo frio que

cobria todo campo visual. O machado de gelo na minha mão ficou quente e vermelho, e chiou no gelo. Os botões de metal nas minhas roupas queimaram em mim. E um flash de azul elétrico queimou para cima além da parede de granito.

“Em seguida os paredões de gelo caíram sobre a nave. Por um instante ela guinchou como o gelo seco faz quando é pressionado entre metal.

“Nós ficamos cegos e tateando na escuridão por horas enquanto nossos olhos se recuperavam. Nós descobrimos que todas as bobinas no raio de um quilômetro fundiram-se em lixo, assim como o dínamo de cada aparelho de rádio, fones de ouvido e alto-falantes. Se nós não tivéssemos um trator a vapor, nós não teríamos chegado até o Acampamento Secundário.

“Van Wall veio do Grande Magneto no nascer do sol, como vocês sabem. Nós viemos para casa assim que possível. Essa é a história da — ...disso.” A grande barba bronze de McReady gesticulou em direção à coisa em cima da mesa.



2

Blair agitou-se inquieto, seus pequenos dedos ossudos contorcendo-se sob a luz áspera. Pequenas sardas marrons nas juntas de seus dedos deslizavam para trás e para frente enquanto os tendões sob a pele se contorciam. Ele afastou um pouco a lona e olhou impacientemente para a coisa dentro do gelo escuro.

O grande corpo de McReady endireitou-se um pouco. Ele tinha montado o sacolejante e rangente trator a vapor por 64km naquele dia, empurrando-se do Grande Magneto para aqui. Mesmo sua natureza calma havia sido pressionada pela ansiedade de voltar-se a reunir-se com outros humanos. Era solitário e silencioso lá fora no Acampamento Secundário, onde o vento uivava como um lobo para baixo do polo. Vento que uivava como um lobo em seu sono — ventos zumbindo monotonamente, e a má, indizível face do monstro olhando de soslaio para cima quando ele a viu pela primeira vez através do claro gelo azul, com uma machadinha de bronze enterrada em seu crânio.

O meteorologista gigante falou novamente. “O problema é deles. Blair quer examinar a coisa. Descongele-o e faça micro laminas de seus tecidos e assim por diante. Norris não acredita que é seguro, e Blair acredita. Dr. Copper concorda muito bem com Blair. Norris é um físico, é claro, não é um biólogo. Mas ele mostra um ponto de vista que eu acho que todos deveriam ouvir. Blair tem descrito as formas de vida que biólogos encontraram vivendo, até mesmo em um lugar frio e inóspito como esse. Elas congelam todo o inverno, e descongelam em todos os verões — por três meses — e vivem.

“O ponto de vista que Norris mostra é: eles descongelam, e vivem novamente. Podem existir formas de vida microscópicas

associadas a esta criatura, como existe em todas as coisas vivas que nós conhecemos. E Norris teme que possamos soltar alguma praga — algum germe causador de alguma doença desconhecida na Terra — se nós descongelarmos essas coisas microscópicas que estiveram congeladas por vinte milhões de anos.

“Blair admite que tais formas de vida microscópicas possam ter o poder de reviver. Tais coisas desorganizadas como células individuais podem reter a vida por períodos desconhecidos, mesmo quando solidamente congeladas. A besta em si está morta como os mamutes congelados que foram encontrados na Sibéria. Formas de vida organizadas, altamente desenvolvidas, não podem suportar esse tratamento.

“Mas, vida microbiana poderia. Norris sugere que nós poderíamos liberar alguma forma de doença contra a qual o homem, nunca tendo a conhecido antes, estaria completamente indefeso.

“A resposta de Blair é que pode haver tais germes ainda vivos, mas que Norris tem o caso reverso. Eles são totalmente não imunes ao homem. Nossa química de vida provavelmente—”

“Provavelmente!” A cabeça do pequeno biólogo levantou-se em um movimento rápido como o de um pássaro. O halo de cabelos grisalhos em sua cabeça calva arrepiou-se de forma zangada. “Heh. Um olhar—”

“Eu sei,” McReady reconheceu. “A coisa não é terrena. Não parece provável que ela possa ter uma química de vida suficiente parecida com a nossa para fazer a infecção cruzada remotamente possível. Eu diria que não há nenhum perigo.”

McReady olhou para o Dr. Copper. O médico sacudia sua cabeça lentamente. “Ou seja, nenhum.” afirmou confiante. “O homem não pode infectar ou ser infectado por germes que vivem em parentes relativamente próximos como as cobras. E elas estão, eu asseguro,” seu rosto bem barbeado mostrando uma careta inquieta, “muito mais próximas de nós que — isso.”

Vance Norris moveu-se com raiva. Ele era comparativamente menor neste encontro de grandes homens, com cerca de 1,76m, e sua constituição robusta tendia a fazê-lo aparentar ser ainda mais baixo. Seu cabelo preto era arrepiado e duro, como fios de aço curtos, e seus olhos tinham o cinza de aço fraturado. Se McReady

era um homem de bronze, Norris era todo aço. Seus movimentos, seus pensamentos, toda a sua influência tinha o rápido, e duro impulso de uma mola de aço. Seus nervos eram de aço — rígidos, de ação rápida, velozmente corrosiva.

Ele estava decidido sobre o seu ponto de vista agora, e saiu em sua defesa com rápido fluxo de palavras. “Que se dane a química diferente. Essa coisa pode estar morta — ou, por Deus, pode não estar — mas eu não gosto disso. Droga Blair, deixe-os ver essa coisa maldita e decidir por si próprios se querem aquela coisa descongelada neste acampamento.

“Descongelá-la, por sinal, deveria ser feito em um dos galpões hoje à noite, se formos descongelá-la. Alguém — quem está de vigia hoje à noite? Magnético... — ah, Connant. Raios cósmicos hoje à noite. Bem, você começará sentando com essa múmia de vinte milhões de anos dele.

“Desembrulhe isso Blair. Como diabos eles podem dizer o que estão comprando se não podem vê-la? Ela pode ter uma química diferente. Eu não sei o que mais tem, mas eu sei que tem algo que eu não quero. Se você pode julgar pelo olhar na sua cara — ela não é humana, então talvez você não possa — ela ficou irritada quando congelou. Irritada, de fato, é apenas uma aproximação da forma como ela deve ter se sentido: maluca, loucamente raivosa, nada disso chega perto da realidade.

“Como diabos esses patos podem dizer no que estão votando? Eles não viram aqueles três olhos vermelhos, nem o cabelo azul como vermes rastejantes. Rastejantes — maldição, eles parecem rastejantes mesmo no gelo agora!

“Nada gerado na Terra jamais mostrou tal indescritível sublimação de devastadora ira que essa coisa deixou em sua face quando olhou em volta dessa desolação congelada há vinte milhões de anos atrás. Raivosa? Ela estava completamente furiosa — queimava com pura fúria.

“Inferno, eu tenho sonhos ruins desde que olhei para esses três olhos vermelhos. Pesadelos. Sonhando que a coisa descongelou e voltou à vida — que não estava morta, ou mesmo totalmente inconsciente por todos esses vinte milhões de anos, mas apenas ficou lentamente esperando — esperando. Vocês vão sonhar

também, enquanto essa coisa maldita que não pertence à Terra estiver pingando, pingando na Casa Cosmos hoje à noite.

“E, Connant,” Norris disparou para o especialista em raios cósmicos, “você não vai se divertir sentado a noite toda no silêncio. Vento lamurioso acima — e essa coisa pingando.” — Ele parou por um momento, e olhou em volta.

“Eu sei. Isso não é ciência. É psicologia. Você vai ter pesadelos por um ano depois disso. Toda noite desde que eu olhei para aquela coisa eu os tive. É por isso que eu a odeio — certamente a odeio — e não quero ela por perto. Deveríamos colocá-la de volta de onde veio, e deixá-la congelar por outros vinte milhões de anos. Eu tive alguns pesadelos recorrentes — que ela não é como nós — o que é óbvio — mas de uma espécie de carne diferente que ela pode controlar. Que ela pode mudar de forma, e assumir a forma de um homem — e esperar para matar e comer—

“Esse não é um argumento lógico. Eu sei que não é. A coisa não segue a lógica terrena, de qualquer maneira.

“Talvez tenha uma química corporal alienígena, e talvez seus germes tenham uma diferente química corporal. Um germe pode não suportar isso, mas, Blair e Copper, e quanto a um vírus? Eles são apenas moléculas de enzimas, diz-se. Eles podem não precisar de nada mais que uma molécula de proteína de qualquer tipo de corpo para trabalhar.

“E como você pode está tão certo de que, das milhões de variedades de vida microscópica que ela pode ter, nenhuma seja perigosa? E quanto a doenças como a hidrofobia — a raiva — que ataca qualquer criatura de sangue quente, sem se importar com sua química corporal? E a febre do papagaio? O seu corpo é como a de um papagaio, Blair? E quanto ao simples apodrecimento — gangrene — necrose, o que preferir? Isso tudo não é muito exigente quanto à química corporal!”

Blair olhou para cima de seu capuz apenas o suficiente para encontrar os olhos cinzentos raivosos de Norris por um instante. “Até agora a única coisa que você disse dessa coisa é que ela está lhe dando pesadelos. Sinto que tenho que admitir isso também.” Um sorriso travesso, ligeiramente maligno atravessou seu rosto

enrugado. “Eu tive alguns, também. Então, isso são sonhos infecciosos. Sem dúvida uma doença extremamente perigosa.

“Tanto quanto as outras coisas ditas, você tem uma ideia errônea sobre vírus. Em primeiro lugar, ninguém demonstrou essa teoria enzimática, e que apenas isso os explicaria. E em segundo lugar, quando você pegar a doença mosaico do tabaco, ou ferrugem do trigo, me avise. Uma planta de trigo é muito mais próxima da sua química corporal do que essa criatura do outro mundo é.

“E sua hidrofobia é limitada, estritamente limitada. Você não pode pegá-la, ou transmiti-la, para uma planta de trigo ou a um peixe — que é um descendente colateral de um ancestral comum seu. O que essa coisa, Norris, não é.” Blair acenou agradavelmente em direção ao volume coberto por lonas na mesa.

“Bem, descongele a maldita coisa em uma banheira de formol, se você precisa descongelá-la. Eu sugeri que...”

“E eu disse que não havia nenhum sentido nisso. Você não pode transigir a esse respeito. Por que você e o comandante Garry vieram aqui em baixo para estudar magnetismo? Por que vocês não estavam contentes em casa? Porque não existe força magnética suficiente em New York. Eu não poderia estudar a vida dessa coisa uma vez que estivesse transformada em pickles de formol mais do que você poderia conseguir a informação que deseja lá em New York. E — se tratássemos isso dessa forma, nunca mais poderíamos duplicar a experiência no futuro! A espécie dela deve ter se extinto nos vinte milhões de anos que ela jazia congelada, então mesmo que tenha vindo de Marte então, nós nunca mais encontraríamos coisa parecida. E — a nave está perdida.

“Há apenas uma maneira de fazer isso — e essa é a melhor maneira possível. Ela deve ser descongelada lentamente, cuidadosamente, e sem formol.”

O comandante Garry foi para frente novamente, e Norris voltou para trás resmungando com raiva. “Eu acho que Blair está certo, cavalheiros. O que vocês acham?”

Connant resmungou. “Isso parece o certo para nós, eu acho — apenas, talvez ele devesse montar guarda enquanto isso está descongelando.” Ele sorriu com pesar, alisando uma mecha de

cabelo avermelhado para trás de sua testa. “Uma ideia genial, de fato — ele ficar com seu alegre pequeno cadáver.”

Garry sorriu levemente. Uma risada geral de comum acordo irrompeu no grupo. “Eu diria que qualquer fantasma que ele pode ter tido deve ter morrido de fome se a coisa ficou perdida por aqui por tanto tempo, Connant,” Garry sugeriu. “E você parece capaz de cuidar dele. O Connant ‘homem de ferro’ ainda deve ser capaz de cuidar de qualquer adversário.”

Connant sacudiu-se inquieto. “Eu não estou preocupado com fantasmas. Vamos ver essa coisa. Eu—”

Ansiosamente Blair arrancou as cordas. Uma simples volta da lona revelou a coisa. O gelo tinha derretido um pouco no calor da sala e estava claro e azul, como vidro. Ele brilhou molhado e lustroso sobre a luz crua do bulbo da lâmpada descoberta acima.

A sala ficou tensa abruptamente. Ela estava com o rosto para cima na mesa plana e gordurosa. A metade quebrada do machado de bronze ainda estava enterrada no estranho crânio. Três olhos insanos, cheios de ódio brilhavam com um fogo vivo, como sangue fresco derramado, de um rosto contornado por um repugnante ninho de vermes azuis, que rastejavam onde o cabelo deveria crescer.

Van Wall, com puros 1,82m e 91kg de piloto com nervos de gelo, deu um estranho e estrangulado grito, e saiu tropeçando em direção ao corredor. Metade da companhia saiu correndo para as portas. Os outros tropeçaram para longe da mesa.

McReady situou-se em uma das extremidades da mesa observando eles, seu grande corpo plantado em suas poderosas pernas. Norris do lado oposto encarou a coisa com um calor ardente. Do outro lado da porta, Garry estava falando com meia dúzia de homens ao mesmo tempo.

Blair usava um martelo de gelo. O gelo ficou exposto nitidamente sobre sua garra de aço enquanto ele descascava a coisa que ficou encaixotada por vinte milhões de anos—



3

“Eu sei que você não gosta da coisa, Connant, mas ela tem que ser descongelada da forma correta. Você diz deixe como está até chegarmos de volta à civilização. Tudo bem, eu concordo que seu argumento de que nós poderíamos fazer um trabalho melhor e mais completo soa melhor. Mas — como vamos conseguir fazer isso ao longo do caminho? Nós temos que levar isso através de uma zona temperada, da zona equatorial e meio caminho através de outra zona temperada antes de chegarmos a New York. Você não fica sentado com ela uma noite, mas sugere, então, que eu pendure o corpo no freezer junto com a carne?” Blair olhou para cima de sua careca sardenta, acenando triunfante.

Kinner, o atarracado, cozinheiro com o rosto marcado por uma cicatriz, salvou Connant do trabalho de responder. “Ei, escute aqui senhor. Você colocou essa coisa na caixa com a carne, e por todos os deuses que já existiram, eu vou colocá-lo para fazer companhia. Vocês já trouxeram tudo que se move nesse acampamento para as minhas mesas bagunçando-as, e eu tenho que aguentar isso. Mas se você colocar coisas como essa em minha caixa de carne ou no meu depósito aqui, eu vou cozinhar suas malditas tripas.”

“Mas, Kinner, essa é a única mesa no Grande Magneto que é grande o suficiente para trabalharmos,” Blair objetou. “Todo mundo já explicou isso.”

“Pois é, e todo mundo traz de tudo para cá. Clark traz seus cachorros toda vez que eles brigam e os costura nessa mesa. Ralsen traz os seus trenós. Que inferno, a única coisa que vocês ainda não colocaram nessa mesa é o Boeing. E vocês o teriam

colocado se tivessem encontrado uma forma de passá-lo através dos túneis.”

O comandante Garry soltou uma risada abafada e acenou para Van Wall, o gigantesco Piloto Chefe. A grande barba loira de Van Wall torceu-se suspeitamente quando ele assentiu com seriedade para Kinner. “Você está certo, Kinner. O departamento de aviação é o único que te trata bem.”

“Aqui costuma ficar superlotado, Kinner,” Garry concordou. “Mas temo que encontramos-nos dessa forma, às vezes. Não existe muita privacidade em um acampamento na Antártida.”

“Privacidade? Que diabos é isso? Você sabe, a coisa que realmente me fez chorar, foi quando vi Barclay marchando e cantando ‘A Última Madeira’ pelo acampamento! ‘A Última Madeira’ no acampamento! Enquanto construía aquela casa em seu trator. Maldito, eu senti mais falta daquela porta do banheiro com buraco em forma de meia lua do que senti do sol quando ele se pôs. Não foi apenas a última madeira que Barclay levou com ele. Ele acabou com o que restava da privacidade nesse lugar maldito.”^[6]

Um sorriso tomou forma no rosto pesado de Connant enquanto encarava o resmungão perene e bem humorado Kinner enquanto este recomeçava. Mas ele sumiu rapidamente quando seus olhos escuros e profundos voltaram-se novamente para a coisa de olhos vermelhos que Blair estava descascando de seu casulo de gelo. A sua grande mão raspou por seus cabelos compridos na altura dos ombros, enquanto puxava uma mecha que caia atrás da orelha em um gesto familiar. “Eu sei que o barraco dos raios cósmicos vai ficar muito cheio se eu tiver que ficar sentado lá com essa coisa,” ele rosnou. “Por que você não quebra o gelo em volta dela — você pode fazer isso sem ninguém se intrometer, eu lhe asseguro — e então pendura a coisa sobre a caldeira da casa de força? Lá é quente o suficiente. É possível descongelar uma galinha, ou até mesmo uma peça inteira de carne naquele lugar, em apenas algumas horas.”

“Eu sei.” Blair protestou, derrubando o martelo de gelo para gesticular mais efetivamente com seus dedos sardentos e ossudos, e com seu corpo pequeno tenso com a ansiedade. “Mas isso é muito importante para arriscarmos. Nunca houve um achado como

esse; e nunca haverá outro novamente. É a única chance que a humanidade já teve, e isso deve ser feito da forma correta.

“Olhe, você lembra como os peixes que pegamos perto do Mar de Ross congelavam tão rapidamente assim que colocávamos no deck, e voltavam à vida se nós os descongelássemos gentilmente? Formas de vida inferiores não são mortas por congelamento rápido seguido por lento descongelamento. Nós temos...”

“Ei, pelo amor de Deus — você quer que essa maldita coisa volte à vida!” Connant gritou. “Dê-me esse maldito machado — Deixe-me cuidar disso! Isso vai estar em tantos pedaços...”

“NÃO! Não, seu tolo...” Blair pulou na frente de Connant para proteger seu precioso achado. “Não. Apenas formas de vida inferiores. Por Deus, deixe-me terminar. Você não pode descongelar formas de vida superiores e revivê-las. Espere um momento agora — Espere! Um peixe pode voltar após ser congelado porque é uma forma de vida tão inferior que as células individuais de seu corpo podem reviver, e isso apenas é suficiente para restabelecer a vida. Qualquer forma de vida superior descongelada está morta. Apesar de ser possível reviver células individuais, elas morrem porque precisam de organização e esforço cooperativo para viver. Essa cooperação não pode ser restabelecida. Existe uma espécie de vida potencial em qualquer animal congelado rapidamente de forma correta. Mas eles não podem — não podem sob qualquer circunstâncias — voltar a vida se forem formas de vida superiores. Animais superiores são muito complexos, muito delicados. Essa criatura inteligente é tão superior em sua evolução quanto nós somos na nossa. Talvez ainda mais superior. Ela está tão morta quanto um homem congelado poderia estar.”

“Como você pode saber?” exigiu Connant, erguendo o machado de gelo que ele pegou momentos antes.

O comandante Garry colocou uma mão apaziguadora em seu ombro pesado. “Espere um minuto, Connant. Eu quero fazer isso da forma correta. Eu concordo que não deve haver descongelamento dessa coisa se existir a mais remota chance dela reviver. Concordo plenamente que seria muito desagradável se ela revivesse, mas eu não acho que exista a mais remota possibilidade disso acontecer.”

O Dr. Copper puxou seu cachimbo de entre os dentes e levantou seu atarracado corpo escuro do beliche onde estava sentado. “Blair está sendo técnico. Isso está morto. Tão morto como os mamutes que encontraram congelados na Sibéria. Vida potencial é como energia atômica — está aqui, mas ninguém consegue usá-la, e ela certamente não se libera por si mesma, exceto em casos raros, tão raros como o rádio em uma analogia química. Nós temos todos os tipos de prova de que as coisas não podem viver depois de serem congeladas — nem mesmo peixes, de forma geral — e não há prova de que animais superiores possam, sob quaisquer circunstâncias. Qual é ponto, Blair?”^[7]

O pequeno biólogo sacudiu-se. A pequena juba de cabelo em volta de sua careca ondulou com raiva justificada. “O ponto é,” ele disse em um tom injuriado, “que células individuais podem mostrar as características que tinham em vida, se descongeladas apropriadamente. Uma célula muscular de um homem vive muitas horas após sua morte. Apenas porque elas vivem, e poucas coisas como cabelo e células das unhas ainda vivem, você não acusaria um cadáver de ser um zumbi, ou algo assim.”^[8]

“Agora, se eu descongelar essa coisa, eu posso ter uma chance de determinar o tipo de mundo da qual ela era nativa. Nós não temos, e não podemos saber por outros meios, se ela veio da Terra, Marte, Vênus, ou de além das estrelas.

“E só porque ela parece diferente dos homens, você não tem que a acusar de ser má, cruel, ou algo assim. Talvez essa expressão em sua face seja o equivalente a resignação com o destino dela. Branco é a cor do luto para os chineses. Se homens podem ter costumes diferentes, por que não uma raça tão diferente não teria diferentes entendimentos sobre expressões faciais?”

Connant sorriu suavemente, sem alegria. “Resignação pacífica! Se isso é o melhor que poderia fazer no caminho da resignação, eu não gostaria nem um pouco de vê-la quando estivesse furiosa. Essa face nunca foi projetada para expressar paz. Ela simplesmente não tem quaisquer pensamentos filosóficos como paz em sua composição.

“Eu sei que é o seu bichinho de estimação — mas sejamos sensatos sobre isso. A coisa deve ter nascido no mal, adolesceu

assando vivos lentamente o equivalente local a gatinhos, e divertiu-se na maturidade com novas e engenhosas formas de tortura.”[9].

“Você não tem o menor direito de dizer isso,” retrucou Blair. “Como você pode conhecer algo sobre o significado de uma expressão de natureza não humana! Ela pode muito bem não ter nenhum equivalente humano de qualquer tipo. Isso é apenas um diferente desenvolvimento da Natureza, outro exemplo da sua maravilhosa adaptabilidade. Crescendo em outro, talvez mais exigente, mundo, ele teria forma e características diferentes. Mas isso é apenas um filho legítimo da Natureza, assim como você é. Você está mostrando uma infantil fraqueza humana de odiar o diferente. Em seu próprio mundo isso provavelmente classificaria você como um baiacu, uma monstruosidade branca com um insuficiente número de olhos e um corpo pálido cheio de micoses fungoides e inchado com gás.

“Só porque sua natureza é diferente, você não tem o direito de dizer que é necessariamente maligna.”

Norris explodiu em um sonoro, explosivo, “Ei!” Ele olhou para baixo para a coisa. “Talvez essas coisas de outros mundos não tenham que ser más apenas porque são diferentes. Mas essa coisa era! Filha da Natureza, não é? Bem, isso era o inferno de uma Natureza maligna.”

“Droga, por que vocês não resolvem isso em outro lugar e tirem essa maldita coisa da minha mesa?” Kinner rosnou. “E cubram isso. Isso está indecente.”

“Kinner ficou recatado,” zombou Connant.

Kinner inclinou seus olhos para o grande físico. A bochecha marcada pela cicatriz retorceu-se para encontrar a linha dos lábios em um sorriso torcido. “Tudo bem, garotão, e sobre o que você estava reclamando um minuto atrás? Podemos colocar a coisa em uma cadeira ao seu lado essa noite, se você quiser.”

“Eu não tenho medo da sua cara,” Connant disparou. “Eu particularmente não gosto da ideia de ficar acordado sobre seu cadáver, mas vou fazê-lo.”

O sorriso de Kinner espalhou-se. “Uh-huh.” Ele foi em direção ao fogão e sacudiu as cinzas vigorosamente, abafando o som do gelo sendo picado que Blair emitia ao reiniciar o trabalho.



4

“*Cluck*,” relatou o contador de raios cósmicos, “*cluck-brrrp-cluck*.”

Connant começou e deixou cair o lápis.

“Maldição.” O físico olhou em direção ao canto mais distante, onde o contador Geiger estava na mesa daquele canto, e rastejou sobre a mesa em que esteve trabalhando para recuperar o lápis. Ele sentou-se e reiniciou o trabalho, tentando fazer sua escrita mais clara. Ele tendia a tremer e fazer garranchos, quando ouvia o som abrupto do cacarejar do contador Geiger. O barulho abafado do lampião que ele estava usando para iluminação, os gargarejos e sons de trombeta de uma dúzia de homens dormindo em direção ao corredor na Casa Paraíso formava o som de fundo para o cacarejar irregular do contador, e ao ocasional estalar do carvão no aquecedor de cobre. E um suave, constante drip-drip-drip vindo da coisa no canto.

Connant puxou um maço de cigarros de seu bolso, sacudiu-o de forma que um cigarro apontou na abertura do pacote e atirou o cilindro em sua boca. O isqueiro não funcionou, então ele apalpou com raiva através da pilha de papéis, à procura de um fósforo. Ele tentou girar a roda do isqueiro várias vezes, jogou-o com uma praga e levantou-se para puxar uma brasa do fogão com as pinças de carvão.

O isqueiro funcionou instantaneamente quando ele tentou novamente ao retornar para a mesa. O contador disparou uma série de cacarejares quando uma rajada de raios cósmicos o atingiu. Connant virou-se furioso para ele, e tentou concentrar-se na interpretação dos dados coletados na semana passada. O resumo semanal.



Ele desistiu e cedeu à curiosidade, ou ao nervosismo. Ele ergueu a lampião da escrivaninha e carregou-o até a mesa no canto. Então ele retornou para o fogão e pegou as pinças de carvão. A besta esteve descongelando por aproximadamente 18 horas agora. Ele cutucou-a com uma cautela inconsciente; a carne não era mais como uma placa de armadura, mas assumiu uma textura como a de borracha. Ela parecia feita de borracha azul molhada, com pequenas gotas de água como pequenas joias redondas no brilho do lampião de gasolina. Connant sentiu um irracional desejo de despejar o conteúdo do reservatório do lampião sobre a coisa em sua caixa e derrubar o cigarro nela. Os três olhos vermelhos o encaravam cegamente, olhos de rubi refletindo raios turvos e esfumaçados de luz.

Ele percebeu vagamente que esteve olhando para eles por um tempo muito longo, e percebeu vagamente que eles não estavam mais o encarando cegamente. Mas ele não pareceu dar importância a isso, ou ao movimento em câmera lenta das coisas tentaculares que brotavam a partir da base magrela e lentamente pulsante do pescoço.

Connant pegou o lampião e retornou à sua cadeira. Ele sentou-se encarando as páginas de contas em sua frente. O cacarejar do contador estava estranhamente menos perturbador, o farfalhar das brasas no fogão não era mais uma distração.

O ranger das tábuas atrás dele não interrompeu seus pensamentos enquanto ele fazia seu importante relatório semanal de forma automática, preenchendo colunas de dados e fazendo breves e resumidas anotações.

O ranger do piso de madeira soou mais próximo.



5

Blair acordou de um sono profundo assombrado por pesadelos de forma abrupta. A face de Connant flutuava vagamente sobre ele; por um momento ela pareceu a continuação de seu sonho de horror selvagem. Mas o rosto de Connant estava raivoso, e um pouco assustado. “Blair — Blair seu maldito preguiçoso, acorde!”

“Hã?” o pequeno biólogo esfregou seus olhos, seus dedos ossudos e sardentos apertados como um punho de uma criança mutilada. De outros beliches outras faces ergueram-se para encará-los.

Connant endireitou-se. “Levante-se — e recomponha-se. Seu maldito bicho escapou.”

“Escapou — o que!” A voz de touro do piloto chefe Van Wall rugiu com um volume que balançou as paredes. Ao longo dos túneis do acampamento outras vozes gritaram de forma súbita. A dúzia de habitantes da Casa Paraíso levantaram-se abruptamente, Barclay atarracado em sua comprida roupa de baixo de lã, carregava um extintor de incêndios.

“Que inferno é esse?” Barclay perguntou.

“Sua maldita besta está solta. Eu caí no sono há cerca de vinte minutos atrás, e quando acordei a coisa tinha sumido. Ei, doutor, que inferno, você disse que essas coisas não podiam voltar à vida. A maldita vida potencial desenvolveu um inferno de potencial e saiu caminhando daqui.”

Copper encarou-o atônito. “Isso não é — terreno,” ele suspirou subitamente. “Eu — eu acho que leis terrenas não se aplicam.”

“Bem, ela fez uma requisição para ausentar-se e partiu. Nós temos que encontrá-la e capturá-la de alguma forma.” Connant

praguejou amargamente, com seus olhos negros profundos taciturnos e raivosos. “Essa é uma maravilha de criatura infernal que não me comeu enquanto eu dormia.”

Blair encarou de volta, seus olhos pálidos subitamente cheios de pavor. “Talvez isso tenha — é... — hum... — bem, temos que encontrá-la.”

“Você a encontra. É o seu bichinho de estimação. Eu já tive tudo que queria com ela, sentado lá por sete horas com o contador cacarejando a cada poucos segundos, e os passarinhos aqui cantando sua música noturna. É certo que eu vou dormir. Estou indo para o prédio administrativo.”

O comandante Garry abaixou-se para passar pela porta, apertando o seu cinto. “Você não precisa. O rugido de Van Wall soou como o Boeing decolando contra o vento. Então a coisa não estava morta?”

“Eu não a carreguei em meus braços, posso assegurar a você,” Connant disparou. “Da última vez que a vi, aquele crânio partido estava pingando gosma verde, como se esmagada por um rolo compressor. O doutor disse que nossas leis não se aplicam — não é terrena. Bem, é um monstro não terreno, com uma disposição não terrena, a julgar pela cara, vagando por aí com um crânio partido com cérebro gosmento pingando para fora.”

Norris e McReady apareceram através da passagem da porta, uma passagem cheia de outros homens trêmulos. “Alguém viu a coisa por aí?” Norris perguntou inocentemente. “Tem cerca de 1,20m de altura — três olhos vermelhos — miolos pingando — Hey, alguém já verificou para ter certeza se não é uma piada de mal gosto? Se for, eu vou amarrar o bichinho de estimação de Blair em volta do pescoço de Connant como amarraram o albatroz no pescoço do marinheiro.^[10]

“Isso não tem graça,” Connant estremeceu. “Deus, eu gostaria que estivesse lá. Eu preferiria usar...”. Ele parou. Um uivo estranho e selvagem gritou pelos corredores. Os homens ficaram tensos abruptamente e deram meia volta.

“Eu acho que a coisa foi localizada,” Connant finalizou. Seus olhos escuros mostraram uma inquietação estranha. Ele disparou de volta para sua cama na Casa Paraíso, para voltar quase

imediatamente com um pesado revólver .45 e um machado de gelo. Ele ergueu ambos suavemente enquanto começou a correr para o corredor em direção a Dogtown. “Ele foi pelo corredor errado — e aterrizou entre os huskies. Escutem — os cachorros quebraram suas correntes...”

O uivo meio aterrorizado da matilha mudou para um selvagem rosnar de caçada. As vozes dos cachorros ecoaram pelos corredores estreitos, e através deles veio um ondulante rosnado de ódio destilado. Um coro de dor, uma dúzia de ganidos.

Connant partiu para a porta. Próximo dele, McReady, Barclay e o comandante Garry foram juntos. Outros homens foram para o prédio da Administração, para as armas — e casa dos trenós. Pomroy, responsável pelas cinco vacas no Grande Magneto, começou a correr em direção ao corredor oposto — ele tinha um forçado de 1,80m em mente.

Barclay deslizou em uma parada brusca, quando o gigante McReady virou abruptamente para longe do túnel que levava para Dogtown, e desapareceu em um ângulo. Incerto, o mecânico hesitou por um momento, com o extintor de incêndio em suas mãos, hesitando entre um lado e outro. Então ele estava correndo atrás das costas largas de Connant. Seja o que fosse que McReady tivesse em mente, ele acreditava que era confiável para fazer o trabalho.

Connant parou na curva do corredor. Sua respiração silvou subitamente através de sua garganta. “Meu Deus...” O revólver explodiu estrondosamente; três entorpecentes, ondas palpáveis de som atravessaram os corredores confinados. Mais duas. O revólver caiu na trilha de neve compactada, e Barclay viu o machado de gelo mudar para uma posição defensiva. O corpo poderoso de Connant bloqueava sua visão, mas além dele ouvia-se algo miando, e insanamente, rindo. Os cachorros estavam silenciosos; lá havia uma seriedade mortal em seus grunhidos baixos. Pés com garras arranhavam a neve compactada, correntes partidas estavam tilintando e se emaranhando.

Connant deslocou-se abruptamente, e Barclay podia ver o que havia além. Por um segundo ele ficou congelado, então sua respiração saiu em uma praga tempestuosa. A coisa lançou-se em

Connant, os braços poderosos do homem balançavam o machado de gelo primeiro no que poderia ser uma mão. A coisa torceu-se horivelmente, com sua carne esfarrapada e rasgada por meia dúzia de huskies selvagens, saltou em sua direção novamente. Os olhos vermelhos brilharam com um ódio sobrenatural, com uma vitalidade e imortalidade não terrenas.

Barclay virou o extintor de incêndio sobre ele; disparando um jato de spray químico às cegas, deixando-a desconcertada, junto com o ataque selvagem dos huskies, mas não por muito tempo, com medo do que faria a coisa, mantendo-se seguro à distância.

McReady empurrou homens para fora de seu caminho enquanto dirigia-se pelo corredor estreito tentando chegar até o local. Havia certeza planejada dirigindo McReady ao ataque. Um dos maçaricos gigantes usados para aquecer os motores do avião estava em suas mãos de bronze. Ele soltou um rugido ao virar a esquina abrindo a válvula. O miado furioso assobiou mais alto. Os cães recuaram quando a lança de fogo azul de um metro disparou.

“Bar, pegue um cabo de força, faça um laço. Nós podemos eletrocutar esse — monstro, se eu não incinerá-lo.” McReady falou com uma autoridade de ação planejada. Barclay voltou pelo longo corredor à usina de força, mas antes dele Norris e Van Wall estavam correndo na frente.

Barclay encontrou um cabo no painel elétrico na parede do túnel. Em meio minuto ele o tinha cortado, e vinha de volta. A voz de Van Wall disparou um grito de aviso de “Força!” quando o dínamo de emergência movido a gasolina disparou em ação. Meia dúzia de outros homens estava lá embaixo agora; o carvão estava sendo atirado na fornalha da usina a vapor. Norris, xingando em um tom baixo e monótono, estava trabalhando com dedos rápidos e certos na outra ponta do cabo de Barclay, emendando em um contato um dos cabos de alimentação.

Os cães tinham caído para trás quando Barclay alcançou a curva do corredor, derrubados por uma monstruosidade furiosa que encarava com olhos vermelhos malignos, miando de forma odiosa. Os cães formaram um semicírculo de focinhos ensanguentados com uma franja brilhante de dentes brancos, lamentando-se com uma ânsia viciosa que quase equiparava a fúria dos olhos vermelhos.

McReady estava confiantemente alerta na curva do corredor, a rajada de fogo remugando segura sobre suas mãos e pronta para a ação. Ele afastou-se sem mover os olhos da besta enquanto Barclay aproximava-se. Havia um ligeiro, apertado sorriso em seu rosto de bronze.

A voz de Norris chamou do corredor, e Barclay deu um passo à frente. O cabo elétrico foi preso ao cabo de uma pá de neve, os dois condutores separados 45 centímetros por um pedaço de madeira amarrado em ângulos retos em toda extremidade da pá. Condutores de cobre desencapados, carregados com 220 volts, brilhavam à luz dos lampiões. A Coisa miou, parou e se esquivou. McReady avançou para o lado de Barclay. Os cachorros que estavam além perceberam o plano com uma inteligência quase telepática de huskies treinados. Seus ganidos ficaram mais estridentes, suaves, e passos leves os levaram mais próximos. Abruptamente um enorme husky, preto como a noite, saltou para a coisa encurralada. Ela voltou-se berrando, com as patas cheias de garras rasgando.

Barclay saltou para frente e a espetou. Um estranho grito agudo aumentou e engasgou. O cheiro de carne queimada no corredor intensificou-se; fumaça gordurosa subiu. O barulho do dínamo que ecoava pelo corredor mostrava que trabalhava arduamente.

Os olhos vermelhos anuviaram e enrijeceram-se, forçando uma caricatura de rosto. Membros semelhantes a braços tremeram e estremeceram. Os cães saltaram para frente e Barclay puxou de volta sua arma pá. A Coisa na neve não se movia enquanto dentes brilhantes a rasgavam.



6

Garry olhou em volta da sala lotada. Trinta e dois homens, alguns nervosamente tensos parados contra a parede, outros inquietamente relaxados, alguns sentados, a maioria forçosamente de pé, tão íntimos como sardinhas. Trinta e dois, mais os cinco envolvidos em costurar os cães feridos, faziam trinta e sete, o efetivo total.

Garry começou a falar. “Tudo bem, eu acho que estamos todos aqui. Alguns de vocês — três ou quatro pelo menos — viram o que aconteceu. Todos vocês viram aquela coisa na mesa, e podem ter uma ideia geral. Quem não tiver ideia, eu erguerei...” Sua mão desviou a lona sobre o volume da mesa. Havia um odor acre de carne chamuscada saindo dela. Os homens, agitando-se inquietos, precipitaram-se a recusar.

“Parece que Charnauk não liderará mais qualquer matilha,” Garry prosseguiu. “Blair quer trabalhar nessa coisa, e fazer alguns exames detalhados. Nós queremos saber o que aconteceu, e nos certificar que agora ela está permanentemente, e totalmente morta. Certo?”

Connant sorriu maliciosamente. “Qualquer um que não concorde pode sentar aqui com ele nesta noite.”

“Tudo bem então, Blair, o que você pode dizer sobre isso? O que era isso?” Garry voltou-se para o pequeno biólogo.

“Eu me pergunto se alguma vez nós vimos sua forma natural.” Blair olhou para massa coberta. “Isso podia estar imitando os seres que construíram aquela nave — mas eu não acho que era isso. Eu acho que essa era sua forma verdadeira. Aqueles de nós que foram até a curva do corredor viram a coisa em ação; a coisa na mesa é o

resultado. Quando ela saiu, aparentemente começou a olhar ao redor. A Antártida ainda estava congelada como esteve por eras atrás quando a criatura a viu pela primeira vez — e congelou. Pelas minhas observações enquanto ela esteve descongelando, e pelos pedaços endurecidos de tecido que cortei, eu acredito que ela seja nativa de um planeta mais quente que a Terra. Ela não poderia, em sua forma natural, resistir à temperatura. Não existe forma de vida na Terra que pode viver na Antártida durante o inverno, mas o melhor que se encontra aqui é o cachorro. Ela encontrou os cachorros, e de alguma forma aproximou-se o bastante de Charnauk para pegá-lo. Os outros a farejaram — a ouviram — eu não sei, de qualquer forma eles ficaram enlouquecidos, quebraram as correntes e atacaram-na antes que ela terminasse. A coisa que nós encontramos era parte Charnauk, estranhamente apenas meio morto, parte Charnauk meio digerido pelo protoplasma gelatinoso da criatura, e parte os restos originais da coisa que encontramos, de alguma forma derretida ao protoplasma básico.

“Quando os cachorros a atacaram, ela tornou-se a melhor coisa para lutar que ela pode pensar. Alguma besta de outro mundo, aparentemente.”

“Tornou-se,” disparou Garry. “Como?”

“Todo ser vivo é feito de uma espécie de geleia — protoplasma e diminutas, submicroscópicas coisas chamadas núcleos, que controlam a maior parte, o protoplasma. Essa coisa é apenas uma modificação do mesmo plano geral da Natureza; células feitas de protoplasma, controladas por núcleos infinitesimais. Vocês físicos podem compará-la — uma célula ou um ser vivo — com um átomo; a maior parte do átomo, a parte que preenche o espaço, é feita de órbitas eletrônicas, mas o caráter da coisa é determinada pelo núcleo atômico.

“Essa coisa não está muito longe do que nós já sabemos. É apenas uma modificação do que nós vimos antes. É natural, lógica, como qualquer outra manifestação da vida. Ela obedece exatamente às mesmas leis. As células são feitas de protoplasma, suas características são determinadas pelo núcleo.

“Mas nessa criatura, os núcleos celulares podem controlar aquelas células à vontade. Ela digeriu Charnauk, e ao digeri-lo

estudou cada célula de seus tecidos, e moldou suas próprias células para imitá-las exatamente. Partes dela — partes que tiveram tempo para terminar a mudança — são células de cão. Mas elas não têm o núcleo de uma célula de cão.” Blair levantou uma fração da lona. Uma perna de cão despedaçada com pelo cinza apareceu. “Isso, por exemplo, não é um cachorro, é uma imitação. Em alguma parte — e eu estou certo disso — os núcleos escondem-se, cobertos pelas imitações de células de cão. Com tempo, nem mesmo um microscópio poderia mostrar a diferença.”

“Supostamente,” perguntou Norris amargamente, “se ela tivesse bastante tempo?”

“Então ela tornar-se-ia um cachorro. Os outros cachorros poderiam aceitá-la. Nós poderíamos aceitá-la. Eu não acho que qualquer coisa poderia distingui-la, nem um microscópio, ou raios-X, ou quaisquer outros meios. Esse é um membro de uma espécie extremamente inteligente, uma espécie que aprendeu os segredos mais profundos da biologia, e a transformá-la para seu uso.”

“O que ela estaria planejando fazer?” Barclay olhou para a lona corcunda.

Blair sorriu desconfortavelmente. O halo ondulante de cabelo fino em volta de sua cabeça calva moveu-se na agitação do ar. “Dominar o mundo, eu imagino.”

“Dominar o mundo! Apenas ela, sozinha?” Connant engasgou. “Nomear-se uma ditadora solitária?”

“Não,” Blair balançou a cabeça. O bisturi que ele estava segurando desajeitadamente em seus dedos ossudos caiu; ele inclinou-se para pegá-lo, de forma que seu rosto estava escondido quando falou. “Isso poderia tornar-se a população do mundo.”

“Tornar-se — a população mundial? Ela se reproduz assexuadamente?”

Blair balançou sua cabeça e engoliu em seco. “Ela não precisaria fazer isso. Isso pesava 38kg, Charnauk pesava cerca de 40kg. Ela poderia tornar-se Charnauk, e ainda ter 38kg sobrando para tornar-se — ah, Jack, por exemplo, ou Chinook. Isso poderia imitar qualquer coisa — ou seja, tornar-se qualquer coisa. Se tivesse chegado ao Mar da Antártida, ela poderia tornar-se uma foca, talvez duas focas. Ela poderia ter sido atacada por uma baleia assassina,

e tornar-se a baleia assassina um bando de focas. Ou talvez isso pudesse ter pegado um albatroz, ou uma gaivota, e voar até a América do Sul.”

Norris praguejou baixo. “E toda vez, ela digeriria algo, e o imitaria...”

“Isso teria sua massa original sobrando, para começar novamente,” Blair finalizou. “Nada poderia matá-la. Ela não teria inimigos naturais, porque tornar-se-ia o que quisesse. Se uma Orca a atacasse, ela tornar-se-ia uma Orca. Se fosse um albatroz, e uma águia a atacasse, ela tornar-se-ia uma águia. Deus, ela poderia tornar-se uma águia fêmea, voltar e construir um ninho para botar ovos!”

“Você tem certeza que essa coisa do inferno está morta?” Dr. Copper perguntou suavemente.

“Sim, graças aos céus,” o pequeno biólogo engasgou. “Depois de que eles levaram os cães para fora, eu fiquei ali espetando a barra de eletrocussão nisso por cinco minutos. Isso está morto, e cozido.”

“Então nós podemos apenas agradecer porque aqui é a Antártida, onde não existe um simples, solitário, ser vivo para imitar, exceto esses animais no acampamento.”

“Nós,” Blair deu uma risadinha. “Isso pode nos imitar. Cachorros não podem fazer 643km até o mar; não existe comida aqui. Não existe nenhuma gaivota para imitar nesta estação do ano. Não existem pinguins tão longe no interior. Não há nada que possa alcançar o mar a partir desse ponto — exceto nós. Nós temos os cérebros. Nós podemos fazer isso. Você não percebe — ela ia imitar-nos — tornar-se uma de nós — essa é a única forma de voar em avião — voar em um avião por duas horas, e dominar todos os habitantes da Terra. Um mundo para tomar — se ela nos imitasse!”

“Ela não sabia ainda. Não teve uma chance de aprender. Ela estava com pressa — preocupada — olhou para coisa mais próxima de seu próprio tamanho. Veja — Eu sou Pandora! Eu abri a caixa! E a única esperança que pode sair é — que nada possa sair. Vocês não me veem. Eu fiz isso. Eu esmaguei cada magneto. Nenhum avião pode voar. Nada pode voar.” Blair riu histericamente e jogou-se no chão chorando.

O piloto chefe Van Wall mergulhou para a porta. Seus pés estavam ecoando pelos corredores quando o Dr. Copper inclinou-se sem pressa sobre o pequeno homem no chão. De seu escritório no fim da sala ele trouxe alguma coisa, e injetou uma solução no braço de Blair. “Ele pode sair quando acordar,” ele suspirou ao erguer-se. McReady o ajudou a levantar o biólogo e levá-lo para um beliche próximo. “Tudo depende de saber se podemos convencê-lo de que a coisa está morta.”

Van Wall abaixou enquanto esfregava sua pesada barba loira distraidamente. “Eu não achava que um biólogo faria uma coisa dessas da forma correta. Ele se esqueceu das peças reservas no segundo depósito. Está tudo certo. Eu as esmaguei.”

O comandante Garry acenou afirmativamente. “Eu estava pensando no rádio.”

Dr. Copper bufou. “Você não acha que isso pode escapar pelas ondas de rádio, pode? Você teria cinco tentativas de resgate nos próximos três meses se você parar as transmissões. A coisa a fazer é falar alto e não fazer um ruído. Agora eu me pergunto...”

McReady olhou especulativamente para o doutor. “Isso poderia ser uma doença infecciosa. Tudo que derramou, qualquer sangue dela...”

Copper balançou a cabeça. “Blair deve ter perdido algo. Essa coisa poderia imitar, mas se o fizesse, teria sua própria química corporal, seu próprio metabolismo. E se ela não se tornaria apenas um cão — e um cão e nada mais, mas fosse uma imitação de cão. Nós poderíamos detectá-la por testes sorológicos. E por sua química, pois veio de outro mundo. Ela deve ser tão radicalmente diferente, que algumas células, como as de gotas de sangue, poderiam ser tratadas como germes pelo cão, ou pelo corpo humano.”

“Sangue — poderia uma dessas imitações sangrar?” Norris perguntou.

“Certamente. Nada místico sobre o sangue. Músculos têm cerca de 90 por cento de água; sangue difere apenas por ter dois por cento mais água, e menos tecido conectivo. Elas sangrariam muito bem,” Copper assegurou.

Blair sentou em seu beliche subitamente. “Connant — onde está Connant?”

O físico moveu-se em direção ao pequeno biólogo. “Eu estou aqui. O que você quer?”

“Você está?” gargalhou Blair. Ele jogou-se de volta no beliche, contorcendo-se em uma gargalhada silenciosa.

Connant olhou para ele sem entender “Hã? Eu estou o quê?”

“Você está aí?” Blair irrompeu em gargalhadas. “Você é o Connant? A besta queria ser um homem — não um cão...”

Dr. Copper ergueu-se cansado do beliche, e lavou a seringa hipodérmica cuidadosamente. Os pequenos tilintares que ele fazia pareciam mais altos na sala lotada, agora que a risada gorgolejante de Blair finalmente se acalmou. Copper olhou para Garry e sacudiu sua cabeça lentamente. “Desesperador, eu temo. Eu não acho que conseguiremos convencê-lo de que a coisa agora está morta.”

Norris riu com incerteza. “Eu não tenho certeza que você pode me convencer. Ah, maldito seja, McReady.”

“McReady?” O comandante Garry voltou-se para olhar de Norris para McReady com curiosidade.

“Os pesadelos,” Norris explicou. “Ele tem uma teoria sobre os pesadelos que nós tivemos na Estação Secundária após encontrar essa coisa.”

“E o que era?” Garry olhou de igual para igual para McReady.

Norris respondeu por ele, bruscamente. “Que a criatura não estava morta, que estava em uma espécie de existência extremamente lenta, uma existência que permitia a ela, no entanto, estar vagamente consciente da passagem do tempo, de nossa chegada, depois de anos sem fim. Eu tive um sonho em que ela podia imitar coisas.”

“Bem,” Copper grunhiu, “ela pode.”

“Não seja burro,” Norris disparou. “Isso não é o que está me incomodando. No sonho ela podia ler mentes, ler pensamentos, ideias e maneirismos.”

“O que é tão ruim nisso? Isso parece estar preocupando você mais do que a ideia da alegria que vamos ter de estarmos com um

homem louco em um acampamento na Antártida.” Copper acenou em direção de Blair que dormia.

McReady balançou sua grande cabeça lentamente. “Você sabe que Connant é Connant, não apenas porque ele meramente parece Connant — o que estamos começando a acreditar que a besta seja capaz de fazer — mas por ele pensar como Connant, falar como Connant, mover-se por aí como Connant faria. Isso leva mais em conta do que meramente um corpo que se pareça com ele; isso deve ter a mente de Connant, seus pensamentos e maneirismos. Portanto, se você sabe que a coisa pode ficar parecida com Connant, você não se preocuparia muito, porque você sabe que isso teria a mente de outro mundo, uma mente totalmente inumana, que não poderia reagir, pensar e falar como um humano que nós conhecemos, e ao fazer isso ela nos teria enganado só por um momento. A ideia de a criatura imitar um de nós é fascinante, mas irreal, porque ela é completamente inumana para nos enganar. Ela não tem uma mente humana.”

“Como eu disse antes,” Norris repetiu, olhando fixamente para McReady, “você pode dizer as coisas mais estranhas nas horas mais estranhas. Você vai ser tão bom para finalizar esse pensamento — de uma forma ou de outra?”

Kinner, o cozinheiro com o rosto marcado por uma cicatriz, estava próximo de Connant. Subitamente, ele moveu-se pela extensão da sala lotada em direção ao seu familiar fogão. Ele agitou as cinzas do fogão ruidosamente.

“Isso não serviria para nada,” disse Dr. Copper, suavemente como se estivesse pensando em voz alta, “meramente parecer algo que isso estivesse tentando imitar; ela deveria entender seus sentimentos, suas reações. Isso é inumano. Tem poderes de imitação além de qualquer concepção humana. Um bom ator, através de muito treino, pode imitar outro humano, os maneirismos de outro homem, o suficiente para enganar a maioria das pessoas. É claro que nenhum ator poderia imitar alguém tão perfeitamente para enganar os homens que convivem com o imitado, nessa completa falta de privacidade do acampamento na Antártida. Isso exigiria uma habilidade super-humana.”

“Ah, você está com a pulga atrás da orelha também?” Norris praguejou suavemente.

Connant, de pé sozinho no final da sala, olhou em volta freneticamente, com o rosto branco. Um suave fluxo de homens que estavam apertados perto dele lentamente dirigiram-se para o outro lado da sala, de modo que ele ficou sozinho. “Meu Deus, os dois Jeremias podem calar-se?” A voz de Connant tremeu. “O que eu sou? Algum espécime microscópico que vocês estão dissecando? Algum verme desagradável para vocês discutirem na terceira pessoa?”^[11]

McReady olhou para ele; sua mão que torcia lentamente parou por um momento. “Estamos tendo momentos adoráveis. Gostaria que você estivesse aqui. Assinado: Todos.”

“Connant, se você acha que está passando por um inferno, apenas mova-se para a outra extremidade por um momento. Você tem uma coisa que nós não temos; você sabe qual é a resposta. Eu te digo uma coisa, agora mesmo você é a pessoa mais temida e respeitada no Grande Magneto.”

“Deus, eu queria que vocês pudessem ver os seus olhares,” Connant engasgou. “Parem de me encarar, todos vocês! Que inferno vocês pretendem fazer?”

“Tem alguma sugestão, Dr. Copper?” O comandante Garry perguntou com firmeza. “A situação atual é impossível.”

“Ah, é mesmo?” Connant disparou. “Venha até aqui e olhe para essa turba raivosa. Meu Deus, eles parecem exatamente como aquela matilha de huskies no corredor. Benning, você pode parar de erguer esse maldito machado de gelo?”

A lâmina de cobre retiniu no chão quando o mecânico de aviões nervosamente a derrubou. Ele inclinou-se e a pegou quase instantaneamente, erguendo-a lentamente, girando-a em suas mãos, seus olhos castanhos movendo-se bruscamente pela sala.

Copper sentou-se na cama ao lado de Blair. A madeira rangeu ruidosamente pela sala. Longe em um corredor um cão ganiu de dor, e as vozes tensas dos condutores de trenós flutuaram suavemente em resposta. “Exames microscópicos,” disse o médico pensativamente, “seriam inúteis, como Blair apontou. Já passou um

tempo considerável. Entretanto, testes sorológicos poderiam ser definitivos.”

“Testes fisiológicos? O que você quer dizer exatamente?” Perguntou o comandante Garry.

“Se eu tivesse um coelho que tivesse sido injetado com sangue humano — um veneno para coelhos, é claro, tal como o sangue de qualquer animal que não fosse outro coelho — e as injeções continuassem em doses crescentes por algum tempo, o coelho poderia tornar-se imune ao sangue humano. Então, se uma pequena quantidade de seu sangue fosse retirada, e fizéssemos a separação em um tubo de ensaio, e se ao plasma adicionássemos uma pequena quantidade de sangue humano, haveria uma reação visível, provando que o sangue era humano. Se o sangue de uma vaca, ou cão fosse adicionado — ou qualquer material proteico diferente daquele existente no sangue humano — nenhuma reação poderia ser observada. Isso serviria de prova definitiva.”

“Você pode sugerir onde eu consigo pegar um coelho para você, Doc?” Norris perguntou. “Ou melhor, mais próximo do que na Austrália; nós não queremos perder tempo indo tão longe.”

“Eu sei que não existem coelhos na Antártida,” Copper acenou, “mas esse é apenas o animal usual. Qualquer animal exceto homem servirá. Um cão, por exemplo. Mas isso levaria vários dias, e devido ao tamanho maior do animal, consideravelmente mais sangue. Dois de nós terão que contribuir.”

“Serviria eu?” Garry perguntou.

“Isso faria dois,” Copper acenou afirmativamente. “Eu vou começar a trabalhar isso agora mesmo.”

“E quanto a Connant, nesse meio tempo?” Kinner exigiu. “Eu prefiro sair por aquela porta e caminhar até o Mar de Ross antes de cozinhar para ele.”

“Ele pode ser humano...” Copper começou.

Connant irrompeu em uma enxurrada de pragas. “Humano! Pode ser humano, seu maldito serrador de ossos! Que inferno você pensa que eu sou?”

“Um monstro,” Copper retrucou bruscamente. “Agora cale a boca e escute.” O rosto de Connant foi drenado de toda cor e ele sentou pesadamente quando a acusação foi posta em palavras. “Enquanto

nós não soubermos — você sabe tão bem quanto nós que temos razões para questionar o fato, e somente você sabe como essa questão pode ser respondida — nós podemos razoavelmente trancá-lo. Se você for — inumano — você será muito mais perigoso que o pobre Blair aqui, e nós vamos ter que nos certificar de que ele ficou bem isolado. Eu acho que seu próximo estágio será um violento desejo de matá-lo, matar os cachorros e provavelmente a todos nós. Quando ele acordar, ele vai estar convencido de que somos todos inumanos, e nada no mundo vai mudar sua convicção. Seria mais gentil deixá-lo morrer, mas nós não podemos fazer isso, é claro. Ele está indo para um barracão, e você pode ficar na Casa Cosmos com seus aparelhos de raios cósmicos. Que é o que você faria de qualquer forma. Eu tenho que cuidar de uma dupla de cães.”

Connant concordou com amargura. “Eu sou humano. Apresse esse teste. Seus olhares — Deus, eu gostaria que vocês pudessem ver seus olhares me encarando...”

O comandante Garry observou ansiosamente quando Clark, o cuidador dos cães, segurou o grande husky marrom do Alasca, enquanto Copper começava o tratamento com injeção de sangue. O cão não estava com vontade de cooperar; a injeção foi dolorosa, e ele já tinha experimentado considerável trabalho de agulhas nessa manhã. Cinco pontos mantinham fechado um rasgo que corria por seu ombro, através das costelas metade do caminho para baixo do corpo. Um longo canino estava quebrado; a parte faltante foi encontrada enterrada no ombro da coisa monstruosa na mesa do prédio administrativo.

“Quanto tempo isso vai levar?” Garry perguntou, pressionando seu braço gentilmente. Ele estava dolorido devido a picada da agulha que o Dr. Copper usou para retirar o sangue.

Copper encolheu os ombros. “Eu não sei, para ser franco. Eu conheço o método comum, que usei com coelhos. Mas eu nunca experimentei com cães. Eles são maiores, e mais desajeitados para trabalhar; naturalmente coelhos são preferíveis, e servem normalmente. Em lugares civilizados você pode comprar um estoque de coelhos imunes ao sangue humano de fornecedores, e

poucos pesquisadores se dão ao trabalho de preparar os seus próprios.”

“O que eles fazem com isso por lá?” Clark perguntou.

“Criminologia é um campo que usa amplamente essa técnica. ‘A’ diz que não matou ‘B’, mas que o sangue de sua camisa veio de uma galinha. O Estado faz um teste, então cabe a ‘A’ explicar que o sangue não reagiu com o plasma de coelhos humano-imunes, mas sim com o de frango-imunes.”

“O que nós vamos fazer com Blair nesse meio tempo?” Garry perguntou cansado. “Está tudo bem deixarmos que ele durma aqui onde está por um tempo, mas quando ele acordar...”

“Barclay e Benning estão instalando alguns parafusos na porta da Casa Cosmos,” Copper respondeu severamente. “Connant está agindo como um cavalheiro. Eu acho que talvez a maneira como os outros homens olham para ele faz com que ele prefira a privacidade. Deus sabe como todos nós já rezamos por um pouco de privacidade.”

Clark riu amargamente. “Não mais, obrigado. Agora, quanto mais, melhor.”^[12]

“Blair,” Copper prosseguiu, “também terá que ter privacidade — e trancas. Ele vai ter um plano bem definido em mente quando acordar. Nunca ouviu a velha história de como parar uma epidemia de febre aftosa em um rebanho?”

“Se não houver qualquer infectado com febre aftosa, não existirá mais a doença febre aftosa,” Copper explicou. “Você se livra dela matando cada animal que exibir sintomas, e todo animal próximo ao animal doente. Blair é um biólogo, e sabe essa história. Ele teme que a Coisa esteja solta. A resposta é provavelmente bem clara em sua mente agora. Matar tudo e todos nesse acampamento antes que uma gaivota ou um albatroz errante aproxime-se com a primavera e — pegue a doença.”^[13]

Os lábios de Clark curvaram-se em um sorriso torcido. “Parece lógico para mim. Se as coisas ficarem muito ruins — talvez seja melhor soltarmos Blair. Ele poderia nos salvar de cometermos suicídio. Nós podemos também fazer um voto de que se as coisas ficarem ruins, nós garantiremos que isso não aconteça.”

Copper riu suavemente. “O último homem vivo no Grande Magneto — poderia não ser um homem,” ele apontou. “Alguém tem que matar essas — criaturas que não desejam matar a si mesmas, como vocês sabem. Nós não temos térmita suficiente para fazer tudo de uma vez, e os explosivos decanite não ajudarão muito. Eu imagino que mesmo pequenos pedaços de um desses seres serão autossuficientes.”

“Se,” disse Garry pensativamente, “eles podem modificar seu protoplasma à vontade, então não poderiam eles se modificar em pássaros e voar daqui? Eles seriam capazes de ler tudo sobre pássaros, e imitar sua estrutura sem nunca tê-los encontrado. Ou imitar, talvez, pássaros de seu planeta natal.”

Copper balançou sua cabeça, e ajudou Clark a soltar o cachorro. “Homens estudam pássaros por séculos, tentando aprender como construir uma máquina que os faça voar como eles. Ele nunca conseguiu o truque; seu sucesso final veio quando ele desistiu inteiramente e tentou novos métodos. Conhecer a ideia geral, e conhecer a estrutura detalhada de asas, ossos e tecidos nervosos são coisas muito, mas muito diferentes. E quanto a pássaros de outros mundos, talvez seja muito provável que as condições atmosféricas aqui sejam tão diferentes que seus pássaros não voariam aqui. Talvez, ainda, o ser veio de um planeta como Marte com uma atmosfera tão rarefeita que não pudesse haver pássaros lá.”

Barclay entrou no prédio, trazendo um pedaço do cabo de controle do avião. “Está terminado, Doc. A Casa Cosmo não pode ser aberta por dentro. Agora onde colocamos Blair?”

Copper olhou para Garry. “Não temos nenhum prédio de biologia. Eu não sei onde podemos isolá-lo.”

“E quanto ao depósito leste?” Garry disse depois de um momento pensativo. “Blair será capaz de cuidar de si mesmo — ou precisaria de atenção?”

“Ele será capaz o suficiente. Nós seremos aqueles que devemos observar.” Copper assegurou-lhe severamente. “Pegue um fogareiro, um par de sacos de carvão, suprimentos necessários e algumas ferramentas para consertá-lo. Ninguém esteve lá desde o último outono, não é?”

Garry sacudiu sua cabeça. “Se ele ficar barulhento — eu acho que isso seria uma boa ideia.”

Barclay ergueu as ferramentas que ele estava carregando e olhou para Garry. “Se o resmungo que ele está fazendo agora significar algo, ele vai cantar bastante pelas próximas horas. E nós não gostaremos de sua música.”

“O que ele está dizendo?” Copper perguntou.

Barclay balançou a cabeça. “Eu não me importaria em escutar muita coisa. Você pode ouvir se quiser. Mas pelo que eu percebi o maldito idiota teve todos os sonhos que McReady teve, e alguns mais. Ele dormia ao lado da coisa quando nós paramos na trilha vindo do acampamento Secundário Magnético, eu me recordo. Ele sonhou que a coisa estava viva, e sonhou mais alguns detalhes. E — maldito seja — sabia que não era simplesmente um sonho, ou achava isso. Ele sabia que a coisa tinha poderes telepáticos que estavam agitando-se vagamente, e que a coisa podia não somente ler mentes, mas projetar pensamentos. Como vocês podem ver, isso não eram sonhos. Eles eram pensamentos dispersos que a coisa estava transmitindo, na forma como Blair está transmitindo seus pensamentos agora — uma espécie de resmungo telepático em seu sono. É por isso que ele sabia tanto sobre seus poderes. Eu acho que você e eu, Doc, não éramos tão sensíveis — se você quiser acreditar em telepatia.”

“Eu tenho que,” Copper suspirou. “Dr. Rhine da Universidade de Duke mostrou que isso existe, mostrou que alguns são mais sensíveis que outros.”^[14]

“Bem, se você quiser mais detalhes, vá escutar a transmissão de Blair. Ele já conduziu a maioria dos garotos para fora do Prédio da Administração; Kinner está mexendo em painéis como carvão descendo por uma calha, e quando não está fazendo barulho com as painéis, remexe as cinzas.”

“A propósito, comandante, o que vamos fazer na primavera deste ano, agora que os planos estão arruinados?”

Garry suspirou. “Eu penso que nossa expedição será uma perda total. Nós não podemos dividir nossa força agora.”

“Não será uma perda total — se nós continuarmos vivos, e escaparmos disso,” Copper prometeu a ele. “A descoberta que

fizemos, se conseguirmos controlar a situação, é importante o suficiente. Os dados de raios cósmicos, o trabalho magnético e atmosférico não serão muito prejudicados.”

Garry riu sem alegria. “Eu estava apenas pensando nas transmissões de rádio. Contando para meio mundo sobre os maravilhosos resultados dos nossos voos exploratórios, tentando enganar homens como Byrd e Ellsworth lá em casa que nós estamos fazendo algo.”

Copper assentiu gravemente. “Eles vão desconfiar que algo está errado. Mas homens como eles tem juízo o suficiente para saber que nós não iríamos tentar enganá-los sem alguma boa razão, e vão esperar por nosso retorno para nos julgar. Eu acho que chegamos a isso: homens que sabem o bastante para reconhecer nossa fraude vão esperar nosso retorno. Homens que não possuem poder de apreciação e fé suficiente para esperar não vão ser experientes o suficiente para detectar qualquer fraude. Nós conhecemos bem as condições aqui para por em prática um bom blefe.”

“Então eles não enviarão expedições de ‘resgate’.” Garry esperava. “Quando — se — nós estivermos prontos para retornar, nós vamos enviar um recado para o Capitão Forsythe para trazer um estoque de magnetos com ele quando descer. Mas — isso não importa.”

“O que quer dizer com se nós não sairmos?” perguntou Barclay. “Eu estava imaginando se uma bela erupção ou terremoto via radio — amplificados com banana de decanite no microfone — poderiam ajudar. Nada, é claro, poderá manter as pessoas totalmente afastadas. Uma dessas histórias melodramáticas de ‘último-homem-vivo’ podem fazê-los vir para cá rápido.”

Garry sorriu com humor genuíno. “estão todos no acampamento tentando imaginar isso também?”

Copper riu. “O que você acha, Garry? Nós estamos confiantes que podemos ganhar. Mas não será fácil, eu acho.”

Clark sorriu acima do cão que ele estava acariciando e tentando acalmar. “Confiantes, você diz, Doc?”



Blair movia-se inquieto em torno do pequeno depósito. Seus olhos agitavam-se e tremiam em olhares vagos e fugazes para os quatro homens com ele; Barclay com 1,82m e pesando mais de 86kg; McReady, um gigante de bronze em forma de homem; Dr. Copper, baixo e atarracado; e Benning, 1,77m de força resistente.

Blair estava aninhado contra a parede distante do Depósito Leste, seu equipamento empilhado no meio do chão ao lado do aquecedor, formando uma ilha entre ele e os quatro homens. Suas mãos ossudas estavam apertadas e trêmulas, demonstrando pavor. Seus olhos pálidos vacilavam inquietos enquanto sua cabeça careca e sardenta movia-se para frente e para trás ritmadamente.

“Eu não... quero ninguém vindo aqui. Eu vou cozinhar minha própria comida,” ele disparou nervosamente. “Kinner pode ser humano agora, mas eu não acredito nisso. Eu vou sair daqui, mas não quero comer nenhuma comida que vocês me enviarem. Eu comerei enlatados. Latas seladas.”

“O.K. Blair, nós traremos as latas esta noite,” Barclay prometeu. “Você tem carvão, e o fogo aceso. Nós vamos fazer uma lista.” — Barclay avançou um pouco.

Blair correu imediatamente para o canto mais distante. “Não se aproxime! Fique longe de mim, seu monstro!” O pequeno biólogo guinchou, enquanto tentava abrir caminho através da parede do depósito. “Fique longe de mim — fique longe — Eu não serei absorvido — Eu não serei—”

Barclay relaxou e moveu-se para trás. Dr. Copper balançou a cabeça. “Deixo-o sozinho, Bar. Será mais fácil se ele cuidar disso sozinho. Nós teremos que arrumar essa porta, eu acho...”

Os quatro homens saíram do depósito. Eficientemente, Benning e Barclay iniciaram o trabalho. Não havia fechaduras na Antártida; nem privacidade suficiente para fazê-las necessárias. Mas parafusos poderosos foram instalados em cada lado do batente da porta, e o cabo de controle reserva do avião, um cabo de aço trançado imensamente forte, foi preso entre eles, e esticado. Barclay trabalhou com uma broca e um serrote de ponta. Ele tinha feito uma abertura na porta por onde poderiam ser passadas mercadorias sem liberar a porta. Três dobradiças poderosas de uma caixa de equipamentos, dois fechos e um par de contra pinos de 6cm tornavam a porta à prova de abertura pelo outro lado.

Blair movia-se incansavelmente no depósito. Ele estava arrastando algo sobre a porta com a respiração ofegante enquanto resmungava pragas frenéticas. Barclay abriu a escotilha e olhou para dentro, com Dr. Copper espiando sobre seu ombro. Blair tinha movido o pesado beliche contra a porta. Ela não poderia ser aberta sem sua colaboração agora.

“Não sei contra o quê o pobre homem está lutando,” McReady suspirou. “Se ele se soltar, sua intenção declarada será matar cada um de nós o mais rápido possível, que é algo com o que não concordo. Mas nós temos algo do nosso lado da porta que é pior que um maníaco homicida. Se um dos outros se soltar, deveremos vir aqui para desfazer essas amarrações.”

Barclay sorriu. “Você me avise, e eu mostrarei como soltá-las rapidamente. Vamos voltar.”

O sol estava pintando o horizonte do norte com um arco-íris multicolorido, apesar de já estar duas horas abaixo do horizonte. O campo de neve varrida pelo vento seguia até horizonte norte, brilhando sob cores de um milhão de glórias refletidas. Baixos montes brancos arredondados no horizonte norte mostravam o Grande Magneto como apenas um pouco acima da neve varrida pelo vento. Pequenos redemoinhos carregados de neve erguiam-se em direção do acampamento principal a três quilômetros de distância. O dedo de aranha do radiador do transmissor de rádio erguia-se como uma agulha negra contra o branco do continente antártico. A neve sobre seu céu era dura e fina, como areia.

“A primavera,” disse Benning amargamente, “está vindo. Nós não vamos nos divertir! Eu estou ficando ansioso para cair fora desse maldito buraco no gelo.”

“Eu não tentaria isso agora, se fosse você.” Barclay grunhiu. “Caras que tentarem sair daqui nos próximos dias vão ficar extremamente impopulares.”

“Como seu cão está indo, Dr. Copper?” McReady perguntou. “Algum resultado?”

“Em 30 horas? Eu gostaria que houvesse. Eu dei a ele uma injeção do meu sangue hoje. Mas eu imagino que precisaremos de outros cinco dias. Eu não tenho segurança para parar mais cedo.”

“Eu estive imaginando — se Connant estiver — mudado, ele teria nos avisado logo depois da coisa ter escapado? Por que ele não esperaria o suficiente para a coisa ter uma chance de terminar? A não ser que ele tenha acordado naturalmente?” McReady perguntou lentamente.

“A coisa é egoísta. Você não acha que ela seria dotada de uma ética elevada, acha?” Dr. Copper apontou. “Cada parte dela é um todo, e toda parte age por si mesma, eu acho. Se Connant estiver mudado, para salvar sua pele, ele teria que fazer isso — mas os sentimentos de Connant não mudaram; eles foram imitados perfeitamente, como os seus próprios sentimentos. Naturalmente, a cópia, imitando perfeitamente os sentimentos de Connant, poderia fazer exatamente o mesmo que Connant faria.”

Copper sacudiu sua cabeça de forma cansada. “Não se ela lê mentes. Você não pode armar essa armadilha para ela. Van sugeriu isso na última noite. Ele esperava que a coisa pudesse responder algumas das questões de físicas que ele gostaria de saber a resposta.”

“Esta ideia de grupos-de-quatro vai tornar a vida feliz.” Benning olhou para seus companheiros. “Cada um de nós com um olho nos outros para ter certeza de que ninguém faz algo — peculiar. Cara, nós vamos ser uma turma desconfiada! Cada um olhando para seu vizinho com uma enorme exibição de fé e confiança — Eu estou começando a entender o que Connant quis dizer com ‘Eu gostaria de vocês pudessem ver seus olhares.’ Todos nós agora estamos

assim, eu acredito. Cada um de vocês olha com uma espécie de olhar 'Será-que-os-outros-três'. Aliás, eu não sou uma exceção."

"Tanto quanto nós sabemos, a coisa está morta, com uma dúvida a respeito de Connant. Nenhum outro é suspeito," McReady começou lentamente. "A regra 'sempre-quatro' é meramente uma medida de precaução."

"Eu estou esperando por Garry para fazer quatro-em-um-beliche," Barclay suspirou. "Eu pensava que não existia privacidade antes, mas desde essa ordem..."



9

Ninguém observava mais intensamente que Connant. Um pequeno tubo de ensaio de vidro esterilizado, meio cheio com o líquido cor de palha. Uma, duas, três, quatro, cinco gotas da solução clara que Dr. Copper preparou com as gotas de sangue do braço de Connant. O tubo foi sacudido cuidadosamente, então colocado em um tubo de proveta com água clara, e morna. O termômetro lia o calor do sangue, um pequeno termostato clicava ruidosamente, e a placa elétrica começou a brilhar quando as luzes tremeram levemente.

Então — pequenos flocos brancos estavam se formando, caindo como neve pelo claro fluído de cor clara. “Deus,” disse Connant enquanto caía pesadamente em um beliche, chorando como um bebê. “Seis dias—” Connant soluçou, “seis dias ali — imaginando se o maldito teste poderia mentir...”

Garry moveu-se silenciosamente, e passou o braço pelo ombro do físico.

“Isso não poderia errar,” Dr. Copper disse, “O cão é humano-imune — e o soro reagiu.”

“Ele — está bem?” Norris engasgou. “Então — a coisa está morta — morta para sempre?”

“Ele é humano,” Copper falou definitivamente, “e a coisa está morta.”

Kinner explodiu em uma gargalhada, rindo histericamente: McReady voltou-se para ele e o esbofeteou uma, duas vezes, de forma metódica. O cozinheiro riu, engasgou, chorou por um momento e então sentou esfregando as bochechas, murmurando agradecimentos vagos. “Eu estava assustado. Deus, eu estava assustado...”

Norris riu amargamente. “Você acha que nós não estávamos também, seu símio? Você acha que Connant também não estava?”

O prédio da administração agitou-se com um súbito rejuvenescimento. Vozes riram, homens aglomeraram-se em torno de Connant falando com vozes desnecessariamente altas, jocosas, nervosas, aliviadas e amigáveis novamente. Alguém gritou uma sugestão, e uma dúzia de homens correu para seus esquis. Blair. Blair poderá se recuperar — Dr. Copper mexia com seu tubo de ensaio com um alívio nervoso, observando a solução. A equipe de liberação de Blair partiu pela porta, com os esquis batendo ruidosamente. Pelo corredor, os cães iniciaram a uivar quando o ar de excitação os atingiu.

Dr. Copper mexia com seus tubos. McReady percebeu ele primeiro, sentando no canto de um beliche, com dois tubos de ensaio com líquido claro com precipitado branco no fundo, sua face mais branca que a coisa nos tubos, com lágrimas silenciosas caindo de olhos arregalados com o horror.

McReady sentiu como se uma faca de medo cortante atravessasse seu coração e congelasse sua respiração. Dr. Copper olhou para cima.

“Garry,” ele chamou roucamente. “Garry, pelo amor de Deus, venha aqui.”

O comandante Garry caminhou em direção a ele rapidamente. O silêncio abateu-se no prédio da administração. Connant olhou para cima, endireitando-se em seu lugar.

“Garry — o tecido do monstro também formou o precipitado. Isso não prova nada. Nada além de que o cão é monstro-imune também. Que um dos dois doadores de sangue — um de nós dois — você e eu Garry — um de nós é um monstro.”



“Bar, chame aqueles homens antes que eles contem para Blair.” McReady disse baixo. Blair saiu pela porta; gritos abafados retornaram para a sala com os homens tensamente silenciosos. Então ele voltou.

“Eles estão voltando,” ele disse. “eu não disse o motivo. Apenas que o Dr. Copper disse para não irem.”

“McReady,” Garry suspirou, “você esta no comando agora. Que Deus ajude você. Eu não posso...”

O gigante de bronze acenou lentamente, seus olhos profundos no Comandante Garry.

“Eu posso ser a coisa,” Garry adicionou. “Eu sei que não sou, mas eu não posso provar isso para você de qualquer forma. O teste do Dr. Copper está arruinado. O resultado que ele mostrou é inútil, e mostrou-se na verdade uma vantagem para o monstro, pois sendo a inutilidade desconhecida, poderia provar que ele era humano.”

Copper balançou para trás e para frente lentamente no beliche. “Eu sei que sou humano. Eu não posso provar também. Um de nós dois é um mentiroso, porque o teste não pode mentir, e ele diz que um de nós é. Eu dei provas de que o teste estava errado, o que parece provar que eu sou humano, e agora Garry usou um argumento que prova que eu sou humano — que, como um monstro, ele não deveria usar. Voltas, voltas e mais voltas...”

A cabeça de Dr. Copper, e então seu pescoço e ombros acompanharam suas palavras, girando. Subitamente ele deitou-se no beliche, gargalhando. “A coisa não tem que provar que um de nós é um monstro! Isso não tem que provar nada! Ha-ha!. Se todos nós formos monstros, funcionaria da mesma forma! Nós todos

somos monstros — todos nós — Connant, Garry, eu — e todos vocês.”

“McReady,” Van Wall, o piloto chefe de barba loira, chamou suavemente. “Você estava a caminho de se tornar doutor em medicina antes da meteorologia, não estava? Você não poderia criar algum tipo de teste?”

McReady foi em direção ao Dr. Copper lentamente, pegou a seringa hipodérmica de sua mão e lavou a agulha cuidadosamente em álcool 95%. Garry sentou no canto do beliche com o rosto petrificado, olhando Copper e McReady sem expressão. “O que Copper disse é possível,” McReady suspirou. “Van, você pode ajudar aqui? Obrigado.” A agulha foi cravada em cheio na coxa do Dr. Copper. O riso do homem não parou, mas lentamente desapareceu em soluços, então o sono da morfina o dominou.

McReady voltou-se novamente. Os homens que tinham ido em direção a Blair permaneceram no lado afastado da sala, com os esquis pingando neve, seus rostos branco como seus esquis. Connant tinha acendido um cigarro em cada mão; um ele estava fumando ausentemente, enquanto encarava o chão. O calor do outro em sua mão esquerda o atraiu e ele o encarou de forma estúpida por um momento. Ele deixou cair um e o esmagou com a sola do sapato lentamente.

“O Dr. Copper,” McReady repetiu, “deve estar certo. Eu sei que sou humano — mas é claro que não posso provar isso. Eu vou repetir o teste para minha própria informação. Qualquer um de vocês que desejar pode fazer o mesmo.”

Dois minutos mais tarde, McReady segurava um tubo de ensaio com precipitado branco assentando lentamente a partir do soro de cor de palha. “Isso reage com o sangue humano também, então os dois não devem ser monstros ao mesmo tempo.”

“Eu não acho que eles sejam,” Van Wall suspirou. “Isso não serviria para o monstro também; nós poderíamos ter destruído ele se nós soubéssemos. Por que o monstro não nos destruiu, você consegue imaginar? Isso não parece fazer sentido.”

McReady bufou. Então sorriu suavemente. “Elementar, meu caro Watson. O monstro quer ter formas de vida disponíveis. Ele não pode absorver um corpo morto, aparentemente. Ele está apenas

esperando — esperando até as melhores oportunidades surgirem. Nós que permanecemos humanos, estamos esperando na reserva.”

Kinner estremeceu violentamente. “Ei. Ei, Mac. Mac, eu saberia se eu fosse um monstro? Eu poderia saber se o monstro já me pegou? Oh Deus, eu posso já ser um monstro.”

“Você saberia,” McReady respondeu.

“Mas nós não saberíamos,” Norris soltou uma gargalhada curta, meio histérica.

McReady olhou para o tubo com o soro restante. “Isso é algo em que essa coisa é boa, afinal,” ele disse pensativamente. “Clark, você e Van podem me ajudar?”

“Quanto ao resto do pessoal, é melhor ficarem juntos aqui. Fiquem de olho um no outro,” ele disse amargamente. “Não façam nenhuma travessura, combinado?”

McReady começou a ir pelo túnel em direção a Dog Town, com Clark e Van Wall atrás dele. “Você precisa de mais soro?” Clark perguntou.

McReady balançou a cabeça. “Testes. Temos quatro vacas e um touro, e aproximadamente setenta cães aqui. Essa coisa reage apenas ao sangue humano — e de monstros.”



McReady voltou para o prédio da administração, e foi silenciosamente para a pia. Clark e Van Wall uniram-se a ele um momento depois. Os lábios de Clark desenvolveram um tique nervoso, erguendo-se subitamente, como uma zombaria inesperada.

“O que vocês vão fazer?” Connant explodiu subitamente. “Mais imunização?”

Clark zombou, e parou com um soluço. “Imunização. Ha! Certo, imunização.”

“Esse monstro,” disse Van Wall firmemente, “é bastante lógico. Nossos cães imunes estão muito bem, e nós podemos tirar um pouco mais de soro para os testes. Mas não vamos fazer mais soro.”

“Você não vê — não percebe que não pode usar sangue humano ou outro cão...” Norris começou.

“Não há mais,” disse McReady suavemente, “qualquer cão, ou gado, eu diria.”

“Não há mais cães?” Benning sentou lentamente.

“Eles são muito desagradáveis quando começam a mudar,” Van Wall disse precisamente. “Mas lentos. Aquele ferro de eletrocutar que você fez, Barclay, é bem rápido. Há apenas um cão de sobra — nosso imune. O monstro que o deixou para nós, para que pudéssemos fazer o nosso pequeno teste. O resto—” Ele encolheu os ombros e enxugou as mãos.

“O gado...”, Kinner engasgou.

“Também. Reagem muito bem. Eles ficam engraçados como o diabo quando começam a derreter. Os animais não teriam qualquer

possibilidade de fuga, se estivessem amarrados em correntes de cachorros, ou cabrestos, e a coisa os teria para imitar.”

Kinner levantou lentamente, seus olhos dispararam pela sala, e pararam tremendo horivelmente em um balde de lata na cozinha. Lentamente, passo a passo, ele recuou para a porta, sua boca abrindo e fechando silenciosamente, como um peixe fora d’água.

“O leite—” ele engasgou. “Eu as ordenei uma hora atrás—” sua voz terminou em um grito quando ele mergulhou para a porta. Ele tinha saído para a neve sem roupas pesadas ou a prova de vento.

Van Wall olhou para ele por um momento pensativo. “Ele provavelmente é um homem desesperado,” ele disse, “mas ele pode ser um monstro fugindo. Ele não tem esquis. Leve um maçarico, em todo caso.”

O movimento físico da perseguição os ajudou; era algo que precisavam fazer. Três dos outros homens estavam ficando silenciosamente enjoados. Norris estava deitado de costas, com o rosto esverdeado, olhando fixamente para a parte inferior do beliche acima dele.

“Mac, há quanto tempo as vacas podem ser não-vacas?”

McReady encolheu os ombros sem esperança. Ele foi para o balde de leite, e com seu pequeno tubo de soro começou a trabalhar. O leite estava coalhado, dificultando o teste. Por fim, ele deixou cair o tubo de ensaio e sacudiu sua cabeça. “Ele testa negativamente. O que quer dizer que elas são vacas mesmo, ou então, sendo imitações perfeitas, elas dão leite perfeitamente bom.”

Copper agitou-se inquieto em seu sono e atravessou um gorgolejo entre um ronco e uma risada. Olhos silenciosos foram até ele. “Será que morfina, em um monstro...” alguém começou a perguntar.

“Só Deus sabe,” McReady encolheu os ombros. “Isso afeta qualquer animal terreno que posso imaginar.”

Connant subitamente ergueu a cabeça. “Mac! Os cães devem ter engolido pedaços do monstro, e os pedaços os destruíram! Os cães estavam onde o monstro estava. Eu estava trancando. Isso não prova...”

Van Wall sacudiu sua cabeça. “Sinto muito. Não prova nada sobre o que você é, apenas prova o que você não fez.”

“Ela não fez isso,” McReady suspirou. “Nós estamos desamparados. Porque não sabemos o suficiente, e estamos tão nervosos que não conseguimos pensar direito. Presos! Já viram um glóbulo branco do sangue atravessar a parede de um vaso sanguíneo? Não? Ele enfia um pseudópode, e lá está — do outro lado da parede.”

“Ah,” disse Van Wall infeliz. “O gado tentou derreter, não tentou? Eles poderiam ter derretido tornando-se apenas um fio de material e vazado sobre a porta para se reorganizar do outro lado. Cordas — não — não, isso não serviria. Elas não viveriam em um tanque selado ou...”

“Se,” disse McReady, “você disparar no coração e a coisa não morrer, é um monstro. Essa é a melhor forma que eu posso imaginar, de improviso.”

“Sem cães,” disse Garry em voz baixa, “e sem gado. Ela terá que imitar homens agora. E nos trancar não está fazendo nenhum bem. Seu teste pode ter funcionado, Mac, mas eu temo que será difícil com homens.”



12

Clark olhou para cima do aquecedor da cozinha quando Van Wall, Barclay, McReady e Benning aproximaram-se, batendo as roupas impregnadas de neve carregada pelo vento. Os outros homens amontoados no prédio da administração continuaram cuidadosamente a fazer o que estavam fazendo antes, jogando xadrez, pôquer e lendo. Ralsen estava consertando uma tábua da mesa; Van e Norris estavam concentrados nos dados magnéticos, enquanto Harvey lia tabelas em uma voz baixa.

Dr. Copper roncou suavemente no beliche. Garry estava trabalhando com Dutton sobre um calhamaço de mensagens de rádio que estava no canto do beliche de Dutton e uma pequena fração na mesa do rádio. Connant estava usando a maior parte da mesa com relatórios de Raios Cósmicos.

Através do corredor eles podiam ouvir muito bem a voz de Kinner. Clark bateu uma chaleira no fogão e acenou para McReady silenciosamente. O meteorologista foi até ele.

“Eu não me importo de cozinhar tanto assim,” Clark disse nervosamente, “mas não há alguma maneira de parar esse passarinho? Nós todos concordamos que seria melhor movê-lo para a Casa Cosmos.”

“Kinner?” McReady acenou em direção à porta. “Eu temo que não. Eu posso dopá-lo, eu suponho, mas nós não temos um estoque ilimitado de morfina, e ele não está correndo perigo de enlouquecer. Apenas está histérico.”

“Bem, nós todos estamos correndo o perigo de enlouquecer. Você esteve fora por uma hora e meia. Isso vem acontecendo

constantemente desde então, e já estamos indo para duas horas disso. Há um limite, você sabe.”

Garry aproximou-se lentamente, desculpando-se. Por um instante, McReady viu uma centelha de medo feral — horror — nos olhos de Clark, e sabia que no mesmo instante a centelha de medo estava nos seus olhos também. Garry ou Copper, um deles certamente seria um monstro.

“Se você pudesse parar com isso, eu acho que seria uma boa política, Mac,” Garry falou em voz baixa. “Há tensão suficiente nesta sala. Nós concordamos que seria mais seguro para Kinner lá, porque todo mundo no acampamento ficaria constantemente de olho.” Garry estremeceu levemente. “E tentaríamos, em nome de Deus, encontrar algum teste que funcione.”

McReady suspirou. “Observados ou não observados, todos estão tensos. Blair está preso em uma gaiola, que ele não abrirá agora. Diz que tem comida o suficiente, e fica gritando ‘Vão embora, vão embora.’ Então — nós fomos embora.”

“Não existe outro teste?” Garry perguntou.

McReady encolheu os ombros. “Copper estava perfeitamente certo. O teste do soro poderia ter sido absolutamente definitivo se não tivesse sido contaminado. Mas aquele é o único cão que restou, e ele está pronto agora.”

“Química? Testes químicos?”

McReady balançou a cabeça. “Nossa química não é tão boa. Eu tentei o microscópio, como você sabe.”

Garry acenou afirmativamente. “O cão-monstro e o cão verdadeiro são idênticos. Mas — você tem que prosseguir. O que nós vamos fazer após o jantar?”

Van Wall juntou-se a eles silenciosamente. “Revezamento para dormir. Metade dorme; metade fica acordada. Eu imagino quantos de nós somos monstros? Todos os cães eram. Nós pensamos que estávamos seguros, mas de alguma forma a coisa pegou Copper — ou você.” Os olhos de Van Wall brilharam inquietos. “A coisa pode ter pegado cada um de vocês — todos vocês, e eu mesmo, podemos estar imaginando isso, observando. Não, isso não é possível. Vocês estariam apenas esperando a primavera. Não

teremos esperanças. Nós humanos podemos ser a maioria agora. Mas—” ele parou.

McReady riu. “Você está fazendo o mesmo que Norris que estava queixando-se para mim. Que estamos apenas esperando. Mas se alguém mais mudou — isso poderia deslocar o balanço de poder. Isso não luta. Eu não acho que ela lutaria. Ela deve ser uma coisa pacífica, da sua maneira inimitável. Isso nunca teria de lutar, porque sempre atingiria seu objetivo — de outra forma.”

A boca de Van Wall torceu-se em um sorriso doentio. “Você está sugerindo então, que talvez a coisa já seja maioria, mas que está apenas esperando — todos esperando, todos vocês, pelo que eu sei — até que eu, o último humano, caia no sono. Mac, você percebeu seus olhos, que todos estão olhando para nós?”

Garry suspirou. “Vocês não estiveram aqui sentados por quatro horas seguidas, enquanto silenciosamente pesavam sobre os olhos a informação de que um de nós, Copper ou eu, seria certamente um monstro — talvez nós dois.”

Clark repetiu seu pedido. “Você vai parar esse matracar? Ele está me deixando louco. Faça-o diminuir o volume, pelo menos.”

“Ainda rezando?” McReady perguntou.

“Ainda rezando,” Clark gemeu. “Ele não parou nem um segundo. Eu não me importo se a oração o alivia, mas ele grita, ele canta salmos e hinos e berra orações. Ele acha que Deus não pode ouvir ele bem aqui em baixo.”

“Talvez Ele não possa,” Barclay resmungou. “Ou Ele tenha feito algo sobre essa coisa saída do inferno.”

“Alguém vai tentar o teste que você mencionou, se você não pará-lo,” Clark disse severamente. “Eu acho que um cutelo na cabeça poderia ser um teste tão eficiente quanto uma bala no coração.”

“Vá em frente com a comida. Eu vou ver o que posso fazer. Pode haver algo nos armários.” McReady moveu-se cansado para o canto que Copper usava como despensa. Três armários altos de tábuas ásperas, dois trancados, eram onde se armazenava os suprimentos médicos do acampamento. Doze anos atrás McReady formou-se, começou sua residência, e então se desviou para a meteorologia. Copper era um homem decidido, um homem que conhecia bem sua

profissão, minuciosamente e modernamente. Mais da metade das drogas disponíveis eram totalmente desconhecidas para McReady; muitas das outras ele tinha esquecido. Não havia grandes bibliotecas médicas aqui, nem revistas especializadas disponíveis para recordar coisas que ele tinha esquecido, o elementar, coisas simples para Copper, coisas que não mereciam ser incluídas na pequena biblioteca com que ele forçosamente era obrigado a se contentar. Livros eram pesados, e cada grama de suprimentos havia sido transportada por via aérea.

McReady escolheu um barbitúrico esperançosamente. Barclay e Van foram com ele. Um homem nunca deveria ir a lugar algum sozinho no Grande Magneto.

Ralsen colocou seu trenó de lado, e os físicos saíram da mesa, o jogo de poker interrompido para quando voltassem. Clark estava servindo a comida. O tilintar dos talheres e sons abafados do jantar eram os únicos sons de vida na sala. Não houve palavras quando os três retornaram; simplesmente todos os olhos focaram neles interrogativamente, enquanto suas mandíbulas moviam-se metodicamente.

McReady enrijeceu-se subitamente. Kinner estava guinchando um hino em uma voz rouca e rachada. Ele parecia cansado para Van Wall que com um sorriso irônico sacudiu a cabeça. “Ah-hã.”

Van Wall praguejou amargamente, e sentou-se à mesa. “Nós vamos ter que aguentar isso até sua voz acabar. Ele não pode gritar assim para sempre.”

“Ele tem uma garganta de latão e uma laringe de ferro fundido,” Norris declarou selvagemmente. “Então nós podemos esperar que isso indique que deva ser um dos nossos amigos. Nesse caso ele poderia continuar renovando sua garganta até o dia do juízo final.”

O silêncio fechou o cerco. Por vinte minutos eles ficaram sem palavras. Então Connant pulou com violência furiosa. “Vocês ficam parados como um bando de esculturas. Vocês não dizem uma palavra, mas Deus do Céu, que olhos expressivos vocês têm. Eles rolam por toda parte como um monte de bolinhas de gude rolando por uma mesa. Eles piscam, piscam e encaram — e sussurram coisas. Vocês podem olhar para outro lugar só para variar, por favor?”

“Escute, Mac, você está no comando aqui. Vamos ver filmes pelo resto da noite. Nós estamos guardando esses rolos de filme para depois. Depois do que? Quem verá esses últimos rolos, hein? Vamos vê-los enquanto podemos, e olharemos para algo mais que um para o outro.”^[15]

“Boa ideia, Connant. Eu, por sinal, estou muito disposto a mudar isso da forma que eu puder.”

“Aumente bastante o som, Dutton. Talvez você possa abafar esses hinos,” Clark sugeriu.

“Mas não—” Norris disse suavemente, “não apague todas as luzes.”

“As luzes serão desligadas.” McReady sacudiu a cabeça. “Nós vamos exibir os desenhos animados que temos. Você não se importa de ver desenhos antigos, não é?”

“Bom, bom — uma exibição de filmes tolos. Eu simplesmente não estou no clima.” McReady voltou-se para olhar para quem tinha dito isso, um magrelo da Nova Inglaterra, com o nome de Caldwell. Caldwell estava enchendo o cachimbo devagar, e com um olhar azedo inclinava-se na direção de McReady.^[16]

O gigante de bronze sentiu-se forçado a rir. “Ok, Bart, você venceu. Talvez nós não estejamos no clima para Popeye e trapalhadas de patos, mas é alguma coisa.”

“Vamos jogar Classificações,” Caldwell sugeriu em voz baixa. “Ou talvez vocês chamem o jogo de Guggenheim. Você desenha linhas em um pedaço de papel, e coloca classes de coisas — como animais, certo? Um para ‘H’ e um para ‘D’ e assim por diante. Como ‘Humano’ e ‘Desconhecido’ por exemplo. Eu acho que seria um jogo muito melhor. Classificação, eu acho que é o que precisamos agora mais do que filmes. Talvez alguém tenha um lápis que possamos usar para desenhar as linhas, ente os animais ‘D’ e os animais ‘H’ por exemplo.”^[17]

“McReady está tentando encontrar o lápis,” Van Wall respondeu baixo, “mas nós temos três tipos de animal aqui, certo? Um que começa com ‘M’. Nós não queremos mais nenhum.”

“Malucos, você quer dizer. Hã-hã. Clark, Eu vou ajudá-lo com essas painéis para que nós possamos começar o espetáculo.” Caldwell levantou lentamente.

Dutton, Barclay e Benning, no comando dos mecanismos de projeção e som, iniciaram o seu trabalho silenciosamente, enquanto o prédio da administração estava sendo arrumado e os pratos e panelas retirados. McReady foi em direção a Van Wall lentamente, e inclinou-se no beliche ao lado dele. “Eu estive pensando, Van,” ele disse com um sorriso irônico, “entre reportar ou não minhas ideias com antecedência. Eu esqueci que os animais ‘D’ como Caldwell os nomeou, podem ler mentes. Eu tenho uma vaga ideia de algo que possa funcionar, que é vaga demais para nos incomodar. Vá em frente com seu show, enquanto isso, eu tenho que encontrar a lógica da coisa. Eu vou pegar esse beliche.”

Van Wall olhou para cima, e balançou a cabeça afirmativamente. A tela de cinema estaria praticamente sobre seu beliche, tornando as imagens menos distrativas ali, já que menos inteligíveis. “Talvez você devesse nos dizer o que tem em mente. Desse jeito, somente os ‘Desconhecidos’ poderiam saber o seu plano. Você pode tornar-se — ‘Desconhecido’ antes de concluir a operação.

“Não vai demorar muito, se eu conseguir resolver isso direito. Mas eu não quero mais dessa coisa de teste-de-cachorro-monstros. É melhor nós mudarmos Copper para o seu beliche diretamente acima de mim. Ele não vai assistir aos filmes mesmo.” McReady acenou em direção ao Dr. Copper que estava gentilmente roncando no beliche. Garry os ajudou a erguerem e moverem o doutor.

McReady encostou-se contra o beliche e mergulhou num estado de concentração intensa, quase um transe, tentando calcular chances, operações, métodos. Ele mal estava ciente dos outros que estavam em silêncio, e da tela iluminada. As orações e hinos vagamente agitados de Kinner, com sua voz áspera, irritaram até que o projetor começou a reproduzir o som. As luzes se apagaram, mas as grandes áreas iluminadas da tela refletiam luz o suficiente para manter a visibilidade. A luz fazia os olhos dos homens faiscarem conforme se moviam incansavelmente. Kinner ainda rezava, gritando, sua voz um acompanhamento rouco ao som da máquina de projeção. Dutton aumentou o volume.

Enquanto a voz se arrastava, vagamente McReady começou a ficar ciente de que algo estava faltando. Deitado como ele estava, do outro lado do corredor estreito que levava a Casa Cosmos, a voz

de Kinner chegava a ele claramente, apesar do acompanhamento dos filmes. A forma como ela parou de repente o atingiu de forma abrupta.

“Dutton, corte o som,” McReady chamou enquanto levantava rapidamente. O filme piscou um momento, sem som e estranhamente fútil no súbito, profundo silêncio. O vento que se erguia na superfície acima borbulhava melancolicamente, como lágrimas de som descendo pela tubulação do aquecedor. “Kinner parou,” McReady disse suavemente.

“Graças a Deus quando começamos o som ele deve ter parado para ouvir,” Norris disse.

McReady levantou e foi em direção ao corredor. Barclay e Van Wall deixaram seus lugares no lado oposto da sala para segui-lo. As cintilações da projeção incharam e torceram as costas da roupa de Barclay enquanto ele cruzava o feixe ainda funcionando do projetor. Dutton ligou as luzes, e os filmes desapareceram.

Norris estava na porta, como McReady tinha pedido. Garry sentou suavemente no beliche próximo a porta, forçando Clark a abrir espaço para ele. A maioria dos outros ficaram exatamente onde estavam. Somente Connant caminhou lentamente para cima e para baixo na sala, em um ritmo constante e estável.

“Você pretende continuar fazendo isso, Connant?” Clark disparou, “Nós poderíamos ficar muito bem sem você, fosse você humano ou não. Você vai parar ou não com esse ritmo maldito?”

“Sinto muito.” O físico sentou em um beliche, e observou seus sapatos pensativamente. Passaram quase cinco minutos, cinco eras enquanto o vento fazia o único som, antes de McReady aparecer na porta.

“Nós,” ele anunciou, “ainda não tivemos dor suficiente por aqui. Alguém tentou nos ajudar. Kinner tem uma faca em sua garganta, o que fez ele parar de cantar, provavelmente. Nós temos monstros, malucos e matadores. Consegue pensar em outro ‘M’, Caldwell? Se houver, nós provavelmente o teremos em pouco tempo.”



13

“Blair está solto?” alguém perguntou.

“Blair não está solto, ou veio para dentro. Se existe alguma dúvida a respeito do local de onde nosso ajudante veio — isso poderá esclarecê-la.” Van Hull segurava uma comprida faca de lâmina fina em um pano. O cabo de madeira estava meio queimado, com o padrão peculiar da parte superior do fogão da cozinha.

Clark olhou para ela. “Eu fiz isso nesta tarde. Eu esqueci essa coisa maldita em cima do fogão.”

Van Wall acenou afirmativamente. “Eu senti o cheiro, se você se lembra. Eu sei que a faca veio da cozinha.”

“Eu imagino,” disse Benning, olhando em torno com cautela, “quantos monstros mais nós temos aqui? Se alguém pode sair desse lugar, ir à cozinha e então até a Casa Cosmos e voltar — ele voltou não é? Sim — todos estão aqui. Bem, alguém dessa turma pode fazer tudo isso...”

“Talvez um monstro tenha feito isso,” Garry sugeriu em voz baixa. “Existe essa possibilidade.”

“O monstro, como você apontou hoje, tem apenas homens para imitar. Será que ele poderia diminuir seu, assim digamos, suprimento?” Van Wall apontou. “Não, nós apenas temos um simples, ordinário parasita, um assassino para lidar. Ordinariamente nós poderíamos chamá-lo de ‘assassino inumano’ eu suponho, mas temos que fazer a distinção agora. Nós temos assassinos inumanos, e agora nós temos assassinos humanos. Ou, pelo menos, um.”

“Agora temos um homem a menos,” Norris disse suavemente. “Talvez os monstros tenham que equilibrar as forças agora.”

“Esqueça isso,” McReady suspirou e voltou-se para Barclay. “Bar, você pode pegar seu dispositivo elétrico? Eu vou fazer algo...”

Barclay voltou-se para o corredor para buscar o eletrocutor, enquanto McReady e Van Wall voltavam-se para a Casa Cosmos. Barclay os seguiu trinta segundos depois.

O corredor para a Casa Cosmos era sinuoso, assim como todos os corredores no Grande Magneto, e Norris ficou na entrada novamente. Eles ouviram o súbito grito abafado de McReady. Houve algumas apressadas e selvagens batidas, sons secos e abafados. “Bar — Bar...” E um curioso grito, um miado selvagem, silenciado antes mesmo que Norris chegasse rapidamente à curva.

Kinner — ou o que havia sido Kinner — jazia no chão; cortado em dois pela grande faca que McReady tinha. O meteorologista ficou contra a parede, com a faca pingando vermelho em sua mão. Van Wall estava movendo-se lentamente no chão, gemendo, meio consciente, esfregando a mandíbula com sua mão. Barclay, com um brilho selvagem em seus olhos, estava metodicamente movendo a arma eletrocutora em sua mão, espetando, espetando.

Os braços de Kinner tinham desenvolvido uma estranha pele escamosa, e a carne estava retorcida. Os dedos tinham encurtado, a mão estava arredondada, os dedos tinham se transformado em coisas com oito centímetros, parecidas com chifres vermelhos, em forma de garras afiadas cortantes como aço.

McReady levantou sua cabeça, olhou para a faca em sua mão e a deixou cair. “Bem, quem fez isso pode falar agora. Ele é um assassino inumano, pois matou uma coisa desumana. Eu juro por tudo que é mais sagrado, Kinner era um corpo sem vida no chão quando nós chegamos. Mas quando íamos espetá-lo com o eletrocutor, ele mudou.”

Norris olhou vacilante. “Oh, Deus, essas coisas podem atuar. Meu Deus — sentada aqui por horas, murmurando orações para um Deus que ela odiava! Gritando hinos com uma voz rachada — hinos sobre uma igreja que nunca conheceu. Enlouquecendo-nos com uivos incessantes...”

“Bem, fale quem fez isso, você pode não saber, mas fez um favor para nós. E, que inferno, eu quero saber como saiu da sala sem que ninguém visse. Isso pode ajudar a nos proteger.”

“Seus gritos — sua cantoria. Até o som do projetor não podia abafá-los.” Clark estremeceu. “Era um monstro.”

“Ah,” disse Van Wall em súbita compreensão. “Você estava sentado próximo à porta, não estava? E quase atrás da tela de projeção, não é?”

Clark assentiu em silêncio. “Ele — está quieto agora. É um defunto — Mac, seu maldito teste não é bom. Ele já estava morto de qualquer forma, monstro ou homem, ele estava morto.”

McReady riu baixinho. “Garotos, conheçam Clark, o único que sabemos que é humano! Conheçam Clark, o que provou ser humano por tentar cometer homicídio — e falhar. Será que o resto de vocês pode abster-se de tentar provar que é humano por enquanto? Eu acho que podemos tentar outro teste.”

“Um teste!” Connant retrucou alegremente, e em seguida seu rosto encheu-se de decepção. “Eu suponho que é uma-coisa-qualquer-que-você-queira.”

“Não,” disse McReady firmemente. “Olhem atentamente e sejam cuidadosos. Venham para o prédio da administração. Barclay traga o eletrocutor. E alguém — Dutton — fique com Barclay para ter certeza que ele o faz. Observem seus vizinhos, pois do Inferno de onde esses monstros vêm, eu tenho algo, e eles sabem disso. Eles vão ficar perigosos!”

O grupo ficou tenso de repente. Um ar de esmagamento entrou no corpo de cada homem, enquanto eles se entreolhavam bruscamente. Mais intensamente do que nunca — será que o homem ao meu lado é um monstro inumano?



“O que é isso?” Garry perguntou, quando eles se posicionaram na sala principal. “Quanto tempo isso vai levar?”

“Eu não sei exatamente,” disse McReady, sua voz cheia de determinação raivosa. “Mas eu sei que vai funcionar, e não há duas respostas para isso. Isso depende de uma qualidade básica do monstro, não nossa. ‘Kinner’ apenas me convenceu.” Ele ficou pesado e sólido com uma imobilidade de bronze, completamente seguro de si, pelo menos.



“Isso,” disse Barclay, erguendo a empunhadora da arma, com as duas pontas afiadas dos condutores carregados, “vai ser bastante necessário, eu levo ela. A usina de força está garantida?”

Dutton assentiu bruscamente. “A caldeira automática está cheia. A usina de força a gás está de prontidão. Van Wall e eu a configuramos para a exibição de cinema — e nós a checamos diversas vezes, sabe? Qualquer coisa que tocar esses condutores morrerá,” ele assegurou severamente “Eu estou certo disso.”

Dr. Copper agitou-se vagamente em seu beliche, esfregando os olhos com uma mão desajeitada. Ele sentou-se lentamente, piscou os olhos embaçados devido ao sono e drogas, e arregalou-os com um horror indescritível de pesadelos criados pelas drogas. “Garry,” ele murmurou, “Garry — escute. Egoísta — do inferno eles vieram, um marisco do inferno — quero dizer egoísta do inferno — Eu? O que eu quero dizer?” ele afundou de volta no beliche, e roncou suavemente.

McReady olhou para ele pensativo. “Saberemos logo,” ele acenou lentamente. “Mas egoísta diz tudo. Você deve ter pensado nisso, meio dormindo, sonhando. Eu não paro de pensar que sonhos você deve estar tendo. Mas está certo. Egoísta é a palavra. Eles tem que ser, vejam só.” Ele voltou-se para os homens na sala, tensos, homens silenciosos encarando com olhos de lobo cada um de seus vizinhos. Egoístas, e como Dr. Copper disse cada parte é um todo. Cada pedaço é alto suficiente, um animal independente.

“Isso, e uma outra coisa, contam a história. Não há nada de misterioso no sangue; é apenas tecido corporal normal como um pedaço de músculo, ou um pedaço de fígado. Mas sem tecido conectivo, ainda assim tem milhões, bilhões de células vivas.”

A grande barba bronze de McReady desgrenhou em um sorriso sombrio. “Isso é gratificante, de certa maneira. Eu tenho bastante certeza que nós humanos ainda superamos em número vocês — os outros. Outros que estão aqui. E nós temos o que vocês, sua espécie de outro mundo, evidentemente não tem. Não um imitado, mas um instinto firmemente estabelecido, algo que nos guia, uma chama inextinguível genuína. Nós lutamos, lutamos com uma ferocidade que você pode tentar imitar, mas que você nunca poderá

igualar. Nós somos humanos. Nós somos verdadeiros. Vocês, imitações, são falsos até o núcleo de cada célula.

“Tudo bem. É um confronto agora. Você sabe. Você, com sua leitura da mente. Você viu a ideia direto do meu cérebro. Você não pode fazer nada a respeito.

“Ficarei aqui—

“Deixe-me passar. Sangue é tecido vivo. Eles têm que sangrar, se eles não sangram quando cortados, então pelos Céus, eles são falsos! Falsificações do inferno! Se eles sangrarem — então o sangue, separado deles, é um indivíduo — um novo indivíduo com sua própria vontade, assim como eles, divididos, todos eles, como o original, são indivíduos!

“Entendeu Van? Viu a resposta, Bar?”

Van Wall riu suavemente. “O sangue — o sangue não obedecerá a vontade deles. É um novo indivíduo, com o desejo de proteger sua própria vida que o original — a massa principal da qual foi separado — tinha. O sangue vai viver — e tentar escapar de uma agulha quente, é isso!”

McReady pegou o bisturi da mesa. De um armário, ele pegou um conjunto de tubo de ensaios, uma pequena lamparina de álcool, e um comprido fio de platina preso em uma pequena vareta de vidro. Um sorriso irônico formou-se em seus lábios. Por um momento ele olhou para aqueles a seu redor. Barclay e Dutton moveram-se em direção a ele lentamente, o eletrocutor de prontidão.

“Dutton,” disse McReady, “suponho que você deva ficar sobre a emenda onde você conectou isso. Apenas certifique-se que nada vai desconectá-la.”

Dutton moveu-se. “Agora, Van, suponho que você vai ser o primeiro nisso.”

Com o rosto pálido, Van Wall deu um passo à frente. Com uma delicada precisão, McReady cortou uma veia na base de seu dedo. Van Wall estremeceu levemente, então ficou parado enquanto um centímetro de sangue era coletado no tubo. McReady colocou o tubo no suporte, deu a Van Wall um pouco de sulfato de alumínio e indicou a garrafa de iodo.

Van Wall ficou imóvel, observando. McReady aqueceu o fio de platina na lâmpada álcool, então a mergulhou no tubo. Ela sussurrou

baixo. Cinco vezes ele repetiu o teste. “Humano, eu diria.” McReady suspirou e endireitou-se. “Até agora minha teoria não foi realmente comprovada — mas eu tenho esperança. Eu tenho esperança.

“Por sinal, não fique muito empolgado com isso. Nós temos conosco alguns dos indesejáveis, sem dúvida, Van, você pode liberar Barclay do interruptor? Obrigado. O.K., Barclay, e devo dizer que espero que você permaneça conosco? Você é um cara danado de bom.”

Barclay sorriu com incerteza; estremeceu sobre a lâmina do bisturi. Colaborando, e sorrindo abertamente, ele recuperou sua arma de cabo longo.

“Sr. Samuel Dutt — BAR!”

A tensão liberou-se naquele segundo. Quaisquer que fossem os monstros do inferno entre eles, os homens o enfrentaram naquele instante. Barclay não teve chance de mover sua arma quando um grupo de homens derramou-se sobre aquela coisa que parecia Dutton. Ele miou, cuspiu e tentou crescer presas — e foi partido em centenas de pedaços. Sem facas, ou quaisquer armas além da força bruta de uma equipe de homens, a coisa foi esmagada.

Lentamente, eles se levantaram, com fogo nos olhos, muito calmos em suas emoções. Rugas curiosas em seus lábios traíam uma espécie de nervosismo.

Barclay agiu com a arma elétrica. A coisa queimou e fedeu. O ácido cáustico que Van Wall derrubava em cada gota de sangue derramado desprendia uma fumaça que causava tosses.

McReady sorriu, seus profundos olhos brilhantes acessos e brilhando. “Talvez,” ele disse suavemente, “eu tenha subestimado as habilidades do homem, quando disse que nada poderia ter a ferocidade que aquela coisa que encontramos tinha em seus olhos. Eu gostaria que pudéssemos ter a oportunidade de tratar de forma mais digna essas coisas. Algo como óleo fervente, ou chumbo derretido nela, ou talvez cozimento lento na caldeira da usina de força. Quando eu penso que homem Dutton foi—

“Esqueçam. Minha teoria está confirmada por — por alguém que sabia? Bem, Van Wall e Barclay foram provados. Eu acho, então, que eu devo tentar mostrar para vocês algo que eu já sei. Que eu também sou humano.” McReady mergulhou o bisturi em álcool

absoluto, queimou a lâmina de metal e cortou a base de seu polegar habilmente.

Vinte segundos depois ele olhou para cima da mesa para os homens que esperavam. Eles estavam mais sorridentes agora, exibindo sorrisos simpáticos, contudo, com algo mais nos olhos.

“Connant,” McReady sorriu suavemente. “estava certo. Os huskies assistindo aquela coisa depois da curva do corredor não pareciam em nada com vocês. Pergunto por que nós achamos que apenas o sangue do lobo tem direito à ferocidade? Talvez a maldade espontânea de um lobo seja maior, mas depois desses sete dias — abandonem toda esperança, vós lobos que entrarem aqui!”

“Talvez nós possamos ganhar tempo. Connant, você poderia aproximar-se para—”

Novamente Barclay foi muito lento. Havia mais sorrisos, menos tensão ainda, quando Barclay e Van Wall terminaram seu trabalho.

Garry falou com uma voz baixa e amarga. “Connant era um dos melhores homens que tínhamos aqui — e cinco minutos atrás eu teria jurado que ele era um homem. Essas malditas coisas são mais que uma imitação.” Garry estremeceu e sentou-se em seu beliche.

E trinta segundos depois, o sangue de Garry recuou do fio de platina quente, e lutou para escapar do tubo, lutando tão freneticamente quanto a fera súbita, de olhos vermelhos, a imitação de Garry que revelada lutava para desviar-se da arma em forma de língua de cobra, assim que Barclay avançou para ele, com o rosto branco e suando.



||4||

“O último deles?” Dr. Copper olhou para baixo de seu beliche com olhos injetados de sangue, entristecidos. “Quatorze deles—”

McReady acenou rapidamente. “De certa forma — apenas se conseguimos evitar permanentemente sua propagação — eu gostaria de ter as imitações de volta. Comandante Garry — Connant — Dutton — Clark—”

“Para onde nós estamos levando aquelas coisas?” Copper acenou para a maca que Barclay e Norris estavam carregando para fora.

“Para fora. Para fora no gelo, onde nós temos quinze caixas esmagadas, meia tonelada de carvão e agora adicionaremos dez galões de querosene. Nós derrubamos ácido em cada gota que pingou, todo fragmento partido. Nós vamos incinerá-los.”

“Parece um bom plano.” Copper assentiu cansado. “Eu me pergunto, você ainda não disse nada quanto ao Blair—”

McReady começou. “Nós o esquecemos! Nós tínhamos tanto mais! Eu imagino — você supõe que poderemos curá-lo agora?”

“Se—” começou o Dr. Copper, e parou significativamente.

McReady começou uma segunda vez. “Mesmo um louco. Ele imitou Kinner e estava rezando em histeria—” McReady voltou-se em direção a Van Wall que estava ao longo da mesa. “Van, nós vamos fazer uma expedição para a cabana de Blair.”

Van olhou para cima bruscamente, o cenho franzido por um instante em lembrança surpresa. Então ele ergueu-se, acenando com a cabeça. “Melhor Barclay ir junto. Ele fez os laços dos cabos, e pode descobrir como entrar sem assustar muito Blair.”

Quarenta e cinco minutos depois, através de -38°C de frio, com a cortina da Aurora crescendo acima de suas cabeças. O crepúsculo tinha quase doze horas de duração, brilhando como chamas na neve do norte, com neve cristalina sobre seus esquis. Um vento de 8km/h amontoava neve em linhas de deriva apontando para o noroeste. Três quartos de hora para chegar ao depósito enterrado na neve. Nenhuma fumaça vinha do pequeno depósito, então os homens se apressaram.

“Blair!” Barclay rugiu na direção do vento quando ele ainda estava a cem metros de distância. “Blair!”

“Cale-se,” disse McReady suavemente. “E apressem-se, ele pode estar tentando uma faca longa. Se nós tivermos que ir atrás dele — nenhum avião, tratores desativados.”

“Um monstro teria a resistência de um homem?”

“Uma perna quebrada não o pararia por mais de um minuto.” McReady apontou.

Barclay engasgou subitamente e apontou para o alto. Escurecendo no céu da meia noite, uma coisa alada circulava em curvas com graça e facilidade. Grandes asas brancas batiam gentilmente, e o pássaro passou sobre eles curiosamente. “Um albatroz—” Barclay disse suavemente. “O primeiro da temporada, vagando pelo interior por alguma razão. Se o monstro estiver solto —”

Norris inclinou-se sobre o gelo, e rasgou apressadamente sua roupa pesada, a prova de vento. Ele endireitou-se, seu casaco batendo aberto, uma arma de metal azul em suas mãos. Ele rugiu um desafio no branco silêncio da Antártida.

A coisa no ar gritou com uma voz rouca. Suas grandes asas batiam freneticamente quando duzias de penas voaram de sua cauda para baixo. Norris atirou novamente. O pássaro estava movendo-se rapidamente agora, mas em uma linha de retirada quase reta. A coisa gritou novamente, mais penas caíram e com um bater de asas ele planou para trás de uma crista de gelo, para desaparecer.

Norris correu atrás dos outros. “Aquilo não retornará,” ele disse ofegante.

Barclay o advertiu para fazer silêncio, apontando. Uma curiosa luz azul feroz vinha das rachaduras da porta do depósito. Um zumbido muito baixo soava lá dentro, um baixo e suave zumbido e um clink e clank de ferramentas, sons que de alguma forma transportavam uma mensagem de pressa frenética.

O rosto de McReady ficou pálido. “Que Deus nos ajude se aquela coisa estiver—” Ele agarrou o ombro de Barclay, e fez movimentos de corte com seus dedos, apontando em direção ao laço de cabos de controle que seguravam a porta.

Barclay retirou o alicate cortador de fios de seu bolso, e ajoelhou-se silenciosamente na porta. O ‘snap’ e ‘twang’ de seu alicate fez um intolerável barulho quebrando a quietude absoluta da Antártida. Havia apenas aquele estranho, suave ‘hummm’ vindo do depósito, e estranhos, frenéticos cliques e chocalhares de ferramentas para abafar os seus ruídos.

McReady espiou através de uma rachadura na porta. Sua respiração ficou presa e seus dedos apertaram cruelmente o ombro de Barclay. O meteorologista recuou. “Não é,” ele explicou suavemente, “Blair. Ele está ajoelhando em algo no beliche — algo que fica erguendo. Seja o que for em que esteja trabalhando, é uma coisa como uma mochila — que fica erguendo.”

“Todos juntos,” Barclay disse severamente. “Não Norris, fique atrás, e pegue aquele seu ferro. Isso pode ter — armas.”

Juntos, o corpo poderoso de Barclay e a força de gigante de McReady bateram na porta. No interior o beliche que estava contra a porta guinchou loucamente e rompeu-se em pedaços. A porta veio abaixo com as dobradiças quebradas, com a madeira remendada dos batentes caindo para dentro.

Como uma bola de borracha, uma Coisa saltou para cima. Um de seus quatro braços como tentáculos saltaram para fora como uma cobra. Em uma mão com sete tentáculos um lápis de 15 centímetros de metal brilhante balançou para cima para enfrentá-los. Seus lábios finos contorceram-se mostrando presas como a de cobras com um sorriso de ódio, com os olhos vermelhos em chamas.

O revolver de Norris trovejou no espaço confinado. O rosto cheio de ódio contorceu-se em agonia, o tentáculo recuando. A coisa

prateada em sua mão virou uma ruína esmagada de metal, a mão com sete tentáculos tornou-se uma massa de carne mutilada escorrendo gosma verde-amarelada. O revolver trovejou mais três vezes. Buracos escuros foram perfurados em cada um dos três olhos antes de Norris arremessar a arma vazia contra seu rosto.

A coisa gritou com ódio feral, um tentáculo chicoteou cegamente. Por um momento, ela se arrastou no chão, com tentáculos selvagens atacando, o corpo contorcendo-se. Então ela ergue-se cambaleante, olhos cegos movendo-se, fervendo odiosamente, a carne esmagada descamando em nacos encharcados.

Barclay pôs-se de pé e mergulhou para frente com um machado de gelo. O peso da ferramenta esmagou contra o lado da cabeça da coisa. Mais uma vez o monstro indestrutível caiu. Os tentáculos atacaram, e subitamente Barclay caiu a seus pés nas garras de uma corda viva. A coisa dissolveu quando ele a segurou, uma faixa branca e quente que comeu a carne de suas mãos como fogo vivo. Freneticamente ele tirou o seu casaco e segurou suas mãos onde ela não existia mais. A Coisa cega sentiu e rasgou o tecido duro, pesado da roupa para neve, procurando carne — carne que pudesse ser convertida—

O enorme maçarico que McReady trouxe tossiu solenemente. Abruptamente ele retumbou sua censura rouca. Então ele emitiu uma risada gorgolejante, e arremessou uma língua de fogo de azul esbranquiçado, com cerca de um metro. A Coisa no chão gritou e se debateu cegamente com tentáculos que se contorciam e murchavam por causa da fúria borbulhante do maçarico. Ela rastejou voltando-se para a porta, gritando e mancando loucamente, mas McReady mantinha sempre o maçarico sobre seu rosto, seus olhos mortos queimando e borbulhando inutilmente. Freneticamente a Coisa rastejou e uivou.

De um tentáculo brotou uma garra selvagem — que crispou na chama. Firmemente McReady moveu-se como se seguisse um plano sombrio. Impotente, enlouquecida, a Coisa recuou da tocha que grunhia, das carícias de sua língua de fogo. Por um momento ela se rebelou, berrando com ódio inumano enquanto tocava a neve gelada. Então ela caiu para trás devido ao fogo carbonizante da tocha, o fedor da sua carne banhando-a. Desesperadamente ela

recuou — mais e mais através da neve da Antártida, o vento cortante torcendo a língua de fogo, vagamente torcendo-a, um rastro de óleo, fedendo a fumaça que borbulhava para longe dela.

McReady caminhou em direção ao depósito silenciosamente. Barclay o encontrou na porta. “Nada mais?” o meteorologista gigante perguntou sombriamente.

Barclay balançou sua cabeça. “Nada mais. A coisa não se dividiu?”

“Ela tinha outras coisas para pensar,” McReady assegurou. “Quando eu saí, isso era uma brasa brilhante. O que ela estava fazendo?”

Norris riu. “Meninos sábios, nós somos. Esmagamos peças, então aviões não funcionam. Rompemos a tubulação das caldeiras dos tratores. E deixamos a Coisa sozinha uma semana nesse depósito. Sozinha e sem perturbações.”

McReady olhou para o depósito mais cuidadosamente. O ar, apesar da porta arrombada, era quente e úmido. Em uma mesa no lado distante da sala, descansava uma coisa com fios enrolados e pequenos ímãs, tubos de vidro e rádio. No centro um bloco de pedra bruta descansava. Do centro do bloco, veio a luz que inundava o local, uma luz ferozmente mais azul que um arco elétrico, e disso vinha o zumbido suave. De um lado estava outro mecanismo de vidro cristalino, soprado com uma incrível nitidez e delicadeza, placas de metal e uma estranha e brilhante esfera de insubstancialidade.

“O que é isso?” McReady moveu-se para perto.

Norris grunhiu. “Deixemos para a investigação. Mas eu posso imaginar muito bem. Isso é força atômica. Essa coisa na esquerda — é uma coisinha elegante que faz o que estamos tentando fazer vários ciclotrons. Ela separa nêutrons da água pesada, que estava pegando do gelo circundante.”

“Onde ele conseguiu todas essas — ah, é claro, um monstro não poderia ficar trancado dentro — ou fora. Ele esteve mexendo nos depósitos de equipamentos.” McReady olhou para o aparelho. “Deus, que mente essa espécie deve ter...”

“A esfera brilhante — eu acredito que é uma esfera de força pura. Nêutrons podem agir em qualquer matéria, e ele queria um

reservatório para fornecimento de nêutrons. Apenas projete nêutrons contra sílica, cálcio, berílio, quase tudo, e a energia atômica é liberada. Essa coisa é um gerador atômico.”

McReady puxou um termômetro de seu casaco. “Está fazendo 48°C aqui, apesar da porta aberta. Nossas roupas estão ajudando a isolar o calor, mas já estou começando a suar.”

Norris acenou afirmativamente. “A luz é fria. Eu já descobri isso. Mas isso aquece o lugar através daquela bobina. Ele tinha toda a força do mundo. Ele podia manter-se aquecido e confortável, em sua jornada aconchegante e prazerosa. Você percebeu a luz, a cor dela?”

McReady acenou afirmativamente. “Além das estrelas é a resposta. Além das estrelas. Ela veio de um planeta mais quente que circula um sol mais brilhante, mais azulado.”

McReady olhou para fora pela porta em direção à trilha manchada de fumaça que seguia vagando cegamente através da neve. “Não haverá mais nenhuma coisa vindo, eu espero. Por puro acidente ela aterrizou aqui, há cerca de vinte milhões de anos atrás. O que será que elas fizeram desde então?” ele acenou com a cabeça em direção ao aparelho.

Barclay sorriu suavemente. “Você percebeu em que ela estava trabalhando quando nós chegamos? Veja.” Ele apontou em direção ao teto do depósito.

Como uma mochila feita de latas achatadas, com tiras de panos penduradas e cintos de couro, o mecanismo se agarrava ao teto. Um pequeno coração brilhante de fogo celestial brilhava nela, queimando sem arder na madeira do teto. Barclay caminhou até ela, agarrou duas das fitas com suas mãos e puxou-as para baixo com esforço. Ele amarrou-as em seu corpo. Um leve salto o carregou em um arco estranhamente lento através do depósito.

“Antigravidade,” disse McReady suavemente.

“Antigravidade,” Norris confirmou. “Sim, se nós não a tivéssemos parado, mesmo sem aviões, e sem pássaros — os pássaros não vieram — mas ela tinha latas e peças de rádios, vidros e o depósito de equipamentos à noite. E em uma semana — uma semana inteira — tudo para si mesma. Chegaria a América em um simples salto — com antigravidade carregada com a energia atômica.

“Se nós não a parássemos, em cerca de meia hora — ela estava apenas apertando essas tiras no dispositivo para que pudesse vesti-lo — nós ficaríamos presos na Antártida, atirando em qualquer coisa que viesse para cá, em todo o resto do mundo.”

“O albatroz...” McReady disse suavemente. “Vocês acham que...”

“Com essa coisa quase terminada? Com aquela arma mortal em suas mãos?”

“Não, pela graça de Deus, que evidentemente escuta muito bem, mesmo aqui em baixo, e por uma margem de meia hora, nós mantivemos nosso mundo, e os planetas do sistema também. Antigravidade, percebam, e força atômica. Porque ela veio de outro sol, de uma estrela além das estrelas. Ela veio de um mundo com um sol azul.”





POLPAS DE SANGUE, CHORO E BOURBON

Alexander Meireles da Silva

O sangue, o choro e o bourbon do passado regaram as sementes das obras e produções que vêm nutrindo nossa imaginação no presente.

Marcianos invasores, gângsteres sádicos, mulheres sedutoras, índios selvagens... Os perigos apresentados nas páginas das revistas *pulp* das décadas de vinte, trinta e quarenta eram o antídoto diário de milhares de pessoas contra as ameaças de um mundo contaminado pelo ceticismo e desencanto com a realidade. Nesse quadro, por menos de 25 centavos de dólar, você poderia sair do seu mundo e embarcar em carruagens do Velho Oeste, submarinos futuristas, naves espaciais ou aviões de guerra.

Mas, se em um primeiro momento parece ser difícil termos hoje a dimensão do lugar da ficção *pulp* na cultura dos Estados Unidos da primeira metade do século XX, basta verificarmos sua influência em produções das áreas de Literatura, Cinema, História em Quadrinhos e *Games* desde as últimas décadas do século passado.

Se Luke Skywalker atravessou uma galáxia muito, muito distante para lutar contra um império, foi porque Buck Rogers, o primeiro herói espacial, mapeou as estrelas para ele no final dos anos vinte. Da mesma forma, mais do que a influência do sol do planeta Terra ou os anos de treino físico e mental, os poderes e habilidades de

Superman e Batman derivam da influência, nos anos trinta e quarenta, de Doc Savage, “O Homem de Bronze” que se refugiava em sua Fortaleza da Solidão e teve seu corpo e mente talhados para se tornar quase um super-humano. Ainda nesse campo, toda a linhagem de arqueólogos aventureiros do Cinema e dos *Games*, como Indiana Jones, Lara Croft e Nathan Drake, tem como mestres os diferentes exploradores de civilizações perdidas dos *pulps*.

Essa constatação aponta para o fato de que, como atesta a obra que você tem agora em suas mãos, a grande maioria dos grandes sucessos da cultura de entretenimento nos últimos trinta anos — nas esferas da Literatura, Cinema, Quadrinhos e *Games* —, de uma forma ou de outra, estabeleceu diálogos com a tradição *pulp*. Ou seja, há grandes chances de que hoje você possa estar lendo, assistindo ou jogando algo que possui suas raízes em uma publicação de papel barato de ontem.

Considerando, então, os espaços que as produções de Fantasia, Gótico, Horror e Ficção Científica ocupam hoje, tanto na indústria cultural quanto em estudos acadêmicos, é preciso deter um olhar mais demorado sobre esse cenário. Feito isso, perguntas surgem: Qual foi o *zeitgeist* que engendrou a ficção *pulp*? Qual foi a função desempenhada por estas narrativas dentro da psique norte-americana das décadas de vinte e trinta? Quais foram os principais arquitetos dos inúmeros mundos fantásticos que pululavam nas revistas vendidas em lojas e bancas norte-americanas? Em que circunstâncias insanas as histórias ganhavam vida? E por que o colorido das revistas *pulp* se esvaneceu a partir da década de cinquenta?

Entre o vermelho da guerra e o negro das bolsas

Uma das características mais reconhecíveis da ficção *pulp* é o colorido de suas publicações. Mas, na verdade, as primeiras cores que fizeram esta literatura popular ganhar corpo e se disseminar na América podem ser encontradas nos anos de sangue derramado ao longo da Primeira Guerra Mundial, ocorrida no período de 1914 e

1918, e no dia que ficou conhecido como a “Quinta-Feira Negra”, quando aconteceu o *Crash* das Bolsas, em 24 de outubro de 1929.

Talvez, por conta de sua maior proximidade com nosso tempo e suas reverberações nos dias atuais, a Segunda Guerra Mundial ocupe espaço considerável na consciência popular do presente, fato exemplificado no volume de produções cinematográficas sobre este evento histórico. Todavia, em termos de influência sobre o seu tempo e de ponto de ruptura radical com uma época, a Primeira Guerra Mundial impactou de forma direta a Literatura e as Artes em geral no início do século XX. Ainda que o conflito entre as Forças Aliadas e o Eixo, ocorrido entre 1939 e 1945, contabilize o dobro do número de mortes, o primeiro grande conflito entre nações no século XX foi muito mais devastador para o espírito de toda uma geração, fomentando as condições para a ascensão da indústria *pulp* na América.

Antes da Primeira Guerra Mundial, os dois últimos grandes conflitos envolvendo as grandes nações europeias haviam sido as Guerras Napoleônicas (1803–1815) e a Guerra da Crimeia (1853–1856). Após isso, a segunda metade do século XIX foi marcada por um processo caracterizado de um lado pela prosperidade econômica resultante da industrialização rápida e da exploração colonialista, advindas ambas da hegemonia do racionalismo científico, e de outro lado pela estabilidade política, derivada de uma teia complexa de alianças diplomáticas, reforçada em muitos casos por laços de sangue ou casamento: o *kaiser* Guilherme II da Alemanha, o czar Nicolau II da Rússia e o rei Eduardo VII da Grã-Bretanha, por exemplo, eram todos primos entre si.

Essa atmosfera de segurança e prosperidade, que viria a ser conhecida pelo nome de *Belle Époque*, permitiu que os benefícios materiais e culturais dessa sociedade fossem partilhados por um número elevadíssimo de pessoas, levando as classes média e alta a gozarem uma vida de extravagância e despreocupação sem precedentes. Os elegantes fidalgos trocavam amabilidades e exibiam a última moda no Hyde Park de Londres, ou no Unter den Linden de Berlim; o *café society* fervilhava nas calçadas de Viena; foliões iam a bailes de máscara na Ópera de Paris. E, se o torvelinho da cidade começasse a entediar, havia sempre a

alternativa dos fins de semana no campo ou as excitantes corridas de cavalos, regatas, caçadas e partidas de polo (SILVA, 2008).

Na Inglaterra, a *Belle Époque* marcou o auge de um processo ocorrido durante o reinado de 64 anos da rainha Vitória (1837–1901). Nesse período, o país saiu do tumulto provocado pelas Guerras Napoleônicas para se tornar o soberano de praticamente um quarto do planeta. Esse feito foi uma consequência de diversos fatores, dentre os quais se destacaram a agressiva política imperialista britânica e a liderança tecnológica resultante do fato de o país ter sido o berço da Revolução Industrial.

Essa prosperidade contrastava, no entanto, com a situação das classes populares não apenas na Inglaterra, mas na Europa como um todo. Com o aumento das fábricas e os demais avanços do progresso, aumentou também a insegurança do povo em relação ao futuro. As fábricas se tornaram cada vez maiores, as profissões cada vez mais especializadas, as máquinas cada vez mais ininteligíveis. A partir de 1850, começaram a aparecer os estudos de gerenciamento científico que atingiram seu auge com as pesquisas de tempo e de movimento de Taylor, em 1906. Devido a esses fatores, a realidade dos trabalhadores nas fábricas do fim do século XIX em muito se assemelhou à condição de pessoas em situações de servidão observadas ao longo da história da humanidade, ou seja, em situações de completa disciplina e de consequente falta de liberdade (SILVA, 2005).

Mas, indubitavelmente, nenhuma outra cidade europeia incorporou de forma tão completa o espírito de seu tempo quanto Paris. A capital francesa viveu durante a *Belle Époque* um período extremamente fértil do ponto de vista artístico e cultural. Foi a época do *art-nouveau*, do Moulin Rouge, de Sara Bernhardt e do teatro *boulevard*, de Marcel Proust, de Zola, de Maupassant, de Rimbaud, do nascimento do cinema e do Impressionismo. Além disso, a Exposição Universal, realizada em 1900, trazia a promessa de que a tecnologia ainda podia ser considerada como um instrumento promotor do progresso social e não só um veículo de desestruturação do modo de vida no campo ou de alienação social para as centenas de desempregados das cidades.

Mas a expectativa na Europa de que a Ciência poderia ser a redentora da humanidade no século XX não sobreviveria a um iceberg.

Ainda que o historiador britânico Eric Hobsbawm defenda, em *A Era dos Extremos: O breve século XX, 1914–1991* (1994), que o século XX teve seu marco inicial com a eclosão da Primeira Grande Guerra em 1914, sem dúvidas o naufrágio do transatlântico Titanic em abril de 1912, levando consigo 1503 passageiros do total de 2208, foi precursor do entendimento de que um novo *ethos* estava surgindo. Junto com o navio, ápice da tecnologia de seu tempo, que “nem mesmo Deus poderia afundar”, conforme declaração atribuída a um empregado da White Star Line, proprietária do navio, afundou também na Europa a fé inabalável na Ciência e seus produtos, revelando que a *Belle Époque* começava a perder a sua beleza, vindo a definhando de vez com o início da Primeira Guerra Mundial.

Nesse contexto, ainda presos às lembranças de guerras entre nações marcadas pelo uso predominante de fuzis, cavalos, canhões e fardas coloridas, milhares de jovens se alistaram ou foram convocados para o conflito iniciado em 1914, acreditando que a guerra teria curta duração. Contra essa leva de jovens soldados românticos, lança-chamas, metralhadoras, gases venenosos, tanques de guerra e aviões foram usados pela primeira vez em um confronto de larga escala, mostrando que a Ciência e seus produtos também poderiam ser usados para ceifar vidas. O suicídio de Alberto Santos Dumont, em 1932, desgostoso por ver sua invenção ser usada de forma bélica na Revolução Constitucionalista no mesmo ano, tem suas raízes na estreia do avião na Primeira Grande Guerra.

Além da mutilação física, os traumas psicológicos da guerra trazidos pelos soldados das trincheiras insalubres, o colapso da economia na Europa e as incertezas quanto ao futuro instalaram uma atmosfera de ceticismo, pessimismo e perda de confiança na tradição, que acabou por fomentar novos rumos para a produção cultural do início do século XX. Na literatura e nas Artes Plásticas, o Dadaísmo, o Surrealismo e o Expressionismo surgem dessa crise da ordem e do racionalismo. O poema *A Terra Inútil* (*The Waste Land*, 1922), do anglo-americano T. S. Eliot, consegue capturar de

forma precisa esse momento histórico-cultural ao construir a imagem do mundo moderno a partir da perspectiva de desesperança, inutilidade e aridez sentida pelo ser humano dentro da sociedade de seu tempo, principalmente na Europa pós-guerra. A cultura americana, todavia, reagiu de forma diferente a esse quadro, buscando tanto desfrutar do hoje como se não houvesse amanhã quanto construir o amanhã a partir do hoje.

Com o fim da guerra, os Estados Unidos emergiram como uma superpotência econômica mundial, e grande parte dessa riqueza foi obtida a partir da implantação do Plano Dawes. Nomeado a partir do papel-chave desempenhado pelo vice-presidente norte-americano Charles G. Dawes, o plano visava ao empréstimo de dinheiro à Alemanha para que ela pagasse reparações de guerra à Inglaterra, à França e a outras potências aliadas, ao passo que esses países usariam os dólares recebidos da Alemanha para saldar suas dívidas de guerra com a América pela ajuda recebida durante o conflito (TINDALL, 1984).

O resultado desses esforços foi um nível de prosperidade sem precedentes na história do país no ainda jovem século XX, levando o período a ser conhecido como “Os loucos anos vinte” (“The Roaring Twenties”), dado o sentimento da necessidade de rompimento com a tradição e o acolhimento do novo a partir da implantação e da disseminação de novas tecnologias como o rádio, o cinema e os automóveis. Na Arquitetura, o Art Déco implantou o visual de modernidade que o século precisava; na Moda, *flappers* mostravam que as mulheres estavam subvertendo as normas sociais de seu tempo fumando, bebendo e tratando o sexo de forma casual; na Música, a “Era do Jazz” marcou o aparecimento de toda uma cultura de cantores de jazz e programas de rádio que escandalizavam os padrões mais tradicionais. Todo esse quadro de pujança viria a ser profundamente impactado pelo *Crash* das Bolsas de 1929, no que ficou conhecido como a “Quinta-Feira Negra”, mas não antes da América testemunhar, na esfera da Literatura, a ascensão da Ficção *Pulp*.

A polpa ganha letras

As revistas *pulp* são herdeiras diretas das *penny dreadfuls* inglesas de meados do século XIX e das *dime novels* norte-americanas da virada do século XIX para o XX. Em ambos os casos, essas publicações iniciaram seus trabalhos adaptando primeiramente romances de sucesso de escritores consagrados para depois abrirem espaço para histórias originais, sempre se pautando por narrativas melodramáticas e sensacionalistas que caíssem no gosto das classes baixas, o público alvo dessas publicações.

O *pulp* toma o seu nome da celulose fabricada a partir da polpa de madeira. Esse processo fazia com que as folhas das revistas ficassem amareladas e quebradiças em curto espaço de tempo. Mas a característica mais marcante dessas produções era o preço. Os baixos custos de produção permitiram que as revistas *pulp* fossem também vendidas a custo baixo para o público leitor, entre 15 e 25 centavos de dólar em média (ROBERTS, 2018).

A primeira revista *pulp* — *Argosy* — surgiu na América em 1896 como uma revista mensal voltada para o público adulto, com conteúdo exclusivamente ficcional e custando 10 centavos. Logo, o sucesso da *Argosy* chamou a atenção de outros editores e, nos meses seguintes, outras revistas *pulp* surgiram abordando temas diversos, como horror, esportes, crime, ficção científica, guerra e sexo, tais como a *Adventure* (1910), a *Black Mask* (1920), a *Love Story* (1921), a *Weird Tales* (1923) e a *Amazing Stories* (1926). Contra outras revistas de melhor acabamento, as revistas *pulp* contavam com capas de um colorido extremo e imagens que capturavam a atenção do público leitor.

Dentro das edições, surgiram personagens que se tornaram sinônimos de ficção *pulp* e da cultura de entretenimento: John Carter e Tarzan, criações de Edgar Rice Burroughs, começaram suas aventuras em Marte e nas selvas africanas, respectivamente, nas edições de fevereiro e outubro de 1912 da *The All-Story Magazine*. Já Zorro, de Johnston McCulley, apareceu pela primeira vez lutando contra os opressores da Califórnia em *All-Story Weekly*, de agosto de 1919. A criatura Cthulhu, de Howard Phillips Lovecraft, por sua vez, começou seu reinado de pesadelos na edição de fevereiro de 1928, ao passo que o bárbaro Conan apresentou a Era Hiboriana aos leitores e leitoras na *Weird Tales* em dezembro de

1932. E como a novela de John W. Campbell Jr. vai se inserir dentro do campo da Ficção Científica da ficção *pulp*?

Considerando a vinculação de *O Enigma do Outro Mundo* com o universo da Ficção Científica, tem-se um caso emblemático do lugar de destaque das revistas *pulp* dentro da cultura norte-americana; principalmente enquanto catalisadora dos anseios de uma geração, anseios esses que podem ser vistos na revista *Amazing Stories* pelas mãos de seu editor, Hugo Gernsback.

A trajetória de Hugo Gernsback é uma das várias histórias que ajudaram a construir a imagem dos Estados Unidos da América no século XX como uma terra de oportunidades no pós-Primeira Guerra Mundial, em especial para aqueles que enxergavam a América como um país orientado para o futuro. Chegando à América do Norte com vinte anos, vindo da Tchecoslováquia, Gernsback se tornou editor de várias revistas que objetivavam se tomar veículos de divulgação científica para os jovens, como a *Modern Electrics*, fundada em 1908. Inicialmente, a publicação tinha como missão promover o radioamadorismo entre os jovens americanos e divulgar essa nova tecnologia. Posteriormente, histórias de ficção baseadas no uso dessa inovação começaram a aparecer, como a série de doze capítulos, escrita pelo próprio Hugo Gernsback, iniciada na edição de abril de 1911 e que mais tarde seria publicada como o romance de ficção científica *Ralph 124C 41+*. Foi com essa intenção de divulgação da tecnologia como meio de construção do futuro que ele lançou, em 1926, a revista considerada por John Clute e outros críticos como o marco inicial da ficção científica moderna: *Amazing Stories*.

Chamada de a revista da “cienciaficção” (*scientifiction*), a *Amazing Stories* foi o veículo pelo qual Hugo Gernsback procurou dar respeitabilidade ao seu projeto literário de valorização da ciência, republicando histórias de autores que lidaram com a ficção científica no século XIX, como Júlio Verne, H. G. Wells e Edgar Allan Poe. Mais tarde, outros marcos da ficção científica moderna apareceram nas edições desta revista *pulp*, como *A cotovia do espaço* (1928), de E. E. Smith, a primeira aventura que utilizou o espaço sideral como cenário, e *Armageddon 2419* (1929), de Philip

Nowlan, que registrou o aparecimento de Buck Rogers, o primeiro herói espacial.

Todavia, com exceção desses casos, as narrativas de “cienciaficção” publicadas por Gernsback eram pouco literárias, servindo apenas de pretexto para a divulgação das invenções da América do Norte do começo do século e de suas promessas científicas. A revista estimulava a visão de que a ficção científica iria levar seus leitores a conquistarem o caminho para o futuro, seguindo os passos dos heróis defensores do *status quo*, como Buck Rogers.

Além da publicação de *Amazing Stories*, a contribuição de Hugo Gernsback para a ficção científica foi a criação do próprio termo como o conhecemos hoje. Segundo Roberto de Sousa Causo em *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil* (2003), esse nome apareceu pela primeira vez na edição inicial de julho de 1929 de outra publicação de Gernsback: *Science Wonder Stories*. No editorial do primeiro número, como cita Adam Roberts em *Science Fiction* (2000), o editor tcheco definiu a “Ficção Científica” (“*Science Fiction*”) como “histórias que têm suas bases em leis científicas como nós as conhecemos, ou na dedução lógica de novas leis a partir das que conhecemos” (*apud* ROBERTS, 2000, p. 31–32, tradução nossa). A ficção científica deve a Hugo Gernsback, portanto, não somente a criação de seu próprio nome, mas também sua promoção como expressão literária na América do Norte entre os anos 1920 e 1940. De fato, ainda que antes de Gernsback já houvesse ficção científica sendo publicada de forma dispersa em diferentes revistas *pulp* norte-americanas, depois dele dezenas de revistas de ficção científica surgiram por toda a América do Norte, com longevidade e qualidade de conteúdo variável.

E então, semelhante ao ocorrido na Europa com a Primeira Guerra Mundial, o mundo ruiu para os americanos na “Quinta-Feira Negra” de 24 de outubro de 1929.

Desfrutando da prosperidade econômica decorrente do cenário pós-guerra, a América sofreu um imenso baque com o *Crash* das Bolsas de Valores de 1929. Do dia para a noite, bancos colapsaram, dezenas de empresas faliram e milhões de americanos acordaram sem empregos e perspectivas para o futuro. De fato, ainda na

década de vinte, a economia americana começou a dar sinais de recessão por conta da diminuição da exportação de produtos para a Europa. Afinal de contas, após sua reconstrução, os países europeus diminuíram drasticamente a sua dependência em relação à América. Com isso, o mercado americano sofreu com o excesso de produtos estocados sem um meio de venda. Percebendo esse cenário, em outubro de 1929, milhões de americanos que tinham suas economias investidas em ações de empresas correram para tentar salvar seus investimentos. O efeito foi devastador para a economia, porque as ações desvalorizaram rapidamente e as empresas quebraram, fazendo com que grandes empresários se tornassem pobres em poucos dias. Os bancos seguiram o mesmo caminho, porque as pessoas não conseguiam mais pagar os empréstimos com o desemprego alcançando 30% da classe trabalhadora do país. Ainda por volta de 1932, quinze milhões de americanos não tinham pão, casa ou esperança de que as coisas mudassem (TINDALL, 1984). Choro e desespero eram uma constante, levando a protestos públicos e à necessidade de escape daquela realidade.

No Cinema, esse foi o período de ascensão do que ficou conhecido como os “Monstros da Universal”, quando produções com as criaturas de Literatura Gótica e do Horror capturaram a imaginação do público estadunidense. Chama a atenção aqui o fato de que, ainda que o estúdio Universal estivesse produzindo filmes com monstros desde o início da década de vinte, como *O Corcunda de Notre Dame* (1923) e *O Fantasma da Ópera* (1925), é apenas a partir da quebra das bolsas e do agravamento da situação social que as ameaças ficcionais apresentadas em filmes como *Drácula* (1931), *Frankenstein* (1931), *A Múmia* (1932) e *A Noiva de Frankenstein* (1935) fizeram com que os americanos esquecessem, ainda que brevemente, as ameaças reais de seu dia a dia.

No Rádio, seriados como *O Sombra* e *O Cavaleiro Solitário* (erroneamente traduzido no Brasil como *Zorro*) estrearam, respectivamente, em 1930 e 1933, levando seus heróis a combater o mal em um mundo cruel e corrupto: “Quem sabe o mal que se esconde nos corações humanos? O Sombra sabe”. No plano real, o governo norte-americano começou a agir.

A recuperação da economia norte-americana e a consequente reestruturação da sociedade começaram a apresentar algum efeito apenas a partir de 1933, quando o *New Deal* foi implantado pelo presidente Franklin Delano Roosevelt. Com o plano, o governo passou a controlar os preços e a produção das empresas e fazendas, evitando assim o acúmulo de estoque e a escalada da inflação. Ao mesmo tempo, o governo investiu em grandes obras públicas, como ferrovias, aeroportos e estradas, diminuindo o desemprego no período (TINDALL, 1984). Por conta dessas ações, no início da década de 1940, a economia norte-americana já estava funcionando normalmente. No campo cultural, assim como os monstros do Cinema e os heróis do Rádio, as revistas *pulp* no geral e, em especial, as de ficção científica também desempenharam papel-chave como suporte psicológico para os tempos difíceis da Depressão e contribuíram para a retomada da esperança de que tempos melhores viriam ao virar de uma página.

Revistas *pulp* como *Thrilling Wonder Stories*, *Argosy* e *Analog*, vendidas por centavos, funcionavam como um remédio contra o desânimo de trabalhadores após a busca diária por emprego ou do cansaço em diferentes atividades para conseguir o sustento de suas casas. Por 20 centavos, você poderia esquecer brevemente de suas dívidas, do frio e da fome sentidos por você e seus filhos e viajar para Marte ou para as selvas africanas, ou ainda combater o crime urbano que ameaça a estabilidade da sociedade. Para tanto, editores e roteiristas caprichavam no exotismo dos cenários e no exagero da ação, de forma a manter o leitor engajado para que ele voltasse a comprar a revista no próximo mês. Mais do que detetives sofisticados, como Sherlock Holmes, o que o público leitor norte-americano de classe baixa buscava (e necessitava) eram histórias *hard-boiled*, povoadas por investigadores particulares urbanos como Sam Spade, com sua moral dúbia, mulheres sedutoras e policiais corruptos, refletindo, assim, um mundo onde não se podia confiar plenamente em nada nem ninguém.

Ainda que, na década de 1930, as histórias dentro do universo da ficção científica já tivessem abandonado a visão utilitarista e plenamente otimista da ciência e da tecnologia defendida por Hugo Gernsback em suas publicações — por conta também, conforme

visto, dos efeitos da Quebra das Bolsas em 1929 —, a força da influência impressa por esse editor, inventor e escritor marcou a imagem dessa forma literária junto ao grande público, à crítica literária e a outras manifestações artísticas, como o cinema. Se, por um lado, Gernsback promoveu os meios para que várias revistas de ficção científica surgissem, dando espaço para novos talentos, por outro, a iconografia desta vertente da literatura fantástica promovida por ele, exemplificada por naves espaciais, robôs, batalhas interplanetárias, armas de raios laser e todo tipo de engenhocas tecnológicas, marcou negativamente essa forma literária por muito tempo como uma mera literatura de entretenimento para o público infanto-juvenil, como afirmou José Paulo Paes em “Por uma literatura brasileira de entretenimento” (1990), ou como um instrumento do discurso ideológico de caráter didático, segundo Muniz Sodré em *Teoria da literatura de massa* (1978). No primeiro caso, Paes considerava que a ficção científica, assim como outras vertentes da literatura especulativa, tem seu único valor como porta de acesso dos leitores jovens ao universo da literatura. Uma vez familiarizados com o discurso literário, eles estariam prontos para uma literatura “maior”, representada por, dentre outros, James Joyce e Marcel Proust. Já Muniz Sodré via a ficção científica como uma ferramenta de divulgação (e vulgarização) do conhecimento científico junto às massas, objetivando que o homem comum se sinta integrado ao seu meio. Percebe-se, então, como a crítica brasileira nas últimas décadas do século XX apresentava uma visão reducionista em relação à ficção científica, não contemplando as mudanças pelas quais essa literatura estava passando nesse período por meio das inovações trazidas pela *New Wave* e pelo *Cyberpunk*.

John W. Campbell Jr. e os arquitetos do mundo *pulp*

Quem eram os escritores e editores que construíram os mundos imaginários da ficção *pulp*?

Quem busca entender a literatura norte-americana do início do século XX precisa passar necessariamente pelo mundo dos *pulps*. Diversos nomes que marcaram a produção literária da América da primeira metade do século XX começaram seu percurso dentro do sistema dessas publicações, criando histórias que eram descartadas logo após serem lidas, em um fluxo diário de criação extenuante para a imaginação e saúde de muitos escritores. Todavia, qualquer trabalho era melhor que nenhum trabalho.

A enorme demanda por narrativas instigantes foi um laboratório onde Raymond Chandler, Dashiell Hammett, Erle Stanley Gardner, L. Ron Hubbard, Carroll John Daly e Walter Brown Gibson aprenderam a escrever e lapidar seus talentos escrevendo diversos gêneros ao mesmo tempo, como histórias de amor, ação, mistério, crime, aventura e faroeste. Outros escritores se especializaram em gêneros específicos, como a Ficção Científica, campo de atuação de Ray Bradbury, Isaac Asimov, Arthur C. Clarke e Robert Heilein. Outros ainda extrapolaram as fronteiras entre a própria Ficção Científica, o Horror e a Fantasia em suas histórias, como era o caso de Edgar Rice Burroughs, Robert E. Howard e Howard Phillips Lovecraft.

Independentemente do gênero, todos os escritores recebiam pouco pelas suas criações, fazendo com que mantivessem um ritmo intenso e ininterrupto de escrita. De fato, com a crise econômica vivida pelos Estados Unidos dos anos trinta, questões como direitos autorais, proteção sindical ou ajuda de associações eram algo menor com o qual os escritores não podiam contar se quisessem sobreviver do seu trabalho. Ainda em fins dos anos trinta, escritores recebiam em média dois centavos por palavra, o que poderia render 25 dólares em uma história de bom tamanho, caso esta fosse aceita e paga. Mas como o escritor poderia saber quantas histórias suas seriam recebidas e aprovadas para publicação? Em *Pulp Fiction: The Golden Age of Storytelling* (2009), Ray Bradbury diz que em seu primeiro ano como escritor ele fez 50 dólares, no segundo ano, 45 dólares e, no terceiro ano, o autor de *Fahrenheit 451* (1953) conquistou 200 dólares. Por conta do trabalho extenuante, má alimentação, baixa remuneração e incertezas quanto aos seus ganhos, muitos escritores tiravam suas energias do consumo

exagerado e constante do álcool, principalmente do bourbon, levando diversos talentos ao alcoolismo e à morte prematura decorrente do vício. Os nomes lembrados aqui, cujas carreiras se iniciaram nas revistas *pulp*, são de sobreviventes de uma época que trouxe diversos escritores e editores para o esquecimento.

Ao se escrever sobre os *pulps*, é fundamental comentar o papel central que as capas tiveram para a disseminação e sucesso dessas publicações. Antes de o leitor ser levado a cenários exóticos, perigosos ou futuristas através das histórias envolventes, eram as ilustrações das capas que capturavam sua atenção. Esse processo ocorria tanto pelo uso necessário de cores primárias, de forma que os elementos se destacassem no papel utilizado, quanto pela escolha das imagens que compunham as capas. Assim, refletiam a objetificação da mulher na sociedade da época, apresentando-a em formas voluptuosas e seminuas, em situações de perigo e geralmente evocando a ameaça de um ataque sexual; uma recorrência nessas publicações, independentemente do gênero. Quanto aos heróis, eles refletiam as características básicas do leitor de ficção científica dos anos vinte e trinta: homem, branco, heterossexual, classe média e de bom nível educacional. Assim, havia a enorme prevalência de *übermänner* que se digladiavam contra alienígenas de cor, mutantes ou robôs (SILVA, 2003).

À medida que o tempo passou, os *pulps* sentiram o desgaste de sua forma. As revistas *pulp* policiais, por exemplo, não conseguiram introduzir novas atmosferas e temáticas em seus cenários urbanos. As *pulps* de faroeste, por sua vez, sofreram com as limitações narrativas de sua forma e a reutilização contínua de um passado idílico, ao passo que as publicações de histórias de amor sempre se pautaram pela realização de fantasias sem mudanças estruturais. No campo da ficção científica, após o trabalho inicial de Hugo Gernsback, a contribuição mais marcante para o desenvolvimento da ficção científica moderna nos Estados Unidos ocorreu em 1937, quando o jovem físico e escritor de longa data John W. Campbell Jr. assumiu a direção da revista *Astounding*.

O percurso de John W. Campbell Jr. dentro da ficção científica exemplifica a própria evolução dessa vertente do modo fantástico na América. Nascido em 1910, o autor de *O Enigma do Outro Mundo*

foi atraído desde criança pelos *pulps* e conseguiu ter a sua primeira história publicada — “When the Atoms Failed” — em janeiro de 1930, para a revista *Amazing Stories*. Publicando suas obras ao longo da década de trinta, usando o seu próprio nome ou o pseudônimo Don A. Stuart, John W. Campbell Jr. alcançou o seu ápice como escritor com a publicação da novela “Who Goes There?” (1938), em que mescla Terror e Ficção Científica em uma história eficaz que já foi adaptada três vezes para o cinema (CLUTE; LAGFORD; NICHOLLS, 2019).

Mas foi como editor da revista *Astounding*, renomeada *Astounding Science Fiction*, em 1938, que John W. Campbell Jr. marcou o seu lugar na ficção *pulp*, cobrando dos escritores a aplicação de regras mais rigorosas para a publicação de histórias de ficção científica. Ele cobrou de seus autores seriedade lógico-literária na construção das narrativas mais elaboradas, visando uma audiência mais exigente. Isso implicava fazer a ficção científica da época abandonar as epopeias intergalácticas pueris e enfatizar enredos mais desenvolvidos do ponto de vista científico e literário. Dessas diretrizes surgiu a chamada “Era Dourada da Ficção Científica” (“The Golden Age of Science Fiction”), compreendida entre o fim das décadas de trinta e quarenta. Na opinião de John Clute, em *The Encyclopedia of Science Fiction* (1995), escritores representativos desse momento são, entre muitos outros, Isaac Asimov, Robert Heinlein, Ray Bradbury, Fred Hoyle, Arthur C. Clarke, Alfred Von Vogt e Clifford Simak. Como ponto em comum, esses escritores passaram a experimentar novas temáticas e abordagens, resultando em trabalhos ficcionais que se destacavam pela sua literariedade, e não apenas pela presença de maravilhas científicas criadas ou extrapoladas.

John W. Campbell Jr. imprimiu um padrão em *Astounding* que viria a reverberar nas outras revistas de Ficção Científica norte-americanas existentes no período (ROBERTS, 2018). Por conta desse trabalho e da sua inerente orientação para o futuro, a ficção científica se renovou nos anos quarenta, destacando-se entre os demais gêneros *pulp* como uma expressão literária capaz de se alinhar com a recuperação da sociedade pós-Depressão e mostrar o caminho para o amanhã.

O fim da Segunda Guerra Mundial trouxe o início de um período de estabilidade e prosperidade econômica que afetou diretamente o lugar das revistas *pulp* na cultura americana, levando essas publicações a declinarem vertiginosamente. Três razões principais podem ser apontadas para esse declínio: a introdução de novas tecnologias, temáticas e técnicas ao cinema, resultando em produções mais atraentes para o grande público; o surgimento da televisão; e a ascensão de um mercado editorial voltado para o público leitor adulto norte-americano. Essas opções variadas de entretenimento acabaram por reduzir o espaço dos *pulps* como opção de lazer e conforto para as massas.

Quanto aos escritores, os nomes de destaque citados anteriormente que sobreviveram aos obstáculos das décadas anteriores tiveram muitas de suas histórias reunidas e republicadas em formato de livros, renovando o interesse de novos leitores e leitoras por seus trabalhos. Esses mesmos escritores encontraram em novas revistas de grande circulação, como *Playboy* e *Life*, caminhos mais rentáveis de terem suas carreiras impulsionadas. Além disso, programas radiofônicos e televisivos se mostraram um novo campo a ser explorado por roteiros policiais e de ficção científica. Por fim, o Cinema também acolheu os escritores *pulp* e suas obras, ora adaptando histórias nascidas nesse meio, como o filme *O monstro do Ártico* (*The Thing*, 1951), primeira adaptação cinematográfica da novela “Who Goes There?”; ora contratando escritores consagrados desse meio para criar ou adaptar roteiros de filmes, como ocorreu com Ray Bradbury no filme *Moby Dick* (1956).

Desde os anos oitenta e noventa, vem-se observando por parte de jovens leitores e leitoras um resgate do interesse pela produção *pulp* tanto como literatura quanto como objeto de pesquisa. Essa valorização se evidencia na influência dessas publicações sobre filmes, como a segunda adaptação da novela de John W. Campbell Jr. para o cinema em *O Enigma do Outro Mundo* (*The Thing*, 1982), histórias em quadrinhos, RPGs, séries televisivas e games. O belo livro que você tem agora em mãos, resultado da determinação e competência da Editora Diário Macabro em trazer esta obra para o Brasil, é parte desse resgate e deve ser celebrado como uma ação que reconhece o sangue e o choro que engendraram o surgimento

da Era *Pulp*, e que foi moldada pela imaginação febril de escritores movidos a bourbon e paixão.

Alexander Meireles da Silva é Professor Associado da Universidade Federal de Goiás, onde leciona e orienta pesquisas sobre Literatura Fantástica na Graduação do curso de Letras e na Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. É Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ e Mestre em Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ. Desde 2016, é produtor de conteúdo do canal do Youtube Fantasticursos (youtube.com/fantasticursos) e do blog Fantasticursos (fantasticursos.com), onde ajuda as pessoas a conhecerem e a usarem a Fantasia, o Gótico, o Horror e a Ficção Científica para que tenham reconhecimento e retorno em suas atividades.

Fontes usadas

CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875–1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CLUTE, John, LAGFORD, David, NICHOLLS, Peter (Eds.). *The Encyclopedia of Science Fiction*. Disponível em <<http://www.sf-encyclopedia.com/>>. Acesso em: 26 agosto 2019.

CLUTE, John & NICHOLLS, Peter. (Eds.). *The Encyclopedia of Science Fiction*. New York: St. Martin's Griffin, 1995.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O breve século XX: 1914–1991*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PAES, José Paulo. “Por uma literatura brasileira de entretenimento (ou: O mordomo não é o único culpado)”. In: PAES, José Paulo. *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 25–38.

ROBERTS, Adam. *A verdadeira história da ficção científica: Do preconceito à conquista das massas*. Trad. Mário Molina. São Paulo: Seoman, 2018.

ROBERTS, Adam. *Science Fiction*. The New Critical Idiom. London: Routledge, 2000.

SILVA, Alexander Meireles da. *Literatura inglesa para brasileiros: curso completo de cultura e literatura inglesa para estudantes Brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.

SILVA, Alexander Meireles da. *O admirável mundo novo da República Velha: O nascimento da ficção científica brasileira no começo do século XX*. 2008. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/Au75GN>>. Acesso em: 26 agosto 2019.

SILVA, Alexander Meireles da. *Sobrevivendo ao inferno: contra-narrativas utópicas nas distopias de Margaret Atwood e Octavia E. Butler*. 2003. Dissertação (Dissertação em Literaturas de Língua Inglesa) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

SODRÉ, Muniz. *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. (Biblioteca Tempo Brasileiro; 49)

THE GOLDEN AGE of Storytelling. Direção: Elliot Haimoff. USA: Global Science Productions, 2009. (52min).

TINDALL, George Brown (Ed.). *America: A Narrative History*. New York: W. W. Norton & Company Inc, 1984.



S O B R E O A U T O R

John Wood Campbell, Jr., nascido em 8 de junho de 1910 em Newark, foi um escritor e editor de ficção científica estadunidense. Como escritor, utilizou seu próprio nome para escrever space operas e, sob o pseudônimo de Don A. Stuart, histórias de conteúdo menos pulp. Todavia, a principal contribuição de Campbell para o campo da ficção científica foi seu trabalho como editor da *Astounding Science Fiction*, posto que ele reteve de fins de 1937 até a data de sua morte. Neste papel, ele é geralmente creditado como tendo ajudado a criar a chamada Idade de Ouro da Ficção Científica, a qual teria começado com o número de julho de 1939 da *Astounding*. Isaac Asimov, em sua autobiografia, chama Campbell de “a mais poderosa força de toda a ficção científica, e em seus primeiros dez anos de editoria, dominou completamente o campo”. Campbell faleceu em 11 de julho de 1971.

Notas

1. Pemmican é um alimento feito a partir de uma mistura concentrada de gordura e proteína, muito utilizado por exploradores dos continentes polares devido à sua duração e alta concentração nutritiva. [N.T.]

2. *Mackinaw* é um tecido denso feito a partir de lã e resistente à água. [N.T.]

3. *Congère* é uma palavra de origem francesa utilizada para designar um montículo de neve formado a partir da ação do vento. [N.T.]

4. A Antártida fazia parte do supercontinente Gondwana há 100 milhões de anos atrás. Quando Gondwana dividiu-se, a Antártida ainda ficou ligada à Austrália e Nova Guiné, apresentando um clima entre tropical e subtropical, com uma fauna de marsupiais. Há cerca de 40 milhões de anos atrás, quando ela separou-se da Austrália, o congelamento da Antártida iniciou-se, propagando-se e substituindo as florestas que cobriam o continente. Considera-se que ficou completamente congelado há 15 milhões de anos atrás, portanto bem recentemente em termos geológicos e evolutivos. [N.T.]

5. Na Antártida são comuns os Ventos Catabáticos, que é o nome técnico dado ao vento que transporta ar de alta densidade descendo uma encosta pela ação da gravidade. É um vento constante, rente ao solo e na Antártida é intensamente frio. A formação do ar frio no elevado platô central gera uma enorme energia gravitacional, que muitas vezes impulsiona esses ventos com velocidades superiores a de furacões. Esse vento ergue a neve do solo, e a movimenta como a areia soprada em desertos, criando algo conhecido como snowdrift, ou neve à deriva. [N.T.]

6. Portas de banheiros costumavam ter uma meia lua cortada na porta em áreas rurais dos EUA. [N.T.]

7. O Rádio é um elemento alcalino-terroso extremamente raro, devido à sua curta meia vida — 3 dias a no máximo 1600 anos, dependendo do isótopo — sendo encontrado na forma de traços quase exclusivamente em minérios de urânio. [N.T.]

8. Como o corpo é movido a oxigênio, as últimas células a morrer são as que menos precisam do gás para viver — as epiteliais e da córnea. As que morrem primeiro são os neurônios, e normalmente elas morrem até mesmo antes do seu dono. Elas precisam de tanto oxigênio que morrem se uma pessoa ficar apenas alguns minutos sem respirar. [N.T.]

9. Preferi manter o termo adolesceu, no lugar de cresceu, para ser fiel ao original. [N.T.]

10. Referência a *The Rime of the Ancient Mariner*, um poema em inglês de Samuel Taylor Coleridge, publicado em 1798, que marca a mudança para a poesia moderna e o início da literatura romântica britânica. Relata as experiências de um marinheiro que retornou de uma longa viagem pelo mar. O marinheiro para um homem que está a caminho de uma cerimônia de casamento e inicia a narrar sua história. A reação do convidado do casamento vai de irritação, impaciência a medo e fascinação enquanto o marinheiro prossegue sua história. A história do marinheiro inicia com seu navio partindo em sua jornada. Apesar da inicial boa sorte, a nave é levada para o sul por uma tempestade e eventualmente chega à Antártida. Um albatroz aparece e o guia para fora da Antártida, mas sendo o albatroz sendo louvado pela tripulação, o marinheiro atira no pássaro com uma besta. A tripulação, fica furiosa com o marinheiro, pois acredita que o albatroz trazia o vento sul que os levaria para fora da Antártida. Depois, a tripulação muda de ideia quando o clima fica mais quente e a neblina desaparece. No entanto eles cometem um grave engano ao tolerar o seu crime, levantando a ira dos espíritos que então perseguem o navio a partir da “terra da névoa e neve”. A tripulação então muda de ideia novamente, e culpa o marinheiro pelo seu tormento, e em sua fúria, força o marinheiro a colocar o albatroz morto amarrado a seu pescoço, como um sinal de que deve sofrer por ter matado ele, ou talvez como sinal de arrependimento. O navio encontra-se com um navio fantasma, com um esqueleto e um “Pesadelo Morto Vivo” (uma mulher morta pálida) que joga dados pelas almas da tripulação. Quando ela joga os dados, ela ganha as vidas da tripulação e a Vida em Morte do marinheiro, que ela considera mais valiosa. Ele tem que encarar um destino pior que a morte como punição por ter matado o albatroz. Um a um, toda tripulação morre, mas o marinheiro é obrigado a ver o destino que recaiu sobre eles, com suas últimas expressões permanentemente em seus rostos. A maldição sobre o marinheiro acaba sendo quebrada quando ele aprecia uma criatura gosmenta nadando na água, apesar de amaldiçoá-la inicialmente, ele percebe a verdadeira beleza e a abençoa. Ao começar a rezar o albatroz cai de seu pescoço e sua culpa é parcialmente expiada. Os corpos da tripulação, possuídos por bons espíritos, levantam-se novamente e levam o barco de volta para casa, onde afunda em um redemoinho, deixando apenas o marinheiro para trás. Um eremita vê o barco se aproximando e vai encontrá-lo, com um garoto com piloto do bote, e o retira da água, acreditando que teria morrido, mas ele pega os remos e começa a remar. O garoto começa a rir, e diz “O Diabo sabe remar”. Como punição por ter atirado no albatroz o marinheiro é condenado a vagar pela terra, contando sua história, e ensinando uma lição para aqueles que o encontram: *He prayed best, who loveth best / All things both great and small; / For the dear God who loveth us, / He made and loveth all*. Depois de narrar a história, o marinheiro vai embora e o convidado do casamento volta para casa, e acorda na próxima manhã como um “um homem mais melancólico e sábio.” [N.T.]

11. Jeremias foi um profeta bíblico crítico da conduta de seu povo, dos pecados do povo Judeu. Suas críticas eram feitas em discursos acalorados em plena praça pública. [N.T.]

12. Traduzido de 'Not any more, thanks. The more the merrier' Trata-se de uma tradicional expressão utilizada pela primeira vez em um poema do século 14, Pearl, significa basicamente 'Quanto mais, melhor'. [N.T.]

13. 'hoof-and-mouth disease', ou febre aftosa como é conhecida no Brasil é uma doença viral altamente contagiosa, que afeta animais com cascos de dois dedos, como bois ou suínos. É uma doença presente na Europa, América do Sul e África. América Central, América do Norte e Oceania estão livres da doença. Os EUA livraram-se da doença em 1922, portanto o autor vivenciou as medidas drásticas adotadas para extinguir a doença, que incluíram o sacrifício de 170 mil animais. Nada comparado ao surto de 2001 na Inglaterra que exigiu o sacrifício de mais de 7 milhões de animais. [N.T.]

14. Dr Joseph Banks Rhine, 1895–1980, foi um botânico americano que fundou a ciência da parapsicologia como um ramo da psicologia, fundando o laboratório de parapsicologia da Universidade de Duke, onde realizou várias pesquisas muito meticulosas envolvendo telepatia, como as famosas pesquisas com as cartas Zener — cartas com padrões geométricos — e pesquisas envolvendo psicocinese, que tentavam influenciar o resultado no lançamento de dados. Seu trabalho sempre foi muito criticado, e seus resultados nunca foram replicados (veja o filme Ghostbusters, Os Caça fantasmas, onde o personagem de Bill Murray é um pesquisador medíocre que pesquisa telepatia com cartas Zener aliado a um método doloroso de choques elétricos, mas não para garotas bonitas, é claro), e existem informações suprimidas por Dr. Rhine que indicam a possibilidade de fraudes. Dr. Rhine publicou seu livro mais importante, Extra-Sensory Perception em 1934, quatro anos antes da primeira publicação desta estória. [N.T.]

15. Filmes da primeira metade do século vinte eram feitos com materiais instáveis, altamente inflamáveis à base de celulose e filme com base de nitrato. A maioria dos filmes desse tipo não resistiram até os dias de hoje, e os que não foram destruídos pelo fogo estão reduzidos a pó. Os filmes eram tão sensíveis que resistiam pouco tempo ao desgaste mecânico, e ao calor das lâmpadas das máquinas de projeção, o que justifica a preocupação em economizar ao máximo a utilização dos rolos de filme. [N.T.]

16. Não existe uma definição para 'Moon Pitcher' em português, mas refere-se aos filmes ou desenhos ingênuos ou até mesmo idiotas, que foram feitos no início do século vinte.
[N.T.]

17. Guggenheim, nesse caso, não tem nada a ver com o museu de New York. Trata-se de um popular jogo entre estudantes americanos, um pouco parecido com o jogo que conhecemos no Brasil, STOP. Em uma folha de papel é feito um diagrama com o número de linhas igual ao número de letras de uma palavra escolhida, colocando uma letra para cada linha, então é feito um mesmo número de colunas com categorias escolhidas pelos jogadores, como: filmes, países, cores, músicas. É estipulado um tempo para todos os jogador escreverem o máximo possível de palavras nas categorias correspondentes a cada letra do início de cada linha, normalmente 10 ou 15 minutos, ganha quem escrever mais palavras válidas. [N.T.]